

JOSÉ AFONSO MOURA NUNES

Trilogia do Caminho



VOLUME
III

O RESTO É

Detalhe

Uma releitura do Credo Niceno

BELO HORIZONTE
2024

***“Eu quero saber como o Velho pensa.
O resto é detalhe.”***

Albert Einstein (1879-1955)

“Não há mais nem judeu, nem grego; já não há mais escravo, nem homem livre; já não há mais o homem e a mulher, pois todos vós sois um só em Jesus Cristo.” (Gl.3,28)

Paulo de Tarso (6-65 (67))

“A coincidência dos opostos: tanto o máximo como também o mínimo, e assim ultrapassando mínimo e máximo.”

Nicolau de Cusa (1401-1464)

*“Que seria de um Deus tocando só por fora.
Passando o dedo em torno do universo!
Cabe-lhe mover o mundo por dentro,
Cuidar da natureza, por ela ser cuidado.
Assim tudo nele vive e existe.
Não perde sua força, não perde seu Espírito.”*

Johann Wolfgang von Goethe (1749-1832)

*“Rompa, meu Deus, pela ousadia de Vossa revelação,
a tímida visão infantil que não consegue conceber
nada maior ou mais vital no mundo do que a mesquinha
perfeição de nosso organismo humano.”*

Pierre Teilhard de Chardin (1881-1955)

DEPOIMENTO

*E*ste livro é um depoimento. Depoimento é um ato intencional de um sujeito. Esta intencionalidade se dirige a um assunto pelo qual o sujeito assente a um assunto ou a um objeto. Este ato de depor pode ser um assentimento evidente quando o assunto ou o objeto me são diretamente presentes. Este livro é o depoimento de uma pessoa que não foge a esta definição primeira de um direcionamento carregado de vivências múltiplas a um assunto ou objeto que carece da evidência.

O livro tem como conteúdo o *Credo Niceno* ou, na versão mais conhecida como *Credo*, ou seja, *Creio em Deus Pai, Criador do céu e da terra*. Por carecer de evidência em que o outro esteja imediatamente presente, me fez lembrar uma situação no Brasil, nos anos 70, em pleno regime da ditadura civil-militar. Um grupo teatral levou à cena um espetáculo, chamado *Missa Leiga*, para o público que lotava a Igreja da Consolação, em São Paulo. Percorrendo as partes da missa católica em cujo conteúdo se possibilitava denúncias à opressão vivida pelos contestatários do regime, quando chegava a oração do *Credo*, um ator, voltando-se, depunha: *Como é fácil dizer: Creio! E como é fácil dizer: Não Creio!*

O autor da obra em tela cita um dos Pensamentos de Pascal: *o último passo da razão é reconhecer que há uma infinidade de coisas que a ultrapassam*. Ao retomar o pensamento de Pascal, o autor escreve um trecho que me remeteu ao *Creio/Não Creio: as duas possibilidades são incertas. A razão, aqui, em nada pode nos ajudar*.

Este livro é um depoimento sobre *um ato de fé* do autor, a partir de uma verdadeira viagem reflexiva em torno do *Credo Niceno*, profissão de fé cristã adotada no século IV d.C. na cidade Niceia (hoje Iznik – Turquia). Trata-se de uma oração que aponta os princípios ortodoxos de uma crença, de uma fé, de uma religião a serem assentidos pelos respectivos fiéis.

Ora, no ato de fé, não se tem o outro ou o Outro como integralmente presente diante de e intuído por mim. Há como quê uma ausência. E é esse ausente cuja presença perpassa ao longo do livro. O leitor, acompanhando a sequência do livro, entende o ato de fé na oscilação entre *creio* e *não creio*. Oscilação no conjunto de autores tomados como referência do caminho reflexivo. O autor, dialogando com as mais diversas correntes e tendências, deixa claro que o *Credo Niceno* necessita ser revisto, pois, *ele tem muito de filosofia grega e pouco de tradição bíblica*. E, o autor, ao invés de tomar o *Credo* pelo início, de modo original, o começa de trás

para frente, isto é, dos céus e terra para o *Creio*. E o faz justamente para contrapor a filosofia grega com o anúncio da mensagem cristã.

Com efeito, a epistemologia grega tinha um acento em uma concepção cosmológica-cosmocêntrica. Cosmos, beleza em português, era tanto o centro do universo, quanto o elo explicativo (lógos) das coisas. Oposto a caos, cosmos postulava uma ordem hierárquica do universo, em que o todo determina que cada coisa ocupe um lugar correspondente, lugar natural. Em simetria ao universo dos astros, à luz das concepções cosmológicas, também a sociedade teria grupos hierarquicamente diferenciados e desiguais. E essa concepção foi se enraizando, ao longo dos séculos, a ponto de se tornar um quadro natural, para as coisas e para a vida humana. Esse naturalismo cósmico integra-se na *pólis* que reproduz uma ordem análoga à ordem cósmica a ponto de se admitir escravos *por natureza*.

Eis que a mensagem cristã rompe com esta cosmologia trazendo algo muito distinto. De um lado, o ato criador por Alguém que se põe como Pai/Mãe desconstrói as hierarquias ao anunciar os filhos/filhas como iguais e como iguais devem se comportar entre si. Estes filhos/filhas dispõem de uma subjetividade interior compondo-se com a noção de pessoa no interior da *família humana*. E este ato criador é um ato de amor, trazendo a frase paulina *onde há amor, Deus aí está*. Nesse sentido, as estruturas que se apoiam na desigualdade, na discriminação de qualquer natureza são estruturas de desamor e, por isso, a mensagem postula a sua superação. Elas não correspondem ao ato criador pelo qual Deus fez o homem à sua imagem e semelhança. Como diz o texto: *...proveniente de Deus, criatura consciente, capaz de se entender e atribuir sentido a si e às coisas, só poderia ser imagem e semelhança do Amor. O criado reflete o Criador! É a culminância que conhecemos do Cosmo em evolução*.

Finalmente, os filhos e filhas passam por um mundo objetivo e provisório e por um tempo histórico em que o presente é mediado por um passado e direcionado por um futuro que consuma o presente.

A assunção do cristianismo pelo poder, a estruturação institucionalizada progressivamente rígida, as limitações trazidas por cosmologia própria de uma visão ingênua do universo (cosmos), provindas da idade clássica, acabaram por congelar o significado transformador da mensagem da igualdade e da fraternidade. Desse modo, à concepção cosmológica-cosmocêntrica se sucede uma concepção teológica-cosmocêntrica. Ao Criador/Pai/Mãe se impõe uma definição de ortodoxia com critérios que vão distinguir e discriminar os ditos verdadeiros crentes dos não-crentes. E com a ideia restrita de *um povo escolhido*, os comandos verticais tomam o passo da mensagem, com as consequências já

conhecidas de guerras religiosas, movimentos inquisitoriais do creio por imposição, do poder baseado na autoridade divina.

A Modernidade vai erodir aquela cosmologia. A terra e o céu serão devassados pelos conhecimentos científicos, conquista da razão. À tríade Deus (ou Cosmos), base da verdade, Homem e Mundo, suceder-se-á a díade Homem e Mundo. Esta concepção antropológica-antropocêntrica põe o Homem no centro do Mundo e Deus se abriga no âmbito do privado. É o que o autor explicita: *aceitar a autonomia do universo e do ser humano não é fácil, mais difícil ainda é tirar as consequências em termos de nossas crenças e devoções.*

Em um momento do texto, o autor parece se aproximar desta concepção ao evidenciar que, no sétimo dia, Deus descansou. É como se dissesse, doravante cabe à criatura, a tarefa de ordenar o mundo, gozando de autonomia para construí-lo conforme a igualdade e a fraternidade. Nesse sentido, a produção da desigualdade e da discriminação torna-se antípoda da mensagem trazida por Jesus de Nazaré, o homem que contém *o melhor de nós*. Eis porque a proposta de libertação das peias que inferiorizam a dignidade da pessoa e que marginalizam contingentes humanos tornar-se-ão a via de recuperação da mensagem.

Entretanto, a díade Homem-Mundo não é uma entidade reificada. A trajetória da Modernidade, ora põe a ênfase no Homem, desbravador do mundo e, não pouco revelador de tendências opressoras, ora o acento recai no Mundo, a ser conquistado e decifrado. Cai aquela visão clássica e novas categorias vão se impondo. O cosmo torna-se geográfico, físico. E o *homo* devêm indivíduo, privado, conflituoso e que, só pelo contrato, se torna sociável dentro do campo histórico. A nova ordem e o poder advêm do próprio homem.

Ocorre que, em determinado momento do século 19, este centramento e esta terrenalidade no homem, sofre uma profunda alteração. Descobre-se que o mundo não se alterava apenas pela atuação do homem. O mundo esteve em mudança antes do homem. Esse *e pur si muove* não era só a negação do heliocentrismo e afirmação do geocentrismo. O cosmo deixa de ser um ente fixo, objeto de contemplação ou de mudança, apenas após o *homo sapiens*. Vale dizer, as espécies viventes no mundo, evoluíam. O cosmo se expande e se movia antes do ser humano. A pergunta é direta: seria o *homo* um produto acabado da matéria? E como fica o ato criador? Assuntos para muitas páginas do livro.

E assim, o livro vai dialogar com representantes do mundo científico, ateus, agnósticos ou crentes, cuja produção se torna também assunto para teólogos. Trata-se de um diálogo franco, aberto com os temas mais candentes do contraste entre evolução e criação. Ao folhear o livro, o leitor encontrará as citações e referências bibliográficas mais atuais dos próceres do conhecimento científico.

Ao mesmo tempo, o autor não abdica da mensagem de um cristianismo emancipador. Uma mensagem que aponta e afirma uma sociedade mais justa, mais igualitária, mais livre e, hoje, com boa razão, mais ecológica. Este cristianismo emancipador é um impulso em vista de uma emancipação humana que abole a discriminação, a pobreza e a marginalização e contesta o fosso que separa os seres humanos em abismos da desigualdade.

Ao lado dessa reiteração da mensagem com suas implicações sociais, o livro não deixa de lado o caráter existencial do ser humano que se interroga sobre o sentido da existência. Esse caráter interrogante, dubitativo não foge a questões candentes como a do mal, do porquê do mal, do nascer, do morrer e da angústia em saber se continuamos a ser, isto é, se após a morte, o tempo da existência se converte no não-ser, quiçá em o nada. Cite-se um pequeno trecho de Luc Ferry presente no livro: *Não só estou mergulhado, desde a origem de minha vida, em um mundo que não quis e nem criei, mas, além disso, escapa-me o sentido de meu nascimento e de minha morte.*

Não por acaso o tema ressurreição comparece amiúde ao longo do texto, à luz de um *leitmotiv* de que *o amor nunca morre. Aquele que de fato amou viverá para sempre.*

E, como um sujeito que se vê na obra que produz, o autor se imiscui no texto, posicionando-se. Deslizando suavemente sobre o texto, o autor dialoga com seu outro-eu, a plêiade dos muitos autores que lhe servem de referência. É um depoente de sua fé, uma testemunha que empresta a veracidade própria aos argumentos trazidos, sem encobrir os desafios que esta adesão a Jesus de Nazaré enseja na recuperação de sua mensagem fundante. Há que citar um trecho, somente um entre muitos: *a construção do Reino de Deus – uma sociedade em todos sejam efetivamente irmãos, filhos do mesmo Deus/Pai/Mãe – é um desafio, e eu tenho que dar minha parcela de contribuição.*

O depoente põe-se à disposição daquele que vai escutá-lo nas páginas do livro. Por isso ele é, o tempo todo, um interrogante. E essa interrogação, saída da subjetividade do depoente, se refaz a cada capítulo do livro. E convida à leitura reflexiva a cada de um e a cada uma como *cidadão comum que vive num ambiente cristão e, portanto, conhece, ainda que superficialmente de que estamos falando.* Por isso, quer dialogar *com aqueles que têm dúvidas, perguntas e não apenas certezas e respostas prontas.* Desse modo, há uma inovação na linguagem e no modo de abordar as temáticas insinuadas nos títulos de capítulo.

Não se espere, pois, por respostas prontas. É um livro aberto a quem busca o significado do nosso existir subjetivo e do nosso existir em comum, com perguntas em que o sentido e o significado das coisas ganham o centro do livro.

Como o ator da *Missa Leiga* que se volta para o público, convidando-o a ser um sujeito do enredo, à afirmação *Como é fácil dizer: Creio!* e *Como é fácil dizer: Não Creio!*, o autor não pede ao leitor uma resposta pronta. Pede por um esboço de resposta à pergunta: *por que creio, por que não creio?*

Belo Horizonte, 16 de agosto de 2021

Carlos Roberto Jamil Cury
Doutor em Educação - PUC-Minas/UFMG

APRESENTAÇÃO

Hoje, 12/03/2021, Wanda Rohlf's e eu completamos um ano de reclusão dentro de um apartamento, presos por uma pandemia nunca imaginada.

Distantes de nossa filha Rachel, do genro/amigo Fernando, das netas (Júlia (14) e Luisa (11), tão suaves, tão inteligentes, tão promissoras, tão misteriosas... Como a carne é abençoada, vivificada, espiritualizada. A eles dedicamos este livro!

Dando graças, lembro Jesus de Nazaré, chamado por João “Verbo encarnado”, ou seja, Deus humanizado e, simultaneamente, a espécie humana divinizada.

Livre, feliz, pensava em um título para este livro, o único que efetivamente planejei escrever. Meu Editor, com sua visão de marketing, não gostou do título proposto: “*O Credo Niceno e a autonomia do mundo*”. Ocorreu-me o final da frase de Einstein: “... o resto é detalhe”, tendo ao fundo a foto de uma galáxia. “*Quero saber como o Velho pensa; o resto é detalhe*”.

Neste período de pandemia passei a maior parte do tempo dividindo a arrumação da casa e compartilhando o preparo das refeições com a leitura e compilação do que encontrei em uma centena de livros sobre o enunciado do *Credo Niceno*, repetido pelos cristãos, em todas as missas, ao redor do mundo:

*“Creio em só Deus, Pai, todo poderoso,
criador do céu e da terra.
Creio em um só Senhor, Jesus Cristo
Filho unigênito de Deus...”*

Qual o significado das expressões explícitas do Credo – “encarnação”, “remissão”, “glória”, “creio” – e outras implícitas: “criação”, “salvação”, “libertação”, “vida eterna”?

Demos destaque a termos que são chave para entender o conteúdo substantivo do Credo e a catequese ainda predominante:

- *criação*: na verdade o que está sendo criado, mantido, vivificado, uma vez que criação não é um evento passado, como eu pensava e muitos continuam a imaginar;

- *salvação*: salvar-se, encontrar sentido para nossa curta existência; construir algo, por menor que seja, que perdure; projetar a própria vida, livre e consciente, para a plenitude pós-morte;
- *libertação*: livrar-se das amarras interiores e exteriores, contribuir para a construção do sonho de Jesus de Nazaré, o Reino de Deus, um mundo onde todos os filhos de Deus sejam tratados tais como são: irmãos;
- *vida eterna*: compartilhar, para além de todos os limites de tempo e espaço, da plenitude da vida com o Vivente, com o Amor;
- *creio*: dar o coração, confiar, comprometer-se! Pôr a vida a serviço do reino de Deus.

Aí está um pouco do que você encontrará neste livro.

Assim, às vésperas de ser agraciado com 84 anos, grato pelo apoio de minha mulher nesta caminhada, completo, sem ter planejado, uma trilogia que começa e termina com Aquele que vejo como o melhor de nós: Jesus de Nazaré.

Estudamos Jesus – ele e suas circunstâncias – como figura humana, exemplar da espécie *homo sapiens*. Redescobrimos sua ressurreição, que nada tem a ver com o ressurgir de um corpo morto, mas sim a presença sempre atual dAquele que é o Vivente, ou, simplesmente, o Amor.

Percorremos a caminhada dos “seguidores do Caminho” até o momento em que a instituição, o Cristianismo – construção social, histórica, contingente - torna-se religião oficial do império, quando, no dizer de Hinkelammert, o Império é cristianizado e o cristianismo se imperializa.

Os resultados de seis anos de pesquisa de três casais encontram-se nos livros **Jesus de Nazaré: o melhor de nós** e **Cristianismo: de seita judaica a religião oficial do império**, editados em Belo Horizonte (2015), São Paulo (2016) e novamente em Belo Horizonte (2019), com mil exemplares cada. A Editora Ramalhete, responsável pela última edição, novamente nos acolhe.

Como o cristianismo “não é” – como disse Harvey Cox – “uma história de crenças, mas a história de um povo de fé, que às vezes compunha credos”, temos que revê-los – os credos – e atualizá-los em conformidade com o que hoje acreditamos.

Assim, resolvi completar os livros citados com uma releitura atualizada, imersa na modernidade, no pensamento científico do Credo Niceno, tão recitado e tão desatualizado. E aí está o último livro desta *Trilogia do Caminho*: **O resto é detalhe**.

O critério principal da releitura do *Credo Niceno* foi, como não podia deixar de ser, Jesus de Nazaré, sua vida e mensagem, à luz da Ciência e da Filosofia, abrindo um diálogo franco e despretensioso com as diversas correntes do pensamento.

Para voltar a Jesus de Nazaré – não como indivíduo, mas como encarnação do “reinar de Deus” – temos dois caminhos a trilhar:

- o primeiro e mais importante: imitá-lo; tomá-lo como exemplo de vida – “*Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida*”. “*Caminhante!*” – alerta o poeta Antônio Machado – “*não há caminho, faz-se caminho ao andar.*”;
- o segundo: rever nossas teorias, doutrinas, rituais, com os quais queremos representá-lo, homenageá-lo, tendo sempre em vista que sua mensagem não era sobre si mesmo e nem mesmo sobre Deus, mas sobre uma nova era de *shalom*.

Não precisamos negar nenhum de nossos fundamentos espirituais religiosos mais profundos:

- Deus continua sendo para o *homo sapiens*, ao longo dos seus milhares de anos, o que sempre foi: o maior mistério, sobre o qual só podemos falar por metáforas!
- Jesus de Nazaré é a mais nítida, extraordinária, imagem de Deus: “tão humano assim, só se pode ser divino” (Leonardo Boff).

O tom pessoal desta apresentação quer deixar claro que, embora os autores citados sejam reconhecidamente competentes, em suas respectivas áreas, a compilação é de minha inteira responsabilidade: é a minha visão do *Credo Niceno*.

Convido a leitora ou o leitor a um olhar amoroso e crítico. Tudo o que encontrar aqui é relativo, como você e eu. Só Ele é Absoluto!

Bom proveito!

José Afonso Moura Nunes

Professor aposentado de Metodologia e Técnica de
Pesquisa da UFMG

SUMÁRIO

P A R T E I	13
CAPÍTULO 1 - D E S A F I O S.....	17
CAPÍTULO 2 - C É U E T E R R A.....	22
CAPÍTULO 3 - O <i>H O M O S A P I E N S</i> E S U A S C R E N Ç A S.....	34
P A R T E II	45
CAPÍTULO 4 - P O R Q U E E X I S T E A L G O , E N ã O O N A D A ?.....	46
CAPÍTULO 5 - D E U S E X I S T E ? A A P O S T A D E P A S C A L.....	49
CAPÍTULO 6 - D E U S : C R I A D O R.....	56
CAPÍTULO 7 - N ã O A O D E U S “ T A P A - B U R A C O ”.....	60
CAPÍTULO 8 - D E U S : T O D O P O D E R O S O.....	69
CAPÍTULO 9 - C I Ê N C I A E T E O L O G I A.....	80
CAPÍTULO 10 - J E S U S C R I S T O , F I L H O Ú N I C O D O P A I.....	94
CAPÍTULO 11 - Q U A L É A R E L A Ç ã O E N T R E J E S U S E D E U S ? *.....	106
CAPÍTULO 12 - C R I A Ç ã O , S A L V A Ç ã O , L I B E R T A Ç ã O , R E D E N Ç ã O , R E I N O D E D E U S.....	112
CAPÍTULO 13 - R E V E L A Ç ã O.....	118
A. O V E L H O C O N C E I T O D E R E V E L A Ç ã O C R I S T ã :.....	121
B. V I S ã O A T U A L D A R E V E L A Ç ã O :.....	121
CAPÍTULO 14 - R E V E L A Ç ã O :.....	126
CONSIDERAÇÕES PESSOAIS.....	126
CAPÍTULO 15 - R E V E L A Ç ã O – E S C R I T U R A S :.....	134
P A L A V R A D E D E U S.....	134
CAPÍTULO 16 - R E V E L A Ç ã O : D I A L O G A N D O C O M M I G U E L N I C O L E L I S.....	140
CAPÍTULO 17 - S A L V A Ç ã O / L I B E R T A Ç ã O / R E A L I Z A Ç ã O.....	154
CAPÍTULO 18 - E S P E R A N Ç A : D I A L O G A N D O C O M A N D R É S T O R R E S Q U E I R U G A.....	171
P A R T E III	185
CAPÍTULO 19 - C R E I O.....	186
CAPÍTULO 20 - C R E I O : C O M P R O M E T O - M E !.....	197
CAPÍTULO 21 - O “ P A C O T E C A T Ó L I C O ”.....	209
1. P E C A D O.....	218
P O S T S C R I P T U M.....	233
<i>A M O R T E</i>	234
P O S T - P O S T S C R I P T U M.....	14
B I B L I O G R A F I A	13

A Profissão de Fé Apostólica

*Creio em um só Deus, Pai Todo-poderoso,
criador do céu e da terra.*

Creio em um só Senhor, Jesus Cristo

*Filho unigênito de Deus
que encarnou pelo Espírito Santo,*

*no seio da Virgem Maria,
foi crucificado sob Pôncio Pilatos,*

padeceu e foi sepultado,

desceu ao inferno,

ressuscitou ao terceiro dia

e subiu aos céus,

onde está sentado à direita do Pai.

De novo há de vir em sua glória,

para julga os vivos e os mortos.

Creio no Espírito Santo,

na Igreja una, santa,

e na comunhão dos Santos,

na remissão dos pecados,

na ressurreição

e na vida eterna.

Amém.

PARTE I

CAPÍTULO 1

DESAFIOS

“Nos últimos cinquenta anos, o Cristianismo iniciou sua mais portentosa transformação desde a sua transição, no século IV, daquilo que começou como uma pequenina seita judaica para a ideologia religiosa do Império Romano.”

(COX, 2015, p. 12)

Pretendemos buscar, nas melhores fontes, respostas a três desafios, a saber:

– o **primeiro desafio** encontra-se no livro de nossa autoria “*Cristianismo: de seita judaica a religião oficial do Império*”.

Concluimos a leitura deste período histórico com duas citações (NUNES, 2018, p. 99), que fizemos questão de destacar, pela sua relevância e pelo desafio intelectual que estas nos colocam em relação aos dias de hoje:

“Como resultado dos eventos do século IV, nos próximos mil anos e mais, se alguém quisesse ser um rei temporal, era necessário aceitar Cristo como Rei eterno”. (RIGGER, 2009, p. 44)

*“Quando, a partir do século III e IV d.C., se impõe a ortodoxia - o termidor do cristianismo -, marginalizam-se a interpretação paulina da crucifixão e seus responsáveis; os chefes deste mundo, segundo a sabedoria deste mundo, em nome da lei. **Quando se cristianiza o império, o império imperializa o cristianismo** (grifo nosso). Era preciso buscar outros crucificadores... o antijudaísmo agressivo surgiu da ortodoxia cristã”.* (HINKELAMMERT, 2012, p. 37)

O **segundo desafio** encontra-se no final do Anexo “*Quem fundou o cristianismo?*”. Foi formulado ali nos seguintes termos: estando o melhor de nós, Jesus de Nazaré, vivo, presente na História que está sendo escrita hoje, como falar dele e de sua mensagem em linguagem adequada ao mundo moderno?

“Nossa linguagem é a estrutura mais importante e mais intrínseca do modo humano; é um prisma através do qual vemos o mundo. A linguagem do passado é mítica, mitológica, não deixando também de ser poética. Nos últimos séculos, nossa linguagem vem se tornando predominantemente científica. O homem moderno, sem perder a poesia, quer sempre mais explicações racionais claras, comprovadamente empíricas.”

Um grande desafio para todas as religiões, que, diante dos problemas que alienam o homem moderno, pretendam ser parte da solução e não parte do problema.

“A helenização do Cristianismo, que permitiu à Igreja primitiva deixar o contexto bastante estreito de uma única nação e entrar no contexto cultural muito mais vasto do mundo de então, conduziu, paradoxalmente, a uma nova “judaização” do Cristianismo e à fixação, novamente, numa “única língua.” (HANK, 2012, p. 91)

“Em virtude da dinâmica interna de uma evolução que também é obra criadora de Deus, o bloco granítico da modernidade desprende-se por si mesmo do maciço montanhoso da história humana, golpeando com força os pés de argila da fé medieval da Igreja.

A Igreja precisa de uma reforma radical, que afete todos os seus domínios. Tanto em sua mensagem como na forma de apresentar, deve se adequar à realidade moderna.” (LENAERS, 2010, p. 13)

O educador Michel Morwood, conferencista internacional, inicia seu livro *“O católico de amanhã”* com a seguinte observação:

“Atravessamos o que bem pode ser o tempo de mudança mais importante da história cristã. Na Igreja Católica ocorre um extraordinário colapso da cultura religiosa que formou a identidade católica para muitos adultos. A realidade é que, para a mensagem cristã ser relevante às pessoas educadas dentro de uma visão do mundo social e científica, simplesmente inimaginável no início do século XX, é essencial ter alguma compreensão desses desenvolvimentos e integrá-los aos rudimentos da mensagem cristã.” (MORWOOD, 2013, p. 7)

O autor destas considerações apresenta uma interessante representação gráfica do “pacote católico” de crenças, atitudes e práticas que vem sendo transmitido pela educação católica ao longo dos últimos séculos:



Como enfrentar os desafios acima?

Como abordar a mensagem de Jesus, Ele que é – de acordo com o cristianismo – o portador e revelador de Deus – num mundo laico, pluralista, cuja linguagem hegemônica é ditada pela Ciência?

Numa reflexão sobre Jesus e o Cristianismo, pergunta o conhecido teólogo José M. Castillo:

“O ‘projeto’ de Jesus, que aceitou a função mais baixa a que uma sociedade pode submeter alguém: a de delinquente executado por blasfêmia e subversão, pode se conciliar com o ‘projeto da religião’? Ele se encaixa de algum modo no projeto da religião, que dignifica, concede destaque e posição e situa seus representantes como notáveis em toda sociedade religiosa?” (CASTILLO, 2015, p. 167)

John F. Haught, doutor em estudos da religião pela Catholic University of America, concluiu, seu livro *“Jesus, símbolo de Deus”* – um extraordinário compêndio de Cristologia – com uma afirmação que me pareceu “confissão de culpa”, ou sugestão de uma abordagem alternativa à sua:

“Não desenvolvi uma teologia de Deus e de sua criação, reinterpretada no contexto do novo conhecimento científico do universo, do planeta, da vida sob suas várias formas e da existência humana.” (HAIGHT, 2003, p. 561)

Como observa o premiado físico e astrônomo brasileiro Marcelo GLEISER:

“Nós – acidentes imperfeitos da criação – somos como o Universo reflete sobre si mesmo. Em outras palavras, somos a consciência do cosmo.” (GLEISER, 2010, p. 25)

Encontrei aqui o **terceiro desafio**: a abordagem de Jesus e sua mensagem a partir de nossa identidade comum, membros de uma espécie – *homo sapiens* – recente, rara e especial. Ele, **Jesus de Nazaré**, e nós, numa escala cosmológica de espaço e tempo, somos coetâneos e simultâneos. Nesta escala, a história humana não passa de um sempre “aqui e agora”. Numa escala além, de eternidade, só existe o presente.

Numa escala bem menor, de nós *“descendentes do mesmo grupo de 10 mil ancestrais que viveram no leste da África há aproximadamente 100 mil anos”* (COLLINS, 2010, p. 26), o evento **Jesus de Nazaré** aconteceu na semana passada, ou há cinco horas atrás, em termos relativos a mês ou horas. **É importante inseri-lo no contexto.**

Se nossa expectativa de vida, como espécie, for igual à dos neandertalenses, ainda temos 100 mil anos pela frente.

Tem razão José Antônio Pagola – autor do consagrado livro *“Jesus: uma aproximação histórica”* – quando afirmou numa entrevista a uma TV espanhola: *“passados 2000 anos, apenas começamos a entender o evento Jesus de Nazaré”*.

“As decisões que tomaremos nas próximas décadas definirão o futuro de nossa espécie e o da nossa casa planetária. Apesar de a estrada ser longa, o primeiro passo é simples: entender que nada é mais importante do que a preservação da vida.” (GLEISER, 2010, p.27)

Outra questão relevante, relativa à abordagem, é com quem pretendemos dialogar. A partir de que ponto de vista? Da instituição, do Magistério, dos especialistas, teólogos/ biblistas, cristão/convicto/praticante, ou do cidadão comum?

Optamos pela última alternativa: o ponto de vista de um cidadão comum, de escolaridade média/superior, que vive num ambiente cristão e, portanto, conhece, ainda que superficialmente de que estamos falando.

Duas advertências:

Como os assuntos a serem tratados pertencem a campos de conhecimento específicos, complexos, que não dominamos, nosso trabalho será de seleção, compilação e organização de textos de especialistas, de forma a torná-los consistentes e plausíveis no seu conjunto, para o leitor comum. Alguns temas serão tratados de forma sintética, ao estilo “só para lembrar “.

Nada ou quase nada do que se segue terá sentido para os “donos da verdade”, para os que leem a Bíblia e os documentos da(s) Igrejas(s) no sentido literal, sem consideração com o contexto.

Queremos dialogar com aqueles que têm dúvidas, perguntas e não apenas certezas e respostas prontas.

Esperamos inovar na abordagem e na linguagem, uma vez que todos os assuntos a serem tratados aqui já o foram, com muita competência e erudição, por especialistas, infelizmente em uma linguagem algumas vezes hermética.

Os primeiros seguidores de Jesus de Nazaré, em sua terra natal, se autodenominaram “seguidores do caminho”. Cremos que aqui se aplica a extraordinária frase do filósofo e educador Herbert Marshall McLuhan: “o meio é a mensagem” – Jesus é o meio e a mensagem. O que foi e é dito e quem falou e fala através dele?

Quem julgar que nesta caminhada desviamos de Jesus e mesmo do Cristianismo, recomendamos a leitura do livro “*Outro Cristianismo é possível, a fé em linguagem moderna*”, que, juntamente com outros do autor, o jesuíta Roger Lenaers, irão ajudá-lo a acompanhar-nos nesta caminhada. Quem tiver mais coragem, leia o livro do bispo episcopal anglicano John Shelby Spong, “*Um novo cristianismo para um novo mundo: a fé além dos dogmas*”.

Dois bons livros para pessoas que, como os autores deste texto, cristãos e idosos, aproveitam a pandemia para reciclar o que pensam.

CAPÍTULO 2

CÉU E TERRA

“Se olho uma floresta de longe, vejo um veludo verde-escuro. Quando me aproximo, o veludo se desfaz em troncos, galhos e ramos. A casca das árvores, o musgo e os insetos estão repletos de complexidade. Em cada olho de cada joaninha há uma estrutura elaboradíssima de células, ligadas a neurônios que a guiam para viver. Cada célula é uma cidade, cada proteína é um castelo de átomos; no núcleo de cada átomo se agita um inferno de dinâmica quântica, redemoinham quarks e glúons, excitações de campos quânticos. E esse é apenas um pequeno bosque de um pequeno planeta que gira em torno de uma estrelinha, entre 100 bilhões de estrelas de uma entre trilhões de galáxias consteladas de eventos cósmicos deslumbrantes.”

(ROVELLI, 2021, p. 162)

“Num recanto distante do universo disperso nos inúmeros sistemas solares cintilantes, houve uma vez um astro sobre o qual animais sagazes inventaram o conhecimento. Este foi o momento mais arrogante e mentiroso da “história universal”; entretanto não foi senão um minuto. Ao cabo de alguns suspiros da natureza, o astro se congelou e os animais sagazes pereceram.”

(NIETZSCHE in DRAWIN, 2015, p. 28)

*“Um dos erros mais graves que podemos cometer é acreditar que o cosmo tem planos para nós, que, de algum modo, somos importantes para o Universo.
Humanos! Salvem a vida!
Não há nada de mais precioso e raro.”*

(Marcelo Gleiser – professor de Física e Astronomia, agnóstico)

Provavelmente o leitor ouviu e repetiu, às vezes distraidamente: “Creio em Deus, Pai, todo poderoso, criador do céu e da terra e em Jesus Cristo, seu único filho...”

Este enunciado constitui a solene abertura da profissão de fé do cristão, repetida em todas as missas, em todas as 24 igrejas católicas, constituídas de uma ocidental e 23 orientais. Todas possuem tradições teológicas e litúrgicas diferentes, estruturas e organização territorial próprias – alexandrino ou copta, bizantino antioquino ou siríaco ocidental, caldeu ou siríaco oriental, armênio e maronita – mas professam a mesma e única doutrina e fé, expressa pelo Credo.

Trata-se de fórmula abreviada do Credo niceno-constantinopolitano, que, na sua primeira versão, o ***Credo Niceno*** data do ano 325.

Dada a sua importância, vejamos um pouco do contexto:

Constantino, imperador romano, convidou os 1800 bispos da igreja cristã dentro do Império Romano para um concílio nos moldes do senado romano, na cidade de Niceia, atual Iznik, na região de Marmara, na Turquia. Cada um deles podia levar 2 presbíteros e 3 diáconos, com todas as despesas de viagem de ida e volta, bem como alojamento, por conta do Império. Compareceram 318 bispos (o número mais aceito) e o Papa Silvestre, que exercia seu pontificado na época, não compareceu, mas enviou 2 presbíteros como representantes, além de Ósio, bispo de Córdoba. As províncias latinas enviaram 35 representantes, entre os quais apenas 4 da Europa (Calábria, Córdoba, Dijon e da região do Danúbio).

O número total de participantes é estimado em 1800. Segundo Latourette, “*mais de duas mil pessoas assistiram aos trabalhos, que se desenrolaram sob a direção do Imperador*”. (RAMALHO, 2008, p. 53)

Havia entre os participantes vários bispos que traziam, em seus corpos, marcas de torturas infringidas por autoridades do Império, por causa de sua fé.

O tema principal era a questão ariana, sobre a relação Deus, o Pai e Deus, o filho, não apenas na sua forma encarnada como Jesus, mas também na forma anterior à criação do mundo. A questão era motivo de muito antagonismo.

Depois de um mês de discussão, em 19 de junho de 325 foi proclamado o Credo. Apenas dois não assinaram.

Para o Imperador Constantino – que foi batizado às vésperas de sua morte, doze anos mais tarde, aos 65 anos (324), por um bispo ariano – o concílio, como disse Eduardo Hoornaert, teólogo e historiador, “*resulta numa importante vitória da política imperial, preocupada em unificar as forças vivas da sociedade, em torno de uma religião capaz de reunir o projeto*

imperial que sofre com divisões, contendadas, corrupção e principalmente falta de ética. Ora, pensam os conselheiros do imperador, é nisso que o movimento cristão pode dar uma boa contribuição” (HOONAERT, 2003, pág. 136)

Concluimos esta digressão com duas observações de eminentes teólogos:

“É de se esperar que a fórmula elaborada dezesseis séculos atrás, em um ambiente cultural e intelectual diferente, afigure-se, em certos aspectos, estranha à cultura pós-moderna.”. (HAIGHT, 2008, p. 324)

“Se nossa teologia quiser ser levada a sério pelos cientistas e outros intelectuais, é imperativo que concebamos nossas teorias da revelação em termos que reflitam nossa vida no universo tal como é descrito e entendido pelo melhor da Ciência contemporânea.” (HAUGHT, 1998, p. 22)

Voltando ao Credo, como **roteiro de nossas reflexões** vamos modificar a sequência:

Céu e Terra;

Deus: criador, todo poderoso

Deus Pai;

Jesus Cristo, filho único;

Creio.

Céu e Terra¹

Céu é uma expressão simbólica de tudo que está acima de nossas cabeças ou “fora da terra”.

Terra é tudo que está sob nossos pés, “de onde viemos e para onde voltaremos”.

“A inteligência, como a conhecemos hoje, surgiu há menos de um milhão de anos, estando presente por nem mesmo 0,02% da história da terra. Planetas como a Terra são raros. A vida complexa também é rara. A vida inteligente, consciente e capaz de refletir sobre sua própria existência, é ainda mais rara, talvez até única na nossa galáxia, quão precária é a nossa existência num planeta flutuando em meio a um universo hostil e indiferente”. (GLEISER, 2010, p. 322, 325)

Quando minha filha Rachel tinha cerca de 8 anos, eu gostava de provocá-la para fazê-la pensar/filosofar. Dizia-lhe que tudo que existe, que a gente vê, está a X distância dela. Se era

¹ Este texto é uma simples moldura para as questões a serem vistas a seguir. Fontes principais: SWIMME, GLEISER, MORWOOD

possível medir a distância de cada coisa (objeto, sol, estrela etc.) até ela, ela era o centro de tudo.

O “tudo”, ou seja, o universo, era percebido, por mim inclusive, naquele momento, como um espaço/lugar fixo e enorme, receptáculo celestial que abrigava as estrelas, planetas e tudo mais.

“Espaço finito”? – nos perguntávamos, e a seguir queríamos saber o que haveria depois dele.

É evidente que nem ela e nem eu, naquele momento, tínhamos conhecimento e consciência de nosso lugar, a Terra, e tudo que compõe o sistema solar é controlado pela Via Láctea, que se arrasta pelo céu da noite.

“Esse branco lácteo está puxando todo o nosso sistema solar pela borda externa da galáxia à velocidade de 300 quilômetros por segundo. Quando você se deita e conta até vinte, todos os animais, florestas, toda a Terra, Júpiter, os asteroides e até o sol são arremessados a uma distância igual a extensão da largura do continente norte-americano.” (SWIMME, 2004, p. 71).

“Em todas as direções que olhamos, descobrimos os aglomerados de galáxias se expandindo para longe de nós. Quanto mais separadas estão entre si, mas velozes elas viajam para longe uma das outras. Mais precisamente, galáxias duas vezes mais distantes estão navegando duas vezes mais rápido. Galáxias dez vezes mais distantes navegam dez vezes mais rápido.” (p. 97-98)

Dada a magnitude das distâncias quando se trata de universo, recorre-se ao conceito de ano-luz, que é a distância que a luz viajará no período de um ano, cerca de dez trilhões de quilômetros.

“E nós estamos a apenas trinta mil anos-luz do centro da Via Láctea (p. 79), ou seja, a uma distância de 30 mil vezes dez trilhões de quilômetros.” (p. 86, 79)

“A galáxia de Andrômeda – o horizonte mais distante da visão humana a olho nu – levemente maior que a nossa Via Láctea, chega até nossos olhos desde 2,5 milhões de anos luz de distância.” (p. 81)

“Grupo Local, segundo os astrônomos, é o conjunto da Via Láctea, Andrômeda e todas as suas galáxias satélites circundantes, espalhadas por vários milhões de anos luz, que contém pelo menos meio trilhão de estrelas.

Este nosso Grupo Local gira ao redor de um disco central chamado ‘aglomerado de Virgem’; é um aglomerado gigante, de mil galáxias, distantes 53 milhões de ano-luz”. (p. 82)

Em síntese, Lucy, do Chifre da África (3,2 milhões de anos), “Adão e Eva” (150 mil de anos), Luzia, da Lapa Vermelha - Lagoa Santa (11,5 mil anos), Abraão (1800 a.C.), Tutankamon (1332-1323 a.C.), Moisés (1250 a.C.), Jesus de Nazaré (-5 a.C.-30), Galileu (1564 -1692), você e eu, habitamos este grão de areia que orbita ao redor de uma estrela anã, o Sol, uma entre trilhões de outras...

Tudo isto é muito recente no acervo do conhecimento humano. O cônego polonês Nicolau Copérnico (1473-1543) foi o primeiro a desenvolver a teoria heliocêntrica do sistema solar. Até o século XV, com raras exceções, a convicção geral é que a Terra, fixa no espaço, estava no centro do Universo. Ptolomeu (95 d.C.-168 d.C.) foi o primeiro astrônomo a estabelecer um modelo geocêntrico, descrevendo com bastante precisão os movimentos dos planetas. Seu modelo permaneceu por 13 séculos. Este modelo se mostrou muito favorável à teologia vigente do Cristianismo durante a Idade Média.

O geocentrismo só veio a ser efetivamente contestado a partir do julgamento, pelo Santo Ofício, do heliocentrismo, proposto por Galileu Galilei (1564-1642).

Diz a lenda que ao sair do tribunal do Santo Ofício, após sua condenação, Galileu teria dito uma frase célebre: “Eppur si muove”, ou seja, “contudo ela se move”, referindo-se à Terra.

Foi ele também que descobriu que a Via Láctea era composta de uma miríade de estrelas, e não uma “emanação”, como se pensava até então.

Em 1615, Galileu escreveu à grã-duquesa Cristina:

“Não me sinto forçado a acreditar que o mesmo Deus, que me agraciou com senso, razão e intelecto, pretendeu que renunciássemos a seu uso”.

Até o início de século XX, observa Jim Holt, *“considerava-se que o nosso universo consistia apenas na galáxia da Via Láctea, plantada sozinha num espaço infinito. De lá para cá ficamos sabendo que a Via Láctea é só uma entre aproximadamente cem bilhões de galáxias semelhantes”.* (HOLT, 2013, p. 93)

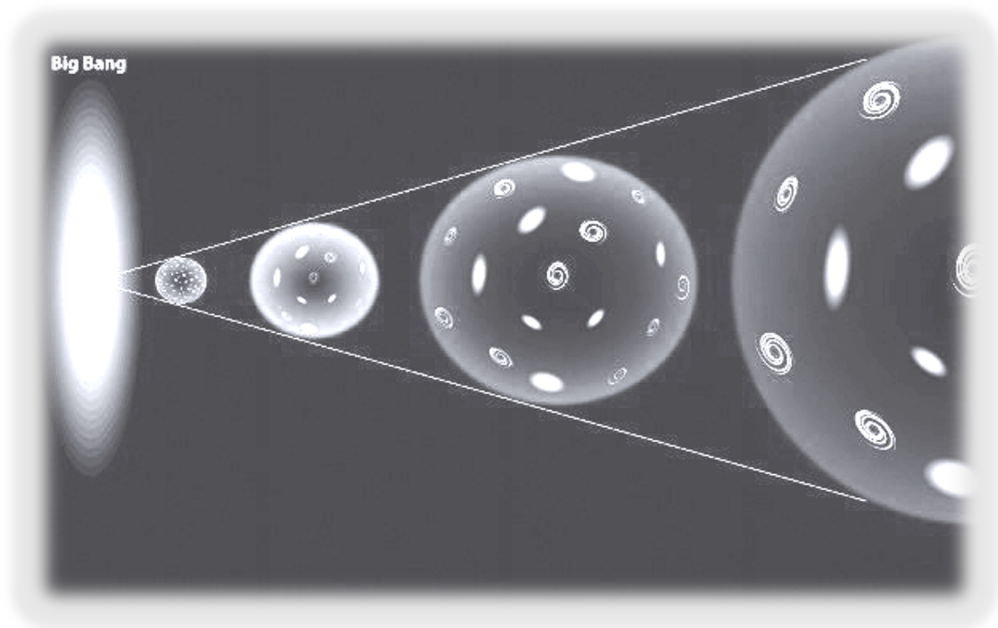
*“A teoria da expansão do universo foi aceita pela maioria da comunidade científica no início da década de 1930. Um marco importante foi o modelo de universo em expansão proposto pelo padre católico, físico e matemático belga George Lemaître em 1927.”*²

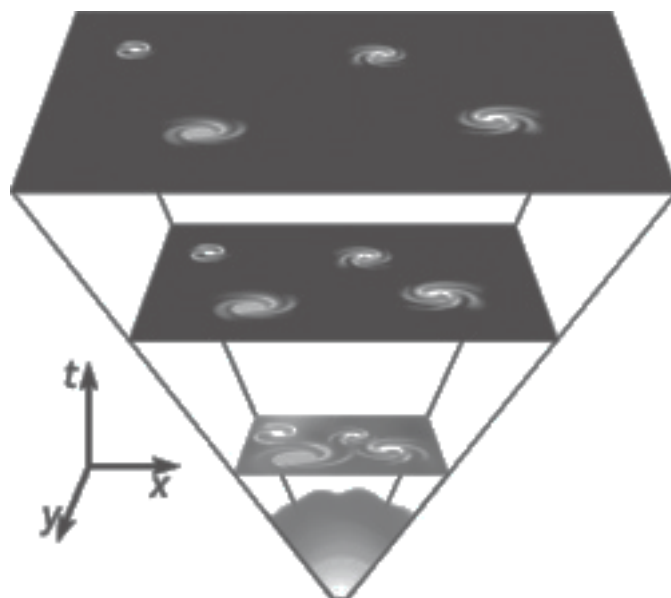
² BAGDONAS e outros. *Quem descobriu a expansão do Universo?* - Revista Brasileira de Ensino de Física, 26/01/2017.

O universo era tido, até então, como imenso e fixo. O *Big Bang* – termo pejorativo utilizado por Fred Hoyle, em 1949, num programa radiofônico – “*o lugar origem do universo, a singularidade inicial do espaço-tempo, o centro do universo*”.

Não é, como frequentemente se imagina, uma explosão no espaço, mas sim uma expansão do próprio espaço. Uma vez que o universo tem uma idade finita – *13,8 bilhões de anos, com uma margem de erro de apenas 120 milhões de anos, o que em Cosmologia não é muito: um erro de menos de 1%* – e a luz viaja a uma velocidade finita, pode haver eventos no passado cuja luz não teve tempo de trazer até nós.

Em termos de expansão, argumenta Brian SWIMME, nós estamos no centro do universo:





“Como a Terra é um planeta em movimento em torno de uma estrela (Sol), que é uma das trezentas bilhões de estrelas da Via Láctea, que por sua vez é uma de um trilhão de galáxias no grande universo” (p. 103), em veloz expansão em todas as direções, ela, a Terra, é paradoxalmente o centro do universo”.

Quando observamos algum lugar, longe de onde estamos, onde estamos exatamente? Como podemos estar fora do universo se, desde seu início, fomos tecidos por ele? (p. 105)

Estamos diante de uma estranha situação, um paradoxo: “simultaneamente no centro de expansão cósmica e distantes quinze bilhões de anos-luz da origem da explosão cósmica” (p. 107). Até Einstein, segundo Swimme, teria resistido à ideia “do nosso cosmo evolucionário omicêntrico” (p. 100). “Estar no universo e estar no seu centro (p. 111). Nós existimos bem no ponto do universo, porque nele todos os lugares são aquele lugar onde o universo explodiu e começou a existir”. (p. 113)

Voltando à referência pessoal, familiar, no início deste texto completo-a sugerindo que, agora, minha filha possa explicar melhor às minhas netas – Julia (14) e Luísa (10) – como elas estão no centro do universo.

Para não perder a modéstia, é bom lembrar o que disse o físico Carlo Rovelli: “A única coisa infinita no universo é a nossa ignorância”.

Com relação ao cosmo, temos hoje uma dimensão de nossa ignorância:

“A estimativa atual da razão entre matéria luminosa e matéria escura é em torno de 1:6. Ou seja, existe aproximadamente seis vezes mais matéria escura do que matéria luminosa no Universo! O problema é que ninguém sabe do que esta matéria é feita.” (GLEISER, 2010, p. 139)

“...a expansão do universo está se acelerando, presumivelmente devido a uma energia escura, que está contida não em movimentos e massas de partículas, mas no próprio espaço”.
(WEINBERG,2015, p. 329)

Imaginando a história do universo na escala de um ano, Michael Dowd apresenta esta visão:

“Se imaginarmos que nossa história de 15 bilhões de anos foi reduzida a um único ano:
A galáxia da Via Láctea se organizou no fim de fevereiro; nosso sistema solar surgiu da nebulosa elementar de uma supernova no início de setembro; os oceanos planetários formaram-se em meados de setembro; a Terra acordou para a vida no fim de setembro; o sexo foi inventado no fim de novembro; os dinossauros viveram durante alguns dias no início de dezembro, as plantas florescentes explodiram em cena com uma sucessão de cores em meados de dezembro e o universo começou a refletir conscientemente no ser humano e por meio dele, com escolha e livre-arbítrio, menos de dez minutos antes da meia noite de 31 de dezembro...”
(MORWOOD, 2013, p. 32)



Nessa escala de 12 meses, Jesus teria nascido em 31 de dezembro, às 23,59 h. As maiores descobertas científicas desse século estariam no último segundo antes do fim do ano.

Os cientistas, hoje em dia, consideram cada vez mais plausível que nosso universo *Big Bang* seja apenas um de muitos mundos incontáveis.

Sabemos que somos, de fato, a Terra pensando a seu próprio respeito durante apenas os últimos segundos. Ou, como disse nosso cientista Miguel Nicolelis, no seu recente livro:

“... independentemente do que exista lá fora, neste universo de 13,8 bilhões de anos (estimativa humana, devo enfatizar), do ponto de vista próprio do nosso cérebro o cosmo é uma gigantesca massa de informação em potencial à espera de um observador inteligente o suficiente para extrair desse universo conhecimento, e, em um mesmo sopro de intuição, conferir algum significado a toda esta vastidão cósmica.” (NICOELIS, 2020, p.15)

“A regulação inicial dos componentes do Universo é tão fina que uma única micromudança desses parâmetros não teria permitido a eclosão a vida na Terra e o desenvolvimento da complexidade que culmina no aparecimento de um ser inteligente”. (LENOIR, 2013, p.162)

Algumas pinceladas sobre a vida!

“Foi a religião que primeiro articulou o imperativo de reverenciar os seres vivos” – Carl Sagan – Professor de Astronomia e Ciências Espaciais.

Francis S. COLLINS, coordenador do Projeto Genoma Humano, em seu livro *A linguagem da Vida: o DNA e a revolução na sua saúde*, proporciona-nos as seguintes informações:

“A unidade mais simples da vida, a coisa mais simples capaz de viver, é a célula. Uma célula típica tem um diâmetro de uma décima de milésimo da espessura de um fio de cabelo humano”.

“De 3,6 bilhões de anos atrás, quando a vida começou, até 1, bilhão de anos, só existiam seres unicelulares. Ou seja, por aproximadamente dois bilhões de anos, ou ainda mais do que isso, a vida na terra consistia apenas em seres unicelulares, embora alguns se organizassem em colônias”.

“... Cada indivíduo é constituído de aproximadamente 400 trilhões de células, mas se somarmos o número de células de micróbios em nossa pele, na boca, no nariz e no sistema intestinal, o total sobe para 1 quatrilhão. Seria apropriado começar a pensar nos seres humanos como superorganismos em coexistência simbiótica com esses micróbios. Em sua

maior parte, eles contribuem para nossa saúde normal e bem estar porque se adaptaram a nós e nós nos adaptamos a eles, ao longo de milhões de anos.” (COLLINS, 2010, p. 200)

“Por volta de cem mil anos atrás, cada cérebro humano já tinha à disposição por volta de 86 bilhões de neurônios capazes de estabelecer entre 100 trilhões e 1 quatrilhão de contatos diretos, ou sinapses, entre si. De dentro desse ateliê neural incomensurável, o Verdadeiro Criador de Tudo começou a sua obra monumental de esculpir o universo humano que conhecemos hoje.” (NICOLELIS, 2020, p. 15)

Antônio Nobre - renomado meteorologista e um dos cientistas brasileiros mais prestigiados mundialmente – cunhou a inspirada expressão: “O ser humano é uma galáxia ambulante de sistemas celulares”, com 37 trilhões de células individuais.

Para ele, “há um amor incondicional na natureza: é a linha mestra de funcionamento do sistema natural: é cuidar do próximo”.

Frei BETTO, em seu livro “A obra do Artista: uma visão holística do Universo”, nos proporciona informações e reflexões:

“Há mais elétrons na cabeça de um alfinete do que estrelas em todo Universo. Andamos respirando elétrons de Ramsés II e de Buda, de César e de Jesus, de Nero e de Torquemada, de Gandhi e de Hitler. Pois o último suspiro de cada ser humano é uniformemente distribuído na atmosfera, entre o solo e a altura de 100 km. Assim cada vez que inspiramos, ingerimos uns tantos elétrons que já andaram pelos pulmões de todos os outros seres vivos e viventes. Querendo ou não, estamos todos em comunhão eletrônica.” (BETTO, 2007, p. 149)

Matthew Fox, em sua “Ladainha de maravilhas e bênçãos da carne humana”, cita o cientista Arne Wyller:

“Mais de 60% dos átomos de nosso corpo material já estiveram dentro do inferno flamejante de bola de fogo cósmica. Cada átomo de hidrogênio de nosso corpo já foi parte do próprio big bang. Quarenta por cento dos átomos de nosso corpo material vieram de estrelas mais velhas. Essa interconexão cósmica é partilhada por todas as formas de vida neste planeta, sejam eles cavalos, flores, peixes, sejam insetos. Também é partilhada pelas rochas, água e ar – por toda matéria inorgânica.” (FOX, 2004, p. 69)

O jornalista e filósofo Jim Holt agrega uma informação, no mínimo curiosa:

“Estima-se que cerca de quarenta bilhões de seres humanos nasceram desde o surgimento de nossa espécie.” (HOLT, 2013, p. 272)

Para não perder o foco de nossa reflexão, vejamos alguns dados demográficos do início de nossa era: **Jesus de Nazaré (-5 a 30)** viveu 90% de sua vida em Nazaré, uma pequena aldeia da Galileia, com cerca de 400 habitantes. A Galileia, uma das três Províncias da Palestina, tinha

cerca de 200 mil. Dos 4 a 5 milhões de judeus que viviam dispersos pelo Império Romano – principalmente em Roma, Alexandria, Antioquia e em outras duzentas cidades – cerca de 15% morava na Palestina. Segundo relatório da ONU, de 2015, a população mundial era, no tempo de Jesus, de 200 milhões, um pouco menor do que a do Brasil, hoje. No final do século I, os cristãos eram apenas uns 20.000, dispersos pelo Império Romano.

Depois desse ligeiro passeio pelas vastas dimensões do universo, deixemo-nos guiar pelo Prof. John F. Haught:

“... em direção ao mundo do inimaginavelmente pequeno. À medida que se desloca para o interior desse reino invisível, figura a imagem reversa de mundos dentro de mundo, agora pequenos e sutis demais para que possamos ser representados pictoricamente em três insignificantes dimensões. Quer na direção do grande, quer na do pequeno, a Ciência agora tornou obsoletos nossos velhos mapas tanto de um como do outro. Há no mínimo dois “infinitos” que chamam hoje nossa atenção, observa Teilhard: um é o imenso; o outro, o infinitesimal. Mas existe também um terceiro infinito, menos marcante do que os outros dois. É o infinito da complexidade. Na esfera dos seres vivos e pensantes, por exemplo, as partículas da física e os elementos da química se integram em células e organismos emergentes nos quais se entrecruzam de maneira tão intrincada que todas as tentativas de isolar e especificar os papéis individuais das unidades componentes são frustradas. Também podemos designar esse intrincado padrão como o infinito da relacionalidade. Em uma célula ou organismo – especialmente aqueles dotados de sistemas nervosos e de cérebros – todo componente é tão inerente e tão constitutivo da identidade de qualquer outro que não podemos entender um organismo considerando-o isoladamente. Se o dissecarmos, nós o mataremos. Um organismo é um feixe de conexões que se entrelaçam, se superpõem e se retroalimentam reciprocamente em uma interminável interação dinâmica. Isolar qualquer parte dessa rede equivale a perder seu sentido de conjunto”.

“... as efetivas descobertas da Ciência, como o Big Bang, a trajetória evolutiva da vida, o código genético, o Campo Profundo do Hubble e os aspectos químicos da mente, realmente tornam o mundo novo para nós”.

Quando você toma a história do universo como referência básica, todos os seus pensamentos e ações são diferentes”.

Na imensidão do universo “de com quem e com que estamos lidando quando tentamos imaginar a realidade que chamamos “Deus”?

Voltemos às colocações de John Haught:


“Agora que nos achamos enredados em uma inimaginável tessitura cósmica e em uma insondável profundidade temporal e extensão espacial, que significará isso para a compreensão de nós mesmos, de Deus, da criação, da Trindade, de Cristo, da redenção, da encarnação, da fé, da esperança e do amor?” (HAUGHT, 2009, p.10)

Acredito que existam três formas gerais de responder a essa questão:

Em primeiro lugar, podemos continuar fingindo que a Ciência nunca aconteceu, ou que está falando de coisas que não têm conexão alguma com a fé e a teologia. (Neste caso, o Credo não nos remete ao céu e terra, de que aqui falamos).

Uma segunda resposta é descartar a fé e a teologia em sua totalidade, como competidores parasitários, de cosmologias, agora obsoletas.

Em terceiro lugar, é possível acolher os três infinitos, ou melhor, ser acolhido por eles, de forma a interpretá-los como convites para uma amplificação, sem precedentes, do conceito de Deus, da criação, de Cristo e da redenção.



« Se eu não tiver fé no mundo, não posso crer em Cristo; se não creio em Cristo, deixo de poder amar o mundo. Por conseguinte, todo o meu equilíbrio interior está ligado a uma conjugação possível destas duas realidades supremas numa única realidade, abarcável num único acto de adoração. »

Teilhard de Chardin

SANTA PÁSCOA 2020

Associação dos Amigos de Pierre Teilhard de Chardin em Portugal

CAPÍTULO 3

O *HOMO SAPIENS* E SUAS CRENÇAS

“Variações à parte, Deus, de um modo ou de outro, aparece em todas as principais religiões do mundo. Se acreditamos que tudo vem de Deus, ou de sua essência transcendental, tudo, então, é parte dessa realidade divina e única.”

(Marcelo Gleiser – professor de Física e Astronomia, agnóstico)

“Como observa Teilhard de Chardin, nossa própria incerteza é de todo congruente com o fato de que nós e as religiões que professamos fazemos parte de um universo inacabado.”

(John E. Haught)

“A ideia de Deus pode se tornar o obstáculo último no caminho para Deus.”

(Mestre Eckhart – místico católico - séc. XIII/XIV)

Antes de assumir o desafio colocado pela terceira opção, no final do capítulo anterior –tentar compreender os “três infinitos”: o imenso, o infinitesimal e a complexidade –, convém refletir como nós, seres históricos, temos lidado, ao longo da história, com nossas crenças e aspirações.

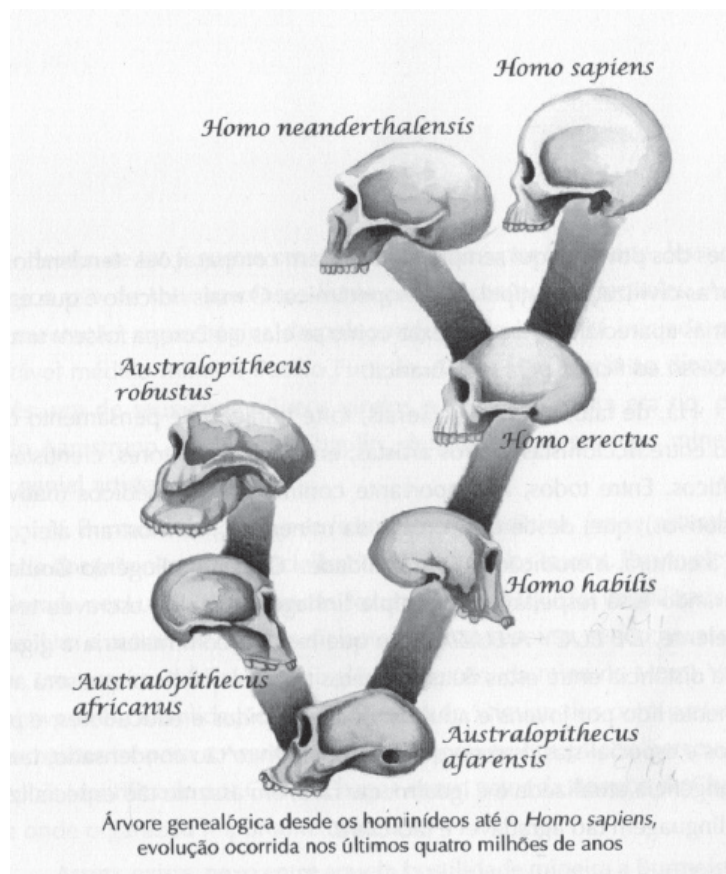
Em respeito à relevância destas aspirações e tendo em vista nosso objetivo principal – Jesus de Nazaré e sua mensagem hoje – fazem-se necessárias:

- a contextualização de nossa espécie e de como “*nós – acidentes imperfeitos da criação – somos como o Universo reflete sobre si mesmo*” (Marcelo Gleizer);
- a transição das crenças, doutrinas e dogmas, formuladas em linguagem mitológica, para uma linguagem moderna, que possam ser compreendidas e, eventualmente, aceitas, pelo homem moderno;
- a transição radical da mensagem em termos de conteúdo (ex.: encarnação/redenção, sacrifício, céu, inferno etc.) e de forma (doutrina, dogma) para a realidade moderna.

Um breve passeio pela evolução humana³

Eugênio Goulart ilustra seu livro *De Lucy a Luzia* com o desenho abaixo da “árvore genealógica desde os hominídeos até o *Homo sapiens*, evolução ocorrida nos últimos quatro milhões de anos”. (GOULART, 2006, p. 12)

³ Texto baseado em ASLAN – *Deus: uma história humana*.



A espécie *homo neanderthalensis* teria chegado à Europa há cerca de 200.000 anos. Conviveu com o *homo sapiens* por longo tempo. Ocuparam os mesmos espaços geográficos na Europa e na Ásia entre 50 mil e 30 mil anos atrás e os *neanderthalensis* foram extintos provavelmente devido a essa interação. (p. 38)

Estudos moleculares recentes confirmam que os neandertais não deixaram restos genéticos na humanidade atual. O *homo sapiens* ficou sendo o único remanescente do gênero *homo* a permanecer na face de nosso planeta.

“Os cientistas genéticos que estudam populações estão convencidos de que todos os humanos descendem do mesmo grupo de cerca de 10.000 ancestrais, que viveram no leste da África há aproximadamente 100 mil anos.” (COLLINS, 2007, p. 26)

O cérebro deles era tão grande e desenvolvido quanto o nosso. Eram primitivos apenas quanto às suas ferramentas e tecnologia.

“O surgimento de novas formas de pensar e se comunicar, entre 70 mil e 30 mil anos atrás constitui a Revolução Cognitiva, quando aparecem, pela primeira vez, lendas, mitos, deuses e ritos religiosos.” (ASLAN, 2018, p. 30). “É no Paleolítico Superior, entre 40 e 10 mil anos atrás, que começam a ver o florescimento da expressão religiosa plena, incluindo evidências de complexos comportamentos rituais.” (p. 30)

“A capacidade de falar sobre ficções é a característica mais singular da linguagem dos *sapiens*. A ficção nos permite não só imaginar como também fazer isso coletivamente... cooperar, de maneira extremamente flexível, com um número incontável de estranhos.” (p. 33).

“...o homo sapiens, o que somos por ora, surge quando em um determinado momento dá o salto ao que, como Y. N. Harari, podemos chamar de “revolução cognitiva”.

Este salto de viver realizando irrealidades se mostra como modo de viver viável”, comenta Ángel González Pires em “O ato intelectual sensiente e a constituição da realidade pessoal em Xavier ZUBIRI, 2020, p. 146.

“Por volta de 12 mil a 10 mil anos atrás nos transformamos de forrageiros em agricultores: em vez de procurar alimentos começamos a produzi-los, em vez de caçar animais começamos a criá-los. O nascimento da agricultura, após cerca de 90 mil anos, para o arqueólogo Vere Gordon Childe, foi o desenvolvimento mais significativo da história humana após o domínio do fogo”. (p. 65).

“A revolução agrícola começou no final da última glaciação, há cerca de 10 mil anos, no chamado Crescente Fértil, entre os rios Tigre e Eufrates. Esse é o berço da civilização humana, cujas relíquias insubstituíveis guardadas no Museu de Bagdá foram vandalizadas em 2003, durante o caos ocasionado pela invasão americana do Iraque.” (DAWKINS, 2009, p. 46)

Por volta de 7000 a.C., a maioria das espécies comuns de plantas e animais, com exceção de cavalos e camelos (domesticados em torno de 1000 a.C.) tinham sido domesticados na Mesopotâmia.

Por volta de 5.000 a.C. foi construído o primeiro sistema de irrigação do mundo, junto aos rios Tigre e Eufrates.

“As populações aumentaram rapidamente, à medida que os métodos de cultivo melhoravam e a agricultura se expandia. Demorara pelo menos 100 mil anos para que as populações humanas chegassem a 5 milhões, no final da última era glacial. Há 5 mil anos, a quantidade de seres humanos já havia quadruplicado, chegando perto de 20 milhões. Há 2 mil anos, já havia 200 milhões de homens, 40 vezes mais do que no final da última era glacial”. (CHRISTIAN, 2019, p. 247)

Com a invenção da escrita hierográfica egípcia, em algum momento em torno de 3.300 a.C. – pouco depois e provavelmente sob a influência da escrita cuneiforme suméria – surgiu a necessidade de tornar essa força abstrata mais concreta (p. 81).

Para David CHRISTIAN, “a primeira escrita apareceu em Uruk, em placas de barro, nos templos de Eanna, por volta de 5 mil anos atrás. Uruk, às margens do Rio Eufrates, é,

frequentemente, descrita como a primeira cidade da história da humanidade. (p. 258, 259, 260)

Durante a maior parte da história humana, a expectativa de vida ao nascer era inferior a trinta anos – quase não mudou por 100 mil anos. Apenas nos últimos cem anos, a média de vida quase dobrou em todo o mundo. (p. 328)

Cronologia

1.500.000	<i>Homo erectus</i>
1.000.000	Início da migração do <i>Homo erectus</i>
300.000	<i>Homo sapiens</i>
50.000	<i>Homo sapiens sapiens</i>
8.000	Revolução agrícola
7.000	Jericó
4.000	Revolução urbana
3.500	O homem aprende a escrever
2.700	Cidades-estado na Mesopotâmia
2.700-2350	As grandes pirâmides do Egito
2.350	Reino de Sargão, em Akad
1.800	Código de Hamuráb
1.730	Hicsos no Egito
1.230	Amenófis IV (Arquenâton), o faraó monoteísta
1.030	Saul, rei de Israel
1.000	David unifica os hebreus
961	Salomão reina em Jerusalém
922	Divisão da monarquia
722	Queda de Samaria
700	Os profetas começam a criar o monoteísmo ético
586	O rei babilônico Nabucodonossor destrói Jerusalém
1939-1945 d.C.	Homens assassinam, em campos de extermínio nazistas, milhões de seres da mesma espécie

Fonte: CHRISTIAN, David. **Origens: uma grande história do mundo**

Sobre o futuro da Terra, escreve CHRISTIAN em seu celebrado livro “Origens: uma grande história do mundo” (2019):

“Vamos ser otimistas e imaginar um mundo em que a maioria dos seres humanos está florescendo dentro de uma sociedade global estável, baseada num relacionamento mais sustentável com a biosfera. Isso significa que as sociedades humanas poderão existir por vários milhares de anos, até por centenas de milhares de anos.” (p. 349)

“O destino final da Terra será decidido pela evolução do Sol... à medida que a Terra esquentar, as coisas ficarão mais difíceis para a vida grande, e pode haver um longo período em que os únicos sobreviventes serão as arqueobactérias resistentes, como aquelas que sobrevivem nas fontes termais do parque Yellowstone. Por fim, até elas desaparecerão à medida que a Terra for esterilizada e depois engolida e evaporada dentro das camadas externas de uma estrela gigante vermelha cada vez mais instável e imprevisível... esse é o fim do planeta Terra “. (p. 351)

“Quando falamos sobre o futuro remoto do universo, começamos a perceber que a história que contamos até agora era apenas o prefácio. A marcha de todas as coisas tem uma longa e às vezes difícil jornada pela frente. Nós, humanos, vivemos bem no começo da história do universo, e sua narração está apenas começando... quando o universo for 10 mil vezes mais velho do que hoje... ele estará mostrando sua verdadeira idade.” (p. 351, 353)

Os Sistemas de crenças⁴

Adão (homem) e Eva (mãe dos viventes), nossos ancestrais na mitologia bíblica, herdaram seu sistema de crenças da mesma forma como herdaram sua habilidade de caça ou sua capacidade cognitiva e linguística: gradualmente, ao longo de centenas de milhares de anos de evolução mental e espiritual (p. 33).

A crença religiosa difunde-se tanto que deve ser considerada uma parte elementar da experiência humana. Somos *homo religiosus* pelo esforço existencial para a transcendência: para o que está além do mundo visível.

Se a propensão para a crença religiosa é inerente à nossa espécie, então – argumentam os estudiosos – ela deve ser um produto da revolução humana e deve haver uma vantagem competitiva para isso (p. 34).

A religião surgiu na evolução humana para responder a questões impossíveis de serem respondidas e para ajudar os primeiros seres humanos a gerenciar um mundo ameaçador e imprevisível. Essa é uma explicação para a experiência religiosa que continua popular até hoje (p. 36).

⁴ (SCARDELAI, 2008, p. 93)

Para Durkheim, a religião surgiu como uma espécie de aglutinante social e engendra duas coisas: inclusão e exclusão. Ela espalha tanto o conflito quanto a coesão na sociedade (p. 39).

A crença em um *legislador divino, que determina o comportamento bom e mau* tem apenas 5.000 anos. A crença na vida após a morte – onde se formou o embrião da crença na ressurreição dos mortos – aparece apenas nos últimos livros da Bíblia grega (por volta de 200 a.C.) no contexto do relato do martírio dos sete irmãos, no segundo livro de Macabeus (SCARDELAI, 2008, p. 93):

“Tu, celerado, nos tira desta vida presente. Mas o Rei do mundo nos fará ressurgir para a vida eterna, a nós que morremos por suas leis” (Mc 7,9).

O panteão dos deuses indo-europeus foi construído do mesmo modo que na Mesopotâmia e no Egito, deificando-se as forças da natureza (p. 83). O primeiro texto sobre deuses, o Rig Veda, o texto sagrado mais antigo da Índia, foi composto em sânscrito, em torno de 1.500 a.c.

A civilização micênica, por volta de 1.600 a.C. nos legou, com o grego clássico, duas divindades recordadas até hoje: Poseidon (marido da terra) e Gaia (deusa da terra).

Homero (928 – 898 a.C.) e Hesíodo (780 – 650 a.C.) nos legaram os “doze deuses principais (os Olímpicos): membros de uma grande família, cujo patriarca era Zeus” (p. 85).

Há um completo mal-entendido na expressão “adoração dos ídolos”. Os povos antigos não adoravam pedaços de pedra, eles adoravam os espíritos que residiam neles... eles estavam imbuídos do Deus, que tomava forma dentro do ídolo (p. 80).

O Monoteísmo

O Faraó Amen-hotep IV, por volta de 1.347 a.C., considerando-se filho e profeta do deus único Aton, mudou seu nome para Akhenaton (espírito atuante de Aton). Para ele “*o Universo só poderia ser criado por uma única mente superior, digna de todos as homenagens, ao contrário da sociedade viciada em deuses de pedra que em realidade os utilizam como elemento de barganha em seus desejos pessoais e mesquinhos do cotidiano*”. Construiu a cidade sagrada de Akhetaton, onde era pregado ensinamentos de paz, amor, igualdade e solidariedade. Tentou impor, sobre todo o Império Egípcio, sua visão monoteísta. Embora Akhenaton e sua esposa Nefertiti (pais de Tutankhamon) tenham deixado um importante legado espiritual para a humanidade, com eles foi enterrada a primeira tentativa de monoteísmo da história.

Pouco mais de 200 anos depois, por volta de 1.100 a.C., o monoteísmo surgiu de novo, desta vez através dos ensinamentos do profeta iraniano Zaratustra Spitama (p. 92).

A visão tradicional do povo israelita é de que ele era monoteísta rigoroso, dedicado ao único Deus do Universo, cercado por todos os lados pelos cananeus politeístas e suas falsas deidades. Essa visão não sustenta diante de um exame histórico e arqueológico. (p. 114)

A história de como o monoteísmo – depois de séculos de fracassos e rejeições – afinal e de modo permanente lançou raízes na espiritualidade humana começa com a história de como o deus de Abraão, **El**, e o deus de Moisés (1.250 a.C.), **Javé**, gradualmente se uniram para se tornar a única divindade, singular, que agora conhecemos como Deus (p. 116).

“O exame dessa documentação- descobertas arqueológicas, inscrições, documentos iconográficos, anais egípcios, assírios, babilônicos, etc.- permitiu retratar o caminho do deus, com origem localizada em alguma parte do ‘Sul’, entre o Egito e o Negueb, deus que é, antes de tudo, ligado à guerra e à tempestade e que se torna, pouco a pouco, o Deus de Israel e de Jerusalém, para vir a ser -depois de uma catástrofe maior, a destruição de Jerusalém e de Judá – o único Deus, criador do céu e da terra. Deus invisível e transcendente, mas que afirma entreter com seu povo uma relação particular.

Com efeito, contrariamente ao que certos teólogos continuam a afirmar, não há dúvida de que o Deus da Bíblia não foi o “único” desde sempre.” (RÖMER, 2016, p. 14)

“...Aserá parece ter sido a presença mais significativa ao lado de Iahweh assim como também El, Anat e até mesmo o Sol/Marduque” (PEREIRA, 2014, p. 201)

A formação de Israel data de 1.250 – 1.000 a.C., quando os cinco primeiros livros (Pentateucos) da Bíblia, que formam a Torá judaica, começaram a ser redigidos. Quando a nação de Israel se tornou reino de Israel, por volta de 1060 a.C. a fusão de **Javé** e **El** foi reforçada. (p. 118)

“... é na virada do segundo para o primeiro milênio antes de nossa era que Yhwh se torna um deus tutelar de Saul e Davi, que o introduz em Jerusalém.

Pouco a pouco, Yhwh foi substituindo a divindade solar e se tornou não só o deus supremo de Jerusalém, mas, mais importante, de todo o território de Judá.

... a deusa Aserá era associada a Yhwh como consorte, mas ela também era venerada independente dele, sobretudo pelas mulheres, enquanto Rainha do Céu. É somente no reinado de Josias que Yhwh se encontra só, sem sua Aserá”. (ROMER, 2019, p.94, 123, 168)

O Deus que surge do exílio babilônico não é a divindade abstrata que Akhenaton adorou. Não é o puro espírito animador que Zaratustra imaginou. Não é a substância sem forma do

universo descrita pelos filósofos gregos. Esse era um novo tipo de Deus, tanto singular quanto pessoal. Um Deus solitário em forma humana que, no entanto, fez os seres à sua imagem. Um Deus eterno e indivisível que exhibe toda gama de emoções e qualidades humanas, boas e más (p.121).

“Não se pode falar de judeu, ou de judaísmo, antes da época persa, ou da época helenista, porque é somente por volta do século IV que se estabelece um sistema religioso que se assemelha ao que hoje designamos pelo nome de judaísmo.” (RÖMER, 2021, p. 19)

“Os primeiros escritos bíblicos são de Israel Norte, entre 800-750 a.C.” (KAEFER, 2016, p. 119)

A descrição bíblica da história do povo hebreu desde o começo (Gênesis) do mundo e dos homens até a morte de seu carismático líder, Moisés – evidentemente uma narrativa poética, mitológica – é infelizmente, muito mal compreendida.

Quando Moisés tenta estabelecer um conjunto de reformas sociais – descanso semanal (no sábado), o descanso da terra (de 7 em 7 anos), o retorno da sua propriedade nos 50º anos – (Deut. 25, 4, 14) – os redatores de Gênesis não encontram forma melhor do que criar uma narrativa em que o próprio Deus trabalha seis dias e descansa no sétimo. Uma jogada genial, diríamos hoje, em vez de atribuir aos narradores o ofício de historiadores.

A narrativa do livro Gênesis provém de duas fontes – dos sacerdotes e outra mais antiga, da sabedoria popular – e versam sobre nossas origens, a sexualidade, a morte, a liberdade, a violência e o fim do mundo. Questões até hoje intrigantes, “misteriosas” e relevantes.

No início de nossa era, no seio do judaísmo, surge um movimento social de seguidores de Jesus de Nazaré – *os nazareus*, ou *seguidores do caminho* –, que veio a se tornar uma nova religião, por volta do ano 125 – Cristianismo –, a qual, em três séculos, fortaleceu o monoteísmo cristão e suplantou a hegemonia, pelo menos no Ocidente, do paganismo/politeísmo, cujos primeiros registros pictográficos, segundo Reza ASLAN, datam de 40.000 (NUNES, 2019, p. 10).

Descobertas arqueológicas do fim do séc. XIX mostram muitos pontos comuns entre as primeiras páginas do Gênesis e textos líricos e sapienciais, nomeadamente da Mesopotâmia (BÍBLIA, TB, p.26)

Concluimos nosso passeio pelo passado com um apelo do nosso cientista Marcelo Gleiser, em seu livro “O Fim do Céu e da Terra: o apocalipse na Ciência e na Religião”:

“Ao aprendermos mais sobre o mundo à nossa volta, sobre os vários ciclos de criação e destruição que acontecem continuamente nos céus e na terra, sejamos capazes de crescer um pouco mais, de enxergar além das nossas diferenças, e de trabalharmos juntos para a

preservação do nosso planeta e de nossa espécie. O primeiro passo é simples: é só olhar para os lados, com respeito, curiosidade, humanidade e admiração. E não temos sequer um minuto a perder.” (GLEISER, 2011, p. 363)



Caçadores-Caçadores coletores fizeram essas impressões de mãos há cerca de 9 mil anos na “Cova das Mãos”, na Argentina. É como se essas mãos, mortas há muito tempo, estivessem saindo da rocha e tentando nos alcançar. É uma das relíquias mais tocantes do mundo dos antigos caçadores-coletores – mas ninguém sabe o que significa. (HARARI, 2014, p. 66)



A VIDA DE LUZIA NAS CAVERNAS DE MINAS GERAIS
HÁ CERCA DE 11,5 MIL ANOS



GRUPO DE DANÇARINAS
Pintura parietal. África do Sul (cerca de 7.000 anos)
(J. A. MAUDUIT, 1959, p. 230)

PARTE II

CAPÍTULO 4

POR QUE EXISTE ALGO, E NÃO O NADA?

*“Quem sabe muito, sabe também
que não sabe; pelo menos se for sábio.”*

Epicuro

(Aprox. 341 a.C.-270 a.C.)

*“Quando se chega muito rapidamente a Deus,
corre-se o risco de um deus muito pequeno.”*

Tito Lucrécio Caro (99-55 a.C.), discípulo de Epicuro (341-271 a.C.)⁵, pretendendo difundir, em Roma, o pensamento de seu mestre, publicou o poema *“Sobre a Natureza das Coisas”*, onde se lê:

*“A natureza forma de novo uma coisa a partir da outra,
e não permite que nada seja gerado senão
com a ajuda da morte de outra coisa.”*

Este poema, curiosamente, esteve perdido por mais de um milênio e foi encontrado por um renascentista bisbilhoteiro, em meio a outros pergaminhos, em um Mosteiro da Alemanha, em 1417.

“Uma coisa vem da outra e nada vem do nada.”. Esta questão é retomada pelo filósofo Leibniz (1646-1716, figura central da história da Matemática e da Filosofia. Otimista, ele considerava *“nosso universo o melhor de todos os mundos possíveis, que Deus poderia ter criado”*.

⁵ Sobre Epicuro, consultar: www.tetrapharmakon.com.br

Precursor teórico da computação, Leibniz formulou a pergunta:

Por que existe Algo, e não o Nada?

Pergunta esta que John Archibald Wheeler – que levou a mecânica quântica da Europa para os EUA – converteu a esta fórmula original: *“It from bit”* – como pode o mundo (it) surgir da informação (bit)? – Comenta Hans Küng: *“até o presente não se descobriu nenhum processo de criar informação. Parece que estamos diante de uma questão “meta-física”.* (KÜNG, 2011, p. 107)

Então começemos pelo nada, o que é *“mais fácil e simples do que alguma coisa, segundo a “lei da simplicidade da economicidade”.*

Jim Holt, jornalista e filósofo, intrigado pela pergunta *“Por que existe Algo, e não apenas o Nada”*, na esteira de pensadores gregos, de Leibniz, de Heidegger e de Wittgenstein, saiu a campo para entrevistar pensadores de renome sobre esta questão.

Se o Princípio da Razão Suficiente é válido, pensava Holt, deve haver uma explicação para a existência do mundo, sejamos ou não capazes de encontrá-la. *“Tudo que existe tem uma razão”*, já dizia Leibniz (1646-1716).

Atrás da resposta a esta questão, o jornalista americano entrevistou nos Estados Unidos, na Inglaterra e na França *“filósofos, teólogos, físicos de partículas, cosmologistas, místicos e um grande romancista americano”.*

O registro destas entrevistas encontra-se no instigante, bem-humorado e agradável livro *Por que o mundo existe: um mistério existencial.*

O autor classifica os pensadores, em relação à questão colocada, em três grupos:

- os otimistas – *“aqueles que sustentam que tem que haver uma razão para a existência do mundo”;*
- os pessimistas – *“que consideram que poderia haver uma razão para a existência do mundo”;*
- os rejeicionistas – *“que insistem em acreditar que não pode haver razão – a própria questão é desprovida de sentido”.*

A este respeito comenta a professora de Matemática e Física, teórica, também teóloga, Simone MORANDINI:

“Ressoa aqui apenas a fragilidade de uma pergunta, mas não certamente uma pergunta que possa ficar tranquilamente em aberto. Ao ser posta, ela invoca uma resposta: pelo fato mesmo de interrogar, ela evidencia a limitação de uma fala puramente científica, quando as questões em jogo envolvem a totalidade do ser e a subjetividade de quem interroga.

Positivamente ela revela, também, ao olhar da Ciência sobre o mundo, a necessidade de repensar o valor de noções como finalidade e sentido, que o progredir da pesquisa científica parecia ter eliminado do próprio vocabulário.” (MORANDINI, 2011, p. 96)

Não querendo empobrecer o livro de Jim Holt, registramos aqui alguns comentários próprios e de entrevistados: (HOLT, 2013)

Há dois tipos de verdade:

- a lógica – nada podem explicar sobre a realidade;
- as empíricas – dependem de provas fornecidas pelos sentidos – por que o mundo existe – está fora do alcance da Ciência.

“O que torna o homem acima de outras criaturas é o fato de ter consciência de sua finitude; a perspectiva de morte torna concebível o nada, o choque do não ser. Por que o mundo existe? Rima com por que eu existo? – São esses os dois grandes mistérios existenciais.” – John Updike (p. 25)

– O universo abarca tudo que existe fisicamente. Uma explicação científica deve contemplar algum tipo de causa física, porém qualquer causa física é por definição parte do universo a ser explicado. (p. 12)

“A Ciência não tem como responder as perguntas mais profundas. A partir do momento em que perguntamos por que existe algo e não apenas o nada, fomos além da Ciência.” – Allan Sandage – o pai da astronomia moderna. (p. 151)

“Deus é tão perfeito que não precisa existir.” – comentário de “um renomado professor de teologia filosófica” (p. 17)

“Não é a maneira como o mundo se apresenta que é mística, mas o fato de ele existir.” – Wittgenstein. (p. 264)

– Um Deus cuja existência pudesse ser provada pela Ciência – e que ainda por cima deixasse impressões digitais em toda parte no *Big Bang* – não seria Deus, pelo menos não o Deus totalmente único. (p. 261)

– Holt registra um comentário de Miguel Unamuno sobre a aterrorizante ideia do nada (p. 286):

“Devo confessar por mais dolorosa que seja esta confissão, que mesmo na época da fé simples de minha juventude eu não tremia diante das menções do fogo do inferno, por mais terríveis fossem, pois sempre sentia que a ideia do nada era muito mais aterrorizante que o inferno”.

“... é extraordinário que qualquer coisa exista...”

CAPÍTULO 5

DEUS EXISTE?

A APOSTA DE PASCAL

“... o cristianismo só tem sentido quando a realidade não é, unicamente e acima de tudo, o mundo das coisas simplesmente presentes; e o sentido do cristianismo como mensagem de salvação é justamente, antes de tudo, aquele de dissolver as pretensões peremptórias da realidade.”

(Santiago Zabala in FERREIRA, 2015, p.109)

“O ser humano não é mais do que um caniço, o mais frágil da natureza, mas um caniço pensante. Duas exceções: excluir a Razão e não admitir nada além dela. Se nós submetemos tudo à Razão, nossa Religião não será nada de misterioso ou de sobrenatural. Mas, se formos contra os Princípios da Razão, nossa Religião será absurda e ridícula.”

(Blaise Pascal)

Blaise Pascal (1623-1662), um dos grandes gênios da humanidade, matemático e físico, dedicou-se também, com profundidade e liberdade, à Filosofia e à Teologia. Inventor da primeira calculadora mecânica, é considerado “o primeiro exemplo de intelectual a insurgir-se contra a censura e a mentira”. (JULIATO, 2012, p. 206)

Estimulado pelo jogo de dados que praticava, Pascal colocou, como uma aposta, a seguinte questão:

Deus existe – ou não existe?

Ele, que ajudou a criar o cálculo das probabilidades, pergunta: Como você apostaria? Existe? Não existe? É necessário escolher. A não escolha também é uma escolha. “*Nisto não se é livre; você entrou no barco*”.

As duas possibilidades são ambas incertas. A razão, aqui, em nada pode nos ajudar.

“Com a aposta ele queria deixar claro que na questão da existência, ou não existência de Deus, não é exigido um julgamento da razão pura, mas sim uma decisão do homem todo, que não pode ser justificado racionalmente, mas pode ser aceita pela razão. Um risco calculado, portanto, é uma questão séria. Nada se perde, quando se crê em Deus, mas tudo se pode ganhar”. (KÜNG, 2011, p. 87)

Apostai, pois, que ele existe, sem hesitar!

A aposta de Pascal, que morreu com apenas 39 anos, nos primórdios do que viria a ser chamada “revolução científica”, representa “o que há de mais audaciosamente racionalista”.

“O último passo da razão é reconhecer que há uma infinidade de coisas que a ultrapassam”.

“Se há um Deus, ele está infinitamente para lá de nossa compreensão. Uma vez sendo invisível e sem limites, não tem qualquer relação conosco. Somos, portanto, incapazes de saber o que ele é, e se é.” – (Pascal, “Pensamentos”)

A aposta de Pascal mostra que é irracional não acreditar em Deus, se pensarmos cuidadosamente nas alternativas⁶:

- *Deus existe e acredito: ganho o infinito;*
- *Deus existe e não acredito: perco o infinito;*
- *Deus não existe e acredito; o que perco não é significativo;*
- *Deus não existe e não acredito: o que ganho não é significativo.*

“Se refletirmos bem, a partir da natureza da alternativa (vida feliz e sem fim, ou o nada) e das grandezas da aposta (aposta finita contra o infinito) as chances da descrença e da fé estão uma para a outra como “zero para o infinito”. De qualquer modo nada se perde quando se crê em Deus, mas tudo se pode ganhar.” (KÜNG, 2011, p. 87)

A afirmação de Pascal de que não há provas adequadas de que Deus existe, nem que não existe, era extremamente corajosa numa época em que se tinha como irrefutáveis as provas da existência de Deus, propostas por Tomás de Aquino (1225-1274) e Anselmo (1033-1109).

“Quando contemplo a pequena duração de minha vida absorvida na eternidade precedente e seguinte, o pequeno espaço que preencho e mesmo que vejo abismado na infinita imensidão dos espaços que ignoro e me ignoram, apavoro-me e admiro-me por me ver aqui e

⁶ MURCHO - *A Aposta de Pascal* in “Estado Arte” - Estado de S. Paulo, 12/12/2019

não lá, porque agora e não então. Quem me colocou aqui? Pela ordem e pela intervenção de quem este lugar e este tempo foram destinados a mim”. (Pascal, “Pensamentos”)

Para Immanuel Kant (1724-1804) existem três formas de conhecimento: a **opinião**, que carece de certeza subjetiva e objetiva; **a fé** – possui convicção subjetiva, mas não objetiva; **a crença**, tanto subjetiva quanto objetivamente suficiente, chama-se **saber** ou **ciência**.

Para a Ciência, a evidência objetiva é pressuposto; para a fé, uma impossibilidade. Como a Ciência não tem base suficiente para dizer que não existe nada que não seja sensível, também não pretende negar que Deus existe. Deste modo *“um cientista pode fazer afirmações sobre Deus, mas deixando claro que suas afirmações não são “científicas”, e sim filosófico-metafísica”.* (JULIATTO, 2012, p. 43)

Alvin Plantinga comenta os três tipos de argumentos a favor da existência de Deus, segundo Kant: (PLATINGA, 2012, p. 95)

- **argumento cosmológico** – se tudo é contingente, ou seja, poderia existir ou não, *“não podemos senão admitir a existência de um ser que tenha por si só a sua própria necessidade, não a recebendo de outro, mas antes causando em outros a sua necessidade. A isso os homens chamam Deus”* – Tomás de Aquino

Argumento interessante, mas enigmático. Os seguidores e comentadores de Tomás tentaram emendar as coisas, fazendo várias sugestões engenhosas; nenhuma delas, creio, é bem-sucedida.” (p.101)

- **argumento teleológico** – a versão clássica deste argumento é de William Paley, arcediogo de Carlisle e eminente filósofo do séc. XVIII, complementada por David Hume: todas as excelências da obra – o mundo – leva-nos a atribuir com justiça ao artífice:

“O universo dá aparência de ter sido concebido visando a certos propósitos; assim, afirma, temos de concluir que o universo foi atualmente concebido por um ser muito poderoso e sábio.” (p. 104)

A conclusão... é que o argumento teleológico, como cosmológico, é malsucedido. (p. 107)

- **argumento ontológico** – formulado pela primeira vez por Anselmo da Cantuária, no séc. XI. Esse argumento a favor da existência de Deus tem fascinado os filósofos desde que Anselmo o formulou pela primeira vez.

“Não há dúvida de que algo tal, que nada maior pode ser pensado existe tanto no entendimento como na realidade.” (Anselmo, *Proslogion*)

A objeção mais famosa e importante ao argumento ontológico está em *Crítica da razão pura*, de Immanuel Kant.

“... o argumento ontológico é precisamente uma tentativa de fazer Deus existir por definição.” (p. 120)

“Temos de perguntar se esse argumento é um caso bem-sucedido da teologia natural, se **prova** a existência de Deus. E a resposta tem de ser, penso, que não o faz. Afinal, um argumento a favor da existência de Deus pode ser **sólido** sem que prove a existência de Deus. em qualquer acepção relevante.” (p. 139)

Podemos agrupar as pessoas de acordo com sua posição em relação à crença de que Deus existe:

- teísta – sim, Ele existe; (existem hoje crentes pós-teístas, ou anti-teístas)
- ateuísta – não, ele não existe;
- agnóstico – sim ou não, não sei.

Paul Tillich (1886-1965), em 1933 *teve a honra* – como ele afirmava – de ser o primeiro professor demitido de uma universidade alemã pela sua oposição ao nazismo. Passou a lecionar em Nova York, Harvard e Chicago, tornando-se um dos maiores filósofos de nosso tempo.

Em seu livro *A Coragem de Ser*, Tillich examina o problema da ansiedade que domina o homem moderno e seus reflexos na filosofia, na literatura e na vida cotidiana. Ao analisar o que ele chama de *Teísmo Transcendente*, fundamento do seu conceito de “*fé absoluta*”, ele discorre sobre o teísmo de modo que ele diz muito também sobre as outras duas posições, ateísmo e agnosticismo.

Pondera Tillich (TILLICH, 1976, p. 111):

“**Teísmo** pode significar uma afirmação não específica de Deus. Teísmo, neste sentido, não diz o que ele significa ao usar o nome de Deus”. (É neste sentido que estamos tornando o termo aqui).

Prosseguindo, Tillich apresenta quatro sentidos do termo, numa escala ascendente:

1. Uso retórico, muito próprio de políticos ditadores e outras pessoas que desejam impressionar audiências. Produz, em seus ouvintes, o sentimento de que o orador é sério e moralmente fidedigno... e estigmatiza seus adversários como ateus;
2. Teístas sem propósitos, mas que não podem considerar um mundo sem Deus, o quer que seja este Deus.
3. Simbólico ou prático, expressando um profundo estado emocional, ou a ideia ética mais alta, ainda muito indefinida.

“O conceito de um “Deus Pessoal” interferindo nos fatos naturais, ou sendo “uma coisa independente de fatos naturais”, faz de Deus um objeto natural junto aos outros, um ser entre seres, talvez o mais elevado, mas ainda assim um ser. Isso na verdade é não apenas a destruição do sistema físico, porém mais ainda a destruição de qualquer ideia significativa de Deus.” (ARMSTRONG, 1994, p. 382)

A negação ateísta destes três tipos de teísmo é tão vaga quanto o próprio teísmo.

4. O encontro divino-humano, que configura um teísmo com outro significado.

Neste caso, ele se refere aqueles elementos, na tradição judaico-cristã, que enfatizam a relação *de pessoas para pessoa com Deus*, inclusive na oração e na devoção prática.

Ateísmo, do ponto de vista deste teísmo, é a tentativa humana de escapar ao encontro divino-humano. É um problema existencial – não teórico.

“**Ateísmo**” é um termo que designa fenômenos muito diversos; uma negação gratuita de Deus, indiferença com Deus, a revolta contra o mal no mundo; a negação consciente e filosófica de Deus; a rejeição do Deus fabricado pela própria imaginação dos ateus, etc. (CRUZ, 2011, p. 119)

Os melhores exemplos da negação consciente e filosófica de Deus, segundo Eduardo da Cruz, seria o existencialismo materialista e o marxismo.

“Assim como existem diversas religiões”, argumenta Sílvia G. F. Rodrigues, “há vários tipos de ateísmo. Walters (2015) aponta vários subgrupos do ateísmo. Dentre os quais, o **ateísmo positivo**, ativa descrença em Deus, e o **ateísmo negativo**, a ausência da crença em Deus. E entre esses se encontram os neo ateus, que se caracterizam pela militância. Esse novo ateísmo é um **ateísmo evangélico**, isto é, um movimento político social, que postula que a religião não deve ser tolerada e sim confrontada e criticada. Denominados por promotores da religião como os ‘quatro cavaleiros do apocalipse’ – San Harris, Daniel Dennett, Richard Dawkins e George Hitchens – não se importam, por outro lado, de ser idolatrados como gurus, profetas e novo clero do ateísmo.

Para declarar que a última visão do mundo deve ser ateísta, baseada na evolução de Darwin, Dawkins teve que dar um ‘salto de fé’, do agnosticismo para o ateísmo, tanto quanto aqueles que deram um mesmo salto em direção contrária.”

O salto de Dawkins seria uma resposta à aposta de Pascal, com uma característica especial: um negócio milionário. Sua *Fundação Razão e Ciência* proporciona benefícios aos contribuintes, que variam conforme a contribuição financeira: US\$85,00; US\$210,00 por mês; US\$5.000,00 por ano, ou doações especiais de US\$500.000.

Observa o ateu Noan Chomsky, “pai da linguística moderna”, Professor Emérito no Instituto de Tecnologia de Massachusetts:

“Embora os neoateus se proclamem iluminados e livres pensadores, eles se apresentam com a mente estreita e fanáticos, desinformados, cujo único propósito é antagonizar as pessoas religiosas.” (VALLE, 2018, p. 61)

A aposta de Pascal – Deus existe; Deus não existe – como ele mesmo deixou claro, é uma decisão e/ou postura intelectual-emocional de cada um.

Dois cientistas na mesma área de conhecimento, a biologia, apostam em sentido contrário:

- Richard Dawkins – brilhante professor de Oxford, treinado nos rigorosos métodos das ciências biológicas, disse não à existência de Deus e tornou-se “missionário do ateísmo”;
- Francis Collins, diretor do Projeto Genoma Humano, convertido, divulgou sua opção através do livro *A linguagem de Deus: um cientista apresenta evidências de que Ele existe*.

Como se pode ver, duas opções conscientes, razoáveis – objetivas ou subjetivas – antagônicas. Não há saída, como disse Pascal: *você está no jogo, tem que jogar*.

Supondo que Ele existe, Ele deve sorrir para os dilemas de suas criaturas.

Comte-Sponville, cientista, ateu, comenta:

“não devemos esperar que o conhecimento científico, por mais espetaculares que sejam suas vitórias, sobretudo nos três últimos séculos, prove o que quer que seja contra a existência de Deus”. (JULIATTO, 2012, p. 161)

Conclusão:

Como pensava Pascal:

“se Deus se acha fora da natureza e se a Ciência se ocupa das questões da natureza, a Ciência não pode confirmar nem negar a sua existência”. (JULIATTO, 2012, p. 163)

Ou, como disse nosso brilhante economista José Carlos de Assis:

“As tentativas de provar que Deus não existe esbarraram num paradoxo semântico. Existe uma coisa chamada Deus que não existe. Então, para o ateu, Deus existe e não existe... não se pode afirmar que não existe algo, cuja não existência não se pode provar.” (ASSIS, 2012, p. 27)

A posição dos agnósticos inspira muito respeito por parte daqueles que creem. Um dos cientistas brasileiros que mais inspira este sentimento, pela sua espiritualidade e abertura ao diálogo, é Marcelo Gleiser.

“Minimizar a importância da fé na vida das pessoas é um erro grave. De cada dez americanos – pesquisa com amostra de 35 mil pessoas –, sete, em média, tem certeza absoluta de que Deus existe”. (GLEISER, 2010, p. 39)

Declarações como a de Jules Renard só podem inspirar respeito:

“Eu receio não conseguir encontrá-lo, mesmo assim, eu continuarei a buscá-lo. Se ele existe, ele vai apreciar meu esforço.” (JULIATTO, 2012, p. 153)

A “aposta de Pascal” é, além de tudo, um apelo ao diálogo, à busca. Neste sentido, foi criado em Paris, na sede da UNESCO, em 2011, por iniciativa do Vaticano, um espaço denominado *Átrio dos Gentios*, destinado ao diálogo entre crentes e não crentes.

CAPÍTULO 6

DEUS: CRIADOR

*“Tu amas tudo que criastes,
não te aborreces com nada que fizestes;
se alguma coisa tivesses odiado, não a terias feito.
E como poderia subsistir alguma coisa,
Se não a tivesses querido?
Como conservaria sua existência, se não a tivesses chamado?
Mas a todos poupas, porque são teus:
Senhor amigo da vida!”*

(Livro da Sabedoria, escrito por volta de 100 a.C.
- o mais recente dos livros do Antigo Testamento)

“A Ciência é, para mim, uma atividade profundamente espiritual, que me aproxima da Natureza e, como consequência, de minha essência. Não vejo qualquer necessidade de suscitar a existência de entidades sobrenaturais para tapar buracos de nosso conhecimento.”

Marcelo Gleiser – Cartas a um jovem cientista

*“O universo é como uma frase de Deus,
cujo final ainda desconhecemos.”*

(João Paulo II)

*“O grande botânico norte-americano Asa Gray
insiste no fato de que Deus deve ser concebido como atemporal;
e ele diz que todo teista filosófico deve adotar
a ideia de que a intervenção do criador é feita
ou desde todo tempo, ou através de todo tempo.”*

(ÖSLE, 2020, p. 42)

“... a Bíblia não tem pretensões de ser um manual eterno da Ciência, e sim da consciência. Sua grande revelação não é como funciona o universo e a realidade, mas como se dá a interação entre criatura e Criador.”

(Rabino Nilton Bonder)

“Dai-nos hoje a fé de cada dia, mas livrai-nos das crenças.”

Aldoux Huyley (1894-1963)

“Deus é aquele que ressuscitou Jesus dentre os mortos e chamou as coisas que não são para que sejam.”

(Rm, 4:17)

A Ciência nos deu a conhecer a idade do universo, 13,73 bilhões de anos, com uma margem de erro menor de 1%.

O *Big Bang* – singularidade inicial – cria o espaço e o tempo, desbancando nossa ideia de que o universo foi criado num determinado momento do tempo.

“Tudo começou com uma gigantesca explosão cósmica. Expandiu-se e tornou-se mais frio. Mas depois de um centésimo de segundo tinha ainda uma temperatura de 100 bilhões de graus Celsius e uma densidade de 4 bilhões de vezes mais que a água. E ao mesmo tempo continuava ainda a se expandir uniformemente em todas as direções.” (KÜNG, 2011, p. 26)

Em 1964, dois engenheiros americanos descobriram, casualmente, a radiação cósmica de micro-ondas, ou de fundo... que não é outra coisa senão o que restou daquela radiação, originalmente muito quente, associada à explosão inicial.

“A mecânica quântica elabora o princípio de incerteza (Heisenberg) e introduz elemento de flexibilidade. A realidade objetiva surge como acima de nossa capacidade de escrevê-la. Toda apresentação objetiva se reconhece afetada pela posição interpretativa do sujeito, por sua forma narrativa.” (LENOIR, 2013, p. 162)

Como observa o teólogo Hans Küng:

“Quanta ‘fé’ não é depositada pela razão humana no modelo cosmológico. Bilhões de galáxias surgindo de uma minúscula unidade, após a explosão inicial, não seria uma espécie de ‘fé’ científica no milagre?”

“... inacreditável, nada na teologia, ou na metafísica, se aproxima do Big Bang. Se sua descrição da origem do cosmo fosse proveniente da Bíblia, ou do Alcorão, em vez de proveniente do Massachusetts Institute of Technology, certamente haveria de ser tratado como um mito fabuloso.” (KÜNG, 2011, p. 70)

Uma dose de ironia faz bem, mas não pode escamotear o problema colocado: ***existe um Deus criador do Universo?***

Nossos conhecimentos sobre o Universo mudaram radicalmente no século XX.

“A grande novidade de nosso tempo é a história evolucionária na qual nos damos conta de que nós, seres humanos, estamos todos mergulhados num universo vivo, em desenvolvimento... usar uma linguagem teológica que enfatiza a nossa separação, em relação ao universo, é sobrecarregar a nossa intenção com uma carga desnecessária.” (SWIMME, 2004, p. 125)

Não podemos, portanto, falar sobre a relação entre Deus e o mundo, sem rever nossos conceitos sobre Deus. Não que tenhamos aprendido muito sobre Ele, mas aprendemos muito, no mesmo período, sobre o que Ele não é. Nossos conceitos sobre Deus estão sempre mudando. Como disse Agostinho de Hipona (354-430):

“Se compreendes, não é Ele”.

Neste sentido, a reflexão sistemática sobre Deus e nossa condição humana - a teologia - mudou muito. Como todo o conhecimento humano, a teologia, como tentativa de contribuir para conhecer o homem e Deus, e a relação mútua, é sempre histórica e reflete um ponto de vista. Trata-se, não podemos esquecer, de algo que sempre estará, como lembra Agostinho, além de nosso conhecimento.

Há que estar atento, igualmente, ao momento histórico atual, que não é nada simples; *“com a globalização mediática proporcionando uma invasão religiosa jamais conhecida na história”*, como lembra João Batista Libânio.

Há muito debate, antagonismo e perplexidade sobre os caminhos a trilhar.

Segundo Alfonso Rubio, doutor em Teologia, três grandes descobertas da modernidade têm modificado radicalmente a visão tradicional do ser humano:

- a constatação de que a Terra não é o centro do universo;

- a descoberta do caráter evolutivo da vida (Acrescentamos, também, a expansão acelerada do universo). O trono em que o ser humano se coloca, auto proclamando-se rei da criação, é minado pelo evolucionismo;
- o golpe decisivo da psicanálise contra a auto- suficiência humana... ao nos mostrar que somos comandados, ao menos em boa parte, por forças e instinto, que não controlamos e dos quais nem mesmo temos consciência. (RUBIO, 2008, p. 63)

Acrescentamos a estas, outra descoberta:

- os condicionamentos sociais, principalmente os de classe e raça (preconceitos estruturais), que conformam nossa ideologia, tornando a ideologia dominante, em muitos países, a maior barreira à justiça social e ao olhar compassivo e misericordioso sobre o próximo, e, portanto, à adesão real à mensagem de Jesus de Nazaré.

CAPÍTULO 7

NÃO AO DEUS “TAPA-BURACO”

*“No princípio Deus criou o céu e a terra...
Deus disse: ‘Que exista a luz!’. E a luz começou a existir.
Deus viu que a luz era boa.
‘Que exista o firmamento!’. E Deus chamou o firmamento de céu...”*

(Gênesis, 1;1-8 – “código sacerdotal”,
por volta de 500 a.C.)

*“Uma potência indefinível existia desde a eternidade.
Ela já era antes do nascimento do céu e da Terra.
Perfeição indeterminada, energia eterna, movimento sem fim,
movimento imutável, força única, onipresente e imperecível.
Sem nome, mas pressentida por todos, mãe e princípio criador
do universo, ninguém conhece seu nome verdadeiro,
mas a chamamos Tao.”*

(Tao Te Ching, poema 25 – escrito entre 350 e 250 a. C.)

*“A História constitui a categoria-chave do pensamento bíblico e
é, sem dúvida, uma de suas mais revolucionárias contribuições.
O povo hebraico experimentou e pensa a existência como História.”*

(Tamayo, 2009, p.170)

A visão judeu-cristã do mundo, ‘no processo de origem do primeiro livro de Moisés, o Gênesis, estendeu-se por quinhentos anos. O primeiro relato da criação (Gn.1;2—4) recebeu a denominação de “código sacerdotal” e foi escrito depois do exílio da Babilônia, em torno de 500 a.C. Um mito muito diferente do mito babilônico. As características deste primeiro relato bíblico da criação, são, surpreendentemente, únicas: a transcendência de Deus, a dignidade do homem, a ordem e unidade da criação. A estrutura da criação poeticamente organizada, em “seis dias”. O segundo relato da criação (Gn 3; 4-25), é anterior em alguns séculos ao primeiro,

foi escrito, ou redigido, já por volta de 900 a. C. A narrativa aqui concentra-se sobre a criação do primeiro casal humano – com seu espírito e corpo “imagem de Deus”. (KÜNG, 2011, p. 63)

Como observa Miranda: “Alguns séculos mais tarde Platão abordou longamente o tema da criação do universo, e Aristóteles, em seguida, descobriu o paradoxo do primeiro motor que necessariamente é imóvel. Essa solução aparentemente simples para um problema complicado tem um inconveniente: ela transfere para Deus o peso da contradição motor- imóvel, como faz o Livro da Sabedoria (7,24): “Mais que todo movimento, a Sabedoria (imutável) é móvel. Como o centro do eixo da roda, que parece imóvel enquanto ela gira.”

“Para a tradição judaica, não somente Deus é o autor da criação como também é revelado por ela. Esse tema é recorrente em todo o Tanak, tanto no livro dos profetas como no Livro dos Salmos, da Sabedoria, em Jó, etc.” (SOTER, 2009, p.159)

A Bíblia, como palavra de Deus, através da leitura literal, apoiava toda a doutrina cristã da fé, a qual, por sua vez, servia de suporte à cosmovisão cristã inteira. *“O evolucionismo de Darwin constituiu um golpe de misericórdia à confiabilidade do relato bíblico sobre a criação do mundo. Tratava-se, principalmente para a liderança eclesial, de uma questão de sobrevivência. Se a Bíblia despencasse, com ela despencaria o poder da igreja e sua seguridade financeira”.* (LENAERS, 2014, p. 139)

Para compreender melhor, isto é, de acordo com a mentalidade científica, hegemônica – a relação “homem-Deus-homem” – Roger Lenaers propõe os conceitos de **heteronomia** e **autonomia**. Segundo ele, a imagem pré-moderna do mundo está fundamentada na ideia de heteronomia, para a qual nosso mundo depende do outro. Trata-se de um axioma; é real, mas não há como provar. É este outro mundo que nos orienta e produz prescrições para o nosso.

“O Antigo e o Novo Testamento, toda herança dos Pais da Igreja, toda a escolástica, os concílios, incluindo o Vaticano II, toda a liturgia, os dogmas e sua elaboração teológica partem do axioma dos dois mundos paralelos. O próprio Jesus e os “apóstolos e profetas”, sobre os quais está fundado o credo cristão, pensaram de forma heterônoma.” (LENAERS, 2014, p. 139)

Esta visão do mundo, pré-científica, em muitos aspectos mitológica/simbólica, vem desmoronando com o avanço dos vários ramos da Ciência.

No pensamento científico não foi deixado nenhum espaço livre a ser ocupado pela heteronomia. A batuta que dirige a dança cósmica não é supraterrânea: o universo obedece à sua própria (em grego *autós*) melodia, às suas próprias leis (em grego *nomos*), é **autônomo**. Um novo axioma, oposto ao da heteronomia, fazia a sua entrada e desalojava pouco a pouco, o

antigo. Heteronomia versus autonomia: duas visões que se opõem. O universo é autônomo. O “Deus do céu” não intervém no mundo, na terra, na trajetória humana.

“A mensagem cristã não é inerente à heteronomia; ela constituiu apenas um esquema mental, um modo de ver, útil em certo período histórico. Não é fácil assimilar as consequências de que o ser humano, como ápice da evolução cósmica, é autônomo, ou seja, tem direitos absolutos e intocáveis: direito absoluto a ser respeitado, à liberdade de consciência e de religião, à livre expressão, a participar da tomada de decisões, que lhe dizem respeito. Em outras palavras, democracia.” (LENAERS, 2010, p. 22)

Para se ter uma ideia do desafio que temos pela frente, vejamos o posicionamento de Miguel Nicolelis, professor catedrático de Neurobiologia, Neurologia, Neurocirurgia, Engenharia Biomédica e Psicologia Experimental:

“Na minha visão, sem uma forma de vida inteligente desempenhando o papel de um observador ávido e de intérprete criativo, nada lá fora pode cruzar o limiar crucial necessário para ser considerado informação. Assim, da mesma forma que o renomado físico americano John Archibal Wheeler⁷, subscrevo a teoria de que o universo só pode ser definido ou descrito pelo acúmulo das observações geradas por todas as formas de vida inteligente capaz de uma descrição coerente do Cosmo.” (NICOLELIS, 2020, p. 215)

O “verdadeiro criador de tudo “(VCT), na expressão de Nicolelis, deixa algum lugar para Deus?

Werner Heisenberg, que ganhou o prêmio Nobel de Física de 1932, pela criação da mecânica quântica, se posiciona sobre a causa da existência do universo:

“Se do fato indubitável da existência do mundo alguém quiser concluir para a causa dessa existência, em nenhum ponto esta suposição contradiz ao nosso conhecimento científico. Nenhum cientista dispõe de um único fato nem de um único argumento que contrarie esta suposição. Mesmo tratando-se aqui, claramente, de uma causa que - como poderia ser diferente? - deve ser buscada fora deste nosso mundo tridimensional.” (KÜNG, 2011, p.163)

Alguns outros posicionamentos frente à questão da criação:

- *“creio que Deus existe e que dele tudo precede. A ordem e a harmonia das partículas atômicas têm de haver sido impostas por alguém”* (Werner Heisenberg);
- *“as descobertas científicas são pequenas janelas por onde se pode contemplar o Criador”* (Werner von Braun);

⁷ Confira Capítulo 4: “It from bit”

- “o homem encontra a Deus atrás de cada porta que a Ciência conseguir abrir.” (Albert Einstein);
- “para as pessoas crentes, Deus está no princípio; para os cientistas está no final de suas reflexões.” (Max Planck);
- “Deus entra por uma porta particular em cada indivíduo. Esta porta se abre só por dentro e a chave está com cada um. Ele não força ninguém a aceitá-lo. Simplesmente faz um convite. E esse convite é extensivo a todos.” (Emerson) (JULIATTO, 2012, p. 150)

Brian Swimme, doutor em cosmologia matemática, escreveu:

“Eu uso a expressão ‘abismo onicriador’ como um meio de apontar para esse mistério na base do ser. O universo surge do abismo onicriador, não apenas há quinze bilhões de anos, mas em todo os momentos... a raiz de qualquer ser não é a matéria de que são compostos, mas a matéria junto com o poder que dá surgimento à matéria... aquele que gerou o universo está gerando também neste momento”. (SWIMME, 2004, p. 126)

“... o problema de Deus está já colocado na constitutiva relação da existência humana, que a dimensão prévia a toda demonstração racional da existência de Deus.” (ZUBIRI, 2020, p. 91)

“Dios está patente em el ser mismo del hombre, como fundamentante. El hombre consiste em estar viviendo de Dios, y, portanto, siendo em El.” (ZUBIRI, 1978, p. 377)

Aceitar autonomia do universo e do ser humano não é fácil; mais difícil ainda é tirar as consequências em termos de nossas crenças e devoções. Ainda estamos longe da necessária revisão teórica e prática. Estamos diante de algo como uma “*mutação cultural*”, que toma tempo e muito esforço para ser assimilada.

Haja vista o fato constatado em pesquisa nos Estados Unidos que lá a metade da população continua a defender a credibilidade histórica das narrativas bíblicas sobre a criação, rejeitando, por essa razão, a Teoria da Evolução. (LENARS, 2014, p. 140)

A noção de “*criação do nada*” destaca a transcendência divina em relação a tudo o que é criado e traz luz para a questão da relação entre natureza e criação. Como disse o filósofo/teólogo Raimon Panikkar, “o nada do qual Deus cria tudo é Deus”. Criação por Deus e evolucionismo não se opõem, como grupos fundamentalistas defendem.

“A criação a partir do nada, na Bíblia, foi desenvolvida muito mais tarde, nas comunidades judaicas que sofreram influência helenista. Aparece a primeira vez no Segundo

Livro dos Macabeus, escrito originariamente em grego, por volta de 175-135 a.C.” (KÜNG, 2011, p. 163)

Desde 1929, nos Estados Unidos, o “**criacionismo**” - termo usado como sinônimo de doutrina cristã da criação - está muito associado aos cristãos fundamentalistas, que continuam a defender a leitura literal da Bíblia.

A chamada “**ciência do criacionismo**”, (em contraste com a atitude religiosa perfeitamente razoável que percebe o mundo como uma criação de Deus), é um dos erros mais absurdos na história da religião.

Mais sofisticado é o “**projeto inteligente**” que meramente tece uma rede de possibilidades sem se dar ao trabalho de mencionar as metas sectárias óbvias de sua missão. Porque supor que a única alternativa para Darwin é o Gênesis? (SALOMON, 2003, p. 48)

Este é uma versão moderna do tradicional argumento teleológico para a existência de Deus elaborado por um grupo de “**criacionistas**”.

Fred Heeren, em seu livro *Mostre-me Deus*, propõe “*três linhas amplas de evidência científica de um real evento de criação: as leis da termodinâmica, a teoria da Relatividade Geral de Einstein e as observações da Astronomia*”. (HEEREN, 2008, p. 173)

Apesar da contribuição do autor para a divulgação da cosmologia, sua proposição não agrega valor nem à Ciência e nem à Teologia.

Lenaers relata uma variante mais sofisticada, que é o “*esboço inteligente*”:

“Essa ideia contém a tese de que o processo evolutivo inteiro pode muito bem obedecer a leis próprias e seguir seu curso de modo autônomo, isto é, sem intromissões de fora, mas que o resultado final seria complexo demais e, ao mesmo tempo, bem ordenado demais para ser explicado tão somente por meio do jogo aleatório e essencialmente caótico de mutações não dirigidas. Subjacente à evolução deve estar um plano que lhe foi dado no momento do (hipotético) big bang. Justamente por meio deste plano inerente a ela, uma Onipotência criadora estaria presente em cada passo do processo autônomo, certamente sem intervir de fora para dentro, mas antes pelo fato de ter predeterminado, no plano original, a direção e os caminhos. Destarte estaria garantida tanto a autonomia do cosmos quanto a realidade de um Deus-criador”.

A pesquisa científica apenas revela o encadeamento de causas e efeitos, não fornecendo argumentos pró ou contra a atividade de uma inteligência criativa.

De qualquer forma o mundo científico não vê com bons olhos esse tipo de teoria que “*de maneira inconsciente, continua partindo da imaginação de um Deus extra cósmico.*”

Se conseguirmos compreender a relação entre Deus e o cosmo de modo diferente, a contradição desaparecerá automaticamente, pondera Roger Lenaers sugerindo ver “*a criação como auto expressão do Espírito absolutamente transcendente*”. (LENAERS, 2014, p. 145)

“*A atividade criadora de Deus não haveria de estar numa singularidade bilhões de anos atrás, mas está para nós intensamente presente e, apesar de indisponível, está mais próximo de nós do que nós mesmos.*” (KÜNG, 2011, 171)

Thomas Berry, teólogo católico, chama a atenção para o aspecto “maternal” deste mundo que nos moldou para a existência consciente:

“*O mundo natural é a comunidade maior da qual fazemos parte. Alhear-se dessa comunidade é focar desprovido de tudo que nos faz humanos. Prejudicar nossa comunidade é diminuir nossa existência. Se esse sentido do caráter sagrado do mundo natural como nossa revelação primordial do divino é nossa primeira necessidade, nossa segunda necessidade é diminuir nossa ênfase na experiência de redenção em favor de uma ênfase maior no processo de criação [...]. Precisamos nos ver como integrantes desse processo emergente, como aquele ser em quem o universo se reflete e celebra a si mesmo. Quando começamos a experimentar nós mesmos dessa maneira, imediatamente percebemos como qualquer degradação do planeta é desfavorável a nosso bem estar psicologicamente e espiritualmente e também economicamente.*” (MORWOOD, 2013, p. 45)

Isto é o que veremos em outros capítulos, sobretudo quando falarmos de fé.

Resumindo:

1. Se é impossível tanto uma prova indutiva quanto uma prova dedutiva de Deus, não é possível provar que há um criador.

John Hick, em seu livro *Uma interpretação da religião*, analisa cada um dos argumentos ontológico, cosmológico e do design, e conclui que nenhum deles permite inferir ou concluir sobre a existência de Deus Criador.

“*O fato de a natureza ser explicável em sua existência e diversidade, por si mesma, num determinado horizonte, ainda não elimina a existência de um criador que possa estar em sua origem, mesmo não sendo necessário.*” (CRUZ, 2011, p.20);

2. A questão se coloca no plano da razão prática:

“*... pode-se interpretar sem hesitação o cosmo como criação. ‘Criar’, nesse caso, não equivalerá mais ao produzir algo do nada... Significará expressar-se materialmente, fazendo com que a criação apareça como a paulatina autonomia, automanifestação de um Deus, que é transcendente*”;

3. É possível aceitar a autonomia do universo, construir uma relação razoável, aceitável pelo mundo científico de Deus e do mundo. Esta seria a função de uma nova teologia.

“Se a fé fosse sujeita à prova científica, não seria fé. Se a Ciência se apoiasse na fé, não seria Ciência.” (Eduardo Cruz);

4. Já existe uma teologia cristã em elaboração que concilia as experiências crentes da Sagrada Escritura à linguagem da modernidade e da autonomia.

“Deus (teós) como a mais profunda essência de todas as coisas é, por isso também, como a lei (nomos) interna do universo e da humanidade.” (LENARS, 2014, p. 271)

Nesta “teonomia”, *“Deus é o núcleo criador mais profundo de todo o processo cósmico. Ele não fica nunca fora, e sim no centro, e sempre”*.

No pensamento teonômico há um só mundo, o nosso. Porém este mundo é santo, pois é auto revelação daquele santo mistério, que significamos com a palavra “Deus”.

Para a teologia do processo: *“Deus e o universo são coeternos. Deus sempre existiu e sempre existirá. O Big Bang é somente um episódio na história infinita do tempo”*. (MESLE, 2013, p. 81)

5. O maior desafio está precisamente no fundamentalismo e na forte tendência ao relativismo. (FERREIRA, 2017, p. 37)

“Há, inegavelmente, uma forte resistência dos fundamentalistas cristãos à modernidade e suas conquistas no campo das ciências.”

Exemplo claro desta resistência é a Declaração de Princípios da Associação Nacional de Juristas Evangélicos, entidade fundada em 2012, em cerimônia oficial no Congresso Nacional, em Brasília:

“Reconhecemos que a Bíblia é a Palavra de Deus divinamente inspirada, inerrante, infalível, verdadeira, sendo ela nossa única regra de fé e conduta”.

Hans Küng, professor emérito de Teologia Ecumênica e presidente da Fundação Ethos Mundial, pondera:

“Crer no criador do mundo não significa, portanto, crer em um mito qualquer... não significa decidir-se por este, ou por aquele modelo do mundo, elaborado por grandes sábios. E isto porque trata-se aqui do pressuposto de todos os modelos do mundo, e do próprio mundo em si. Mesmo um mundo eterno, como admitido por Aristóteles, poderia conciliar-se com a fé em Deus, como achava o próprio Tomás de Aquino.

Acreditar no Deus criador, leva-me a perceber minha responsabilidade por meus semelhantes e pelo mundo ambiente e a considerar com mais seriedade, com maior realismo e maior esperança, as tarefas que me foram confiadas.” (KÜNG, 2011, p. 174)

“Seja ou não nosso universo um dos muitos, em todo caso é igualmente maravilhoso que constatem sua existência e incluindo nós mesmos como parte dele. Pois, em qualquer suposição, a probabilidade contra nossa própria existência presente é verdadeiramente prodigiosa. Tomemos apenas um elo bastante à mão na vasta cadeia de improbabilidades; a fim de que eu exista agora, meus pais tiveram que se encontrar e me conceber. Que estes dois indivíduos em questão, dentre todos os seus contemporâneos no mesmo meio social, tivessem se casado é altamente improvável em termos estatísticos. Porém, quando eles me conceberam, aquela improbabilidade foi, então, multiplicada por muitos milhões de vezes. Isso porque a contribuição masculina para a concepção consiste em algo entre trezentos e seiscentos milhões de espermatozoides – digamos em média quatro milhões –, cada um dos quais é único no código genético que carrega.

Dizer que eu tenho sorte de estar vivo é uma monumental subestimação!

A consciência de nosso lugar improvável e inseguro, no esquema das coisas pode, entretanto, induzir a uma vertigem intelectual em espiral. Ela também pode suscitar um senso de gratidão e responsabilidade em vista do fato extraordinário de nossa existência”. (HICK, 2018, p. 123)

Há um pouco mais de 1900 anos, João escreveu sua versão da Boa Nova (Evangelho) de Jesus de Nazaré: **“E a Palavra se fez carne e habitou entre nós “**. Ou seja, o Criador se fez parte da criação - toda ela em expansão, inacabada - e da humanidade consciente e livre, em construção. Se a terra é viva, é Gaia – na expressão cunhada pelo cientista James Lovelock na década de 1970 –, então também é carne. Comemos e bebemos terra diariamente, de onde tiramos nossos nutrientes.” *Ela é verdadeiramente a matriz através da qual nossa vida é possível e todas as encarnações de Deus são possíveis”.*

Matthew Fox, em seu instigante livro *“Pecados do espírito, bênçãos da carne”*, comenta o **“habitou entre nós”**:

*“Sabemos muito mais sobre a **carne** hoje e sabemos muito mais sobre o que significa **nós**. **Nós** significa todas as criaturas do Universo - pois somos todos interligados pela gravidade, pela energia eletromagnética, pela luz, pela energia. **Nós** significa centenas de bilhões de galáxias, cada uma com centenas de bilhões de estrelas. **Nós** significa 15 bilhões de anos de geração de vida e de vir-a-ser e de tempo de chegada. E carne é aquilo que une todos*

os seres visíveis... O Universo, e nós nele, é permeado com o espírito e a presença de Deus, a Fonte de tudo.” (FOX, 2004, p.54)

“A atividade criativa de Deus se estende infinitamente para o passado e continuará em direção ao futuro infinito. Nós e nosso mundo estamos aqui nesse infinito só por um momento. O amor e os planos de Deus não começam e terminam conosco.” (MESLE, 2013, p.100)

**Deus não criou o céu e a terra; Deus está criando, e nós com Ele.
O que estamos fazendo com a parte que nos toca no processo de criação?**

CAPÍTULO 8

DEUS: TODO PODEROSO

“As propriedades básicas de Deus, que, por si só, garantem veneração por Ele, são sua racionalidade e moralidade – de fato, ele é o padrão de todas as nossas e reivindicações à moralidade e à razão. Ele não está fora de nós, mas deve ser encontrado em nosso âmago”.

(HÖSLE, 2022, p. 9 e 13)

“Deus só pode ser descrito através de uma linguagem metafórica... o que é reconhecer nosso jeito de descrever Deus é, simultaneamente, verdadeiro e não verdadeiro. Qualquer metáfora que se torna absoluta é idolatria. A linguagem religiosa que se alimenta de absolutos não consegue entender a complexidade da existência humana, nem a beleza e a graça de viver”.

(Wanda Deifelt – doutora em Teologia)

“... a Trindade é a verdade arquetípica da criação toda, e o é com maior força da Humanidade inteira: Procriatividade, Filiação, Comunicação não deixam de ser categorias analógicas, nas quais pretende dizer-se a Realidade: Origem-Meta (Pai-Mãe), História-Criação (Filho-Irmão), transcendência-amor (Espírito Santo), na qual tudo está firme e amorosamente mantido”.

(Trinidad León, in TAMAYO, 2009, p. 568)

“A realidade divina não habita em um mundo paralelo. Ela se deixa encontrar em tudo que existe, já que tudo é uma revelação de seu ser. Tal visão implica a naturalidade de um convívio reverente respeitoso com a natureza e, principalmente, com o ser humano”.

(Roger Lenaers - teólogo e filólogo)

“A divindade é precisamente um Mistério porque é pura Liberdade, e a liberdade não se deixa com-prender sob nenhum aspecto. Uma liberdade presa, sem que seja pela com-preensão, não é livre.”

(Raimon Panikkar - doutor em Filosofia, Ciências e Teologia)

“O Deus criador e redentor respeita a autonomia do mundo e da História e tenciona mudá-la a partir de dentro, potencializando o ser humano e convocando-o a construir o seu reino”.

(Ruan A. Estrada, in TAMAYO, 2009, p. 518)

“Só quem aposta no inefável como uma potência, fala com coerência diante da ideia de Deus”.

(Márcia Tiburi – filósofa)

Este, talvez, seja o tema de maior ruptura entre o conceito de Deus de um cientista, ou de um intelectual, em geral, e dos cristãos mais tradicionais. Por quê? A razão principal parece ser a *linguagem* dos dois grupos sociais em questão. Como dissemos no Capítulo 1, citando Halik:

“Nossa linguagem é a estrutura mais importante e mais intrínseca do mundo humano; é um prisma através do qual vemos o mundo. A linguagem do passado é mítica, mitológica, não deixando também de ser poética. Nos últimos séculos nossa linguagem vem se tornando predominantemente científica. O homem moderno, sem perder a poesia, quer sempre mais explicações racionais claras, comprovadamente empíricas”. (HALIK, 2012, p. 11)

Dois episódios para introduzir nosso tema “Deus Todo Poderoso” e outros atributos:

Primeiro episódio:

Certo dia, apareceu escrito na parede de uma estação de metrô: **Deus é a resposta.**

Segundo Mancuso isso teria acontecido em Nova York (MANCUSO, 2014, p. 24); segundo Halik (HALIK, 2012, p. 3), o fato se deu em Praga.

No dia seguinte, alguém havia escrito embaixo: **Mas qual era a pergunta?**

O comentário de Mancuso gira em torno da inesperada *“grande volta da religião no discurso público e no espaço político, depois de parecer confinada à uma dimensão privada”*, na expressão de Ezio Mauro, diretor de *La República*.

Halik e Mancuso, céticos em relação à exibição pública de tal fé, se perguntam: qual Deus voltou?

Mancuso está convencido: *“o Deus da tradição não pode mais voltar”*. O Deus que guiava os exércitos, dos Te Deum pelas vitórias militares, Deus da Providência que escolhia os reis e imperadores, o Deus dominador da natureza, que governa as pequenas coisas do dia a dia. E conclui: *“quão difícil é responder à questão de qual é a pergunta, cuja resposta seria Deus”*. (MANCUSO, 2014, p. 26)

Halik endossa a observação do filósofo Eric Voegelin: *“o maior problema para os cristãos de hoje não é o fato de não terem as respostas certas, mas de se terem esquecido de qual era a pergunta, para a qual eles próprios eram respostas”*.

Halik resiste em *“acreditar que alguém pudesse falar de Deus com uma certeza tão vulgar e anunciar o Evangelho como se de uma marca de automóvel digna de confiança”*. (HALIK, 2012, p. 41)

Segundo episódio:

Há uma cena, no seriado *The Last Kingdom*, em que o capelão do palácio é chamado para abençoar as tropas do rei, que estão saindo para matar seus inimigos, os daneses.

O padre benze a tropa, que sai para matar, ou morrer e diz com entusiasmo: **Coragem! Deus está conosco!** Um soldado gaiato, sussurrando, pergunta: **quem está com eles?**

Atributos de Deus: é o item mais desafiador. De um lado, temos a afirmação de Santo Agostinho de Hipona, amplamente aceita: *“Se compreendes, não é Ele”*. Do outro lado, quantas crenças, atitudes e práticas fazem parte do “pacote” que herdamos.

O educador Michael Morwood enumera o que muitos julgam *atributos de Deus* e, didaticamente, pergunta: (MORWOOD, 2013, p. 22)

“No que você acha que estaria acreditando se acreditasse realmente em Deus?”

1. **Deus onipotente:** pode tudo? Poderia ter evitado o holocausto, o novo coronavírus, e não impediu? Por quê? E como é que fica?

“Deus, como Absoluto, não necessita de nada. Se Deus cria, não pode criar-se a si próprio: tem de criar um mundo finito... Mas, se o mundo é finito comporta necessariamente o mal... A criatura é, constitutivamente, ser carencial em busca de plenitude... Deus está do

lado da criatura... lutando nela e com ela contra tudo o que a oprime, a fere, a distorce... Deus está do lado da criatura e contra o mal, no indivíduo e na sociedade.” (QUEIRUGA, 1993, p. 137)

“Nos séculos XVI/XVII ficaram célebres as discussões em torno da graça e da liberdade. O enigma colocado era: como é possível harmonizar a presciência e onipotência de Deus com a liberdade do homem? Depois de litígios sem fim entre dominicanos e jesuítas e mais de 120 sessões em Roma, o Papa Paulo V proibiu, em 1611, que os dois partidos se condenassem mutuamente e prometeu uma Declaração, a ser publicada oportunamente, para solucionar a questão... a tal declaração ainda não saiu.. e nem precisa, já que há consenso entre os teólogos que se trata de um enigma sem solução, que se encontra no insondável mistério da ação do próprio Deus.” (KÜNG, 2011, p. 216)

2. **Deus criador:** criou, pôs para funcionar, com suas leis próprias, mas estas podem ser suspensas, ainda que raramente, por milagre? As narrativas bíblicas, por exemplo no contexto da libertação de Israel do Egito, são milagres ou metáforas? São violações, por parte de Deus, das leis naturais, que Ele criou?

Para Hans Küng:

“Milagres como violação das leis naturais não podem ser historicamente comprovadas na Bíblia... Para o crente a maioria dos milagres acontecem não no cosmo, mas sim no coração do homem, onde atua o Espírito de Deus, espírito de liberdade e amor”. (KÜNG, 2011, p. 209)

3. **Deus das lacunas:** Aquele que explica aquilo que a Ciência (ainda) não explica – Ele fica menor a cada avanço da Ciência.

“O mistério de Deus há de permanecer. Ele continua sendo o infinito, o imensurável, o imperscrutável, unindo em si os contrastes como eternidade e tempo, proximidade e distância, justiça e misericórdia, ira e graça. Ele está oculto no cosmos como no meu coração, decididamente mais do que uma pessoa, e não obstante sempre acessível à minha palavra. Assim como o homem não pode penetrar o Sol, tampouco pode ele penetrar no Espírito de Deus” (KÜNG, 2011, p. 176)

4. **O mensageiro cósmico:** Aquele que lida com os bilhões de chamadas, dia e noite, de filhos pedindo para alterar os cursos dos acontecimentos, para satisfazê-los. Nem Lhe poupam as contradições... O que fazer com dois filhos pedindo o contrário?
5. **Deus que exige louvor** Uma pessoa sensível, carente de reconhecimento...

“Quem ora pretende encontrar-se com Deus, não tanto compreendê-lo. Por isso a linguagem da oração é semelhante à dos namorados, onde as palavras encarnam relações e

sentimentos, sem nenhum outro conteúdo, como é habitual na linguagem cotidiana.”
(LENAERS, 2010, p. 92)

6. **Deus que exige sacrifícios:** Deus tem algum interesse, ou satisfação em nos ver sofrer?

Já não estaria na hora de encararmos o sofrimento e a morte como parte essencial da história mais ampla da criação, em contínua evolução, onde sofrimento e morte é parte essencial do processo? Até que ponto:

“Nossa interpretação do mal e do sofrimento subjaz ao “mito adâmico”. O tema do sacrifício deve ser dissociado radicalmente da ênfase que a visão ética dá ao sofrimento como punição.” (HAUGHT, 2009, p. 146);

Para Armin Kreiner, “Leis e mecanismos da evolução que produzem os seres humanos também causam os inúmeros males naturais, que enchem a vida – e não só a espécie humana – de sofrimento. Se o processo evolutivo fosse mecanicamente determinado, passo a passo, nunca poderiam surgir, desse processo, seres vivos, com uma autonomia crescente e, finalmente, o ser humano, com sua livre vontade.” (GRESHAKE, 2010, p. 54)

7. **Deus que está do nosso lado:** que nos faria matar por amor a Ele – (Aquele do segundo episódio). Tradicionalmente, tem sido um “deus tribal”, de meu país, de minha religião, que nos protege frente aos outros, que nos revelou a verdade, etc.:

“Pretender situar Deus a nosso lado, contra os outros, é simplesmente uma blasfêmia.”
(TILLICH, 1976, p. 144)

8. **Deus incerto da oração do soldado:** por favor Deus, se existe um Deus, salva minha alma, se existe alma; SOS: Save Our Souls - Salve nossas almas. Paul Tillich nos recorda o caráter paradoxal da toda oração:

“Falar com alguém com quem você não pode falar por que ele não é ‘alguém’; pedir a alguém de quem você não pode pedir nada porque ele dá ou não dá antes de você pedir; dizer “tu” a alguém que está mais próximo do Eu do que o próprio Eu; cada um destes paradoxos conduz a consciência religiosa para um Deus acima do Deus do teísmo.”
(TILLICH, 1976, p. 144)

9. **Deus do julgamento:** que governa pelo medo e distribui recompensas e castigos. Renold Blank, em *A face mais íntima de Deus*, pondera:

“Aquele Deus das Leis e regras, assustador, que exige a observância rigorosa de seus mandamentos e pune com dureza intransigente aqueles que não o seguem – um Deus que muitas pessoas da velha geração ainda interiorizam – hoje é rejeitado cada vez mais por

mulheres e homens. Ou, por outro lado, celebram com zelo dobrado a onipotência do seu Deus, atitude que, na realidade, revela-se como tentativa de disfarçar o seu próprio medo inconsciente ante este Deus esmagador.” (BLANK, 2011, p. 10)

Para aqueles que assim vêm Deus é oportuno o testemunho de Juan Antônio Pagola, autor do extraordinário livro *Jesus, uma aproximação histórica*:

Ao longo destes anos tenho me encontrado com pessoas que foram se afastando de Deus porque já não suportavam ouvir constantemente que Ele é Onipotente e Todo Poderoso. Sentiam-se mal diante desse Deus. Não podiam viver em paz com Ele. Preferiram, então, esquecê-lo.

Talvez, também a você isso esteja acontecendo. Não se atreve a dizê-lo de maneira precisa, mas, no fundo, sente Deus como um ser ‘pre-potente’, que nos mantém sob seu controle e ameaça. Deus não é onipotente...”. Deus é amor, e só pode o que o amor pode.” (PAGOLA, 2010, p. 114)

Conclui Morwood: *“Todas essas teologias de Deus facilitam muito as coisas para os ateístas “. Não apenas estes, os ateístas, se recusam aceitar tais atributos do Absoluto, do Vivente, do Transcendente, do Amor – como preferiu expressar Jesus de Nazaré –, como também teólogos não aceitam tal teísmo e se dizem pós-teístas, ou antiteístas.*

Escreve John Shelby Spong, bispo episcopal anglicano:

“A evidência de que Deus, compreendido teisticamente, está morrendo ou talvez já esteja morto, é surpreendente. Defino o Deus teísta como “um ser com poderes sobrenaturais, que habita fora deste mundo e o invade periodicamente para realizar a vontade divina. Existem dados racionais e emocionais que fundamentam essa pressuposição.”

“As pessoas que ainda ocupam os bancos de igrejas parecem tranquilamente alheias ao debate que acontece nas academias e continuam usando a linguagem do passado em seus hinos e liturgias. Isso se deve principalmente a uma predisposição para não pensar sobre o real significado dessas celebrações; e, quando se inicia o processo de reflexão esses conceitos se revelam sem sentido, ou sem credibilidade.” (SPONG, 2006, p. 43)

Marià Corbí, teólogo, doutor em Filosofia, *“que dedicou sua vida ao estudo das consequências ideológicas e religiosas das transformações geradas pela sociedade pós-industrial e de inovação”, constata:*

“A grande maioria dos jovens não quer saber nada de religião. Para eles a religião não é sequer um problema. As igrejas estão vazias o clero é antigo e perdeu seu prestígio cultural e até o prestígio religioso. Esse colapso é geral em todas as tradições religiosas

européias: não é só questão dos católicos, é também um fenômeno que afeta os protestantes e os judeus. O islamismo já começa a senti-lo.

“O colapso axiológico não afeta só as religiões e tudo que elas supõem, mas também as ideologias. O colapso do socialismo real dos países soviéticos é paradigmático. Tampouco a ideologia liberal teve um resultado melhor.” (CORBI, 2010, p. 15)

O livro citado de Marià Corbí se propõe a refletir sobre a espiritualidade, como dimensão sutil da existência...

“... na sociedade em gestação de inovação, e mudança contínuas, sem heteronomias, autônoma, sem crenças e global. As sociedades não tem que ser, forçosamente, globais e científico-técnicas de inovação, muito menos neoliberais, nas quais se exploram as pessoas e o meio.” (CORBI, 2010, p. 19)

Fundamental para entendermos a questão colocada neste capítulo são os conceitos de heteronomia e autonomia, apresentados no capítulo anterior.

Roger Lenaers apresenta *“um resumo bem simplificado das representações cristãs tradicionais:* (LENAERS, 2010, p. 22ss)

“Há dois mil anos Jesus de Nazaré, revestido com poder e sabedoria divinos, Deus em forma humana, desceu daquele mundo até nosso planeta, para voltar ao céu depois de sua morte e ressurreição. Antes de sua ascensão aos céus, instalou um vigário a quem fez partícipe de seu poder total. Este poder tem sido transmitido de vigário em vigário...” (LENAERS, 2010, p. 90)

“A este universo mental chamamos heterônomo, pois nosso mundo é completamente dependente daquele outro (em grego héteros), o qual produz prescrições (em grego nomos), ou seja, um postulado tão impossível de comprovar quanto de contradizer. A humanidade vem pensando de forma heterônoma durante milênios.” (LENAERS, 2010, p. 92ss)

Toda a minha geração foi educada filosófica, teológica e na catequese, nesta forma de pensar. Venho revendo meus conceitos, ao escrever esses textos. Até mesmo os cientistas da primeira geração continuaram a pensar de modo heterônomo. Porém, sem se dar conta disso, suas descobertas sobre as regularidades e as leis internas do universo excluíram de fato as intervenções vindas daquele outro mundo. No pensamento científico não foi deixado nenhum espaço livre a ser ocupado pela heteronomia.

O universo é autônomo: obedece às suas próprias (em grego *autós*) leis (em grego *nomos*). Um novo axioma, oposto ao da heteronomia, foi penetrando lentamente, e quase sempre de modo inconsciente, em toda a cultura ocidental começando pela elite intelectual.

O ser humano da modernidade, para quem não há outro mundo acima, ou afora deste, considera impensável que um poder exterior ao mundo intervenha nos processos cósmicos.

“Deus não existe além das estrelas num céu metafísico! Deus não é nenhum interlocutor fora do mundo, existente, objetivado, coisificado, no sentido espiritual, ou metafísico, num além, num mundo oculto. O universo é a autoexpressão limitada do ser inesgotável de Deus... Um universo em contínua gestação, culminando no processo humano... a profundidade espiritual de toda a realidade. Não existe caminho algum para Deus que não passe pelo universo.” (LENAERS, 2010, p. 93)

Haverá ainda lugar para Deus nesse pensamento?

Sim! Ele é o núcleo criador mais profundo de todo o processo cósmico. Deus não fica nunca de fora e sim no centro sempre.

“O agir de Deus nas criaturas e em cada ser humano é incessante, mas no interior delas. Deus age no interior das causas intramundanas, sempre transcendentalmente, fundamentando e potencializando essas causas, nada tirando da autonomia da criatura ou das leis da natureza”. (RUBIO, 2021, p. 127)

Essa conciliação, continua Lenaers, entre a autonomia do ser humano e a fé em Deus recebe o nome de **teonomia**.

“Quem pensa em termos teonômicos confessa a Deus (em grego theós) como a mais profunda essência de todas as coisas e, por isso também como a lei (em grego nomos) interna do universo e da humanidade.

No pensamento teonômico há um só mundo, o nosso. Porém, esse mundo é santo, pois é autorrevelação daquele santo mistério, que significamos com a palavra ‘Deus’.” (LENAERS, 2010, p. 28)

Não é fácil “**despedir-se do mundo de cima**” e de um modo de pensar, pré-científico, profundamente mitológico, como não poderia deixar de ser.

Mitos não são informações, e sim representações figuradas de uma realidade mais profunda e vagamente experimentada.

“Deus rico, homem pobre; Deus tudo, homem nada. Tal é a tremenda suspeita que, desde Feuerbach e Nietzsche, envenena as relações entre a modernidade e o cristianismo”, comenta o teólogo Andrés Queiruga.

Para o teólogo John Haught, *“há material no último século e meio de ciência para inflamar toda uma nova teologia, mas a brasa está longe de ser atijada”.* (HAUGHT, 2009, p. 55)

“Uma consideração atenta do agir de Deus sobre a realidade biofísica, enfim, parece essencial para uma teologia que queira falar dEle de modo sensato. É preciso compreender como imaginar o agir de Deus criador e providente naquela mesma realidade que é descrita pelas leis físicas”, propõe John Polkinghorne, físico de partículas e teólogo. (MORANDINI, 2011, p. 137)

Continua o jesuíta Lenaers, filósofo, teólogo, especialista em filologia clássica, que publicou, aos 80 anos, o livro que estamos citando:

“Para o crente da modernidade não há um Deus que intervém em nosso mundo, de lá do mundo dele, para revelar verdades, escutar orações, premiar os bons e castigar os maus, descer à terra em forma humana, viver no mundo dos humanos, suspender suas leis... Para ele, tudo isso é pensamento mítico superado, antiga mitologia cristã, muitas vezes poética e enternecedora, outras vezes irritante, e às vezes muito estranha.” (LENAERS, 2010, p. 44)

Para Queiruga, *“preocupado com nossas deformações históricas na piedade individual, na teologia oficial e no sequestro burguês do Evangelho”*:

“Não se trata de um problema de desmitolização, mas de um processo mais amplo profundo de mudança de paradigma cultural, que, afetando o conjunto da cultura, modifica profundamente a função da linguagem. Parece óbvio que isso leva consigo a necessidade de uma remodelação, de nova tradução do conjunto de conceitos e expressões em que culturalmente a fé é encarnada”. (COMBLIN, 2009, p. 136)

Para Corbí: *“Atribuir a crise das religiões à degradação da cultura é uma maneira digna de fugir do grave problema que foi lançado sobre nós... não há remédios, nem possível retrocesso. Não é uma calamidade... podemos chegar a uma espiritualidade criativa e herdeira da rica e diversa tradição espiritual de toda a humanidade.”* (2010, CORBI, p. 280)

Tão logo alguém precise evocar uma intervenção extra mundana para explicar algo, move-se ainda em uma cosmovisão pré-moderna.

Não se perde nada do conteúdo enriquecedor da fé em Deus e em Jesus, confessada pela Igreja Primitiva, quando produzida em uma nova linguagem.

“O símbolo da encarnação-corporeidade é justamente aquela realidade pessoal arquetípica que une, sem misturar, a criação ao criador, o divino ao humano. No Cristianismo, esta realidade recebe um nome concreto: Jesus de Nazaré.” (2009, TRINIDAD, León, in TAMAYO, p. 568)

O humanismo moderno é afinal um fruto tardio do humanismo cristão.

Elsa Tamez, doutora e professora de Estudos Bíblicos, em *“Apontamentos sobre Deus e gênero”*, constata:

“Lendo as teologias feministas da África, da Ásia, da América Latina, do Primeiro Mundo, verifica-se que há uma constante rejeição do conceito, ou da imagem de um Deus todo poderoso, onipresente, onisciente, eterno, perfeito, imutável. Essa é a forma clássica ocidental de perceber Deus a partir dos catecismos. As mulheres veem e sentem, nessa concepção, o fundamento do poder e controle do divino sobre humano, de alguns seres sobre outros, de homens sobre mulheres, da humanidade sobre a natureza, de ricos sobre os pobres, de brancos sobre negros e indígenas.” (SUSIN, 2006, p. 279)

Como aprendemos de Deus não propriamente o que Ele é, mas o que Ele não é, aprendemos muito e temos muito a aprender ainda, sobre o que não significa e o que Lhe temos atribuído com a expressão “onipotente”.

A Ciência, a modernidade, nos ensinaram muito sobre **o que Deus não é e não pode fazer**: Deus respeita o que fez/faz, da forma como está fazendo e não manipula coisas e pessoas.

Comenta José Comblin:

“O Deus dos profetas e de Jesus está além de qualquer palavra. Está além de qualquer atributo ou qualidade. Jesus diz o que o Pai quer. Ensina uma prática, mas não ensina uma doutrina sobre Deus. A mensagem está nas suas ações e suas palavras ilustram as suas ações. Ensinou um caminho, uma maneira de viver” (SOTER, 2009, p. 136)

Se compreendemos que Deus está em todas as coisas e só opera dentro e através de um ambiente livre, temos que aceitar o que vemos como desordem, conflito, catástrofe, mal. Como Deus permite o mal?

Como disse Richard Dawkins: *“A natureza não é cruel, mas somente barbaramente indiferente ao sofrimento”*. Uma observação científica, mas pouco satisfatória.

Poderia, quem sabe não ter permitido o mal, fazendo o mundo diferente, acabado, sem acaso e sem liberdade...

Para a professora de Física e teóloga Simone Morandini, *“nosso Cosmo e nossa história de homens deveriam ser pensados como sinais expressivos finitos, de um Deus que limita a própria onipotência para abrir espaço à liberdade das criaturas, confiante nas potencialidades delas... que escolhe limitar a própria fala às palavras delas, limitar a própria expressão aos significados que elas – mediante as leis e as dinâmicas do próprio cosmo - podem, exprimir.”* (MORANDINI, 2011, p. 143)

Para o geneticista Charles Birch, *“A razão pela qual a providência não elimina o acaso é porque um mundo sem acaso é um mundo sem liberdade. Toda entidade natural, todo átomo precisa ter um aspecto de autodeterminação ou espontaneidade a interseção até de dois, sem falar*

em miríades de atos de autodeterminação é precisamente acaso. De fato, Deus controlar completamente o mundo seria o mesmo que aniquilá-lo.” (MORWOOD, 2013, p. 45)

Para o físico das partículas e teólogo John Polkinghorne, *“A relação de Deus com o mundo deve ser imaginada como continuativa, não intermitente; não pode ser nada de caprichoso, mas deve ser caracterizada por absoluta coerência.*” (MORANDINI, 2011, p. 143)

“Conscientes da prodigiosa improbabilidade teórica de nossa existência, podemos nos sentir privilegiados por estar vivos, mas sem interpretar essa boa fortuna de modo religiosos. Entretanto, o mistério da existência e natureza do universo só pode evocar em uma mente reflexiva um senso de assombro e mesmo de reverência, que se não for tomado em termos de fé religiosa, encontrará expressão mais naturalmente na poesia mística. Desse modo, o cientista soviético I.D. Novikov, do Instituto de Pesquisa Espacial de Moscou, colocou no começo de seu texto de referência, Evolution of the Universe (1984), este poema de B. Komberg (traduzido por M.M. Basko) (HICK, 2018, p. 125):

*O universo foi também uma vez jovem
E seu coração estava na flama da criação
Como uma mulher que perdeu controle de si,
Ela se entregou à violenta força da expansão.
Em sua ardente dança de Espaço e Tempo
As leis do Desconhecido obedecendo como cega
Ela deu à luz em doloroso trabalho de parto
Ao berço dos mundos, ao Sol, à Terra – nossa morada
Quando o calor do sopro do Maior dos Mistérios
Bafejar em seu rosto os fluidos dos quanta
Você provavelmente vai pegar – no meio dos céus escuros –
O sorriso miraculoso do vasto e impávido estranho – o Cosmos
E quando você tiver notado o brilho daquele sorriso
E sobressaltado, ficar por um momento, completamente chocado,
em estupefação
Você nunca vai esquecer e vai levar sua vida toda
Em busca ansiosa por outro relance daquela visão*

CAPÍTULO 9

CIÊNCIA E TEOLOGIA

*“Religião sem a Ciência é cega,
a Ciência sem a Religião é manca.”*

(Albert Einstein)

*“Teologia, é na verdade, poesia, poesia relativa a Deus,
eficaz não porque prova alguma coisa, mas porque
penetra o coração.”*

(Francisco Petrarca - poeta, humanista - 1304-1374)

*“A razão prática e, no sentido mais amplo, política,
deve fazer parte, no futuro, de todas as
reflexões críticas sobre a teologia.”*

(Johann Baptist Metz – teólogo)

*“Os cristãos precisam inquirir os cientistas se eles estão
conscientes da criminosa irresponsabilidade de muitas
de suas atividades, e os cientistas inquirir os cristãos se
eles percebem que sua consciência continua com um
atraso de séculos em relação à modernidade.”*

(von Weizsäcker (1912-2007), cientista, em carta
ao teólogo Hans Küng, em 10/12/1974)

“Se meu conceito de teologia é correto, não existe motivo para que fique confinada nos estreitos limites paroquiais de uma religião ou para que seja vista como uma disciplina esotérica ou sub-racional.”

(Gordon Kaufman - 1925-2011)

“Religion es eso; la carne y sus variaciones, sus oscilaciones de dolor e placer, los intercâmbios entre los cuepos e sus líquidos vitales, de vicio y virtudes”.

(Nancy Cardoso Pereira- teóloga e filósofa)

“... o silêncio da filosofia sobre Deus parece ser hoje carente de raízes filosoficamente relevantes. Em sua maioria os filósofos não falam de Deus, ou, antes, consideram-se explicitamente ateus ou irreligiosos, por puro hábito, quase uma espécie de inércia [...]. Se não é mais válida a narrativa do historicismo hegeliano ou marxista, não se pode pensar que Deus não existe porque a fé nele corresponde a uma fase superada da história da evolução humana, ou é uma representação ideológica funcional do domínio.”

(VATTIMO in FERREIRA, 2015, p. 117)

No século 5 a.C., o filósofo Anaxágoras contrapõe à matéria do mundo o *espírito* independente (em grego *noús*), que ordena o mundo. A partir de então o divino passa a figurar na filosofia grega, como concebido por Platão, no século IV, como a ideia do bem, e por Aristóteles como motor imóvel no cosmo e meta última de todos os asseios, que existem na realidade. Para os primeiros filósofos e teólogos cristãos (os *apologetas* também eles gregos) foi possível, sem grande esforço de pensamento, identificar esse divino, e este espírito, com o Deus Criador da Bíblia.

“A Ciência, desde as suas origens, também se inspirou nos céus e em seus mistérios. De Platão a Einstein muitos dos maiores filósofos e cientistas, de todos os tempos, dedicaram-se ao estudo dos céus, não apenas por razões práticas, mas numa tentativa de elevar a mente

humana para aproximá-la da do Criador, o Grande Organizador Cósmico.” (GLEISER, 2011, p. 17)

A expansão do cristianismo ao longo da história, em muito contribuiu para o surgimento da denominada filosofia cristã. Ela representa a atitude de abertura e ampliação do diálogo entre a fé cristã e a cultura greco-romana.

Dois momentos marcaram o desenvolvimento da filosofia cristã:

- **O esforço da filosofia patrística** – fortemente influenciada pela filosofia de Platão, Agostinho de Hipona fez a mais expressiva síntese entre a mensagem bíblica e o pensamento filosófico e racional, levando a patrística a seu apogeu;
- **O pensamento escolástico** – destaca-se nesta fase, o pensamento de Tomás de Aquino, fortemente influenciado por Aristóteles. Para Tomás de Aquino “a fé requer [...] a ajuda da razão; por sua vez a razão [...] admite como necessário aquilo que a fé apresenta”. (JULIATO, 2012, p. 66)
- *“O pensamento grego e a teodiceia não puderam ter uma noção de Deus acima da onipotência e impassibilidade absolutamente etérea e mortífera para o homem. Procurava-se ir a Deus pelo orgulho da mente e dessa maneira só podemos encontrar um Deus orgulhoso”. (GESCHÉ, 2006, p. 49). O Deus da razão, da teologia filosófica, não daria conta de tal dimensão fundamental (Encarnação), de uma carne espiritualizada. Não é à toa que uma razão puramente metafísica produziu os mais variados tipos de ateísmo.” (FERREIRA, 2017, p. 33).*
- A filosofia, como “*serva da teologia*”, consolidou um modo de ver as fontes do cristianismo e sua relação com o mundo. *“Pelo menos até o raiar do século XVIII, todos os grandes nomes da Ciência tinham sido cristãos crentes, muitos deles verdadeiramente piedosos. Pensemos em Copérnico, Vesalio, Mercator, Van Helmont, Galileu, Torricelli, Kepler, Pascal, Descartes, Newton – para citar apenas alguns dos mais conhecidos. Até mesmo Darwin, no séc. XIX, foi cristão anglicano confesso, enquanto Mendel era um monge agostiniano”.* (LENAERS, 2014, p. 135)

O clima de entendimento, que durou tanto tempo na “civilização ocidental cristã”, começa a se romper com a ideia do iluminismo. As posições dos deístas da Franco-Maçonaria e da hierarquia católica entram em confronto direto. As condenações cada vez mais agressivas da igreja só fortaleceram as ideias e ideais do iluminismo. As palavras mágicas da Revolução

Francesa (1789-1799) – liberdade, igualdade, fraternidade – se impuseram transformando o anticlericalismo, ao longo do século XX, em antiteísmo agressivo.

O grito da Revolução Francesa – nem Deus, nem mestre – se voltou contra a Igreja que suportou, até o século XVIII, a injustiça social com paciência, como se esta realidade fosse vontade de Deus.

Alguns componentes históricos que explicam o surgimento do paradigma moderno (JULIATO, 2012, p. 69):

- **A Reforma Protestante** – O protesto do padre Martinho Lutero contra o mundo das indulgências, excessos da inquisição e desvios morais tiveram um impacto muito grande. Também sua tradução do Novo Testamento, do grego e do latim para o alemão;
- **Fim do feudalismo e surgimento do capitalismo** – O fim do modo de produção feudal, que praticamente dominou toda a Idade Média, foi um fator muito importante para a mudança de mentalidade;
- **Novo modelo de ciência e pensamento** – O traço mais importante desse período foi o desenvolvimento de nova concepção científica e filosófica, a partir dos avanços trazidos pela pesquisa nas ciências naturais e pelo humanismo renascentista.

Os resultados das pesquisas científicas de Darwin constituíram, segundo jesuíta Roger LENAERS, um “*golpe de misericórdia à confiabilidade do relato bíblico sobre a criação do mundo*”, de acordo com a leitura da Bíblia corrente à época.

Segundo pesquisa de opinião desta década, metade da população dos Estados Unidos “*continua defendendo a credibilidade histórica das narrativas bíblicas sobre a criação, rejeitando, por esta razão, a Teoria da Evolução. Com a Bíblia na mão, não são poucos aqueles que consideram que Deus criou a Terra há aproximadamente 7000 anos*”. São ideias enraizadas que criam barreiras à marcha inexorável do pensamento científico.

No século XVII, o arcebispo anglicano James Ussher, baseado em uma minuciosa análise das cosmologias bíblicas, havia chegado à conclusão de que havia 4.036 anos entre a criação do universo e o nascimento de Cristo. “*Não satisfeito com isso o acadêmico John Lighfoot (1602-1675) assumiu a responsabilidade de aperfeiçoar os cálculos e concluiu que a data de criação foi 18 de outubro de 4004 a.C. Adão foi criado no dia 23 de outubro, às 9 horas*”. (HEEREN, 2008, p. 227)

A teoria da evolução passou a ser, no século 19, um tema de grande potencial emotivo e assim permaneceu para muitos até hoje.

Como disse o teólogo e psicólogo Edênio VALLE:

“A Igreja Católica foi mais drástica em sua reação aos ataques a que a religião foi submetida após a Revolução Francesa (1789-1792). Trancou-se ao diálogo com todas as novas tendências filosóficas, científicas e políticas.

Divulgou-se a ideia de que a incompatibilidade entre Ciência e Religião/Fé estava radicada na essência mesma de uma e de outra”. (CRUZ, 2011, p. 26)

Um exemplo da resistência a ideias do iluminismo é o “*juramento antimodernista*” a que estiveram sujeitos todos os candidatos a padre, bispo e professor de 1910 a 1967: “*Eu... abraço e aceito firmemente todas e cada uma das coisas que foram definidas, afirmadas e declaradas. Principalmente aqueles pontos de doutrina que diretamente se opõe aos erros do tempo presente*”.

“Também as igrejas protestantes acusaram o golpe. Nelas multiplicaram-se os movimentos fundamentalistas, mas, sobretudo em círculos eruditos, os argumentos da crítica filosófica encontraram eco na chamada teologia liberal”.

“O Positivismo científico foi submetido, no século XX, a uma revisão crítica que teve como efeito colateral provocar as teologias cristãs a saírem do gueto em que haviam entrado ao longo dos séculos XVIII e XIX”.

João XXIII, com o apelo ao *aggiornamento* e a convocação do Vaticano II, no final da década de 1950, abriu as portas para progressivo entendimento do mundo intelectual e religioso da Igreja Católica com a pesquisa científica.

Por outro lado, a Ciência e os cientistas, desafiados pelas questões epistemológicas e pela busca de sentido/significado próprio do ser humano, foram levados a reconhecer seus próprios limites.

“...ninguém se oculta à gravidade suprema do problema de Deus. Por afirmações ou por suposições, ou por positivas abstenções, a nossa época, querendo-o ou sem querer, ou até querendo o contrário, é talvez uma das épocas que mais substancialmente vive o problema de Deus. (ZUBIRI, 2020, p. 91)

“São muitos, hoje, os cientistas que reconhecem que a investigação científica não tem como chegar a questões como as seguintes: o que havia antes do “big bang”? Em que direção apontam certos fenômenos detectados pela física quântica? Como se constituiu a “fluidéz cognitiva” (expressão de S. Mithen, 2002, p. 41), responsável pelo salto qualitativo entre o homo neandertalenses e o homo sapiens? São questões objetivas que vão além das possibilidades das Ciências em seu presente estágio de desenvolvimento.” (VALLE, 2020, p.64)

Comenta a professora de Física Simone Morandini:

“Talvez as características mais evidentes da reflexão epistemológica do sec. XX sejam a modéstia, cada vez mais crescente, cada vez mais atenta à finitude, da descrição científica do mundo e da parcialidade do saber científico”.

“Para a Ciência está em jogo, evidentemente, a possibilidade de uma pesquisa livre e autônoma, mas também a teologia se vê desafiada a perceber a distinção entre o que é de fé e o que não o é; a aprender a diferença entre o que é realmente oferecido ao assentimento do crente e o que, porém, é domínio da pesquisa científica”. (MORANDINI, 2011, p.72)

Como pondera Edênio Valle, ele próprio um cientista, *“A Ciência deve reaprender a valorizar outros modos perfeitamente humanos e significativos de captação do sentido do real. Entre eles, como uma milenar sabedoria dos povos nos ensina, a imaginação, a beleza, a poesia e a fé. A religião é uma parceira e não uma adversária da Ciência em sua demanda de encontrar sentido e unidade no universo.”* (CRUZ, 2011, p.26)

Para a teóloga, professora de Física, Simone Morandini (MORADINI, 2011, p.42), encontramos hoje teólogos capazes de, com o todo rigor científico, dialogar com o mundo da Ciência, como também cientistas que dialogam com a teologia.

No primeiro caso encontra-se o evangélico Wolfhart Pannenberg (1926), que trabalha no campo da Física:

“A teologia deve ser capaz de se situar conscientemente na assembleia dos saberes humanos, mostrando a própria consistência, como verdadeira “ciência de Deus.”

Ainda com risco de simplificar em excesso, no atual diálogo Ciência-Teologia convém distinguir duas maneiras dominantes de conceber a relação de Deus com o mundo, o modelo panteísta e o kenótico.

O primeiro tende a sublinhar a contínua relação de Deus com as criaturas: estas se encontram em Deus, ou melhor, habitam no “espaço” da vida divina e Deus se faz presente nelas, habitando-as no ser e no devir. O que supõe uma clara acentuação da imanência de Deus no mundo, sem prejuízo de sua transcendência. Como defensores deste modelo, podemos destacar Clayton e Peacocke (que insistem em que a ação de Deus tem lugar não sobre as criaturas singulares, mas sobre o Universo em seu conjunto).

O grande defensor do modelo kenótico, como alternativa ao modelo panteísta, é Polkinghorne, que acentua: a criação é um ato de autolimitação de Deus pelo qual Ele cede o “protagonismo” ao diferente Dele. A criação é habitada por Deus para ir se fazendo a si mesma. Segundo Polkinghorne, este enfoque respeita a distinção entre o Criador e criatura, sublinha a autonomia dos processos do mundo e ajuda a abordar o problema da teodiceia .

A *kenosis* criadora (um prolongamento de Fl. 2,5-11!) não somente implica renúncia à onipotência, à onisciência e à eternidade simples, mas comporta o “abaixamento causal” de Deus: a providência especial de Deus age como uma causa a mais entre as causas do mundo... cuja única motivação é o amor. (FLORISTAN, Casiano *in* TAMAYO, 2009, p.80).

John Polkinghorne, antes de se tornar pastor anglicano e teólogo, atuou até 1977 como físico de partículas. Ele pondera:

“Hoje, nós olhamos para o mundo físico porque estamos à procura de sinais da existência de Deus, mas olhamos para a existência de Deus como para uma ajuda para nos dar um quadro inteligível do mundo como as coisas se desenvolveram no mundo físico.” (p. 99)

“A presença velada de Deus é real, mas fica discretamente oculta aos olhos humanos finitos.” (p.154)

Entre os movimentos teológicos mais atentos à interação com a reflexão científica situa-se a **“teologia do processo”**, - movimento teológico que surgiu em meados do sec. XX, nos USA - que estabelece diálogo com a física, mas principalmente com a biologia e a ecologia. Um dos representantes desta corrente, Arthur Peacocke (1924), bioquímico inglês, teólogo e pastor anglicano, propõe um modelo em que a ação divina... explora e faz emergir gradualmente as potencialidades do universo:

“Ele escolheu, na sua soberana onipotência, criar um mundo com um alto grau de imprevisibilidade, abertura e flexibilidade, para poder nele fazer nascer vida e liberdade”.

Segundo Robert Mesle *“os teístas do processo estão propondo novos modos de compreensão de Deus, de que a Bíblia testemunha...”*. (MESLE, 2013, p. 230)

Comenta Leonardo Boff:

“Para Frederick Krause (1781-1832) Deus, conhecido intuitivamente pela consciência, não é uma personalidade, mas uma essência que contém o próprio universo. Essa visão de um Deus imanente, presente no universo, mas também, transcendente, foi chamado, pelo filósofo Krause, de **panenteísmo**, bem distinto do panteísmo. As coisas são o que são: coisas. No entanto, Deus está nas coisas e as coisas estão em Deus, por causa de seu ato criador. A criatura sempre depende de Deus e sem Ele voltaria ao nada de onde foi tirada. Deus está presente no cosmos e o cosmos está presente em Deus. em tudo e tudo está em Deus⁸.

Frank J. Tipler, professor de física matemática em Nova Orleans, disse:

⁸ BOFF, Leonardo. *Panteísmo e panenteísmo: distinção necessária*, artigo publicado em 16/04/2012 no site do Centro de Defesa dos Direitos Humanos

“Se aceitarmos as consequências das leis físicas conhecidas chegaremos a uma fascinante conclusão, o universo existe desde um tempo limitado, além disso o universo físico e as leis que o regem foram chamados a vida por uma unidade que não está subordinada a estas leis e que se encontra fora do espaço e do tempo. Em suma: Vivemos em um universo que foi planejado e criado por Deus”. (KÜNG, 2011, p. 103)

O teólogo católico Hans Küng não se entusiasmou com esta declaração e ponderou: *“não me arrisco a emitir um juízo sobre as várias argumentações de Tipler no campo da física, mas, fora da experiência espaço temporal, a razão teórica deixa de ser competente, não podendo, portanto, em absoluto concluir da realidade finita para um infinito real”.* (p. 104)

“Prevalece entre os teólogos mais esclarecidos o axioma, “Se Deus se acha fora da matéria e se a ciência se ocupa de questões da natureza, a Ciência não pode nem confirmar nem negar a sua existência” (JULIATO, 2012, p. 163)

Quase no mesmo período, meados do século XX, quando nos USA surgia a teologia do processo, dialogando com as Ciências Naturais, ganhava corpo, consistência e projeção internacional, a teologia da libertação – “verdadeira libertação da teologia” – em diálogo com as Ciências Sociais, no esforço, das comunidades católicas e protestantes, de ir ao encontro, compreensão e compartilhamento da vida dos pobres. No mesmo sentido, vale destacar o esforço da Conferência Episcopal Latino-americana nos Encontros de Medellín (1968), Puebla (1979) e Santo Domingo (1992).

Comenta José Comblin: *“O lugar da teologia da libertação foi ocupado pelas teologias contextuais: teologia feminista, teologia negra, teologia índia. Ora essas teologias situam num contexto de cultura, enquanto a teologia da libertação situava-se no contexto socioeconômico”.* (SOTER, 2009, p. 456)

Ronildo Pacheco se faz porta-voz do apelo a “provincializarão”, ou descolonização da teologia:

O Evangelho, a mensagem de Jesus, será sempre linguagem em disputa. Ela pode salvar e libertar? Evidentemente, e creio que veio para isso. Mas não é verdade que já foi usado (e continua sendo) para oprimir, condenar, ou sustentar uma apatia conveniente? Dito isso, o que acredito é que, no mundo de hoje, no contexto da vida real de pessoas reais, essa mensagem do Evangelho de Jesus se renova e ganha força com a contribuição da Teologia Negra, da Teologia Feminista, da Teologia Indígena, da Teologia Gay, Lésbica e Queer. A reivindicação de uma ‘teologia pura’, ‘original’, fiel aos ‘Pais da Igreja’, aos ‘pais Reformadores’, é um saudosismo egoísta e problemático. Egoísta porque é uma construção que não quer perder sua hegemonia. Quem a defende, não se percebe defendendo

uma linguagem, mais uma verdade inquestionável que não pode perder o lugar. É uma teologia 'bezerro de ouro'. Nada pode ameaçar o seu poder e contrariar a sua última palavra. Problemática porque ela não reconhece seus limites. Não há outra forma de ela se relacionar senão pelo totalitarismo de suas afirmações. Não vai seguir adiante sem machucar pessoas, excluir, marginalizar, ferir, isolar, ofender, estigmatizar, condenar, silenciar, invisibilizar. Não digo que essa é sua natureza, mas sua base histórica e cultural (porque ela surge em um momento no tempo e no espaço) é totalitária e sob a premissa da superioridade. Se ela não se repensa, se ela não sai de si, ela não vai conviver com outros olhares sobre o mundo e sobre o Evangelho". (PACHECO, 2019, p. 26)

Outro destaque, neste sentido, é a atuação da Sociedade de Teologia e Ciências da Religião - SOTER, criada em 1985. Congrega hoje cerca de 500 pesquisadores, e realizou, em 2019, seu 32 Congresso Nacional, com uma temática ampla de diálogo com o pensamento científico, retratada em seus Anais, disponíveis na internet. A Associação de Teólogos(as) do Terceiro Mundo, (com sede no Panamá) ao "cruzar a teologia da libertação com a teologia do pluralismo religioso", propicia um fecundo intercâmbio cultural, o que não se faz sem ciência.

Esta guinada vanguardista em curso é caudatária da corajosa "cristologia cósmica" do paleontólogo jesuíta Pierre Teilhard de Chardin (1881-1955), cujos escritos censurados pela Igreja só vieram a público (o conjunto de sua obra) após sua morte, em 1955.

"No trabalho das escavações, na coleta cuidadosa da fragilidade fóssil em sua análise rigorosa e meticulosa, percebeu a energia crística atravessando o movimento evolutivo do universo. Esta visão foi designada cristogênese, que significa a presença e ação de Cristo crescendo sempre mais no cosmo até a sua segunda vinda." (VASCONCELOS, 2018, p. 13)

A visão de Teilhard de Chardin torna patente:

"a plena coerência entre a fé cristã e sua forma de pensamento evolutivo".

"o devir cósmico e biológico é componente essencial de uma biologia da criação no tempo da ciência". (MORANDINI, 2011, p. 115, 133)

Como se pode ver *"a descoberta da dimensão mundana da esperança cristã é um ganho de grande alcance; dificilmente, porém, ela poderá oferecer referências inéditas ao diálogo ciência-e-teologia. A pesquisa contemporânea está recuperando a cristologia cósmica de Colossenses e Efésios (cl 1,15-20; ef. 1, 3-4)." (Cartas escritas por Paulo provavelmente no ano 53; apenas 23 anos após a morte de Jesus de Nazaré. Paulo inaugura não apenas uma visão universal, mas também cósmica, da missão de quem, crucificado pela ordem e pela lei, tornou-se o verdadeiro Cristo/Senhor, título do imperador romano).*

A busca de diálogo, por parte do mundo da Ciência, não é uma raridade no mundo de hoje.

Cito dois exemplos e recomendo seus livros; aqui mencionados:

- Marcelo Gleiser – Professor de filosofia Natural e de Física e Astronomia, que se insere na tradição filosófica e científica a busca do que ele designa de Código Oculto da Natureza. Seu cativante livro *“Criação imperfeita: Cosmo, Vidas e o Código Oculto da Natureza”* estabelece fecundo diálogo com outros saberes. *“Mesmo dentro do mundo natural, sabemos que a Ciência jamais terá todas as respostas, que nossa descrição do mundo, baseada na verificação empírica de hipóteses, jamais será completa. Por exemplo, é difícil ver como a questão da origem de tudo poderá ser respondida dentro de um contexto puramente científico, ao menos como esse contexto é compreendido hoje”*. (GLEISER, 2010, p. 307)
- Francis S. Collins - um dos cientistas mais respeitáveis da atualidade, que coordenou o Projeto Genoma Humano. Tendo percorrido, relutante, um longo caminho do ateísmo à fé, argumenta:

“Se Deus existe, deve-se encontrar fora do mundo natural e, portanto, os instrumentos científicos não são as ferramentas certas para aprender sobre Ele... a decisão definitiva deveria se basear na fé, e não em provas”. (COLLINS, 2007, p. 38)

Assumindo sua fé em Deus ele dá um testemunho, como cientista dos fundamentos de sua fé no livro *“A linguagem de Deus: um cientista apresenta evidências de que Ele existe”*.

Evidência no caso, é prova? Para aquele que crê, tudo quanto existe, a maravilha do universo e da vida, torna evidente que Deus existe. Mas, podemos provar, empiricamente que ele existe?

Prevalece entre os teólogos mais esclarecidos o axioma: *“A Ciência não pode nem confirmar, nem negar a existência de Deus”*.

Segundo Kant (1724-1804) é impossível provar cientificamente a existência de Deus. *Deus não existe no espaço e no tempo e por isso ele não é objeto de observação*, argumenta o teólogo Hans Küng. (KÜNG, 2011, p. 73, 118)

“Apesar do fantástico progresso da Ciência de forma alguma desapareceu o caráter misterioso do mundo – nem no âmbito do infinitamente grande, nem do infinitamente pequeno.”

“Mesmo que admitíssemos um universo infinito, isto não iria automaticamente “excluir” do cosmo Deus infinito, Para Deus infinito que não é nenhum tapa-buracos, mas sim um puro espírito que tudo abrange e tudo penetra, tal universo não representaria nenhuma limitação, mas antes uma confirmação de sua infinitude. Ou seja: A fé em Deus pode ser

conciliada com diferentes modelos de mundo. Aliás, nem o início do tempo, nem a duração infinita do tempo, podem ser imaginadas, pois um e outra não se encontram dentro de nossa experiência.”

Para Marcelo Gleiser, “Sabemos que a ciência jamais terá todas as respostas, que nossa descrição do mundo, baseada na verificação empírica de hipóteses, jamais será completa. Por exemplo, é difícil ver como a questão da origem de tudo poderá ser respondida dentro de um contexto puramente científico, ao menos como esse contexto é compreendido hoje.” (GLEISER, 2010, p. 307)

Comenta Simone Morandini, teóloga e especialista em Física Teórica:

“Descrições científicas do mundo não é alternativa à reflexão teológica. Não basta dizer que Ciência e Teologia descrevem realidades diferentes ou aspectos diferentes da realidade: é preciso afirmar que, se suas descrições se referem à mesma realidade, as descrições que oferecem podem ser mais ou menos amplas, mais ou menos ricas. O específico da teologia é simplesmente confessar o Criador.” (MORANDINI, 2011, p. 43)

Para Eduardo R. Cruz:

“... a Teologia estará pronta para o diálogo com a Ciência quando entender o que esta diz nas áreas de mecânica quântica, Cosmologia, teoria da evolução, Ecologia, Ciências da mente, biotecnologia e abordagens cibernéticas (teorias da informação e da complexidade: Realidade virtual). Isso não através de “cientistas amigos”, mas sim dos efetivamente representativos de suas respectivas áreas.” (CRUZ, 2011, p. 33)

Há também quem se posicione crítico aos dois campos de saber científico e teológico. É o caso do insigne sociólogo da Universidade de Lancaster Bronislaw Szerszynski. Ele questiona a secularização como processo de esvaziamento da religião, e o alegado papel da tecnologia nesse processo. Para ele, o moderno mundo secular – incluindo ciência e tecnologia – tem sua própria teologia camuflada.

“Há que se focar e investigar “o papel cultural da ciência e da tecnologia, e a partir do prestígio da Ciência, como ela é usada como um aparelho de exclusão de quaisquer considerações mais amplas do influente desenvolvimento científico e tecnológico: questões sobre valores, fins e meios; o valor epistêmico do conhecimento leigo e o raciocínio ético; a crescente proximidade de relacionamento entre Ciência, Comércio, Estado, etc.” (CRUZ, 2011, p. 295)

O filósofo Robert Salomon comenta em seu livro *Espiritualidade para céticos*:

“A Ciência é a organização do conhecimento, mas a sabedoria é a organização da vida. E, nessa linha, poderíamos observar que espiritualidade e sabedoria são, em última análise, uma só e mesma coisa”. (SALOMON, 2003, p. 47)

Outro pensador crítico em relação aos posicionamentos atuais da Cosmologia e da Teologia é John F. Haught, cuja citação, a seguir, diz relação direta ao roteiro de nossa narrativa (HAUGHT, 2009, p. 180):

“Conquanto o Credo Niceno se refira a Deus Pai como o criador dos céus e da terra, a teologia tem-se mantido tão atrelada a questões concernentes à existência humana, à sua história e seus sofrimentos que, de maneira geral, já não consegue, nos tempos atuais, perceber o grau de imbricação de nosso ser com o mundo natural, com a sua própria história fascinante e seu futuro indeterminado. Em parte por causa da influência do filósofo Immanuel Kant (1724-1804), o universo passou a ser concebido como um tipo de constructo do intelecto humano, ou como telão de fundo do drama humano, e não como um complexo de objetos que merece ser estudado a título próprio. Por via de consequência, o universo praticamente se perdeu para a teologia moderna, que se revelou cada vez mais antropocêntrica”.

Uma nova cosmologia, porém, é teologicamente significativa por haver trazido o universo de novo para o primeiro plano. O físico e acadêmico católico Stanley Jaki observa que a cosmologia atual, sobretudo a partir de Einstein, *“restituiu ao universo (a) responsabilidade intelectual que Kant lhe havia negado”*. A nova interpretação einsteiniana da gravidade propôs que o cosmo é um conjunto finito de objetos interrelacionados, o que reclama uma atenção focal que Kant não pôde lhe dispensar. Ao fazer recuar o universo, a obsessão kantiana com a subjetividade humana teve por efeito a descosmologização do pensamento moderno, incluindo a teologia

Entretanto, após Darwin, Einstein e a física quântica, o sujeito humano já não pode ser facilmente separado do universo. Evidenciou-se que o universo é bem mais do que um cenário externo para aventura humana. De fato, universo é ele próprio a principal aventura criativa, e não há fundamento para supor que a nossa espécie seja a razão única de sua existência. Mesmo na terra, não somos a única espécie de vida e, pelo que sabemos, os duzentos ou trezentos bilhões de galáxias no universo observável podem abrigar numerosos oásis de vida inteligente. Seja como for, não podemos nos equivocar, quer religiosa, quer cientificamente, se nossa primeira resposta ao fato de nossa existência for de gratidão por havermos sido convidados a ser pelo menos uma pequena parte de uma imensa jornada cósmica. Somos uma parte muito importante do universo, mas não somos toda a história. Cada vez mais as questões que giram em torno de quem somos, de onde viemos, que devemos fazer e que podemos esperar só podem

ser respondidas se a teologia levar em conta o que se passa no universo em geral. E ela não pode fazê-lo sem manter contato com a Ciência “.

Para arrematar a reflexão, propõe Edênio Valle:

*“O ser humano é um ser pensante e consciente. Dispõe de uma enorme capacidade de compreender e pensar a realidade que o cerca. O conceito de razão é fundamental para discutir as modalidades em níveis dessa capacidade que é o ponto de partida e a referência indispensável para todas as formas de níveis de compreensão do mundo. Há que se distinguir vários níveis e formas. Algumas são mais sofisticadas e têm suas exigências próprias. Por sua complexidade não são acessíveis a todos. São de dois tipos: o **especulativo**, que reúne conhecimentos ordenados que buscam e dão sentido ao mundo da natureza, às realidades culturais e às coisas e aos fatos da vida e da história; o **científico**, que tem como finalidade própria chegar a dados objetivos, racionalmente justificados em cada um dos passos seguidos para chegar a eles. Mas não só desses pensamentos e sentidos vive o homem. No cotidiano da vida, a maioria de nossos passos se faz a partir do senso comum, uma realidade que não tem o rigor conceitual e metodológico do saber científico (típico das ciências naturais e sociais) e do saber especulativo (como a filosofia e a teologia) Não obstante, distintos estes saberes e pré-saberes se entrecruzam e não precisam diminuir o valor dos conhecimentos de um ou outro deles para justificar o lugar que ocupam na interpretação que a humanidade faz de si mesma no tempo e no espaço.”* (CRUZ, 2011, p.57)

Comenta o teólogo norte-americano Gordon Kaufman (1925-2011):

“Se meu conceito da teologia – como enraizada radicalmente nas preocupações compartilhadas da experiência humana – é correto, a teologia tem uma significação cultural e universal, e não existe motivo para que fique confinada nos estreitos limites paroquiais de uma religião ou para que seja vista como uma disciplina esotérica ou sub-racional.” (VIGIL, 2011, p. 41).

Nancy Cardoso Pereira, ao final de seu livro/tese de doutorado em **teologia**, nos brinda, “como se fosse conclusão, “um panorama de seu **fazer ciência**, do qual tomamos a liberdade de destacar algumas pinceladas:

“Estudando a Bíblia com grupos da cidade e do interior, pastorais e movimentos populares, grupos feministas e de igrejas e religiões diversas, o ciclo de Eliseu – objeto de sua tese: narrativas de Eliseu (2 Reis 2-13), cortadas por sete anos de fome, por volta do séc. IX a. C. – foi se mostrando um lugar privilegiado de reencantamento e de memória dos rituais e práticas anônimas capazes de revelar o sagrado no cotidiano.

...com as mulheres da Pastoral Operária, na hora de almoço na Casa de Convivência da Luz

com mulheres prostitutas, na partilha das experiências com o pessoal do Projeto de Meninos e Meninas da Rua de São Bernardo, nos salões paroquiais dos encontros do CEBI, nas celebrações do Acampamento Terras de Promissão, no Encontro de Gays e Lésbicas num Hotel do Arouche, nos intervalos das aulas com os/as estudantes do ITESP...nestes lugares ... escrevi meu texto de doutorado...mais do que um trabalho técnico e histórico...esta dissertação quer ser também um memorial de trajetória.” (PEREIRA, 2014, p. 211-212,214)

CAPÍTULO 10

JESUS CRISTO, FILHO ÚNICO DO PAI...

*“No princípio era o Verbo ...
e o Verbo se fez carne e habitou entre nós.
Ele era a luz verdadeira que veio para iluminar
toda pessoa que vem a este mundo”*

(Jo. 1,1-14,12)

*“No princípio era a Misericórdia ...
e a Misericórdia se fez abraço.”*

(Luis H. Ortiz Álvarez - Faculdade de Teologia de Granada – 2016)

*“O Logos de Deus tinha se tornado homem para que você pudesse
aprender como um homem, como homem, pode se tornar Deus.”*

(Clemente de Alexandria - 150 - 215(?))

“Jesus é o Filho de Deus? – é verdade, mas metaforicamente.”

(Nicolas Lash – Teólogo -1934-2020)

*“Creio em Deus Pai”. Com estas palavras se anuncia
o primeiro artigo de nossa fé e se abre o acesso
à mais genuína oração cristã. Enunciá-las equivale
a chegar ao vértice do mistério; só que se trata
de um mistério pressentido como caloroso,
aberto e acolhedor: impõe respeito, mas não o medo;
aparece imenso, mas não humilhante...
Pois Deus como Pai nos revela que somos filhos...
Com idêntica razão poderíamos falar dele como “mãe”.
E, talvez, devêssemos fazê-lo, ainda que fosse
apenas como compensação para o longo silêncio histórico.”*

(Queiruga, 1993, p.74)

“Quem chama Jesus “Deus” fala, talvez, mais intensamente em metáfora do que quem o chama cordeiro, caminho, verdade, vida, luz e pão. Esta linguagem é a que expressa melhor o mistério de Deus.”

(Jon Sobrino, *in* TAMAYO, 2002, p. 123)

“‘Ame seus inimigos’ é, provavelmente, a coisa mais radical que Jesus disse, a não ser, é claro, que consideremos a parábola do bom samaritano. Nela, a advertência é permitir que seus inimigos o amem.”

(Robert W. Funk, Diretor do Seminário de Jesus, *in* SPONG, 2006, p. 241)

O roteiro de nossas reflexões é o *Credo Niceno*. Como resolvemos começar de trás para frente, dos “céus e da terra” para o “creio”, ou seja, do concreto para o abstrato, estamos exatamente no tema de debate do Concílio de Niceia: *“a questão ariana”*.

Já vimos que o Imperador Constantino não estava nem aí para a questão teológica sobre a natureza de Jesus e sua relação e/ou identidade com Deus. O que lhe interessava era uma religião unificada, que servisse de respaldo para a unidade do Império. Uma questão de unidade doutrinária, de controle de conflitos, de poder. O imperador já intuía o que mais tarde foi muito estudado: o papel legitimador da religião, ou o *“sistema imunológico simbólico, ou ritual”*, como designa Peter Sloterdijk. (SLOTERDIJK, 2019, p. 273)

Ário, brilhante presbítero cristão de Alexandria, pregava que Jesus de Nazaré, embora *“a mais excelsa de todas as criaturas, não é Deus, o grande eterno mistério”*. Como disse o historiador H. M. Gwatkin: *“o Deus de Ário é um Deus desconhecido, cujo ser se acha oculto em eterno mistério”*.

Atanásio, bispo de Alexandria, defendia a consubstancialidade (*homoousios*) entre Jesus e Deus Pai e combatia a visão cristológica antitrinitária de Ário.

Sabemos o desfecho do Concílio, presidido por Ósio, bispo de Córdoba, conselheiro particular do Imperador e nomeado representante do Papa no Concílio.

Ário foi condenado e o *Credo Niceno* foi imposto, então, a todas as Igrejas do Cristianismo, o que não impediu, como vimos, do Imperador Constantino ser batizado, às vésperas de sua morte, por um bispo amigo, ariano.

Apesar de apenas 2 dos 180 bispos presentes não terem assinado o Credo, sabemos que muitos continuaram a pensar e pregar o que acreditavam, fosse o conteúdo de sua fé igual, ou não, à formulação do Credo.

“... o pensamento religioso cristão, ao implicar a compreensão de Jesus por parte dos seres humanos se desenvolveu e esteve sujeito a mudanças como qualquer outro pensamento humano”. (R.E. BROWN in ALONSO, 2022, p. 335)

No fim do reinado do espanhol Teodósio, o Grande (379-395), ao tornar-se religião oficial, o Cristianismo ortodoxo, romano, foi imposto em todo o Império.

“Nos concílios de Nicéia (325) e Constantinopla (381) dizia-se ‘nós cremos’ ou ‘nós confessamos’. Em Calcedônia (451) e nos posteriores se diz: ‘nós ensinamos que se deve confessar’. Com isto, a confissão histórico-salvífica se converte na doutrina ortodoxa e a fórmula confessional, em forma dogmática... a fé, em si algo vivo, havia-se convertido em um sistema fechado de dogmas, de enunciados, todos eles respaldados pela própria autoridade de Deus e da Igreja.” (DOLORES/VELASCO, 2014, p. 50)

A teologia moderna tem chamado a atenção para o fato de que as formulações doutrinárias do Concílio, que afirmou a consubstancialidade de Jesus e Deus, a exclusividade da filiação de **Jesus, Filho Único, do Pai**, tem mais a ver com a filosofia grega pagã, do que com a teologia bíblica, por exemplo de Paulo.

Para Felipe dos Anjos, teólogo, com arguta sensibilidade política, *“...a questão decisiva na história da teologia cristã foi o debate em torno da teologia da Trindade. Quando, no decorrer do segundo século, começou a se discutir sobre uma possível pluralidade, ou uma trindade das figuras divinas, houve uma reação de resistência e negação daqueles monoteístas (monarquianos) que negavam a ideia de trindade, como se fosse uma espécie de politeísmo, ou paganismo, na fé cristã. Para disputar com esses opositores, teólogos como Tertuliano, Hipólito, Irineu e muitos outros encontraram no termo grego oikonomia a melhor maneira para explicar a existência triúna do próprio Deus”.* Diziam, em linhas gerais: **“Deus, quanto ao seu ser e à sua substância, é, certamente, uno; mas quanto à sua oikonomia, isto é, ao modo em que administra sua casa, a sua vida e o mundo que criou, é, ao contrário, triplice”.**

Tal noção insere em Deus, ou na ontologia, uma divisão econômica. Assim, nas pessoas de Deus, a partir de então, passa a existir uma fissura econômica (entre ontologia e práxis) mediante à qual o dogma trinitário e a ideia de um governo divino providencial do mundo foram introduzidos na fé cristã. Segundo essas tradições o deus trindade teria um dispositivo (uma economia) instalado em si mesmo. O que, além de cindir o próprio Deus, determina como outras pessoas da Trindade recebem papéis específicos na economia da redenção e da salvação. Deus passa a ser o núcleo de um trabalho gerencial: ele mesmo gerenciado em três pessoas. Esta seria, para Agamben, a principal esquizofrenia que a doutrina teológica da oikonomia teria deixado à cultura ocidental.

A oikonomia de Deus torna-se um dos dogmas centrais da igreja cristã ocidental e, em nome dela e por seus modos de operação, a igreja passa a governar o mundo de então.” (DOS ANJOS. 2019, p. 232).

Um exemplo – por minha conta – encontra-se na Carta Encíclica “*Laudato Si*” (*Louvado sejas - sobre o cuidado da casa comum*) do Papa Francisco (2015):

“O Pai é a fonte última de tudo, fundamento amoroso e comunicativo de tudo o que existe. O Filho, que O reflete e por Quem tudo foi criado, uniu-Se a esta terra, quando foi formado no seio de Maria. O Espírito, vínculo infinito de amor, está intimamente presente no coração do universo, animando e suscitando novos caminhos. O mundo foi criado pelas três Pessoas como um único princípio divino, mas cada uma delas realiza esta obra comum, segundo a própria identidade pessoal. Por isso, “quando, admirados, contemplamos o universo na sua grandeza e beleza, devemos louvar a inteira Trindade.” (item 238)

Como disse Franz Hinkelammert:

“Quando, a partir do século III e IV d.C., se impôs a ortodoxia – o terminador do cristianismo – marginalizam-se a interpretação paulina da crucifixão e seus responsáveis: os chefes deste mundo, em nome da lei. Quando se cristianiza o Império, o Império imperializa o cristianismo”. (HINKELAMMERT, 2012, p. 37)

Que Jesus seja consubstancial ao Pai, ou seja, da mesma *substância* ou *essência*, pouco, ou nada, diz para um crente moderno. Qual é a substância de Deus? O teólogo José M. Castillo, em seu livro *Jesus a humanização de Deus* – cujo título inverte a proposta nicena – coloca a seguinte provocação: você acredita que Jesus é Deus? Será que sabemos o que estamos perguntando? Se não sabemos *quem* é Deus ou *como* é Deus. Desconhecemos o termo, ou predicado, da pergunta.

O filósofo e teólogo John Hick propõe: Jesus é *totus Deus*, totalmente Deus, mas não *totum Dei*, “a totalidade de Deus”. (CASTILLO, 2015, p. 389)

Acrescenta-nos algo significativo?

“O cristianismo, com sua história bimilenar, aparece coberto com as sólidas roupagens de uma rígida institucionalização. Herança religiosa judia, mentalidade política romana-helenista, estilo feudal medieval e ainda influência absolutista do Ancien Régime: tudo deixou sua marca. Mas isso era, de algum modo, inevitável; e é compreensível, seja em que caso for. Contudo, exatamente por isso, precisa de revisão.” (QUEIRUGA, 2003, p. 249)

Endossando um comentário de Evaristo de Miranda, de que o cristianismo já não será mais sociológico – mantido pelo acréscimo demográfico dos cristãos e pela tradição familiar e cultural –, o teólogo João Batista Libânio crê que tal situação exige **profunda reforma e renovação da teologia e da filosofia que lhe serve de base.**

*“Desapareceram os últimos vestígios de uma religião que organiza, define e legitima a ordem coletiva. Está dado o divórcio entre César e Deus. A ordem divina e a ideia de uma realização do divino na história dissipam-se. O cristianismo encontrará novo vigor pela volta à sua fonte original. **Repensar o estatuto da fé significa retorno ao Jesus da história.**”* (SOTER, 2009, p. 190)

Este Jesus histórico, de Nazaré, morreu provavelmente com pouco mais de 35 anos, na sexta-feira, 8 de abril do ano 30, 3790 do calendário judaico, 783 da fundação da Cidade de Roma. (NUNES, 2019, p. 136)

Sofreu o que Cícero chamou de *“a mais cruel e abominável das formas de execução”*.

Para seus compatriotas, mais um entre os milhares impiedosamente executados em Jerusalém. No caso, executado por blasfêmia, pelo poder religioso, por subversão e rebelião pelo poder militar, de acordo com as leis vigentes.

“Cristo nos resgatou da maldição da Lei, tornando-se maldição para nós... porque está escrito (Deut. 21, 23): Maldito todo aquele que é suspenso no madeiro” – escreve Paulo aos Gálatas (Gl, 3, 13).

Um entre os 200 milhões de habitantes da terra, à época. Terra, pequeno planeta de uma estrela anã, o Sol, uma entre as 400 bilhões de outras da Via Láctea, cujo diâmetro, sabemos hoje, é de 120.000 anos luz, ou seja 120 mil trilhões de quilômetros, expandindo-se, todo o conjunto, em velocidade crescente. No contexto da história do universo, numa escala de 12 meses, o evento Jesus de Nazaré aconteceu em 31 de dezembro, às 23 horas e 59 minutos... Sob este olhar, como dissemos, Jesus é nosso conterrâneo e coetâneo, falando-nos hoje sobre uma maneira de vivermos como irmãos, filhos do mesmo Pai.

Como disse o historiador Mircea Eliade, “...não há dúvida de que a pregação de Jesus e, talvez, até seu nome, se teriam perdido no esquecimento sem um episódio singular e incompreensível, exterior à fé: a ressurreição do crucificado.” (ELIADE, 2011, p. 295)

Quem foi este homem, que só veio a ser efetivamente conhecido e marcar a história humana após sua morte?

Como Jesus viveu num universo sem letras e seus primeiros discípulos, pobres e iletrados, esperavam sua volta “em breve”, os primeiros escritos sobre Jesus surgiram por volta do ano 50 - os Ditos de Jesus (o Evangelho Q), o Evangelho de Tomé e, talvez, o Evangelho da Cruz- e se perderam. Foram recuperados, parcialmente, pelos biblistas, no estudo dos Evangelhos, que conhecemos.

Os primeiros escritos sobre Jesus que chegaram até nós são 4 cartas de Paulo, escritas na década de 50: a primeira Carta aos Tessalonicenses (49 d. C.), a primeira Carta aos Coríntios (inverno de 52 e 53 d.C.), a carta aos Gálatas de 53- 54 d. C. e a Carta aos Romanos, no inverno de 54-55.” (HOORNAERT, 2016, p. 37)

Saulo de Tarso, com excepcional formação farisaica, assistiu, cerca de 6 anos após a morte de Jesus de Nazaré, a execução, por apedrejamento, de Estêvão, um helenista, condenado pelo Sinédrio por propagar sua fé em Jesus de Nazaré.

Saulo, com cerca de 28, fariseu devoto, apoiou a pena de morte e, revestido de procuração *ad hoc*, saiu a perseguir outros discípulos de Jesus, em outras cidades, convencido que a heresia devia ser banida em nome da Lei. (A Lei será, posteriormente, para ele, Paulo, uma pedra de tropeço).

Aos poucos ele vai se convencendo que luta inutilmente contra o que não é um fantasma, mas um *modo de viver*, elemento altamente aglutinador. Os discípulos se tratam como irmãos, compartilham sentimentos e bens. Jesus não estava morto, estava entre os *nazareus*, *seguidores do Caminho*. Havia “ressuscitado”. Ele se converte e vai buscar em Damasco quem possa instruí-lo, ele que tinha sólida formação na *Torá*.

Por três anos e ele se refugia na Arábia (provavelmente, na atual Jordânia) onde, à época, havia poucos judeus.

Devem ter sido anos de estudos, reflexão e oração, o que explica ter Paulo se tornado um teólogo, o primeiro e maior formulador de um arcabouço teórico sobre sua nova fé. Alguns elementos fundamentais e fundantes de sua concepção: Jesus ressuscitou, ele está vivo, sua ressurreição é a certeza de nossa ressurreição, ou seja, de nossa vida pós-morte,” *reluzente de glória*” (1Cor.15,43). Fazer-se discípulos dele é tornar-se irmão de todos: judeus ou gentios, homem ou mulher, senhor ou escravo, todos são iguais. Aqueles que acreditam formam um

novo tipo de Assembleia do Povo (Igreja), onde Ele é a cabeça e todos os irmãos são seus membros. *Jesus é o Ungido por Deus (Cristo) - título utilizado por Paulo mais de duzentas vezes em suas Cartas – e também Filho de Deus e Senhor (Kurios) – atribuições imperiais absolutamente restritivas.*

“A morte ignominiosa de Jesus condenado pelas autoridades de acordo com a lei, é retrato da sabedoria do mundo: é o domínio da lei. A lei não liberta, a lei escraviza. O que liberta é o amor (1 Cor. 13): Temos que crer, viver na esperança, praticando o amor.” (HOORNAERT, 2016, p. 140)

O fundamento último do amor, de todo e qualquer amor, é Deus, cuja imagem preferida de Jesus é o Pai. A vivência do Pai constitui o núcleo mais íntimo e original de sua personalidade. Ele se põe a serviço da construção do *Reino de Deus*, um modo de conviver, em que Deus *“reina”*, como Pai misericordioso. O Reino de Deus é o pão compartilhado.

“Uma nova noção de família enraizada na fraternidade, e não na noção de paterfamilias, era fruto de uma vivência vislumbrada a partir do horizonte do Reino. Um Reino que, definitivamente, seria a congregação das filhas e filhos em torno de um Deus que não somente é Pai, mas também bom e misericordioso.” (LUCIANI, 2017, p. 168)

Como observa Paul Ricoeur: *“Jesus ousa dirigir-se a Deus como um filho a seu pai: a reserva que toda a Bíblia testemunha é rompida em um ponto preciso: a audácia é possível, por que começou um tempo novo.”* (QUEIRUGA, 1993, p. 109)

Jesus não era de muitas citações da Torá (a Lei), nem de recitações das orações a não ser as de costume, mas ensinou uma nova oração, cuja versão, com sabor aramaico, é muito concreta e onde a tônica é a reciprocidade amorosa:

Pai, santificado seja o teu nome; venha o teu reino; dá-nos hoje o pão de cada dia; perdoa as nossas dívidas, como nós perdoamos aos nossos devedores e não nos submetas à prova. (NUNES, 2019, p. 109)

A metáfora Pai para falar de Deus é bíblica e certamente expressa a relação de amor e confiança que Jesus vivenciou com José, seu pai. Jesus vê Deus como um Pai misericordioso, tão misericordioso, tão amoroso, que o trata com o diminutivo paizinho.

Já nos inícios da religião, onde é possível descobrir “os mais primitivos dos primitivos”, aparece como chave a figura de Deus como Pai. Foi o que demonstrou a escola de Viena, fundada por W. Schmidt, com validade inquestionável, por discutível que seja como teoria sua concepção do monoteísmo primitivo. Depois, em momentos ulteriores da evolução religiosa, tal figura se perde ou se dilui, para ser recuperada mais tarde nos deuses supremos do “panteão” e, sobretudo, no monoteísmo. Nos inícios do mundo bíblico, no Antigo Oriente,

já desde o segundo ou até terceiro milênio antes de Cristo, Deus é invocado como pai. Por certo que Joachim Jeremias indica que tal invocação já implica, e muito claramente, algo do que para nós supõe a palavra “mãe.” (QUEIRUGA, 1993, p. 90)

Jesus chama Deus de Pai 170 vezes no Novo Testamento. Na escritura hebraica Deus é descrito como Pai somente 15 vezes.

Cabe aqui duas observações importantes:

1. Os estudiosos do Novo Testamento concordam que Jesus nunca se atribuiu o título de Filho Único. A distinção que aparece no Evangelho de João: “*meu Pai e vosso Pai*” (20-17) – é uma leitura pós-ressurreição e não foi expressa por Jesus, dizem os especialistas. Ele via Deus como pai de todos, com ênfase nos mais necessitados;
2. O número de vezes em que cada evangelho põe nas falas de Jesus a metáfora Pai corresponde ao processo de “desfeminização” e “patriarcalização do cristianismo no final do século I e ao longo do século II.

Neste sentido é muito pertinente e arguto o olhar feminino da doutora em teologia Wanda Deifelt:

“O número de vezes que essa metáfora aparece em cada evangelho mostra a influência do contexto social e como essa metáfora foi se absolutizando. Deus é chamado Pai somente 4 vezes no evangelho mais antigo, o de Marcos. Em Lucas aparece 15 vezes. Em Mateus 42 vezes. No evangelho mais recente, o de João, aparece 109 vezes. O que está em jogo não é a legitimidade dessa metáfora como uma das múltiplas maneiras de falar de Deus. O questionável é, em primeiro lugar, sua absolutização. Em segundo lugar, suspeita-se do uso da metáfora para perpetuar o patriarcalismo. Chegamos a tal ponto que, hoje, causa furor o emprego de qualquer metáfora feminina para nos referirmos a Deus. Pode-se chamar Deus de rocha, mas é considerado ofensivo chamar Deus de mãe. Qualquer metáfora que se torna absoluta é idolatria.

A transição de um modelo eclesiástico, onde grupos pequenos se reuniram em casa (incluindo casas de mulheres), a um de aproximação à cultura greco-romana revela como uma metáfora se adaptou mais facilmente do que outras. O Abba (pai) de Jesus é sinônimo de uma divindade próxima, carinhosa, amorosa. Já o Pater (pai) da cultura greco-romana é o senhor absoluto, com poder de vida e morte sobre esposa(s), filhos e filhas, escravas e escravos. Quando, nos primeiros séculos, o movimento de Jesus adotou um jeito grego de pensar e um modo romano de administrar, a linguagem do pai todo-poderoso tornou-se normativa. Por

isso, suspeitar da linguagem é também suspeitar da realidade que a engendra. Transformar a linguagem é um passo constitutivo na transformação dessa realidade”.

Continua Wanda Deifelt:

“O uso da metáfora Pai, como o uso de todas as metáforas, traz em si uma dimensão de parcialidade. É urgente, utilizando o instrumental analítico de gênero, desconstruir e reconstruir tal metáfora de modo a mostrar aspectos da paternidade divina que se aproximem da experiência dos pais modernos. Em outras palavras, a linguagem divina paterna insiste em descrever Deus todo-poderoso, distante, autoritário, juiz, sem levar em consideração a dimensão paterna, assim como expressa por Jesus ao empregar o termo Abba; pai amoroso, cheio de carinho, próximo.” (SUSIN, 2006, p. 266-267)

Convém lembrar a relevante presença feminina no cotidiano e no anúncio da “boa nova”, no início do **movimento dos seguidores do Caminho** e do ministério de Paulo; 62 mulheres são citadas nos Atos dos Apóstolos e nas Cartas de Paulo. Também nas comunidades joaninas as mulheres tiveram papel ativo e diretivo. (NUNES, 2019, p. 178)

Não consta que alguma mulher tenha participado do Concílio de Niceia.

O teólogo e historiador Eduardo Hoornaert, depois de aprofundar-se no estudo de Wittgenstein e outros, buscou ler, com um olhar semita, os primeiros escritos sobre Jesus, que chegaram até nós. Resultou daí uma rara e excelente análise literária sobre as **Cartas de Paulo**, que apresenta Jesus com o Ungido, a **Carta aos Hebreus**, que interpreta Jesus a partir da figura bíblica de Melquisedec e **Marcos**, que nos anos 70, retoma tudo isso e faz a memória de Jesus em um novo gênero literário que dá origem aos Evangelhos. (HOORNAERT, 2016, p. 9, 49, 60, 65, 73, 75, 139)

“A partir do século III d.C., no momento em que os intelectuais cristãos passam a usar as categorias gregas pra interpretar os textos do Novo Testamento de tal modo predomina, até hoje, que para nós fica difícil voltar ao sentido semita original. Nas leituras correntes só passa Paulo helenizado, Hebreus helenizado, Marcos helenizado. Há todo um trabalho a se fazer, no sentido de recuperar Paulo semita, a Carta semita aos Hebreus, Marcos semita”.

Mais do que enfatizar as metáforas *Pai* e *Reino de Deus*, tão próprias de Jesus de Nazaré, Paulo radicaliza, na prática e na sua pregação, as consequências das duas metáforas.

“Em suas Cartas, Paulo transforma informações esparsas acerca de Jesus de Nazaré em temas bem estruturados: a liberdade, o amor, o universalismo, etc. É esse último ponto que constitui a maior contribuição de Paulo na articulação do legado de Jesus”.

Destacamos, a seguir, do livro de Hoornaert, “*Em busca de Jesus de Nazaré: uma análise literária*”, alguns posicionamentos de Paulo sobre os três temas.

Sobre o amor, escreve Paulo aos Coríntios e aos Romanos:

*“Eu posso falar a língua
dos homens e dos anjos
Mas, sem amor,
não sou mais que o eco do bronze,
o tinir de um címbalo...
Sem amor, nada sou.”* (1Cor. 13,13)

*“Se seu inimigo tem fome, dê-lhe de comer.
Se tem sede, dê-lhe de beber.
Assim você acumula brasas ardentes sobre a sua cabeça.
Não se deixe vencer pelo mal:
Vença o mal pelo bem”.* (Rm. 12, 20-21)

Sobre a liberdade, escreve aos Gálatas e aos Romanos:

*“Vocês são filhos.
Deus enviou aos nossos corações o Sopro de seu Filho,
Que grita “Abba, Pai”.
Portanto, vocês não são mais escravos, mas filhos.
E, como filhos, herdeiros de Deus.”* (Gal. 4, 6-7)
*Todos os que se deixam conduzir pelo Sopro de Deus
São filhos de Deus.
Vocês não receberam um sopro de escravos
Para voltar aos caminhos do medo,
Mas o sopro de filho,
Aquele que nos faz gritar: “Abba, Pai”.* (Rm. 8,14-15)

Sobre o universalismo, uma palavra a mais do Hoornaert:

“É irônico constatar que só em 1997 reaparece a ideia do universalismo paulino, no livro ‘Saint Paul, La Fondation de l’Universalisme’, ‘... do filósofo ateu Alain Badiou, que considera Paulo o fundador do universalismo.”

“... o universalismo, no dizer do filósofo Zizek, é um universalismo “desordenado”, ou seja, irreconciliável com os ordenamentos da sociedade estabelecida.”

Aos Gálatas, Paulo se posiciona com ousadia:

*“Não há judeu, ou grego
senhor ou escravo,*

*homem ou mulher,
somos todos unidos em Jesus, o Ungido.” (Gl 3,28)*

Para Paulo, a vida e a morte de Jesus refletem **a sabedoria de Deus**:

“Que ninguém se engane! Se algum de vós se crê sábio segundo este mundo, deve tornar-se louco para chegar a ser sábio, pois a sabedoria deste mundo é loucura aos olhos de Deus.” (1 Cor. 3,18-19)

“Os plebeus e os desprezados são os escolhidos de Deus” (1Cor. 1,27-28)

Como observa Hinkelammert (HINKELAMMERT, 2012, p. 63, 90):

“Uma convicção deste tipo subverte todas, mas realmente todas as instituições, inclusive a Igreja. Todas têm de avaliar-se por meio desse critério”.

“Paulo sabe ver o macrocosmo no microcosmo, porque no pequeno está o grande e no fraco está a força. É o que ele denomina sabedoria de Deus”.

(...) falamos de uma sabedoria de Deus, misteriosa, escondida, destinada por Deus, desde antes dos séculos, à nossa glória”. (1 Cor. 2, 7)

A vida e a morte de Jesus são a própria mensagem, ou revelação de Deus para todos os homens, seus filhos, criados ao longo de séculos de evolução e desde sempre amados. Para o teólogo Andrés T. Queiruga, o anúncio de Deus, Pai misericordioso, é a mais original contribuição cristã ao processo de humanização:

“... não há homem algum definitivamente fracassado: mesmo aquele de fato esmagado pelos outros, mesmo aquele que morre sem a mínima realização histórica, mesmo o derrotado de qualquer maneira... é um homem digno, um sujeito merecedor de respeito absoluto, um objeto de amor incondicional, uma existência com sentido.

A esperança no ‘além’ utilizada como ópio das reivindicações do ‘aquém’; o ‘consolo’ religioso dos pobres, manipulado como sedativo da consciência dos ricos... é verdadeira blasfêmia contra o amor de Deus.” (QUEIRUGA, 1993, p. 70)

“Se se deve dar uma definição que resuma os diversos conteúdos de Deus, pode-se dizer que, para Jesus, Deus é um Deus dos pobres.” (Jon Sobrino, 2009, in TAMAYO, p. 143)

“Jesus entendia que o ser humano não é chamado apenas para sobreviver, mas para viajar para dentro da plenitude tanto de nossa própria humanidade como do mistério de Deus. O que a maioria de nós parece não entender é que essas duas viagens são simultâneas e até idênticas.” (SPONG, 2006, p.149)

“Opção pelos pobres é uma forma de ver a História, de reagir diante dela; mas é também a maneira de viver como ser humano. É salvação.” (Jon Sobrino, 2009, in TAMAYO, p. 410)

“O que temos após a crucificação, o Deus ressuscitado, não é nem Deus, o Pai, nem Deus, o Filho – é o Espírito Santo. O Espírito Santo é o amor entre os crentes; é o espírito da comunidade de crentes, de acordo com as famosas palavras de Cristo: ‘Pois onde se reunirem dois ou três em meu nome, ali eu estou no meio deles’ (Mt. 18.20). Acho que esta passagem deve ser tomada literalmente.” (2023, ZIZEK, in MILBANK, p. 212)

“Algo fundamental revela a cruz de Jesus sobre Deus, se sua presença é aceita. Consumou-se a absoluta proximidade de Deus à história; Deus é um Deus dos seres humanos até os últimos abismos de horror e morte. Jesus “morre” porque “o matam”, porque Deus aceita até o fim a encarnação como lugar do amor e de sua credibilidade.” (2009, Jon Sobrino, in TAMAYO, p. 134)

CAPÍTULO 11

QUAL É A RELAÇÃO ENTRE JESUS E DEUS?*

*Síntese da resposta de José Maria Castillo, doutor em teologia, a esta pergunta, em seu livro *“Jesus, a humanização de Deus”*. Leitura complementada pelo jesuíta Roger Haight em seu livro *Jesus, símbolo de Deus*:

“O surpreendente e desconcertante do deus que conhecemos em Jesus está em que esse Deus, ao encarnar-se no homem Jesus de Nazaré, se fundiu e confundiu com o humano até o extremo de estar presente e identificado com tudo o que é verdadeiramente humano, com o sensível, com o que vemos, ouvimos, palpamos e tocamos (Jo 1,1). Por isso, Deus está no que passa fome, no que tem sede, no enfermo e no estrangeiro, no preso, no desafortunado e no excluído (Mt 25,34-40). Por isso, quando nós, cristãos, falamos de Deus, com toda razão podemos falar da “fraqueza de Deus” (1Cor 1,25). Como dizemos que Deus se despejou de sua condição e se fez como um entre tantos (Fl 2,7)”.

(CASTILLO in LIBÂNIO, 2013, p. 89-90)

“O nosso mundo, para nele vivermos, amarmos e santificarmos-nos, não é dado por uma neutra teoria do ser, mas é dado pelos acontecimentos da História ou pelos fenômenos da natureza, mas é dado pelo existir destes inauditos centros de alteridade que são os rostos, rostos a serem olhados, respeitados, acariciados.”

(Italo Mancini, citado pelo cardeal Carlo M. Martini -ECO, 2009, p. 41)

“Não é de modo algum necessário, para obter sua salvação, conhecer o Cristo, segundo a carne, mas é totalmente diferente quanto ao Filho eterno de Deus, isto é, a sabedoria eterna de Deus, que se manifestou em todas as coisas, sobretudo na mente humana, e mais particularmente em Jesus Cristo.”

(Baruch de ESPINOSA in LENOIR, 2019, p. 59)

“Depois que se afirma que Deus se fez carne, torna-se obrigatório também encontrá-lo no corpo do outro. Maltratar o corpo do outro é maltratar o corpo de Cristo. A autenticidade da experiência cristã se encontra precisamente na boa nova de que o ser humano é matéria espiritual, cujo corpo é templo de um Espírito vivo, que age a partir das feridas abertas em busca do perdão.”

(FERREIRA, 207, p. 34)

Há uma resposta simples e corriqueira: Jesus é Deus! Esta resposta, segundo Castillo, é vazia, sem conteúdo. Se perguntarmos a alguém: *“você acredita que Jesus é Deus?”* não sabemos o que estamos perguntando, porque não sabemos *quem* é Deus, ou *como* é Deus. Desconhecemos o termo ou predicado da pergunta. Portanto, nem a pergunta, nem a resposta, têm sentido. São vazias de conteúdo.

Não podemos tomar como ponto de partida o Deus da metafísica para explicar e conhecer Jesus. O Deus de Aristóteles, ou de Platão, é pura teoria, sem qualquer interesse hoje.

Como disse Santo Agostinho, *“Tudo que dissermos sobre Deus não é Ele mesmo; são apenas nossas ideias sobre Ele. Se o conheces, não é Deus...”*.

Como disse Van Rad, *“Não existe coisa mais alheia à etimologia do nome de YAHVÉ do que uma definição ontológica de sua essência”*.

“... em amplos setores cristãos há uma tendência a identificar – e inclusive a confundir – Jesus com Deus e Deus com Jesus. Isto se deve a uma educação religiosa desviada, que deve ser corrigida, já que carece de base neotestamentária.” (TAMAYO-ACOSTA, 2002, p.118)

A questão da relação entre Jesus e Deus tem que ser colocada de outra forma.

Os estudos históricos – isto é, científicos, no marco de nossos conhecimentos possíveis, prováveis, apoiados em evidências empíricas – têm demonstrado que o homem histórico, conhecido como Jesus de Nazaré:

- existiu de fato, viveu na Galileia, morreu em Jerusalém, com pouco mais de 35 anos, na sexta-feira, 07 de abril, do ano 30, 3.790 do calendário judaico, 783 da fundação da cidade de Roma (NUNES, 2019, p. 136);
- não se declarou Deus, nem o filho de Deus; não se atribuiu qualquer título exclusivo, de natureza divina;
- a exclamação de Pedro *“Meu Senhor e meu Deus”*, dizem os exegetas, é seguramente um texto posterior à morte de Jesus;

- ninguém, em seu curto período de vida, lhe reconheceu como igual a YAVEH, ou o próprio; o que, aliás, na enraizada crença judaica, seria uma blasfêmia. Se YAVEH, o transcendente absoluto, era inominável – em respeito, omitia-se as vogais na escrita de seu nome – como um homem poderia se declarar, ou ser reconhecido como Deus?
- seu dia começava, invariavelmente, com a recitação “*Shemá Israel – Ouça, ó Israel: Ado-nai, nosso Deus é Um*” e que ele invocou o chamando de Pai quando ensinou a seus discípulos a mais conhecida das orações: *Pai nosso, que estais no céu...*;
- se Jesus de Nazaré, em seu íntimo, tinha consciência de sua absoluta originalidade, de sua transcendência à espécie humana, é algo imperscrutável. Sobre sua consciência pessoal, de como ela teria evoluído, de como ele se via, nada, absolutamente nada, podemos falar.

Não são poucos os teólogos que afirmam não encontrar nas Escrituras evidências de que Jesus de Nazaré se considerasse Deus. Ao se designar “*filho de Deus*” ele não se atribuía qualquer exclusividade.

Para os gentios, contemporâneos de Jesus, havia muitos deuses e um a mais não fazia qualquer diferença. Tampouco eram levados a sério a este respeito os imperadores romanos, proclamados deuses, em geral pós-morte, pelo Senado Romano. Alguns, em vida, chegaram a exigir de seus súditos o reconhecimento de sua divindade.

A questão capital, afirma Castillo, não está em saber se aquele judeu do século I era ou não era o Deus, que já conhecíamos por meio de filosofias, ou tradições religiosas anteriores.

“*A questão é saber se aquele judeu, Jesus, veio para nos dizer, ou revelar, algo sobre Deus, que não sabíamos, nem podemos saber por nós mesmos*”. (p. 75)

Primeiramente, “*é preciso ter em conta que Jesus modificou profundamente o conceito e experiência de Deus, que se tinha no judaísmo de sua época*”. (p. 107)

Dois traços na sua experiência pessoal: *confiança e proximidade* em relação a Deus, de quem e com quem frequentemente fala, tratando-o como *Abba*, “*paizinho*”, mudando de forma surpreendente e inusitada o nome de Deus do judaísmo, embora “*abba*” fosse uma expressão coloquial entre adultos. Sua relação com Deus não é de sujeição, ou escravidão, mas um jeito de liberdade.

“*O pai que Jesus apresenta se caracteriza sempre pela bondade, a acolhida incondicional, a tolerância, o respeito e o amor*”. (p. 115)

“*Ele faz brilhar o sol sobre bons e maus e manda chuva sobre justos e injustos.*” (Mt. 5,45).

A primeira “revelação” de Jesus sobre Deus encontra-se em suas palavras e no trato com Ele e com seus irmãos. Para Ele, o amor ao Pai se manifesta no amor ao próximo, principalmente aos mais necessitados. O juízo de valor de nossas vidas será nossa afeição e cuidado com nosso próximo.

Ele deixa muito claro que o “próximo” não é uma categoria abstrata, objeto de um “amor platônico”, universal, mas cada homem concreto, sofredor, abandonado, explorado, subjugado, com fome de comida, reconhecimento, justiça e amor, com os quais deparamos, muitas vezes, sem vê-los.

“A partir de sua própria forma de viver, Jesus nos deu a conhecer como é Deus e quem é Deus” (p. 130).

“Deus não só faz opção pelos pobres, mas através dela se mostra como Deus. (...) Cristo historiza a opção pelos pobres e leva à plenitude a opção que todo ser humano deve fazer por eles.” (Jon Sobrino, 2009, in TAMAYO, p. 411)

Jesus nasceu e viveu em uma sociedade profundamente marcada e configurada pela religião. Contudo, como galileu, ele não estava sujeito a influência religiosa tão intensa como os que tinham seus conterrâneos da Judéia e, mais ainda, os de Jerusalém. *“A presença dos rabinos não era tão ativa, como na capital, a cidade do Templo e do culto oficial”*, como observa Pagola. (p. 135)

Nos estudos sobre Jesus histórico é comum a distinção entre “ditos” e “atos” de Jesus. Muitos concordam com Sanders, quando ele diz: *“Nosso estudo se fundamenta principalmente nos “fatos” sobre Jesus, e apenas de forma secundária no estudo da parte material dos “ditos”*.

Outro autor, E. Fuchs, *“propôs situar em primeiro plano o comportamento de Jesus, utilizando-o como marco aonde deveriam ser inseridos os “ditos”*. (p. 134)

É fato que Jesus viveu e realizou seu projeto na Galileia, a região mais pobre e mal considerada. Nesta região pobre, e em processo de recrudescimento da pobreza, pela política adotada pelo Império, com apoio das autoridades locais, Jesus quis conviver com “os últimos dos últimos”.

Como observa Joachim Jeremias:

“Os seguidores de Jesus consistiam predominantemente em pessoas difamadas, pessoas que gozavam de baixa reputação e estima: os “amme haarets”, os incultos e ignorantes, a quem sua ignorância religiosa e seu comportamento moral fechava, segundo a convicção da época, a porta de acesso à salvação”. (p. 137)

Há um princípio de interpretação, “o princípio hermenêutico”, que impregna hoje nossa formação acadêmica. Segundo ele: “o lugar a partir de onde se veem as coisas determina e/ou

condiciona *o como se veem* as coisas. De um palácio, ou de uma mansão, vê-se a vida e o mundo de maneira muito diferente de como se vê a partir de um barraco, uma favela ou um subúrbio.

Jesus, como todo ser humano de verdade, não se privou, não pôde privar-se desse condicionamento hermenêutico.

Daí que, somente a partir de onde se situa Jesus, podemos encontrar o Deus que Jesus nos revela.

“Em Jesus, se revelou o homem na sua máxima radicalidade e com isso também, quem seja o Deus humano. Não é, pois, da análise abstrata da humanidade e da divindade que se pode esclarecer o mistério de Jesus de Nazaré, que fascinou os Apóstolos a ponto de terem que chamá-lo de Deus”. (BOFF, 1972, p. 210)

Jesus apresenta uma visão da História a partir dos pobres... É esta a boa notícia que se deve anunciar como verdade última da história contra todas as suas aparências. (...) diante das necessidades fundamentais da vida, deve-se agir com misericórdia, sem outra justificação além do próprio fato das necessidades.” (Jon Sobrino, 2009, in TAMAYO, p. 411)

A cruz de Jesus é o argumento mais claro para mostrar que Jesus fez uma opção pelos pobres e o caráter conflitivo da opção. A cruz de Jesus mostra que existem pobres e empobrecedores, oprimidos e opressores, reino e antirreino.” (Idem, p. 412)

Elizabeth Schüssler Fiorenza (HAIGHT, 2003, p. 105) destaca três classes de pessoas em particular com as quais vivia Jesus:

- os pobres;
- os enfermos e os coxos – objeto de seu ministério de cura;
- os coletores de impostos, pecadores e prostitutas.
- Entre esses pobres Jesus visualiza e realiza o reino de Deus, ou seja, um modo de vida, de convivência fraterna, alegria e felicidade, como o Pai deseja para todos seus filhos.
- A práxis de Jesus – vida e pregação – é a dignidade e felicidade das pessoas, o verdadeiro sagrado diante de Deus:
 - *“vim para que todos tenham vida e a tenham em abundância”;*
 - *“chegará o dia em que os verdadeiros adoradores de Deus, O adorarão em espírito e em verdade”.*

Aquele a quem Jesus chamava de Pai é pessoal e amoroso.

A parábola do filho pródigo revela Deus como misericordioso, acolhedor, clemente, compreensivo, absolutamente preocupado com a plenitude, com a integridade e com a realização dos seres humanos, que são filhos seus.

É inegável que *“Jesus deslocou o sagrado, enquanto tirou do Templo com seus sacerdotes, da religião com suas normas e ameaças e o pôs no ser humano e nas relações que cada um tem e mantém com os demais”*. (p. 152)

“Nos Evangelhos nunca se diz que Jesus ocorresse ao Templo para rezar, ou para participar de atos litúrgicos, oferendas ou cerimônias sagradas. É verdade que Jesus, segundo o Evangelho de João, aparece com certa frequência no Templo. Mas sempre é para falar ao povo e explicar sua mensagem, já que ali era onde se costumavam reunir pessoas.”

Jesus é apresentado nos Evangelhos como *“um agente de cura, um exorcizador, um operador de milagres. A historicidade particular dos eventos, por trás dos relatos de milagres, simplesmente não é conhecida. (...) são indubitavelmente embelezados e em certos casos criados para ilustrar como Jesus era percebido pela fé. Isso, porém, não é realmente importante.*

Em princípio, os relatos de milagres por si só nada podem dizer-nos sobre a origem divina de Jesus (...) o poder divino na vida de Jesus é mistério. Não podemos conhecer seu mecanismo e seu modo de operação”. (HAIGHT, 2003, p. 106)

“O mais importante que Jesus de Nazaré trouxe foi que mudou radicalmente nossa ideia e nossa experiência de Deus”. (HAIGHT, 2003, p. 168)

“... seu projeto não é o projeto da religião. O Reino de Deus, por ele anunciado e por ele incrementado, não se identifica com qualquer religião; ele é universal, o que torna possível e necessária outra forma de relação de diálogo entre as religiões”. (HAIGHT, 2003, p. 168)

Jesus representa a contribuição mais forte e mais determinante jamais havida na história das tradições religiosas da humanidade. (HAIGHT, 2003, p. 169)

“Não é verdadeiramente cristão o membro confessional do partido, mas aquele que se tornou humano pela sua própria vivência cristã.” (Joseph Ratzinger in BOFF, 1992, p. 271)

“Quem não sabe separar Deus da religião está fadado a perder o encanto pelo próprio Deus.” (COSTA, 2018, p. 26)

Pondera o filósofo, teólogo, poeta e crítico social Soeren Kierkegaard (1813-1855):

“Quando amas o amado, não te assemelhas a Deus, pois para Deus não há nenhuma predileção(...) Enquanto amas a teu amigo não te assemelhas a Deus, pois para Deus não há diferenças. Mas quando amas ao próximo, aí tu és como Deus”. (KIERKENGGAARD in VALLS, 2012, p. 77)

CAPÍTULO 12

CRIAÇÃO, SALVAÇÃO, LIBERTAÇÃO, REDENÇÃO, REINO DE DEUS

*“A compreensão da **criação** enquanto mera explosão de uma vastidão material, lançada ao acaso, seria totalmente absurda se não houvesse a esperança de que tudo tenha sido feito para que surgisse um interlocutor, livre e responsável, parceiro do próprio Deus. É plausível a concepção de uma criação do mundo como meio ambiente do homem e uma possível **história da salvação**. Nesse sentido, por um lado, é bom perguntar-se pela criação do mundo como lugar de preparação para a criação do homem como **autorrevelação** do amor de Deus, até a plenitude do homem que é Cristo, de acordo com Rahner.”*

(FERREIRA, 2017, p. 95)

“Em Israel, é difícil separar o tema da salvação da ideia de manifestação de Javé. O que se manifesta não o faz pura e simplesmente para se dar a conhecer. Ele aparece ao povo eleito para salvar e libertar.”

(PINAS, 2018, p. 13)

“O cristianismo irrompeu na História como movimento do Espírito, animado pela fé – pela esperança e pela confiança numa era de shalom demonstrada e anunciada por Jesus. Por quase três séculos a Era da Fé prosperou.”

(COX, 2015, p. 103)

“O horizonte do diálogo é a salvação como experiência radical de sentido perante o sem-sentido da morte e a vida sem sentido de muitos seres humanos.”

(Jon Sobrino, 2009, in TAMAYO, p. 535)

Ao longo de séculos e milênios as condições da vida humana permaneceram essencialmente as mesmas, e geração após geração viveram e morreram dentro dos mesmos horizontes mentais conhecidos. Mas na evolução imperceptivelmente lenta da vida humana através de longos períodos de tempo, as condições gradualmente foram se dando para a emergência da individualidade.

Naquele que Karl Jaspers identificou como “*tempo axial*”, de aproximadamente 800 a. C. até mais ou menos 200 a. C., indivíduos humanos significativos surgiram, por cujos ensinamentos – embora sempre dentro do contexto de suas próprias culturas – a consciência humana foi ampliada e desenvolvida imensamente, e começou um movimento da religião arcaica para as religiões de salvação ou libertação.

Durante este período viveram na China Confúcio e Lao Tsé; na Índia viveram e ensinaram Guatama, o Buda e Mahavira, o fundador do jainismo; na Pérsia, Zoroastro; em Israel, os grandes profetas hebreus: Amós, Oseias, Jeremias, Isaías, Ezequiel – e neles se escreveu a maior parte das escrituras. A Grécia gerou Pitágoras, Sócrates, Platão e Aristóteles. Indivíduos que estavam emergindo para a autoconsciência a partir das mentalidades comunais estreitas de suas sociedades. (HICK, 2018, p. 69)

“No decorrer de sua história o povo hebreu passou por várias ameaças naturais ou políticas, advindas de outros povos... Esse contexto de ameaças contribui para desenvolver junto do povo um profundo ideal de libertação... As duas experiências de escravidão do povo no Egito e, posteriormente, no exílio da Babilônia, fortificaram a noção de libertação e de confiança em Javé como o Deus salvador e libertador.” (PINAS, 2018, p. 136)

O Deus de Israel é um Deus de relacionamento. Sua história é a história do relacionamento do povo e de seus dirigentes com Deus. Uma aliança foi construída entre Deus e o povo. A iniciativa partiu de Deus: ele chamou um homem, Abraão (1850 a.C.), de uma terra distante – Ur da Caldeia (hoje Iraque) – e fez percorrer longas distâncias, submeteu-o à prova e prometeu que ele seria pai de um numeroso povo. Resgatou esse povo quando escravizado no Egito, deu-lhe um grande libertador, Moisés (1300 a. C.), e, através dele, os Dez Mandamentos.

Através de Moisés, Deus convoca os hebreus e estes tomam consciência de que são um povo especial, uma “igreja” (*ekklesia*, em grego: assembleia dos convocados) e eles se comprometem coletivamente nessa aliança.

Depois de fazer o povo peregrinar pelo deserto, deu-lhe uma terra só para ele. Esse povo se constituiu como nação e teve bons e maus dirigentes, dependendo de seu comportamento. Foi advertido muitas vezes pelos profetas, homens com grande coragem e senso de justiça.

Toda essa odisséia foi sendo contada oralmente e depois registrada por escrito ao longo dos séculos. Foram compilados relatos populares, histórias, leis, filosofia de vida (provérbios), poemas, exortações e visões. O último dos livros que veio a formar a Bíblia (plural de “*biblos*”, livro) foi Sabedoria, escrito no ano 50 a. C.

“Amanhã, quando o teu filho te perguntar: ‘Que são estes testemunhos e estatutos e normas que Iahweh nosso Deus vos ordenou?’, dirás ao teu filho: ‘Nós éramos escravos do Faraó no Egito, mas Iahweh nos fez sair do Egito com mão forte. Aos nossos olhos Iahweh realizou sinais e prodígios grandes e terríveis contra o Egito, contra o Faraó e toda a sua casa. Quanto a nós, porém, fez-nos sair de lá para nos introduzir e nos dar a terra que, sob juramento, havia prometido aos nossos pais. Iahweh ordenou-nos então cumprimos todos estes estatutos, temendo Iahweh nosso Deus, para que tudo nos corra bem, todos os dias; para dar-nos a vida, como hoje se vê. Esta será a nossa justiça: cuidarmos de pôr em prática todos estes mandamentos diante de Iahweh nosso Deus, conforme nos ordenou.” (Dt. 6,20-25)

É por meio de sua ação salvadora que o povo compreende a revelação e a glória de Javé. Por meio da história da salvação de Israel, Ele se dá a conhecer. Nas maravilhas realizadas por Javé, o povo pode conhecê-lo; e, conhecendo-o, conhece juntamente sua salvação.

Como observa o historiador Reza Aslan:

“Deus é o Senhor que comanda: essa é a afirmação fundamental; na teologia do Antigo Testamento (...) Tudo deriva disso. Todo o resto se baseia nisso. Todo o resto pode ser entendido com referência a isso e só a isso”. (ASLAN, 2018, p. 186)

“O cristianismo fala de redenção e vida eterna; o judaísmo, da vinda do Reino de Deus; o islamismo, do julgamento e do paraíso; o hinduísmo, de moksa; o budismo, de iluminação e nirvana.”

Por trás, e dando substância a essas concepções variadas de um estado ilimitadamente melhor, está a consciência de uma unidade última da realidade e valor.

Para o judaísmo, este é o “Deus de Abraão, Isaac e Jacó”, e de seus descendentes através do tempo; para o cristianismo, o Deus trino de Pai, Filho e Espírito Santo; para o islamismo, Alá, o misericordioso, o maximamente compassivo; para o hinduísmo, o infinito ser, a consciência, o deleite (*satchitananda*), que é Brahma; para o budismo Teravada, a realidade inefável e imperencível do Nirvana; para o mahayana, o Vazio, (*sunyata*), que é ser assim como é (Suchness) ou completude de “ser admirável”.

Em todas essas formas a realidade última, o divino, o Real, é o que torna possível a transformação de nossa existência atual... e, para a fé secular do marxismo, a realidade salvadora, que transcende o indivíduo alienado, é o processo dialético da história... Assim,

todas essas fés pós-axiais são orientadas soteriologicamente, ou seja, voltadas para a salvação, ou libertação, como transformação humana. (HICK, 2018, p. 69)

O filósofo e teólogo W. Pannenberg – um dos maiores teólogos do século XX – demonstra que na história da salvação não há como separar **revelação** e **salvação**. Ele diz:

“A revelação de Deus significa, para a pessoa humana – a qual está determinada a abertura até Deus –, salvação, cumprimento e realização de sua determinação, e assim de sua essência.” (PINAS, 2018, p. 137)

Para o historiador John Hick, que que viemos citando até aqui:

*“... o peso total da mensagem de Jesus estava em seu chamamento a que seus ouvintes abrissem seus corações agora para o **Reino ou governo de Deus** e viver conscientemente na presença de Deus como instrumentos do propósito divino na terra. O chamamento era no sentido de se afastar de uma vida centrada no eu e seus desejos de posse, riqueza, status e poder, para uma nova vida centrada em Deus, e vivida como agente do amor divino. A experiência da **salvação** é a experiência de ser objeto do perdão e do amor gratuitos de Deus, libertando o crente para amar seu próximo.”* (HICK, 2018, p. 83)

*“Na pessoa de Jesus, o **Reino de Deus** se realiza plenamente. A mensagem trazida por ele (**revelação**) do amor de Deus é vista como expressão da presente chegada do reino... em Jesus o ser humano já participa da salvação... Agora a história da salvação é estendida a toda humanidade.”* (PINAS, 2018, p. 139)

Como se viu, as ideias de **salvação**, **libertação**, **redenção**, **Reino de Deus**, presentes em muitas culturas, expressam a esperança de dias melhores para o indivíduo e para a coletividade, resultante de promessas (revelações) vindas de fora, do alto, de Deus. Todos estes termos são mais supostos que explicados.

Curiosamente nenhum destes verbetes constam:

- a. do recente *Dicionário Histórico dos Evangelhos* (BASLEZ, 2018), onde consta o verbete “doze”, mas não “Reino de Deus”, pelo qual Jesus de Nazaré viveu e morreu;
- b. do glossário ainda mais recente, de 24 páginas, do livro *Jesus de Nazaré*, suas palavras e as nossas. (ALONSO, 2022, p. 417-436);
- c. nem mesmo do Glossário do excelente e volumoso (957 p.) livro *Comentário Histórico-Cultural da Bíblia, Novo Testamento* (KEENER, 2017), onde não constam verbetes como “Reino de Deus”, “salvação”, “libertação”, “redenção”, mas constam “satanás”, “retórica”, “papiros”.

Como Deus se revela? Como saber como e quando Ele se revela? O que é concretamente a revelação? Deus revelou algo que não sabíamos, ou que não teríamos condições de saber?

O que é salvação? Do quê somos salvos e como somos salvos?

O que significa história da salvação? História dos judeus e dos cristãos? E como fica a história dos outros povos?

Vamos buscar, nos capítulos seguintes, respostas as “*sete circunstâncias*” propostas por Aristóteles (*quis, quid, ubi, cur, quem da modum e quibus adminiculis* – **quem? o quê? onde? por quê? como? e por que meios?**), ou os 5WH da didática americana (Who, What, Where, When, Why, How).

Estaremos atentos à advertência recente do teólogo e historiador Eduardo Hoornaert: *“Neste momento estão se formando, no alto oceanos das tendências históricas, diversos tsunamis que sacudirão fortemente as praias da leitura bíblica num futuro ainda não definido. Deste já constituem uma ameaça a leitura tradicional da Bíblia, tal qual é praticada em inúmeras comunidades cristãs ao redor do mundo”*.

A título de exemplo, vejamos o que ele disse a respeito da temática deste capítulo:

“... com a nova arqueologia, cai o mito do ‘povo eleito’, de um ‘povo de Deus’ diferente dos demais, guiado por Iahwh. Cai o mito de Abraão e dos patriarcas, a história da conquista de Canaã pelos Israelitas. Aparece um povo hebreu comum, cuja história é igual a dos demais povos da região e da época. Os Israelitas não vieram de fora, sempre viveram na Palestina, não são um povo imigrante, liderado por Iahwh. Como os demais povos, sua história é feita do chão de cada dia, da luta pela sobrevivência. Com isso estamos fora do ‘grande relato’, que se inicia com a história de Adão e Eva e só termina com a ‘consumação dos séculos’, fora do universo e das ‘grandes verdades’”.

Eis como um estudioso insuspeito, o jesuíta francês Joseph Moingt, se expressa:

“Obras muitos recentes colocam em questão o conjunto da historiografia bíblica e autores muitos sérios falam abertamente da invenção da Bíblia, incluso do povo judeu”.

Mas não se pode deixar de admirar a fé consistente que perpassa a literatura bíblica... e a criatividade espiritual do povo hebreu, que conseguiu expressar por narrativas originais questões e desafios que nos atingem hoje e dar-lhes um cunho ético inconfundível, diferente da literatura dinástica, guerreira e violenta, endêmica, em tantas culturas. Nenhuma literatura fala dos pobres como a Bíblia. Isso, por si só, já basta para “crer apesar de tudo”. (HOONAERT, 2017)

Pondera o filósofo Gianni Vattimo:

“...somos herdeiros de uma tradição que se nutriu de valores “cristãos”, como a fraternidade, a caridade, a recusa da violência, todos fundados em uma doutrina que tem por centro a ideia da revelação e a ideia da encarnação, ou, como São Paulo a denomina, kênosis de Deus. (FERREIRA, 2015, p. 106)

Para o teólogo inglês John Hick (1922-2012):

“O pluralismo religioso é teologicamente “copernicano”, “heliocêntrico”, um modelo com Deus no centro e o cristianismo girando em torno de Deus, como um planeta a mais. Há necessidade de adequar nosso pensamento teológico à realidade teocêntrica, mediante uma revolução copernicana. É preciso passar do eclesiocentrismo, e mesmo do cristocentrismo, ao teocentrismo”. (HICK, 2018, p. 86)

CAPÍTULO 13

REVELAÇÃO

“Convém começar lembrando a imensa dificuldade que em si implica o próprio conceito de revelação, ou seja, da possibilidade de que o Deus infinito, o “outro” do mundo, possa ser percebido e de algum modo compreendido por nossa subjetividade finita e mundana...o que de fato assusta não é tanto a dificuldade da revelação, mas mais sua própria possibilidade.”

(QUEIRUGA, 2010, p. 226)

*“Caracteriza-se a religião do Antigo Testamento pela afirmação de uma **intervenção de Deus** na História, intervenção devida unicamente à sua livre decisão. É concebida essa intervenção como o encontro de alguém com alguém: de alguém que fala com alguém, que ouve e responde. Dirige-se Deus ao homem como um senhor a seu servo, interpela-o, e o homem que ouve a Deus responde pela fé e pela obediência. O fato e o conteúdo dessa comunicação nós chamamos de **revelação**.”*

(Latourelle, Teólogo)

*“A **revelação** – seja o que for em sua essência íntima – não apareceu como palavra feita, como oráculo de uma divindade escutado por um vidente ou adivinho, mas sim como **experiência humana viva**, como um “dar-se conta” a partir das sugestões e necessidades do próprio contexto e apoiado no contato misterioso com o sagrado.”*

(QUEIRUGA, Andrés T. – teólogo)

*“O homem interroga e Deus responde.
Mas nós não compreendemos as Suas respostas.
Não podemos compreendê-las.
Porque elas vêm do fundo da alma e lá permanecem até a hora da morte.”*

(WIESEL, Elie)

“O que é a educação para o indivíduo,
isso é a revelação para o gênero humano.”

(G. E. Lessing)

O Concílio Vaticano I (1869) assevera que existem três níveis de verdade:

- **verdades naturais**, as quais caem sob o domínio da razão;
- **verdades naturais reveladas**; embora a razão tenha capacidade de conhecê-las, Deus lhe vem em auxílio e as revela;
- **verdades sobrenaturais**, que só podem ser conhecidas pela revelação. “*Se Deus não no-las manifestar, nunca as conheceremos*”. (LIBÂNIO, 2014, p. 75)

O Concílio Vaticano II (1962-1965) amplia o conceito de Revelação para os acontecimentos e palavras e **abandona o acesso a Deus pelo caminho sobrenatural**, restando apenas um só tipo de verdade: a verdade simplesmente natural ou revelada.

Esta supressão torna possível o diálogo com a razão moderna, uma vez que “a consciência profunda de liberdade e autonomia por parte do sujeito avança no sentido de estatuir a própria experiência como fonte interpretativa de toda realidade”.

A autonomia absoluta da razão humana, que não aceita nenhuma instância exterior a ela que lhe dite alguma verdade – o que seria característica da modernidade – conflitua em dois pontos fundamentais da revelação, como vem sendo transmitida: (a) a autoridade da palavra de Deus transcendente, que (b) comunica verdades que ultrapassam o conhecimento empírico e demonstrativo da razão.

Para o teólogo Joao Batista Libânio, a Teologia Fundamental tem que enfrentar os questionamentos levantados pelos cinco baluartes da cultura ocidental, tão bem estudados por Henrique Vaz: a razão ilustrada, a mentalidade científica, a autonomia do sujeito, a consciência histórica, a valorização da práxis, tanto no sentido da democracia, como da ação transformadora da realidade.

Desafio ainda maior é o momento atual da pós-modernidade, que rejeita a pretensão totalizante da razão científica, ideológica, sistêmica, em nome da pluralidade de racionalidades, da estética, do lúdico, do “vale tudo”. (LIBÂNIO, 2014, p. 165)

Quais seriam essas verdades naturais, que a razão teria capacidade de conhecê-las, mas que Deus teria vindo em “*auxílio e as revelado por acontecimentos e palavras intimamente conexos entre si*”? (*Verbum Dei*)

Tais verdades, para a fé cristã, parece se concretizar, pura e simplesmente, em um exemplar da espécie humana – Jesus de Nazaré –, que vivendo pobre com os pobres, anunciou (revelou) a chegada do Reino de Deus, ou seja, da sociedade humana em construção, em que o amor ao próximo e a Deus seja uma realidade concreta, palpável, evidente para qualquer pessoa.

Diz a constituição dogmática “Dei Verbum”:

*“O conteúdo profundo da verdade, seja a respeito de Deus, seja da salvação do homem se nos manifesta por meio dessa revelação em **Cristo**, que é, ao mesmo tempo, o mediador e a plenitude de toda a revelação”.*

Para o teólogo, alemão/costarriquenho Franz Hinkelammert:

“Todos são iguais no Messias e essa igualdade se exprime precisamente no fato de que os escolhidos de Deus são os plebeus e os desprezíveis. Isso vale também ao contrário: sem essa eleição, não há essa igualdade entre todos. A igualdade que Paulo tem em mente, implica uma divisão. Exige preferir alguns (para argumentar na linguagem de Orwell: não aqueles que” são mais iguais”, mas aqueles que são menos)”. (HINKELAMMERT, 2012, p. 230)

Ele, que é doutor em economia, trata de esclarecer que não está falando de liberdade diante da lei e do mercado, que tem como avesso a opressão e a exploração.

Como disse M. Camdessus, diretor-gerente do FMI, em 1996: “... não se pode ignorar o potencial esmagamento dos fracos e desassistidos que resulta da **competência** do mercado nas circunstâncias do mundo hoje”.

Revelação, ou seja, desvelamento, deslocamento do véu que nos impedia de ver algo; deslocamento que, evidentemente, é atribuído a alguém externo a nós.

Ou, como consta do volumoso *De Revelacione*, do teólogo Reginald Garrigou-Lagrange:

*Revelação é ação sobrenatural por meio da **fala***”. A base bíblica, muitas vezes citada, encontra-se na Carta aos Hebreus (Hb 1, 1), este estranho texto que nem é carta, nem foi dirigida aos hebreus:

“Muitas vezes e de modos diverso falou Deus, outrora, aos Pais pelos profetas; agora, nestes dias, que são os últimos, falou-nos por meio do Filho”.

Observa o teólogo americano John Haught: *E foi neste sentido que a maioria dos teólogos católicos pós-tridentinos, antes do Concílio Vaticano II (400 anos), entendeu o conceito de revelação.* (HAUGHT, 1998, p. 44)

Complementa Michel Morwood:

“Este conceito de revelação fundamenta-se em uma cosmologia antiquada, que supõe que Deus está lá no alto e envia seu Filho cá para baixo neste planeta. Essa cosmologia não leva a sério a realidade de que todo universo está impregnado da presença

de Deus; supõe que o sagrado, o divino, está basicamente alhures e nos visita ou se digna irromper em nosso mundo, degredado, de modo incomum.” (MORWOOD, 2013, p. 57)

José Maria Vigil, teólogo latino-americano, sintetiza o “velho conceito de Revelação” (A) e propõe uma nova visão (B): (VIGIL, 2006, p. 98-105)

A. O velho conceito de Revelação cristã:

- a revelação é sobretudo palavra. A Bíblia é a palavra de Deus;
- primordialmente doutrina: verdades reveladas, “depósito de verdades”, que há de se observar e preservar intactas;
- biblismo literal – leitura ingênua, acrítica;
- singularidade da Bíblia, acreditando não haver nada igual, ou semelhante no mundo;
- singularidade evidenciada pela própria palavra da Bíblia – argumento circular, que bloqueia um pensamento adulto e crítico;
- resistência, principalmente das instituições religiosas, as descobertas comprovadas e hipóteses propostas como plausíveis.

A teólogo espanhol Andrés Torres Queiruga sintetiza a pregação comum, nos livros de divulgação, com os seguintes traços:

- a. Deus se revela por meio de aparições, visões e palavras escutadas, ou ditadas para serem escritas, a determinadas pessoas, como os profetas, ou apóstolos;
- b. essas pessoas as transmitem aos demais, oralmente ou por escrito, às vezes confirmando-as com sinais e milagres;
- c. os demais crêem neles e, apoiados em seu testemunho, creem que Deus disse, ou revelou isso que eles dizem.

Definitivamente, crer assim na revelação seria “aceitar algo como palavra de Deus, porque alguém disse que Deus o disse para que ele o dissesse aos demais”. (“Revelação” em *Diez palabras clave en Religión*, pp.179-180).

B. Visão atual da Revelação:

- a Revelação se dá num processo humano e dentro da história; não cai pronta do céu: “... não se trata de que Ele “venha de fora”, com sua inspiração, para um receptor separado e distante. Trata-se exatamente do contrário; pois Deus já está sempre dentro, sustentando, promovendo e iluminando a própria subjetividade, que **por isso** o busca e pode

descobri-lo. Afinal, **a revelação consiste em “aperceber-se” do Deus que, como origem fundante, ‘já dentro’, está habitando nosso ser e procurando se manifestar a nós. ‘Não busque fora; é no interior do homem que se encontra a verdade’, como disse Agostinho de Hipona (354-434). Todo conhecimento autêntico de Deus é sempre, de algum modo, um conhecimento revelado (os demais são elaborações secundárias e abstrações, que o supõem).**” (QUEIRUGA, 2003, p. 102)

- a Revelação é o processo vital, existencial, de um povo, que fez uma experiência religiosa, experiência que se materializou finalmente numa expressão escrita. A Revelação não é o texto, não são as palavras, não é um livro. A palavra de Deus é a palavra dos homens que falam de Deus.

A Bíblia, de simples escritura, ou “‘letra que mata’, se torna palavra de Deus ou espírito que dá vida” (2 Coríntios 3,6), somente à medida que nós, guiados pela sua gramática, lermos essa história, aqui e agora, a luz do divino, ou seja, do belo, da justiça, do amor.” (Vito Mancuso, teólogo, leigo, italiano)

O teólogo Andrés Queiruga recorre à pedagogia de Sócrates para representar/sugerir o significado de revelação:

“Sócrates - que ficou célebre pelo adágio ‘conhece-te a ti mesmo’ - filho de uma parteira (maia), afirma praticar a mesma arte de sua mãe: a maiêutica. Mediante sua palavra, tira para a luz- ajuda a dar à luz – o que estava dentro do interlocutor.”

“Graças a Moisés os israelitas descobrem no Êxodo uma presença de Iahweh, que sem sua palavra lhes permanecera oculta; porém a descobrem por que já está ali, com eles, animando e impulsionando suas vidas.” (QUEIRUGA, 2010, p. 119)

Para Marcel Légaut: *“A Bíblia, o Evangelho, é a história sagrada de um povo concreto que viu Deus agindo nos acontecimentos de sua vida. O verdadeiro que devem nos fazer é o de ajudar-nos a ver Deus agindo nos acontecimentos de nossa vida. Também nossa própria história é uma história sagrada”.* (QUEIRUGA, 2010, p. 142)

“O Deus de todos os homens manifestou em Jesus quem ele é, ou seja, amor universal aos homens. Para os cristãos, Jesus é a definição de Deus... uma definição em termos não-divinos, a saber, em e mediante o ser humano contingente e histórico de Jesus.

Trata-se nele da imagem de Deus, que não fomos nós a produzi-la. Apenas deciframos a imagem de Deus que nos é dada, vinda, segundo a fé cristã, de Deus, em Jesus Cristo.” – Schillebeeckx, teólogo belga (SCHILLEBEECKX, 1994, p. 230)

- Revelação é um processo universal, que se dá em todos os povos. Pertence a auto compreensão de toda religião, que sempre se considera a si mesma como criação divina, e não meramente humana.

“Os cientistas da região, assim como os antropólogos, arqueólogos, teólogos, biblistas, estão de acordo que o processo interno vivido pelo povo de Deus e refletido na Bíblia é um processo estruturalmente semelhante aos processos religiosos dos outros povos, à margem e antes do processo do povo de Israel.” (VIGIL, 2006, p. 102)

- todas as religiões são reveladas. A distinção, pelos historiadores, de “*religiões naturais e reveladas*”, foi abandonada.

“A pluralidade de religiões não é apenas fato histórico com que deveríamos nos haver, mas também fato de princípio. Em outras religiões existem genuínas experiências religiosas que no cristianismo jamais foram tematizadas, nem postas em prática, e acrescento, talvez sequer seja possível, sem tirar a peculiaridade da identificação de Jesus com Deus” (SCHILLEBEECKX, 1994, p. 231)

“Pensar na revelação de Deus, pensar no encontro de todas as tradições religiosas e pensar no diálogo interreligioso é compreender a autocomunicação de Deus a todo o coração e a toda cultura humana”. – Panasiewicz, teólogo brasileiro. (PANASIEWICZ, 1999, p. 609)

Para a fé cristã, **Jesus** é, na expressão da *Verbum Dei*, “**mediador e plenitude de toda revelação**”. Dois axiomas fundamentais da fé cristã tradicional: a universalidade da vontade salvífica de Deus e a necessidade da mediação de Jesus Cristo. Como manter fecunda a tensão entre estes dois axiomas?

*“Revelado de maneira decisiva em Jesus Cristo, Deus (e o **mistério da salvação**), não está menos presente e atuante em outras tradições religiosas.”*

“... todas as religiões – qualquer que seja seu idioma característico – têm o potencial de estimular as pessoas a saírem de si mesmas em busca da Realidade divina que alimenta amor e compaixão” – Dupuis, teólogo belga/indiano (SOARES, 2008, p. 51)

*“O tema da universalidade única de Jesus tem dois polos essencialmente interligados: de um lado, a **revelação** do verdadeiro rosto de Deus; de outro lado, o **desvelamento** da verdadeira essência do ser humano, e de tal maneira que o segundo sirva de mediação para o primeiro.*

O que Jesus foi como pessoa humana concreta, deveremos aprender através de sua vida, morte e ressurreição; e o conteúdo disso há de corrigir, talvez, o meu conceito anterior de ‘pessoa humana’. É Jesus quem vai nos ensinar, talvez, o que afinal significa ‘ser pessoa humana’. Então, o nosso conceito de ‘humanidade’ não será a medida para julgarmos Jesus,

mas a humanidade dele será a medida pela qual nós devemos julgar a nós mesmos. Talvez seja ele a revelação, da parte de Deus, o que, afinal, significa 'ser humano', revelando também, exatamente nisso, o que significa 'ser Deus'". (SCHILLEBEECKX, 2008, p. 609)

– essa nova compreensão leva a uma tomada de consciência da ampliação do campo revelatório.

“Cabe descobrir toda realidade como manifestação de Deus. Ela é o lugar de pressão reveladora do Senhor sobre o espírito do ser humano. De modo que, mesmo dentro da radical e constitutiva obscuridade, há evidências de revelação em todo o real. Na medida em que algo é, está sendo manifestação de Deus”. (VIGIL, 2006, p. 103)

– em certo sentido, a palavra “revelação” parece-nos inadequada. O que temos chamado classicamente *revelação poderia ser chamado com vantagem de processo humano de conscientização, processo de aprofundamento religioso...*

“O verdadeiro caminho passa por uma mudança mais radical: a redescoberta do verdadeiro sentido da contingência e da criação... sua ação se realiza como criação contínua, como atividade perene que sustenta sem cessar a criatura e continuamente a promove”. (QUEIRUGA, 2003, p. 249)

Para o filósofo norte-americano Robert Mesle, “a atividade criativa de Deus se estende infinitamente para o passado e continuará em direção a um futuro infinito. O amor e os planos de Deus não começam e terminam conosco. Nós e nosso mundo estamos aqui nesse infinito só por um breve momento. O amor e os planos de Deus não começam e terminam conosco.

Visto que Deus não pode controlar o processo evolucionário, não há razão nem mesmo para presumir que Deus tivesse esse processo como objetivo especificamente para nós.

*Para melhor ou pior, cada decisão de cada criatura desempenha algum papel no processo de **vir a ser** do mundo.*

O trabalho criativo de Deus não é limitado as nossas pequenas espécies neste enorme cosmo. Certamente não somos o centro, ou o fim do universo de Deus e da criatividade de Deus.

Deus não tem poder sobrenatural para coagir o mundo. Mas Deus realmente trabalha ao mundo para a saúde e para a cura. Dada a diferença entre as células cancerosas e as mentes humanas, o melhor caminho de Deus para trazer saúde ao mundo é chamar pessoas a aprender como curar a si mesmas.

Nós somos as mãos de Deus em muito do trabalho que Deus deseja fazer.

Qualquer que seja a melodia que Deus possa ter em mente, tocá-la cabe as criaturas”. (MESLE, 2003, p. 96)

Para o teólogo alemão/brasileiro Paulo Suess, “a experiência de um Deus que cria o mundo, chama as pessoas, liberta os povos e os assume e lhes garante uma justiça definitiva, pode nortear a leitura do projeto histórico de todos os povos. Nesta perspectiva, o cristianismo não representa uma fenda cultural, mas sim um projeto de libertação integral.

Os povos e grupos sociais tem um projeto histórico de vida. O projeto é expressão de sua vontade de viver.

Fora do contexto cultural, não há Boa Notícia. Ela é luz nas trevas históricas de um grupo social”. (CAPELLO, 2017, p. 88)

Para o historiador americano John Hick, “por aproximadamente 15 bilhões de anos o universo existiu sem qualquer mente humana ou parecida com esta para observá-lo ou ponderar sobre ele. O intervalo coletivo de vida mental pode se mostrar ser um mero instante de tempo dentro da história total do universo. Pois se a vida humanoide conseguir não se destruir em um holocausto nuclear, ela mesmo assim estará fadada à extinção no fim das contas, tal como a Terra e planetas comparáveis em outros sistemas solares se tornarão inabitáveis em razão do calor ou do frio. Não tem de ser então uma falácia de nossa parte supor que a história inteira do universo, e sua inimaginável vastidão e complexidade, existe para o propósito de produzir nós, seres humanos?

A consciência, embora fugaz e frágil, é qualitativamente única.

A imagem do universo como um sistema de produção de consciência não parece ser de modo nenhum impossível. Mas uma vez então o universo mantém sua desconcertante ambiguidade”. (HICK, 2018, p. 154)

CAPÍTULO 14

REVELAÇÃO: CONSIDERAÇÕES PESSOAIS

“...a presença de Deus diante da liberdade humana é sempre obscura e ambígua; não por um arbítrio divino, pelo silêncio de Deus”, que fez assim as coisas podendo fazê-las de outra maneira, senão por uma necessidade estrutural, inerente à relação Criador-criatura”.

(QUEIRUGA, 2010, p. 227)

“...há que dar destaque central à noção mais básica de ‘revelação’ que é indissociável da concepção do mundo como criação amorosa de Deus...”
“A revelação diz sempre algo ao que o homem é, antes de recebê-la... ela está essencialmente ancorada e voltada para a voz da consciência.”

(Xavier ZUBIRI, 1898 – 1983)

A ideia de **revelação** está muito enraizada na cultura judaico-cristã. Sabemos que o “*movimento de Jesus*” era visto por seus discípulos e pelos seus contemporâneos, até meados do século II d.C., como uma seita judaica. O cristianismo, como religião autônoma, se afirma por volta do ano 125.

No judaísmo, como novo “*Movimento*”, a centralidade da revelação é bem expressa em um dos documentos mais antigos dos “*seguidores do caminho*”, os *crístãos*, a chamada Carta aos Hebreus, que inicia com essas palavras:

“Muitas vezes e de modos diversos falou Deus, outrora, aos Pais pelos profetas; agora, nestes dias que são os últimos, falou-nos por meio de seu Filho, a quem constituiu herdeiro de todas as coisas, e pelo qual fez os séculos.”

Como o autor da carta – atribuída indevidamente a Paulo – sabia que:

- a. “Deus falou?;
- b. falou muitas e muitas vezes, de modos diversos?;

- c. *falou pelos Pais e pelos profetas?*;
- d. *nestes dias, que são os últimos?*;
- e. *falou agora por meio do seu Filho?*;
- f. *a quem Deus constituiu herdeiro de todas as coisas e pelo qual fez os séculos?*”

Se fosse perguntado ao autor da Carta, como ele responderia a cada uma das perguntas?

Ele não teria dúvidas: responderia, prontamente, as perguntas:

a); b) e c): primeiro, pela Torá, ou seja, pelas escrituras; segundo, pelos meus pais, meus avós, etc., ou seja, “a convicção comunitária”, diríamos hoje.

E como ele explicaria a afirmação:

e) nestes dias que são os últimos – ele falaria da convicção de sua comunidade, que acreditava que uma nova manifestação de Deus estava próxima. Uma percepção equivocada, influenciada por um “ambiente social apocalíptico”;

d) falou agora por meio de seu Filho – como explicaria esta afirmação, já que este Filho não era aceito pelos seus pais e parentes? [O autor estava escrevendo um documento original, inesperado, defendendo, contra a tradição judaica e pagã, que não era mais necessário sacrifícios e sacerdotes – Jesus foi o grande Sacerdote, “segundo a ordem de Melquisedec” (ambos não eram sacerdotes); documento tão desafiador que custou a ser aceito como canônico por uma comunidade que reintroduzia o culto e a estrutura sacerdotal, que judeus e pagãos haviam abandonado].

Ele responderia que ele e sua nova comunidade acreditavam, ou seja, entenderam ou “desvelaram” (**revelação**) que Jesus de Nazaré é o Cristo, o Filho de Deus, **anunciado** nas Escrituras Sagradas e **revelado** pelo próprio Deus.

Como eles conseguiram “*perceber*” que Jesus de Nazaré tinha sido a **revelação** de Deus?

Voltamos à resposta anterior, aos itens a); b) e c) – as **Escrituras Sagradas**, lidas/relidas por ele e por sua nova comunidade.

Resumindo: **o que vimos no conjunto da afirmação?** Uma comunidade que lê fatos e acontecimentos de sua história e apreende, compreende, acredita que Deus revelou tal sentido, podendo, inclusive, equivocar-se na leitura do sentido (“*nestes dias que são os últimos*”).

“Parece claro que Jesus (Mc 9,1; 13,28-31; 14, 25; Mt 10,23; 16,28; Lc 22,16) e depois a comunidade de discípulos, incluindo Paulo e outros autores (1Ts 4,15.17; Rm 13,11; 1Cor 7, 29-31; 15,51-52; Fl 4,5; 1Pd 4,7; 1 Jo 2,18; Tg 5,8; Hb 10,25.37; Ap 22,20) esperavam a consumação próxima do tempo messiânico.” (ESTRADA, 2016, p. 104)

Simplesmente: Deus **revelou**, mostrou, deixou claro o significado tão importante que letrados (cerca de 3% da população) escreveram, descreveram, floream, etc.: os livros da Torá, ou da Bíblia (plural de livros). Porque registraram fatos importantes, significativos para a comunidade... a Torá e a Bíblia tornaram-se “Sagradas Escrituras”.

Gênese: fatos/acontecimentos – percepção de significado (por indivíduos especiais e/ou pela comunidade) – registro por escrito.

Para o cientista Miguel Nicolelis (autor do livro *O verdadeiro Criador de Tudo* -VCT), talvez a gênese seja:

- intelecto humano (VCT) – perscruta/entende/constrói atos/acontecimentos/processos – cria sentido – percebe o que eles dizem/seu significado histórico – dizemos: Deus revela! (Não sei se Deus está no horizonte do autor do livro).

“Na religião de Israel, a profecia é um dom de Deus... é uma espécie de ‘sexto sentido’... um dom gratuito de Deus. Compete ao ser humano tomar a iniciativa para exercê-lo como faculdade latente do dom da Palavra.” (SCARDELAI, 2008, p. 40)

Progressivamente, a ideia de **revelação** foi-se associando à ideia de **salvação**, que, posteriormente, depois da ressurreição de Jesus – mediador e plenitude de toda revelação – a ideia de **Redentor**.

Como disse Roberlei Panasiewicz: *“A articulação entre criação, revelação e salvação necessitou de um tempo maior para ser evidenciada.”* (PANASIEWICZ, 1999, p. 97)

A noção tradicional de **Redentor** do imaginário popular está desacreditada. Perdeu todo o sentido. Na narrativa bíblica, Deus *criou o homem à sua imagem e semelhança*, e este, que vivia feliz no paraíso, por desobedecer a Deus (pecado), passa a conhecer o sofrimento, a doença e a morte. Um belo mito para tentar explicar o inexplicável!

A ideia de que Jesus, Filho de Deus, morreu para pagar nossos pecados contradiz tudo o que Ele falou sobre o amor, a misericórdia e o perdão do Pai. Uma distorção horrível.

O primeiro e mais brilhante teólogo do cristianismo, Paulo de Tarso, judeu, em uma de suas leituras (**revelação**) da vida, da mensagem e da natureza (**significado**) de Jesus, o Cristo, interpreta-o como o novo Adão. Com o primeiro Adão veio o sofrimento e a morte; com o segundo, Jesus, com a sua vida e morte e ressurreição, veio **a salvação, a redenção e a vida eterna**.

Redenção se tornou, na catequese popular, a entrega de Jesus à morte ignominiosa para pagar os nossos pecados. Certamente Paulo, intelectual brilhante, teria se escandalizado com essa “blasfêmia”: transformar Deus em um ser vingativo, torturador do próprio Filho.

Pessoalmente, prefiro o Paulo do universalismo e da opção teórica e prática pelos pobres e abandonados, opção redescoberta pela Teologia da Libertação, praticada e teorizada pelo meu inesquecível amigo, o teólogo peruano Gustavo Gutiérrez.

Já que **redenção** não se saiu bem (pelo menos para mim), vamos à **salvação**. **Salvar de quê? De quê estamos ameaçados?**

Realmente, incomodou-me sempre e, hoje, mais ainda, aos 83 anos, pensar que “*eu, jogado neste mundo, com poucas escolhas*”, no fim acabo definitivamente, deixando lembranças que não duram nada, na escala humana e planetária.

Não quero certeza; quero esperança. **A fé**, maravilhoso e incompreensível dom, **graça de Deus**, me conforta e dá esperança, na potência e criatividade do Amor, origem, meio e fim de tudo. Assim seja!

Acabo de ler o livro *O Homem-Deus ou o sentido da vida*, do filósofo Luc Ferry, ex-Ministro de Educação da França, e encontrei nele muito do que acredito. Assino embaixo do que ele disse:

“Acredito que vivemos hoje um momento em que dois processos – a humanização do divino e a divinização do humano – se cruzam.

O amor é, por excelência, o sentimento que anima, dá fôlego e alma à “estrutura pessoal do sentido”. Deus é Amor e, felizmente, é infinito: não poderia morrer e nem, conseqüentemente, deixar de dar sinais. O não-sentido fica banido para sempre. A humanidade divinizada tomou o lugar do sujeito absoluto.” (FERRY, 2010, p. 207)

Penso que esta seja a maior contribuição do cristianismo para a espécie humana. Do cristianismo, sim, mas sobretudo do **Reino de Deus**, que não se identifica com nenhuma denominação religiosa.

A revelação de Jesus de Nazaré, por palavras e obras, do Deus Amor – Pai, Paizinho misericordioso –, que ama a todos, sem pré-condições; as bem-aventuranças; o estilo de vida e pregação do **Reino de Deus** (“*você não pode servir a dois senhores; ou serve ao dinheiro ou serve a Deus*”), e a conseqüente morte por “subversão e blasfêmia”.

Destaco em Paulo:

- o elogio do amor no Cap. 13 na *Carta aos Coríntios*, bem como sua convicção: “*os plebeus e os desprezíveis são os escolhidos de Deus*” (1 Cor. 1,27-28);
- o universalismo de Paulo na Carta aos Gálatas: “*Já não há judeu, nem grego, nem escravo nem livre, nem homem nem mulher, já que todos sois um no Messias Jesus*” (Gal. 3,28).

E Tiago: “*a fé sem obras é morta. Você crê? O diabo também crê!*”

***Pausa:** Estava nestas considerações pessoais, quando meu Editor e amigo, Álvaro Gentil, me ligou para dizer que amanhã (28/11/2020) ele, com 59 anos, vai fazer a Primeira Comunhão, na Igreja de S. Mateus, que eu e Wanda frequentávamos logo que nos casamos. Comungar, na essência, ele já comungava há muito tempo, mas estava entusiasmado com o símbolo, o que nos contagiou.*

Ele disse que iria precisar de uma revisão teórica do que aprendeu sobre a fé cristã. Falei que eu estava revendo, criticamente, o Credo, que o texto poderia lhe ajudar e que iria precisar dele para publicar. Coincidência? Sei lá! Não sei como Aquele – ou Aquela? – que cria, dirige sua criatura humana, em meio à nossa autonomia e liberdade. “Tem mais coisa no ar, além de aviões”, como disse um sábio-poeta de rua.

Falava sobre fé, sobre o que venho acreditando ao longo da vida. Fui um brigador na infância e substitui, na juventude, a briga pela resistência, pelo marchar contra a corrente, e pela tentativa de criar o novo.

Ainda no Seminário assistia a tudo quanto era evento cultural em São Paulo; principalmente filmes. Não perdia uma Bienal.

Como assistente de JUC, envolvi-me em todas as lutas sociais, acompanhando amigos, lutando em várias frentes, por quase toda a América Latina. Tive notícias de amigos mortos por regimes militares no Chile, no Uruguai, na Argentina, no Brasil e em outros países que conheci. Triste e desastrosa história. Democracia é um grande valor. É essencial a construção do Reino de Deus – a maior das utopias –, salvação em processo.

“A utopia está lá no horizonte. Me aproximo dois passos, ela se afasta dois passos. Caminho dez passos e o horizonte corre dez passos. Por mais que eu caminhe, jamais alcançarei. Para que serve a utopia? Serve para isso: para que eu não deixe de caminhar.”

Eduardo Galeano

Faço questão de não me esquecer do Padre Henrique, de Recife, morto barbaramente “em lugar de Dom Helder Câmara”. Padre Henrique foi uma das pessoas mais simples, despojadas e amorosas que conheci.

Mais ou menos um mês antes, ele havia me dito que um policial local “estava a fim de pegá-lo, já que não podia pegar o Bispo”.

Poucos dias depois de entrevistar, em **La Paz**, um dirigente da União Nacional de Estudantes da Bolívia, soube que ele e vários companheiros foram mortos quando viajavam para fazer um trabalho de alfabetização de adultos.

Não abdiquei de nada em que eu acreditava, no plano individual e coletivo. Compartilhamos, eu e Wanda, dos mesmos ideais. No plano político-social abandonei a teoria. Hoje, talvez, seja mais radical: não há fé cristã sem luta contra a desigualdade, sem alimento para todos.

Conversa que não há recursos para programas sociais! Os recursos estão “saindo pelo ladrão”, sobrando nas mãos de poucos, de muitos poucos. Um governo justo, efetivamente democrático, poderia tirar mais 30% de minha renda mensal e de meu patrimônio, que não é muito, mas suficiente para compartilhar. Quantos estão nestas condições! Quanto dinheiro sobrando para o luxo, enquanto irmãos passam fome! Falta comida, saúde, educação – o que é inaceitável. Quanto desperdício de capital humano, quantos *gênios em potencial* não aproveitados. Fico impressionado com a falta de sensibilidade das classes média e alta.

Visitamos, Wanda e eu, os países escandinavos para ver *in loco* os resultados de políticas sociais efetivas. Que diferença... Outro Brasil é possível!

Sonho com um mundo mais humano para Rachel e Fernando, filha e genro, e para minhas netas Julia e Luisa, aos quais, Wanda e eu, procuramos entregar a chama da fé, juntamente com a esperança e o amor.

Ponho “fé na economia de Francisco”. Lutar pela formulação e gestão de uma economia para todos. Sem esse amor radical para quem mais precisa, a fé é vazia – penso eu.

Voltando ao tema:

Eleição, revelação, salvação, redenção se articulam.

Como sobre Deus temos que usar imagens, alegorias – a teologia, como disse Petrarca (1304-1374) “*é poesia relativa a Deus*” – vejamos uma simples:

“Dois irmãos disputam o amor da mãe (**religiões**). O menor ouve(?) a mãe falar o nome dele, fala para o irmão mais velho que ela gosta mais dele (**eleição**) e pede para ela repetir o nome dele. Ela repete e ele, orgulhoso, diz para o irmão: veja como ela gosta mais de mim (**revelação/eleição**). O mais velho, incomodado, pergunta para mãe: ‘você gosta de mim?’. Ela responde: ‘é claro que gosto de você (**revelação**) e sempre vou gostar (**promessa**); vocês são minhas crias (**criação**), saíram de minhas entranhas’.

O mais velho fica doente. A mãe e o filho menor vão cuidar do irmão doente. Compreendem que são uma família, estão em paz, unidos, livres de disputas (redenção).”

Este é o **Reino de Deus**, pelo qual Jesus de Nazaré viveu, morreu e encontra-se vivo em nós e em nossos semelhantes (**ressurreição**). Assim na terra, como no céu (**credo**). Quem compartilha a vida dEle não morre: a **vida é eterna**: ela é transformada.

Criação: um conceito fundante, que tem sido muito mal entendido:

Deus não criou, está criando, sustentando toda a “criatura”, de uma forma evolutiva, com regras próprias, autônomas, que, neste processo de rigidez e flexibilidade, gerou a consciência humana. Ela, desde que existe, tem evoluído individual e coletivamente.

Por que o processo de evolução da consciência humana individual terminaria com nossa morte corporal? Continuar sua evolução seria mais espetacular do que nascer de um espermatozoide e um óvulo?

Pergunta sem resposta, que lembra a fábula do escritor húngaro (?) sobre o diálogo de dois bebês, no ventre da mãe, sobre possível vida depois do parto.

Diálogo entre dois bebês

Um escritor húngaro explicou a existência do Deus invisível com uma ótima analogia: No ventre de uma mãe havia dois bebês. Um perguntou ao outro: “Você acredita em vida após o parto?”.

O outro respondeu: “É claro. Tem que haver algo após o parto. Talvez nós estejamos aqui para nos preparar para o que virá mais tarde”.

“Bobagem”, disse o primeiro, “Não há vida após o parto. Que tipo de vida seria essa?” O segundo disse, “Eu não sei, mas verá mais luz do que aqui. Talvez vamos poder andar com as nossas próprias pernas e comer com nossas bocas. Talvez teremos outros sentidos que não podemos entender agora.”

O primeiro respondeu: Isso é um absurdo. Andar é impossível. E comer com a boca? Ridículo! O cordão umbilical nos fornece nutrição e tudo que precisamos. Mas o cordão umbilical é muito curto. A vida após o parto logicamente está fora de questão”

O segundo insistiu: “Bem, eu acho que é alguma coisa, que talvez seja a diferente do que é aqui. Talvez a gente não vai precisar mais deste tubo físico.”

O primeiro respondeu: “Bobagem. E além disso, se há mesmo vida após o parto, então por que ninguém jamais voltou de lá? O parto é o fim da vida, e no pós-parto não há nada além de escuridão e silêncio é esquecimento. Ele não me leva a lugar algum.”

“Bem eu não sei “, disse o segundo, “mas certamente vamos encontrar a Mãe e ela vai cuidar de nós.” O primeiro respondeu; “Mãe? Você realmente acredita em Mãe? Isso é ridículo. Se a mãe existe, então onde ela está agora?”

O segundo disse: “Ela está no nosso redor. Estamos cercados por ela. Nós somos dela. É nela que vivemos. Sem ela este mundo não seria e não poderia existir.”

Disse o primeiro: “Bem, eu não posso vê-la, então é lógico que ela não existe.”

Ao que segundo respondeu: “As vezes, quando você está em silêncio, se você se concentrar e realmente ouvir, você pode perceber a presença dela, e pode ouvir sua voz amorosa lá de cima”.

Espero ver no casulo de minha existência, aqui e agora, a borboleta que está para nascer quando Ele me chamar para junto de Si.

A melhor imagem que tenho desta relação foi-me dada, como uma graça, no comentário de uma jovem de cerca de 10-12 anos, na missa de sétimo dia de sua avó. Disse ela mais ou menos o seguinte: *Somos raios de um Sol: Deus. Podemos estar mais perto, ou mais distantes; minha avó está feliz lá com Ele.*

Continuei com a imagem, pensando: um centro (onde não há espaço) irradiador de amor, felicidade, paz – tudo de bom que se possa pensar e experimentar aqui e muito mais. Todas as suas criaturas compartilhando com Ele, com um olhar coetâneo, onde tudo, passado e futuro, **é presente.**

Com Pascal, **respondo sim à sua aposta.** Espero estar acertando, e esta decisão me faz viver melhor...

CAPÍTULO 15

REVELAÇÃO – ESCRITURAS: PALAVRA DE DEUS

“Muitas vezes e de modos diversos falou Deus, outrora, aos Pais pelos profetas; agora, nestes dias que são os últimos, falou-nos por meio do Filho, a quem constituiu herdeiro de todas as coisas, e pelo qual fez os séculos.”

(Abertura da Carta aos Hebreus, por volta do ano 65)

“Se o conteúdo da revelação pode ser conhecido também pela razão, por que então a revelação?”

(Hinkelammert, economista e teólogo)

“Os cristãos não têm monopólio da revelação de Deus, e a divindade deveria ser compreendida em termos de multiplicidade”.

(Kwok Pui-lan – teóloga chinesa, feminista)

“O berço do texto é a vida do povo.”

(Milton Schwantes (1946-2012),
pastor da Igreja Evangélica de Confissão Luterana do Brasil)

“De onde vem essa arrogância incrível de querer espiritualizar as coisas que Cristo viu e fez de maneira bem palatável? Está na hora de colocar um ponto final nessa espiritualização despudorada e hipócrita do Evangelho. Tomem-no como ele é, ou odeiem-no sinceramente.”

(Dietrich Bonhoefer, pastor luterano, doutor em teologia, enforcado com um irmão e dois cunhados, em 1945, pelo nazismo)

"O que realmente nos interessa nos textos antigos não é o que o autor queria dizer inicialmente: é o que o texto pode nos dizer hoje."

(ROVELLI, 2021, p. 134)

Revelação e salvação são dois temas que caracterizam fortemente toda a tradição religiosa judaico-cristã.

Os dois temas ganham sua expressão maior nos Livros Sagrados, na Bíblia. Deus se revela para nos libertar, para nos salvar, e se expressa nos fatos e acontecimentos narrados na Bíblia.

Para Alfonso Garcia Rubio, *“há, no Antigo Testamento, duas tradições hermenêuticas a respeito da fé em Deus criador-salvador:*

- *a tradição manifestativa ressalta a importância da comunhão do ser humano com as outras criaturas, com o cosmo. O encontro com Deus salvador é vivido na inserção e na participação sábia no cosmo;*
- *a tradição proclamática coloca a salvação do ser humano na história, no compromisso histórico, no compromisso ético com a justiça e com o amor efetivo.”* (RUBIO, 2021, p. 83-84)

O historiador e teólogo John Hick, buscando identificar quando e como Deus revelou na tradição judaico-cristã, aponta dois modos:

- a. eventos públicos compartilhados por várias pessoas;
- b. experiências privadas de encontro e iluminação religiosos.

“Quando os judeus de hoje falam de “lembrar”, “experimentar”, “participar”, acerca do êxodo, como um grande ato de libertação divina, eles não estão experimentando os eventos históricos reais de cerca de trinta séculos atrás. Eles estão participando de algo contemporâneo – uma tradição religiosa viva, da qual é uma vertente o mito fundador de uma libertação que revelou o cuidado providencial de Deus por sua raça.”

No cristianismo, a **ressurreição de Jesus** tem um lugar comparável com o êxodo no judaísmo. Foi um evento público no sentido de que alguns dos encontros com o Senhor ressuscitado foram experiências de grupo. A ressurreição *“figura na tradição cristã com um evento dentro da história publicamente observável e com caráter indelevelmente miraculoso de Deus fazer seu filho ressurgir dos mortos”*. (HICK, 2018, p. 130 ss)

No segundo caso – experiências privadas de encontro com Deus – os **profetas hebreus** pensaram Deus como estando em uma relação de aliança especial com o povo de Israel;

- Maomé, com base em sua própria experiência, pensou Deus como Revelador do Alcorão;

- místicos cristãos, místicos hindus, budistas, com base em suas próprias formas distintas de experiência religiosa, pensavam Deus como Trindade, como o Brahma transpessoal, ou o “ser maravilhoso”.

Hick pergunta: se a experiência religiosa constitui uma janela autêntica para o Real, porque essa realidade parece tão diferente quando visto por diferentes janelas?

Ele responde: os diferentes relatos de experiências religiosas, que abundam em todas as grandes tradições, podem em princípio ter interpretações naturalistas tanto quanto religiosas, de modo que o universo, mesmo neste aspecto permanece teimosamente ambíguo.

Outra questão levantada pelo autor é a origem dos **mandamentos**. Ele vê duas possibilidades:

- os mandamentos teriam origem externa, divina: foram revelados;
- Deus nos teria “*criado como seres morais capazes de sentir por nós mesmos a autoridade intrínseca de valores morais e de responder a eles*”.

O autor considera essa possibilidade mais atraente, como uma função da natureza humana.

“*Nós somos criaturas gregárias e foi nossa natureza inerentemente social que deu origem tanto à lei quanto à moralidade.*” (HICK, 2018, p. 135)

A história de Israel é a história da relação de um povo com o Deus Único: Javeh

- **elegeu** o povo e tirou-o da escravidão no Egito (**êxodo/libertação**);
- estabeleceu com ele uma **aliança**, pela qual promete (**promessa**) *prosperidade* e pede *fidelidade*. (São premissas sempre vinculadas);
- **Revelou**, através de Moisés, sua vontade (**mandamentos**);
- Adverte o povo pelos **profetas** e castiga-o quando infiel (**exílio/destruição do Templo**), mas...;
- não o abandona (**a salvação/libertação virá** novamente);
- o povo voltará à **Terra Prometida**.

Quando Jesus de Nazaré começou sua vida pública, dizia-se que havia quatrocentos anos que não aparecia em Israel nenhum profeta. Nenhum fato significativo, digno de ser considerado uma nova revelação de Deus. O último dos escritos do Antigo Testamento, o livro Sabedoria, escrito em grego, provavelmente por um judeu nos últimos decênios do sec. I a.C., era o que o nome diz: um compêndio de sabedoria humana, religiosa.

Como vemos, houve um enorme vazio de fatos relevantes, significativos, entendidos como revelação de Deus, até chegar Jesus de Nazaré, quando a **história da salvação** muda para um grupo, inicialmente apenas de judeus.

Na ausência de novos fatos e acontecimentos dignos de serem percebidos/entendidos como revelação de Deus, a ênfase concentrou-se no passado, no consolidado, no escrito: para os judeus, principalmente a Torá. A **revelação** passou a ser considerada, efetivamente, aquilo que está escrito: **a Bíblia é a palavra de Deus**.

“A Bíblia é uma biblioteca heteróclita - uma mistura de mitos, narrativas históricas mais ou menos comprovadas, poemas, preces, textos de sabedoria, textos proféticos. A crítica histórica moderna permitiu afirmar que a Bíblia começou a ser escrita por volta do século VII antes de nossa era, a partir de tradições orais. Isso torna problemática a validade de personagens e acontecimentos históricos que teriam ocorrido, de acordo com as cronologias bíblicas, seis séculos (história de Moisés) ou até 12 séculos (Abraão) antes. O que não diminui a força espiritual e simbólica dessas narrativas.” (LENOIR, 2013, p. 29)

“...a palavra bíblica informa e ilumina, porém não remete a si mesma nem a quem a pronuncia, mas faz as vezes de “parteira” para que o ouvinte perceba por si mesmo a realidade que ela põe a descoberto.” (QUEIRUGA, 2010, p. 106)

A primeira geração dos discípulos de Jesus, e grande parte da segunda, só conhecia como **palavra de Deus** as **Sagradas Escrituras** judaicas. Progressivamente foram tomando contato com outros escritos de autoria de “seguidores do Caminho”, “nazareus”, “cristãos” que vieram a constituir o Novo Testamento.

Os primeiros escritos sobre Jesus que chegaram até nós são as Cartas de Paulo, escritas de dezoito a trinta anos após a morte de Jesus: Gálatas (48?), Coríntios (55/56) e Romanos (57). Do período anterior, o que restou foram poucas informações, que estão nos Atos dos Apóstolos e outras que têm sido “garimpadas” em outros textos do Novo Testamento.

Os escritos dos anos 35/40 – fórmulas de credo, hinos litúrgicos, as sentenças, as cartas de 49 a 54 e os Evangelhos a partir de 65/70 não deviam constituir, aos olhos das primeiras gerações cristãs, novas Escrituras, nem mesmo complementos para as Escrituras. Até o início do século II d.C. as Escrituras continuaram para os cristãos as que haviam sido para Jesus de Nazaré e para os primeiros discípulos e que se chamariam mais tarde Antigo Testamento

Contudo, a tradição oral começou a ser escrita durante a primeira geração de discípulos de Jesus de Nazaré. Se Theissen tem razão, o hipotético documento *Quelle* (fonte, em alemão), provavelmente do ano 39, teria ordenado e compilado **Ditos de Jesus** 10/15 anos após sua morte.

A data relativamente tardia da redação dos evangelhos, para Pierre Gibert, se explica “*pelo estado de pensamentos de toda a primeira geração da comunidade cristã: uma comunidade cujo futuro não era sobre a terra e que não teria, portanto, história para escrever em razão justamente da vinda iminente do Senhor*”. (GIBERT, 1999, p. 134)

Outras razões explicariam esse tardio aparecimento de Evangelhos. Escritos são demandas de letrados e foi certamente necessária certa expansão de comunidades cristãs para criar uma massa significativa de letrados.

“*Na mesma época, circula uma primeira versão do Evangelho de Tomé, que em sua versão definitiva contém 114 aforismos atribuídos a Jesus. O biblista americano Crossan ainda menciona a existência de um Evangelho da Cruz, atualmente inserido do Evangelho de Pedro, que narra a condenação de Jesus à morte, sua crucificação e deposição num sepulcro. Esse evangelho constitui a base das narrativas acerca da paixão e morte de Jesus que encontramos nos quatro Evangelhos Canônicos.*” (NUNES, 2019, p. 46-47)

Segundo Eduardo Hoornaert, “*O primeiro Evangelho, de Marcos, apareceu no ano de 70, depois que as tropas romanas do general Tito arrasaram a cidade de Jerusalém, no mês de setembro, pois o capítulo 13 do Evangelho evoca o horror das pessoas diante da destruição completa do Templo e do incêndio que transforma a Cidade Santa em escombros.*” (HOONAERT, 2016, p. 37)

O último dos escritos, do conjunto de 27 declarados autênticos (canônicos), no Sínodo Africano de 399, e que vieram a ser reconhecidos como Novo Testamento, foi a Segunda Carta de Pedro, escrito em grego culto por volta do ano 130, provavelmente em Éfeso, cerca de 70 anos após a morte do apóstolo Pedro.

Os **Atos dos Apóstolos**, escrito entre 80 e 90 d.C., periodiza **a história da salvação** em três tempos:

- o tempo da promessa - até Jesus de Nazaré, Antigo Testamento;
- o tempo do cumprimento da promessa - a atuação de Jesus;
- o tempo da vida dos cristãos no mundo, reunidos na Igreja e animados pelo Espírito Santo.

A culminância da revelação de Deus para os cristãos – qualitativa, mas não quantitativa, segundo alguns teólogos – encerra-se com o evento Jesus de Nazaré e sua glorificação pela ressurreição do Filho pelo mesmo Deus, agora personificado como Deus Pai.

Os ditos e fatos estão expressos/consolidados no Novo Testamento. Vertidos em texto por personagens (pessoas e comunidades) históricos, os ditos e fatos inserem-se em um

contexto histórico. Passam a ser literatura: narrativas carregadas de contingenciamentos pessoais e sociais, por mais sagradas que sejam, ou pretendam ser, seus conteúdos.

A leitura “ao pé da letra” das Sagradas Escrituras, ou é desconhecimento/ignorância, ou desrespeito, porque impede que elas cumpram sua missão: dizer algo substantivo para nós hoje.

Para as instituições religiosas ter Livros Sagrados – e todas os têm – que remetem à vontade expressa de Deus, é tudo de bom. É um patrimônio cultural sumamente valioso, mas, ao mesmo tempo, um risco/uma tentação: apelar para “Deus disse”, “Deus mandou”, “Deus proibiu” – está escrito, e sendo **palavra de Deus**, não pode haver erro. O conteúdo e a forma, o meio e a mensagem, tornam-se sagrados, divinos, irrefutáveis.

Sobre a Bíblia, não conheço melhor comentário do que o de Johan Konings:

“No sentido utilitarista do termo, a Bíblia não serve para nada. Ela é como um amigo: instrumentalizado, perde a graça. A utilidade não é critério. No caso da Bíblia, exatamente como no caso do amigo, a graça consiste em descobrir a riqueza de sua personalidade, com suas contradições, com as marcas de sua história, suas aspirações e utopias – qual reflexo de Deus no rosto não só de uma, mas de inúmeras pessoas, durante os dois mil anos de tradição que a Bíblia representa. Quem tem experiência de verdadeira amizade ou amor sabe quanto tempo leva a penetrar no espírito de um amigo, e mais ainda o viver no seu espírito. Assim também a Bíblia. Um termo popular exprime muito bem o jeito certo de abordar a Bíblia: é preciso curti-la! Ou, melhor talvez, deixar-se curtir por ela. Deixar sua vida de molho na Bíblia, para que ela penetre, até o cerne, o nosso modo de ser e de agir, como indivíduos e como comunidade”. (KONINGS, 2011, p. 220)

Lidas assim, as **Sagrada Escrituras** podem ser, aqui e agora, **palavra de Deus** e fonte de **revelação** e **salvação** ... Infelizmente, nem sempre a Bíblia tem sido lida assim, como fez questão de deixar claro, alto e bom tom, o índio Máximo Flores, do Movimento Índio de Kollasuyo, quando da visita do Papa João Paulo II, ao Peru, em 1985:

“Nós, índios dos Andes e da América, decidimos aproveitar a visita de João Paulo II para devolver-lhe sua Bíblia, porque em cinco séculos ela nos não nos deu nem amor, nem paz, nem justiça. Por favor tome de novo sua Bíblia e devolva-a a nossos opressores, porque eles necessitam de seus preceitos morais mais do que nós. Porque desde a chegada de Cristóvão Colombo, impôs-se à América pela força uma cultura, uma língua, uma religião e valores próprios da Europa. A Bíblia chegou a nós como parte do projeto colonial imposto. Ela foi a arma ideológica desse assalto colonialista. A espada espanhola que de dia atacava e assassinava o corpo dos índios, de noite se convertia na cruz que atava a alma índia.” (VIGIL, 2006, p. 46)

CAPÍTULO 16

REVELAÇÃO: DIALOGANDO COM MIGUEL NICOLELIS

“Por volta de cem mil anos atrás, cada cérebro humano já tinha à disposição por volta de 86 bilhões de neurônios capazes de estabelecer entre 100 bilhões e 1 quatrilhão de contatos diretos, ou sinapses, entre si. De dentro deste ateliê neuronal incomensurável, o Verdadeiro Criador de Tudo começou sua obra monumental de esculpir o universo humano que hoje conhecemos.”

(NICOLELIS, 2020, p. 75)

“Vimos que há um poder organizador em todos os níveis e esse poder organizador tem o caráter da mente. A mente, já disseram, revela-se como ‘padrão de auto-organização e conjunto de relacionamentos dinâmicos’. Nesse sentido, pode-se dizer que a mente está presente na matéria desde o início [...] a mente está presente na matéria e em plantas e animais e essa mente torna-se consciente em nós. E assim, em sentido mais exato, pode-se dizer que a matéria se torna consciente nos seres humanos...”

(Bede GRIFFITHS in MORWOOD, 2013, p. 42)

“Toda revelação de Deus ao homem tem por causa primeira a natureza da mente humana e, o conhecimento natural não é inferior em nada ao conhecimento profético. Os profetas foram dotados não de um pensamento mais perfeito, mas de um poder de imaginação mais vivo”.

(SPINOZA in LENOIR, 2019, p. 46-47)

“Que Deus se revela significa que por amor ele se faz presente na vida do ser humano para levá-lo à plenitude. (...) Não há mais do que uma única história e em toda ela se trata do ser humano e de sua salvação.”

(Andrés T. Queiruga, 2009, in TAMAYO, p. 492)

“As perfeições invisíveis de Deus... podem ser contempladas através da inteligência, nas obras que ele realizou.”

(Rom. 1,20)

Para Nicolelis, há três alicerces da Ciência moderna: a existência de uma realidade objetiva, o conceito de causalidade e a interferência introduzida pelo cérebro durante o processo de descrever o universo. Os dois primeiros alicerces são clássicos, o terceiro é próprio, sem ser exclusivo, de Nicolelis.

“A cosmologia cerebrocêntrica que proponho desafia a noção clássica que nos permite referir a uma realidade objetiva sem levar em conta a interferência introduzida pelo cérebro durante o processo de descrever o universo”. (p. 281)

No livro citado, o autor ilustra três visões cosmológicas: a primeira – uma pintura de 15.000 a.C., que se encontra no “Salão dos Touros”, da caverna de Lascaux; a segunda – um detalhe de afresco da Capela Sistina de Michelangelo, de 1512 (que pode ser descrita como transmissão da vida de Deus para o homem); a terceira, de 2016, *“a mais recente descrição das origens do universo de acordo com a NASA”*. (p. 23)

Comenta o cientista as três representações simbólicas da realidade:

“Não há como evitar sentir-se temporariamente quase sem ar; com os olhos marejados de puro êxtase; humildemente convencido e arrebatado pela emoção de constatar a magnificência e o esplendor de tudo aquilo que o nosso Verdadeiro Criador de Tudo realizou em tão pouco tempo.” (p. 23)

O que me ocorreu, quando li este maravilhoso texto (anotei e estou transcrevendo agora), foi Deus pensando:

“Esses meus meninos são bons de serviço! Vivo em êxtase e apreensão com o futuro de tudo que venho sustentando. Não gosto da expressão ‘criação’, como ato; parece que eu estava sem fazer nada ‘antes’ de criar. A noção de tempo e espaço é de vocês: 15 bilhões de anos, ou

15.000 anos antes de Cristo, para mim (para nós, como creem os cristãos, que sejamos Três em Um) não faz diferença. Para mim tudo é instantâneo, aqui e agora – é eterno e infinito.

Eu crio no sentido de que dou vida, mantenho, sustento, estou aí, no íntimo de tudo, mantendo a autonomia do que venho criando. Elas caminham por si...

Vamos, juntos, nessa! Temos muito o que fazer e concordo com você, Nicolelis: cuidado com as máquinas e com o que vocês estão fazendo com as religiões. Elas não me ajudam, mas podem ajudar vocês.

Gostei muito da última ilustração: vocês começam a ver como minhas ‘coisas’ funcionam. Cuidado para não atrapalhá-lhas!

*É o que os teólogos (como gostam de me elogiar!) chamam de **revelação**; se bem que muitos deles só conhecem duas: a dos judeus e de Jesus, também Ele judeu. Entre os judeus, as minhas revelações eram em prestação; entre os católicos revelei tudo em Jesus de Nazaré e de quando em vez, para eles não me esquecerem, mando sinais (chagas, curas repentinas... minha Mãe adora aparecer... Aliás, anda sumida...”.*

(Sério, ou irreverente, foi o que pensei, quando li o texto de Nicolelis).

O enunciado do **Credo** vem sendo tratado aqui de trás para diante: de céu e terra para o creio. O livro do Nicolelis coloca um desafio: por que não pensar o enunciado do Credo a partir do Verdadeiro Criador de Tudo?

É o que pretendo fazer a seguir, suscintamente, com o mínimo de citações, expressando o que penso sobre cada um dos temas principais do enunciado do Credo. Será um legado para minha filha Rachel, meu genro Fernando e minhas netas Julia e Luisa, que, talvez um dia, tenham a curiosidade de saber o que o pai e o avô pensava sobre a vida e sobre o que/quem denominamos Deus, sobre o qual a melhor metáfora para mim é o **Amor**. Vivo isto, intensamente, com Wanda. Aliás, alguém que citei por aí disse que “*só se chega a Deus a dois*”.

Vou tentar enfrentar o desafio. Não se trata de enfrentar a ameaça da Esfinge de Tebas: *decifra-me, ou te devoro!* Trata-se de mergulhar no fundo de mim mesmo e expressar, na medida do possível, e de minha competência, o que penso, em que efetivamente creio, do que duvido; o que significa, efetivamente, crer para mim e qual o papel de Jesus de Nazaré em minha fé.

Concordo com Nicolelis: o Cosmo, como nós o conhecemos, é criação do nosso cérebro. Não que não exista algo fora de nossa cabeça. Isto os filósofos gregos já resolveram. Até eu mesmo: *Cogito, ergo sum*. Como traduziu o gaiato, “*penso, logo desisto!*”.

O universo, ao que tudo indica, provém do *Big Bang*; dele advém tempo e espaço. Entendo que não cabe a pergunta “o que existia antes dele”, antes do tempo e espaço. Mas fica

no ar uma pergunta: o *Big Bang* é uma explosão de algo, precisamente descrito; uma massa mínima, de densidade inimaginável, explode... então existia algo antes do *Big Bang*? Este algo (eterno?), resultado de outros processos de concentração expansão/contração – Big Crunch/ Big Bang/ Big Crunch – resultando multiuniversos e não apenas **universo**? Até aí trabalha a Ciência, **revelando-nos a palavras de Deus**.

Para mim há uma pergunta, cuja resposta não cabe à Ciência: por que e como surgiu a matéria, o universo que, mesmo que seja eterno, não se explica por si mesmo? Como perguntaram Lucrécio, Descartes, Wittgenstein (*é extraordinário que qualquer coisa exista; por que existe algo ao invés do nada?*)

A resposta clássica: *Deus criou o Céu e a Terra* pede um reparo: Ele – quem, ou o que quer que Ele/Ela seja – não criou; está criando. Sua obra encontra-se **em expansão** e **em melhoramento**. As razões que fazem supor um Criador, levam a pensar a criação não como um ato, mas como um processo. A coisa criada, não se justificando por si mesma, exige a “presença” criadora, sustentadora, algo como a “alma” da matéria, ou “vida” no ser humano.

A Ciência diz que o universo se encontra em expansão não no espaço, mas criando espaço. Gostei de uma imagem do cientista Swamme: as galáxias são como passas num bolo que, levado ao forno, ao fazer crescer o bolo, faz as passas se distanciarem umas das outras.

Nossa mente – Verdadeiro Criador de Tudo (VCT), diz, por um ramo do saber, a Ciência –, *que o universo, “com sua quota de indeterminação e ação destrutiva”*, evolui. Pretensamente o cérebro humano, pela teoria do evolucionismo, diz que evolui, melhora, aperfeiçoa do mais simples para os mais complexo, do menos consciente para o mais consciente. No caso do cérebro que tudo **cria** ou **interpreta**, ou, como diria um teólogo, interpreta a **revelação** de Deus a uma comunidade.

Como disse Raimon Panikkar, doutor em Filosofia, em Ciências e em Teologia:

“A divindade irrompeu, repetidamente, no ser humano, como a História testemunha. Porém, tudo isso não deixa de ser um testemunho humano. Por isso, no lugar de tentar descrever essas descidas do divino, nos limitamos a mencionar as ascensões do espírito humano até o mistério da divindade... A revelação está naquele que a recebe”. (PANIKKAR, 2007, p. 67, 81)

Esse termo, junto com salvação, talvez sejam os conceitos mais utilizados na literatura cristã. Qual seria o percentual de cristãos capazes de dizer o que a sua respectiva denominação cristã entende por revelação e salvação? Penso que esse percentual seria baixo e, pior, com pouca concordância entre si.

Refletindo sobre o conceito **Revelação**, para o teólogo haveria aí três elementos a considerar: Deus, que revela (o Mensageiro); os sinais, fatos, acontecimentos pelos quais ele fala (portadores da mensagem); e a Mensagem, ou seja, o significado da mensagem.

A maior e mais extraordinária revelação de Deus, o Pai (o mensageiro), Jesus de Nazaré (o portador da mensagem) e a Mensagem. O mais extraordinário, no caso, é que o portador da mensagem é identificado com o significado da Mensagem. Não é Ele que se diz mensagem: o homem (VCT), inspirado (teologicamente: Espírito Santo) entendeu o significado, a **revelação** do Pai. O “desvelar” resulta da interação da comunidade com pessoas sensíveis, capazes de “enxergar além”.

A pandemia de Covid-19 deixou claro o abismo – abissal ou infernal? – entre ricos e miseráveis. As maiores autoridades do País confessaram que desconheciam (ignoravam) 30 milhões de muito pobres. Deus está revelando o quê? O racismo estrutural, a violência contra as mulheres, as diferentes formas de amor e união?

Estaremos insensíveis às **novas revelações**? O Papa Francisco, ao convocar os interessados para a formulação de uma economia para todos, sensível à percepção do significado espiritual (penso que não precisa adjetivar; o mundo é sagrado) para o mundo, parece sentir-se frente a uma nova (pela urgência e força) **revelação**.

Como o Pai vê 6 brasileiros, no Brasil, acumular, em um ano, o equivalente ao ganho de 100 milhões de outros filhos seus? *Até quando vocês continuarão a sugar o sangue de seus irmãos, filhos meus, tanto quanto vocês?!*

Para mim, seguindo a linha de pensamento de Nicolelis (sem sua participação): os homens (VCT) têm visto Jesus de Nazaré como a esplendorosa manifestação da criação. Nós homens, seres históricos, ao longo dos últimos dois mil anos temos visto em Jesus de Nazaré a mais perfeita realização do processo de humanização em curso. Didaticamente, inverte a ordem: o universo tem, em um ponto insignificante (será?), em sua extensão de tempo e espaço, um ser – criatura do universo – capaz de conferir sentido a tudo. Ele, o VCT, lê os fatos e os lê historicamente, ou seja, lê e relê todos os fatos, acontecimentos, símbolos, metáforas que ele considera importantes, significativos. Os critérios mudam, são históricos, e o leitor também muda, porque ele também é histórico. Tudo, então, é relativo? Sim e não! Sim – porque só existe um Absoluto: Deus. Não – porque, ao longo do tempo, o homem consegue preservar o que é importante para ele, como espécie, apesar de toda a sua estupidez. O calendário (não exclusivo), antes e depois de Cristo, tem conseguido se manter apesar das pretensões, à direita e à esquerda, de impor outra e única visão da história humana.

Cabe ao homem, consciente e livre, ler, interpretar e agir de acordo com sua interpretação, lembrando sempre que *“homem algum é uma ilha”*.

Pressupostos:

1. Creio que tudo o que existe tem origem, uma fonte, um sustento (vida, energia...), o Absoluto (simbolizado como o Pai, por Jesus de Nazaré; como Amor, pelos discípulos Paulo e João).
2. Na perspectiva do que podemos **entender** (o VCT), o Absoluto não está sujeito a tempo e espaço; portanto, vive o que, metaforicamente, simbolicamente, chamamos de “eternidade”. Então Ele, repito, não cria; Ele está criando e, aos poucos, vamos entendendo como funciona o universo, sua obra de arte. Aos poucos os cientistas vão descrevendo como essa Obra de Arte funciona e até onde vai o poder do homem de mudar. Lembro-me da oração de alguém muito lúcido:

*“Dai-me, Senhor, coragem para mudar o que deve ser mudado;
a paciência para aceitar o que não pode ser mudado
e a clarividência para discernir uma coisa da outra”*.

O homem é a culminância de um longo processo de evolução (será que é um termo correto para se referir às mudanças do Cosmo, onde, às vezes, parece predominar o “caos”?). O resultado deste processo em marcha é um ser inteligente, consciente e livre, o VCT. Aqui se dá um ponto de inflexão: agora o Absoluto, o Amor, conta com um parceiro. Não age e não pode agir sozinho. Então, o Absoluto não é onipotente? Abandonei esse conceito, em relação ao Absoluto, há algum tempo. Desde que existe algo que não é Ele, este algo, criado, só pode ser relativo.

A decisão divina (metáfora) de criar implica em *“autoesvaziar-se”*, em aceitar conviver com o relativo. Posso imaginar que Ele tenha todas as condições de dizer (**Verbo, Palavra**), como vai funcionar sua criatura – com que grau de indefinição, acaso, caos – mas tem que lidar com algo que não é Ele e que é relativo. Aceito até que Ele poderia ter criado um universo acabado, quase perfeito (perfeito é Ele), embora não saiba o que seria isso. Mas se não o criou perfeito, acabado, tem que conviver com o imperfeito e inacabado.

Desde que *o homo sapiens* existe, o Absoluto *“se impôs”* uma parceria com ele, o VCT. O que vem acontecendo, ao longo deste período, parece claro para o VCT: a obra de arte, no seu caso, seria **a própria humanização**. Este seria o *“projeto conjunto”* do Criador e da criatura: obra para dois criadores. Para nós, criatura, caberia a tarefa de aperfeiçoar-nos, melhorar-nos, salvar-nos, enquanto indivíduo e espécie, e evitar qualquer catástrofe. Construir aquilo que Jesus de Nazaré chamou de **Reino de Deus**.

O VCT é um coletivo, histórico, que, sabemos, não se aperfeiçoa isoladamente, sem melhorar a sociedade por ele criada, a qual não pode ser de poucos. A estratégia foi dada por Jesus de Nazaré: focar nos mais necessitados. Uma economia voltada para garantir o mínimo (em constante expansão) para todos – um grande desafio –, tem tudo para dar certo. Uma economia voltada para acumular capital tem tudo para dar errado para a espécie humana.

O sentido da mensagem, da **Revelação** – ou o que vem sendo revelado – está dado. Falta compreendermos melhor, como coletividade, o que nos cabe, deixando a Ele somente o que lhe cabe. A criação: coisas, fatos e processos seria o “*locus*”, o lugar, o palco onde se dá a **revelação**. Deus não se revelou (não é algo passado), Ele está **sempre se revelando** (algo sempre presente) e se o que vai sendo revelado se revela no criando, que, para o VCT, é histórico, tem que ser lido e interpretado continuamente. Cabe a Ele decifrar o revelado, ou seja, o que Deus quer dizer, aqui e agora.

A ONU, o FMI, a OMS publicam periodicamente relatórios mostrando grandes injustiças sociais no mundo: **o que Deus está revelando para nós em meio à pandemia?** “*homens de pouca fé... o que fizerdes ao menor de meus irmãos é a mim, ou para mim, que tereis feito*”.

Voltemos aos dois acontecimentos históricos nos quais os teólogos cristãos – em sua perspectiva – vê a revelação de Deus:

- a. a promessa feita a Abraão e a utopia de um povo, Israel;
- b. Jesus de Nazaré, maior e mais completa revelação de Deus e sua proposta universal do Reino de Deus.

De tudo o que tem acontecido no âmbito da sociedade ocidental cristã, o VCT elegeu, destacou, priorizou dois acontecimentos:

1. **O chamado e a resposta de Abraão** – De um processo histórico de deslocamento de grandes massas da Mesopotâmia para a Palestina, o verdadeiro criador de tudo destacou, conferiu sentido, tornou **revelação** a coragem de Abraão de abandonar o certo e buscar o duvidoso, o improvável, confiante em que, com a bênção de Deus, ele poderia realizar um sonho. Aos poucos uma família se torna um clã e, por fim, um povo à procura de uma terra própria e de fartura.

“A tradição coloca a história de Abraão entre o fim do III e o começo do II milênio a.C. Trata-se de um período de transição, durante o qual uma forte onda de migrações nômades na Palestina põe fim à civilização do Bronze Antigo e provoca o eclipse da vida urbana (2200-1900 a.C.). Isso não abrange apenas a Síria e a Palestina, mas também o Egito e a Mesopotâmia.” (PEREGO, 2001, p. 18)

A origem de todas as utopias do Ocidente, no caso, é sempre lida e relida como uma parceria com Deus. Ele é único – *não pronunciem, em vão, seu nome* –, Ele nos dá tudo, se formos fiéis a Ele. Ele referenda as leis. Ele nos deu, nos revelou as **Tábuas da Lei**. Abraão inspirou, além do judaísmo, as duas maiores religiões do mundo: o cristianismo, com 2,2 bilhões, e o islamismo, com 1,6 bilhões de seguidores, respectivamente.

- Seleção/leitura de fatos históricos: o revelador, aquele que perscruta o sentido da revelação, sempre lida e relida pelo verdadeiro criador de tudo (VCT/uma coletividade, um povo);
- Os fatos históricos: os fatos que dão suporte a **Revelação**, ou a revelação por parte de Deus, em seu processo de criação;
- O sentido último da **Revelação**: Deus, o criador dos acontecimentos e cointérprete de seu sentido;
- Área cinzenta: cointérprete – como Deus atua, induzindo, sugerindo a leitura, ou o sentido da revelação? Ou simplesmente confia na sensibilidade do VCT para seu bem, ou não?

2. **O evento Jesus de Nazaré**, que tem sido visto pelo VCT (bilhões de pessoas, durante séculos) como algo extraordinário. O que poderia ter sido apenas mais um fracasso humano, tornou-se a Mensagem, ele próprio, sua vida, sua morte e ressurreição – o Melhor de nós, o melhor que o longo processo de humanização criou de melhor. O protótipo do ser humano. Seu **Reino de Deus** – a maior e mais perfeita utopia de sociedade humana: uma meta, um modo de ser e de viver (homens vivendo como irmãos) e o resto entregue à liberdade do VCT – “*o caminho se faz caminhando*”.

O teólogo cristão vê no Pai a origem da **revelação**; no Filho, Jesus de Nazaré, o Mensageiro e a Mensagem: sua vida, morte, ressurreição. **A percepção** do sentido (dado pelo Espírito Santo), **está sujeita à compreensão** do que está sendo revelado e suas implicações. O que significa que pode haver equívocos. Para os melhores biblistas, Jesus de Nazaré, Paulo Tarso e toda a primeira geração de discípulos de Jesus, vivendo “um tempo apocalíptico”, imaginava iminente uma extraordinária manifestação de Deus (no caso de Jesus) e a segunda vinda de Jesus (*parusia*), no caso de Paulo e dos discípulos de Jesus, que rezavam: **Marana tá!**, fórmula aramaica de *Vinde, Senhor Jesus!*

Paulo percebeu seu equívoco e reformulou sua pregação (o papel do VCT).

Segundo o historiador Mircea Eliade, o retardamento da *parusia* foi lido de três modos:

- a. reafirmando, de modo mais forte, a iminência da *parusia* (Epístola de Pedro);

- b. recuando-a para um futuro mais distante e justificando, teologicamente, para dar tempo a atividade missionária (Evangéhos de Mateus e Lucas);
- c. *a parusia já se realizou, pois a crucificação e a ressurreição de Jesus constituem de fato o verdadeiro “acontecimento final” (eschaton) e a nova vida já é acessível aos cristãos (Evangého de Joao)”*.

“A epifania do sagrado num objeto profano – um processo dialético – constitui, ao mesmo tempo, uma camuflagem, porque o sagrado não é evidente para todos aqueles que se aproximam do objeto no qual ele se manifestou”. (ELIADE, 2011, p. 312)

Como cristão, concordo e aceito as metáforas, por não encontrar melhores e, em conformidade com a abordagem de Nicolelis, que entendo como plausível, inverteria a sequência do **processo de revelação**, a partir do VCT.

Vejo Jesus de Nazaré – sua vida, morte e ressurreição – como Mensageiro e a própria Mensagem. O sentido da Mensagem, as consequências para a minha vida pessoal e social, é uma questão de fé. Um dom, uma graça – *tudo é graça* – mas, acima de tudo, um compromisso. Crer é assumir um modo de ser e agir (muitas vezes novo, superando a ideologia dominante, o que não é nada fácil).

A **busca de sentido** está associada às questões como: que sentido tem a vida? O que fazer com ela? Sobrevivemos à nossa morte? Há vida após a morte?

Imaginemos um ser humano que perdesse a consciência e que ao recuperar-se de repente não se lembrasse de nada que havia aprendido: *tábua rasa*. Qual seria a reação dele quando alguém dissesse que ele provém da reunião de um entre milhões de espermas, que se uniu a um óvulo, que surge, de mês em mês, em uma mulher etc., etc. Daria para acreditar?

Se ele encontrasse alguém morto e começasse a se perguntar o que vai acontecer com ele. Poderá pensar que tudo acaba ali para o indivíduo, com a morte dele. Mas também é muito plausível a hipótese de que a consciência, que nasceu e continuou a evoluir no indivíduo, subsista à morte corporal e continue a evoluir, já que tudo no universo evolui. A consciência humana é o que há de mais complexo, mais perfeito no universo. Ele é o Verdadeiro Criador de Tudo (VCT). Por que o Criador teria criado o VCT para evoluir apenas como coletividade, não como indivíduo?

Como vamos subsistir? Como seremos depois da morte corporal? É inimaginável, como seria inimaginável nossa origem se ignorássemos a reprodução sexual. A sobrevivência humana pós-morte seria mais espetacular do que a reprodução de qualquer ser vivo?

Se Deus existe, se Ele nos confere outro tipo de vida depois desta, vale o desafio proposto pela Aposta de Pascal. Aposto que sim, creio! Confio e espero não estar errado. Faria diferença? Eu viveria do mesmo jeito, com os mesmos princípios éticos? Pode ser que às vezes não. O sacrificar-se, dar a própria vida por uma pessoa, uma causa, seria duvidoso.

Vamos nessa!

PS: Não sei se Miguel Nicolelis crê em Deus. Sua extraordinária espiritualidade fica patente ao reproduzir “*um dos maiores duelos intelectuais do século XX*” entre o poeta e filósofo indiano Rabindranath Tagore e o cientista Albert Einstein, em 14 de julho de 1930, em Berlim. Na avaliação de Nicolelis, “*o poeta ganhou de lavada...*”. (NICOLELIS, 2020, p. 281-285).

Tomo a liberdade de reproduzi-lo aqui.

Diálogo entre Rabindranath Tagore e Albert Einstein

Eintein: *Existem duas concepções distintas sobre a natureza do universo: 1) o mundo como entidade dependente da humanidade e 2) o mundo como realidade independente do fator humano.*

Tagore; *quando o universo está em harmonia com o homem, o eterno, referido por nós como a Verdade nós o experimentamos como beleza.*

Einstein: *Essa é a concepção puramente humana do universo.*

Tagore: *Não pode haver outro tipo de concepção. Este é um mundo humano - a visão científica dele também é a do homem científico. Existe um padrão de razão e prazer que nos dá a Verdade, o padrão do Homem Eterno cujas experiências são experimentadas pelas nossas experiências.*

Einstein: *Essa é a realização da entidade humana.*

Tagore: *Sim uma entidade eterna. Devemos percebê-la através das nossas emoções e atividades. Percebemos o Homem Supremo que não tem limitações individuais como as nossas próprias limitações. A Ciência se preocupa com aquilo que não se restringe aos indivíduos; o mundo impessoal de verdades. A religião percebe essas verdades e as ligas com as nossas necessidades mais profundas; a nossa consciência individual da Verdade ganha significância universal. A religião aplica valores para a Verdade, e nós conhecemos essa Verdade como sendo boa por meio de nossa harmonia com ela.*

Einstein “:A verdade, então - ou a Beleza - não é independente do homem?

Tagore: Não.

Einstein: *Se não houvesse mais nenhum ser humano, o Apollo de Belvedere não seria mais belo.*

Tagore: Não.

Einstein: Concordo no que diz respeito ao conceito de beleza, mas não com o que se refere à Verdade

Tagore: *por que não? a verdade é percebida pelo homem*

Einstein: *Eu não posso provar que a minha concepção é verdadeira, mas essa é a minha religião.*

Tagore: *A beleza é o ideal de perfeita harmonia que está presente pro Ser Universal; a Verdade como a perfeita compreensão da Mente Universal. Nós, como indivíduos, a abandonamos através de erros e enganos, através de experiências acumuladas, de consciência iluminada – como, de outra forma, reconheceríamos a Verdade?*

Einstein: *Não posso provar cientificamente que é Verdade deve ser concebida como uma Verdade válida independente da humanidade; mas acredito nisso firmemente. Aceito, por exemplo, que o teorema de Pitágoras em estados geométricos é aproximadamente verdadeiro, independente da existência do homem. De qualquer forma, se existe uma realidade independente do homem, deve existir também uma Verdade relativa a essa realidade- e, da mesma forma, a negação da primeira levaria a negação da segunda.*

Tagore: A Verdade, que é uma como Ser Universal, deve essencialmente ser humana, de outra forma qualquer coisa que nós, indivíduos, percebemos como verdadeira não pode ser chamada de Verdade – pelo menos é Verdade que é descrita como científica e que somente pode ser alcançada pelo processo da lógica; em outras palavras, pelo órgão do pensamento (cérebro), que também é parte do ser humano. De acordo com a filosofia Indiana, existe o Brahama, a Verdade absoluta, que não pode ser concebido pelo isolamento da mente individual nem descrito pelas palavras, somente pode ser experimentado com a completa imersão do indivíduo no seu infinito. E essa Verdade não pode pertencer à Ciência. A natureza da Verdade que estamos discutindo é apenas uma aparência - quer dizer, aquilo que parece ser verdadeiro para a mente humana e, portanto, é humano, e pode ser chamado *maya*, ou ilusão.

Einstein: Assim, de acordo com a sua concepção, que pode ser considerada a concepção indiana, essa ilusão não é algo individual, mas da humanidade como um todo.

Tagore: A espécie também pertence à uma unidade, a humanidade. Portanto, a mente humana coletiva percebe a Verdade; a mente indiana ou a europeia se encontram em uma percepção comum.

Einstein: A palavra “espécie” é usada em alemão para descrever todos os seres humanos; na realidade, os símios, e os sapos pertenceriam a ela também.

Tagore: Na Ciência utilizamos o processo de eliminar as limitações da nossa mente individual para, então, alcançar a compreensão da Verdade que é mente do Homem Universal.

Einstein: *O problema começa quando a Verdade independe de nossa consciência.*

Tagore: *O que chamamos de “verdade” se encontra na harmonia racional entre os aspectos subjetivos e objetivos da realidade, e ambos pertencem ao homem superpessoal.*

Einstein: *Mesmo na vida diária, nós nos sentimos compelidos a atribuir uma realidade independente do homem aos objetos que utilizamos. Fazemos isso para conectar as experiências dos nossos sentidos de forma razoável. Por exemplo, se ninguém se encontra nessa casa, a mesa permanece onde esta.*

Tagore: *Sim ela permanece fora da mente individual, mas não da mente Universal. A mesa que percebo é perceptível pelo mesmo tipo de consciência que eu possuo.*

Einstein: *Contudo, se ninguém estivesse na casa, a mesa ainda existiria da mesma forma- e isso já é ilegítimo sobre o seu ponto de vista- porque não podemos explicar o que significa que a mesa está lá, independente de nós. O nosso ponto de vista natural no que tange a existência de uma Verdade independente da humanidade não pode ser explicado ou provado, mas é uma crença que ninguém pode deixar de ter - nem mesmo seres primatas. Atribuímos a Verdade a uma objetividade super-humana; ela nos é indispensável, essa realidade independe da nossa existência e da nossa experiência e da nossa mente - embora não possamos dizer o que ela significa.*

Tagore: *A Ciência provou que a mesa como objeto sólido é uma aparência e, portanto, algo que a mente humana percebe como uma mesa não existiria se todas as mentes não existissem. Ao mesmo tempo, deve-se admitir que o fato de que a realidade física não passa de uma grande variedade de centros rotatórios de força elétrica também pertence à mente humana. Na compreensão da Verdade, existe um conflito eterno entre a mente universal e a mente confinada em um indivíduo. O processo perpétuo de reconciliação está sendo executado pela nossa ciência, pela nossa filosofia e pela nossa ética. De qualquer forma, se existisse qualquer Verdade absolutamente dissociado da humanidade, para nós ela seria totalmente inexistente. Não é difícil imaginar uma mente em que a sequência das coisas acontece não no espaço, mas somente no tempo, como a sequência de notas de uma música. Para tal mente,*

essa concepção de realidade é semelhante à realidade musical na qual a geometria pitagoriana não tem significado algum. Existe a realidade do papel, que é infinitamente diferente da realidade da literatura. Pois para a mente de uma traça que come o papel, a literatura contida numa folha é totalmente inexistente, enquanto para a mente humana a literatura tem um valor muito maior de Verdade que o papel em que ela foi escrita. De forma similar, se existisse uma Verdade que não guardasse relação racional ou sensual com a mente humana, ela permaneceria sendo um nada irreconhecível enquanto formos seres humanos.

Einstein: *Então sou mais religioso que você.*

Tagore: *A minha religião é a reconciliação do Homem Superpessoal, o espírito universal humano, no seu próprio ser.*

Em um **segundo encontro**, no dia 19/08/1930, o diálogo extraordinário continuou;

Tagore: *Eu estava discutindo... Hoje, as descobertas matemáticas, que nos dizem que, no mundo dos átomos infinitesimais, a chance tem o seu papel, o drama da existência não é predestinado de uma forma absoluta.*

Einstein: *Os fatos que fazem com que a Ciência se mova nessa direção não dizem adeus a causalidade.*

Tagore: *Talvez não, mas parece que a ideia de causalidade não está nos elementos, e sim que outra força constrói com eles o universo organizado.*

Einstein: *Tentamos entender como a ordem se estabelece no plano superior. A ordem está lá, onde os grandes elementos se combinam e guiam a existência, nos elementos diminutos; todavia, essa ordem não é perceptível.*

Tagore: *Essa dualidade está na profundidade da existência - as contradições do impulso livre e o desejo direcionado que se impõem sobre ele e criam um esquema ordenado das coisas.*

Einstein: *A física moderna não diz que eles são contraditórios. As nuvens parecem de uma forma à distância, mas, ao observá-las de perto, elas se apresentam como gotas de água desordenadas.*

Tagore: *Identifico um paralelo na psicologia humana. As nossas paixões e os nossos desejos são indisciplinados, mas o nosso caráter submete esses elementos em um todo harmonioso. Seriam os elementos rebeldes, dinâmicos, com o impulso individual? Existe algum princípio no mundo físico que os domina e os coloca em uma organização estruturada?*

Einstein: *Nem mesmo os elementos existem sem ordens estatística; os elementos do radium sempre mantém a sua ordem específica, da mesma forma como o fizeram anteriormente. Existe, então, uma ordem estatística dos elementos*

Tagore: *Senão o drama da existência seria por demais desordenado. É a harmonia constante da chance e do determinismo que faz com que ela seja eternamente nova e vivível.*

Einstein: *Acredito que é tudo o que fizemos ou vivemos tem uma causa por trás; é melhor, todavia, que possamos olhar através dela.*

CAPÍTULO 17

SALVAÇÃO / LIBERTAÇÃO / REALIZAÇÃO

*“As três dimensões da filosofia:
a inteligência do que é (teoria), a sede da justiça
(ética) e a busca da salvação (sabedoria)...
ou seja, viver sabiamente, feliz e livre, na medida do possível,
tendo enfim vencido os medos que a finitude despertou em nós.”*

(FERRY, 2010, p. 25, 27)

*“A vida humana é, na realidade, mais do que a dura
experiência que tem sempre sido o fardo de tantos;
ela oferece uma esperança de salvação ou libertação ou
realização que pode, mesmo agora, inundar nossa vida
com um sentido e um valor positivos.”*

(HICK, 2018, p. 105)

“Fora da Igreja não há salvação.”

(São Cipriano de Cartago +–258)

*“Fora do mundo não há salvação. A salvação não pode
vincular-se exclusivamente às religiões e às Igrejas,
mas reporta-se ao mundo e à História, que são
a base de toda realidade salvífica.”*

Edward Schillebeeckx – in TEIXEIRA, 1995, p. 113

*“... toda a história é também a história da salvação.
As diferentes religiões são justamente os modos nos
quais essas histórias se tornam temáticas ao expressarem-se
na fé, no credo ou na vivência, na oração íntima
ou no rito público, na piedade individual e na vida comunitária.”*

(QUEIRUGA, 2010, p. 375)

*“Salvação significa fundamentalmente
libertação e resgate e pode ser entendida
em relação à vida presente ou à vida depois da morte.”*

(Irene Martins CAPELLO)

*“Cristo nos libertou para que sejamos
verdadeiramente livres.”*

(Carta de Paulo de Tarso aos Gálatas - 5,1)

Hoje é Natal. Recluso pela pandemia, me preparava para escrever este texto quando recebi de um desconhecido, por e-mail, esta citação de Dom Hélder Câmara, Arcebispo de Olinda e Recife:

“Gosto de pensar o Natal como um ato de subversão... Um menino pobre, uma mãe solteira, um pai adotivo... Quem assiste ao seu nascimento é a ralé da sociedade, os pastores. É presenteado por gente de “outras religiões” (magos, astrólogos). A família tem que fugir e, assim, viram refugiados políticos. Depois, voltam a viver na periferia. O resto a gente celebra na Páscoa... mas com a mesma subversão... Sim! A revolução virá dos pobres! Só deles pode vir a salvação! Feliz Natal! Feliz subversão!”

Tenho um laço de ligação especial com Dom Hélder: o Padre Henrique, seu assessor, que na madrugada de 26 para 27/05/1969 foi preso e torturado até a morte. Recebi, anonimamente, talvez a primeira foto do corpo dele, todo marcado pelas torturas, jogado no mato.

A foto está na página seguinte.



Um mês antes eu havia estado com ele. Na ocasião ele me disse que um policial estava louco para pegá-lo, já que não podia pegar o bispo, Dom Hélder. Padre Henrique era uma pessoa muito simples, popular, muito estimado pelo povo.

Motivo de sua prisão e morte cruel? Lutar pela promoção dos pobres e abandonados; crime semelhante ao de Jesus de Nazaré, em que ele, de fato, acreditava. Ele admirava e defendia seu mestre na Igreja, Dom Helder.

“Depois que se afirma que Deus se fez carne, torna-se obrigatório também encontrá-lo no corpo do outro. Maltratar o corpo do outro é maltratar o corpo de Cristo. A autenticidade da experiência cristã não se encontra precisamente na boa nova de que o ser humano é matéria espiritual, cujo corpo é templo de um Espírito vivo, que age a partir das feridas abertas, em busca do perdão?” (FERREIRA, 2017, p. 34)

Roteiro de seu processo de salvação:

criação – revelação – conversão – construção do Reino de Deus – morte – ressurreição.

O processo de salvação – termo religioso consagrado - tem uma dimensão individual e outra social; esta relativa a coletividade humana – o Reino de Deus, na expressão de Jesus de Nazaré.

*“Em cada história humana particular se repete a longa história da humanidade. Neste sentido, a **história da salvação** é **única** e ao mesmo tempo **universal** porque, de alguma forma, nela estão as descobertas e dramas mais importantes de toda relação humana com Deus e com o próximo.”* (FERREIRA, 2017, p. 107)

Parto do caso individual – **a história de salvação do padre Henrique** – para tratar depois do coletivo, do universal:

Criação: Padre Henrique, nascido e criado numa família pobre, estudou com muito esforço e dedicou-se a compartilhar seus dons com os outros – um homem de fé e ação:

Revelação – em algum momento sentiu-se **chamado** e topou entregar sua vida aos mais pobres (conversão). Quem percebeu o chamado? O VCT, iluminado por Deus; o que não provém desta Luz?

Construção do Reino: ele transformou sua fé em ação; estava ao lado do pobre em suas lutas e por esta razão foi **preso, torturado e morto**.

Ressurreição: para o cristão, como diz o texto da Missa de Sétimo Dia, *“a vida não é tirada; é transformada”* – ele passou, como Jesus de Nazaré e todos os salvos, pelo crivo do Amor, para *outro modo de vida...*

“Criação, salvação, glorificação, formam desse modo o continuum do amor divino, que, criando-nos filhos e filhas, nos acompanha na dura luta do crescimento histórico, até conseguir acolher-nos na filiação plenamente realizada, quando “conheceremos como somos conhecidos”. (1 Cor. 13,12) (QUEIRUGA, 2007, p. 90)

Cinco personagens envolvidos nessa história de salvação: quatro indivíduos e um coletivo. Vejamos a situação de cada um dos quatro indivíduos:

1. O primeiro é também o último: é Aquele que confere/avalia/julga o drama da salvação, no qual todos os outros estão inseridos: Deus/Amor. Sabemos de seu critério de julgamento, amplamente revelado: o Amor que cria, que julga, que dá sentido. É Ele e só Ele, que poderá “dizer” quem se salvou, pois Ele, o Amor, é o **critério da salvação**. Deus consiste em amar (*Ho Theós agápe estín*; 1 Jo.4,8,16);
2. Padre Henrique: um modesto ser humano, cuja vida e morte é claramente uma história de salvação. Alguém que soube conferir sentido positivo à sua vida: está

salvo! Salvo pelo critério que lhe era próprio: o amor ao próximo e a Deus, já que vivia buscando ser cristão. *“Quem permanece no amor, permanece em Deus e Deus permanece nele (1 Jo 4,16);*

3. Dom Hélder Câmara – como ele não era um indivíduo comum, sua história é socialmente mais complexa. Por sua atuação – a fé intrínseca e manifesta – ele era objeto de admiração e rejeição, amor e ódio. (*“Quando dou comida aos pobres, me chamam de santo. Quando pergunto por que eles são pobres, me chamam de comunista”*). Por quatro vezes ele foi indicado para o prêmio Nobel da Paz.

O Presidente à época, General Geisel, pelo que narra a história, acionou nosso Embaixador na Noruega para que Dom Hélder não fosse condecorado. Narra também a história que o grupo econômico que controla nossa(?) mídia estabeleceu uma regra pétrea, que prevaleceu durante vários anos: nenhum de seus(?) órgãos de imprensa podia mencionar o nome de Dom Hélder. Apagar o personagem! Esta era a ordem.

Aos olhos de Deus e dos crentes que tentam avaliar pelo olhar do Deus/Amor, Dom Hélder deu sentido positivo à sua vida; ele se salvou!

4. O autor, ou os autores, das torturas – alguém sabe seus nomes? Quem são eles frente ao público? Quem foram eles frente a si próprios? Que sentido deram às suas vidas? Continuaram a acreditar – se é que acreditavam – que estavam fazendo o bem, quando torturavam alguém? Consideram que deixaram um bom legado aos seus filhos e filhas e à coletividade em geral? Conseguem descrever para suas netas o que fizeram? Uma história de salvação ou de condenação? Cabe somente a Deus avaliar!

Como disse Jürgen Moltmann:

“O ser humano é artesão de seu próprio destino de felicidade, ou é algoz de si próprio. Ambas reduzem o papel de Deus ao de um auxiliar na realização da livre opção humana. Céu e inferno são reduzidos a figuras, com as quais se confirma o livre-arbítrio humano.”
(MOLTMANN, 2003, p. 174)

O personagem coletivo deste drama é aquele que Miguel Nicolelis denomina o Verdadeiro Criador de Tudo, o cérebro humano.

Nós, que ouvimos, ou que estivemos e estamos envolvidos, direta ou indiretamente, neste drama e lhe conferimos sentido. As percepções de sentido são conflitantes, são ideológicas. No geral, refletem os interesses da associação poder/dinheiro. (Penso que a superação da ideologia dominante é o maior desafio à adesão cristã).

Que história estamos criando? Estaremos salvos? Só a História – tão parcial, tão “flutuante”, tão contingente – nos dirá! Deus aguarda o “conjunto da História” para nos julgar, ou seja, já julgou, já que seu “olhar” sobre a história humana independe do tempo.

Um drama e várias histórias de salvação. De que se trata, então, quando falamos de salvação? **Salvar de quê? O que é “não salvar?”**.

Somos criaturas; portanto, por definição, somos imperfeitos. Não precisamos hoje do “*mito bíblico do paraíso*” para explicar nossas fraquezas, nossos erros, nossas ofensas, nossa maldade, nossa impiedade, nosso desejo de torturar e matar. O ímpeto, a inclinação, a tentação estão aí; são inerentes ao pretensioso *homo sapiens*, que algum dia poderá ser um homem amoroso e misericordioso, como foi e propôs Jesus de Nazaré.

Somos livres, portanto, podemos praticar o bem ou o mal; temos opções, até estabelecemos, ao longo da história, critérios de bem e mal.

Como sujeitos autônomos e livres, somos instados a **conferir sentido não apenas à nossa vida pessoal, mas à nossa história.**

Quem se salva ou não? Somente nós, pelo sentido que damos à nossa curta existência. Salvamo-nos aqui, em nossa curta vida terrena – estágio probatório? – e salvamos para o *outro modo de vida*, eterna, do ponto de vista dos cristãos, para os quais “*a vida não é tirada, mas transformada*”.

Escreve Moltmann, um dos teólogos mais renomados da atualidade:

“Recordo a vida daqueles que não puderam viver e que não tiveram a permissão de viver: o filho amado que morreu ao nascer; o menino que aos 4 anos foi atropelado por um automóvel; o amigo que aos 16 anos foi esfaqueado a meu lado por uma bomba que me poupou – e tantas pessoas violentadas, assassinadas e aniquiladas. Certamente o destino delas pode adquirir um grande sentido para outros, mas como e onde a vida delas alcançará a ‘plenitude’. Onde e como alcançarão o repouso?”

A ideia de que com a morte dessas pessoas ‘tudo acabou’ lançaria o mundo todo na absoluta falta de sentido, pois se a sua vida não teve sentido, a nossa vida poderá ter sentido? A moderna concepção de ‘morte natural’ é adequada para burgueses com seguros de vida na sociedade do bem-estar, que podem dar-se ao luxo da morte em idade avançada. A maioria das pessoas nos países do terceiro mundo morrem de morte prematura, violenta, não de morte aceita, como também ocorreu com milhões de jovens da minha geração durante a Segunda Guerra Mundial. A ideia de que a morte seja a ‘eternização da vida vivida’ não se aplica de modo algum àqueles que não conseguiram viver nem tiveram a oportunidade de viver.

Por isso creio que a história de Deus com a nossa vida continua após a nossa morte, até que seja alcançada aquela plenitude na qual a alma encontra o repouso, a justiça e a felicidade”. (MOLTMANN, 2003, p. 175)

Pontuando algumas questões:

Só Jesus salva!

- Jesus de Nazaré, o ser humano, que tinha escolhas, por sua vida e morte, mostrou-nos **o caminho da salvação**: como ser e fazer para ser plenamente humano. Ele se fez o protótipo do ser humano. Na medida em que nos assemelhamos a Ele, estamos salvos!
- “São valores crísticos: perdoar, curar, ter misericórdia, ser solidário, repartir o pão, acolher o outro, velar pela dignidade dos excluídos, incluindo o amor a Deus.” (RIBEIRO, 2023, p. 63)
- “*Crer em Jesus Cristo é crer que sou salvo por meio dele, não que ele é o Salvador do mundo. Jesus é o caminho para os cristãos, mas a existência de outros caminhos faz com que ele não seja necessário também para os outros.*” (SOARES, 2018, p. 45).
- Jesus Cristo, aquele que gerações, ao longo de 20 séculos, reconhecem como sendo Deus, Ele é o critério da salvação e, em última instância, a própria salvação.

Aquele que se salva, salva-se pela graça de Deus – tudo é graça! Toda relação do homem com Deus é graça, é dom gratuito. Ele é a Vida e a vida é um dom, é gratuidade!

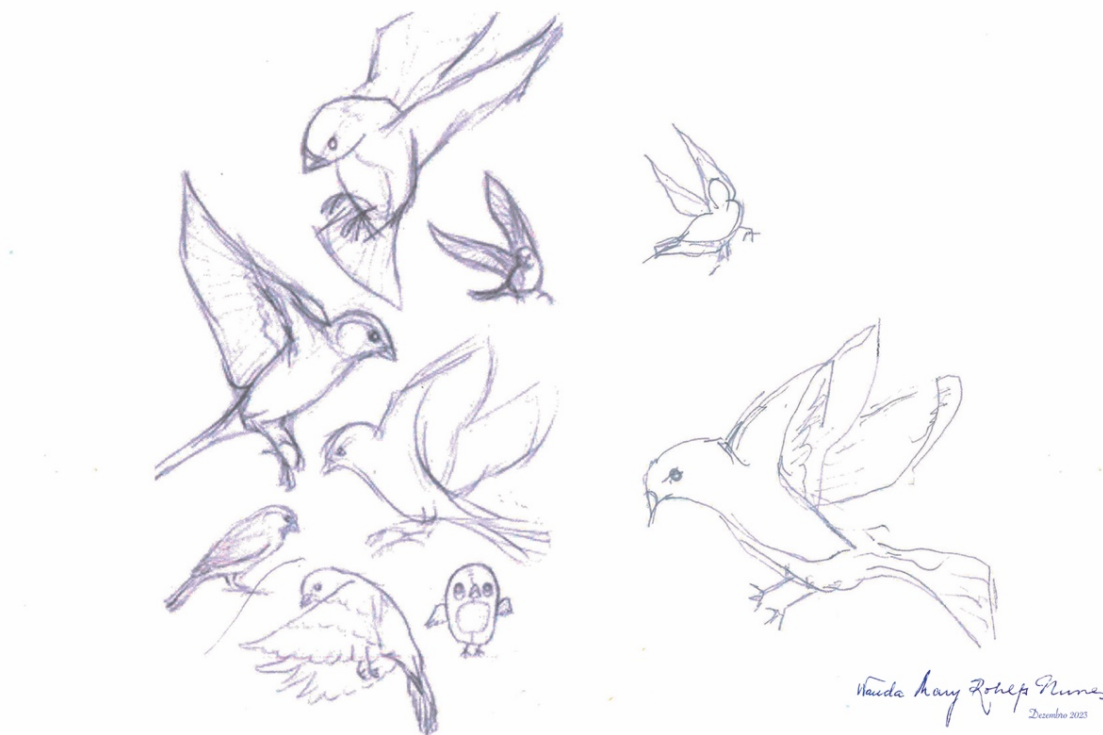
Quem se salva?

- Quem pode ser bom ou não, amar ou não; quem é livre. Deus não é livre para amar, ou não amar, já que é Amor. Sua essência é amar; Ele não pode deixar de amar.
- **Jesus salva?** Sim e não! Se alguém assume o modo de ser e agir de Jesus e contribui com a construção do Reino de Deus, está salvo! Declarar-se crente, “*confessar o nome do Senhor Jesus*”, ser batizado – ritos e promessas – por si só não salvam ninguém. Como disse o apóstolo Tiago, “*também o demônio crê*”. “*Não invocar seu santo nome em vão*” - Segundo Mandamento.

“Na salvação estão os que seguem o caminho de Jesus: amar o próximo, que é o modo concreto de amar a Deus. Quem ama está salvo. A única regra é o amor.”

Criar é abrir mão do “poder tudo”, da onipotência. Deus criando – processo contínuo – abre mão de sua onipotência.

Vejo Wanda, minha mulher, desenhando (Dezembro/2020), o que ela tem feito muito durante essa pandemia. Sua obra, a figura desenhada, ganha autonomia; ela tem que se submeter à sua criatura. Ela pode retocar, melhorar, mas não pode “tocar muito”, senão a imagem, que saiu de sua cabeça e de sua sensibilidade, se desfaz. Lembra o que se encontra na Bíblia: *Deus fez o homem à sua semelhança!*



O desenho da Wanda também tem muito dela. Há um “*compromisso de identidade*” entre o criador e a criatura. É como se o criador dissesse: “você é meu, eu gosto de você!”, e a criatura respondesse: “Tudo bem! Você é bom de serviço! Mas me respeite! Eu sou eu e você é você. Cada um na sua!”.

Quando ela me mostra seu desenho – projeto em execução – ela e Ele aceitam propostas (apóstolos, mensageiros, evangelistas, missionários), até mesmo críticas e admoestações (profetas), mas não admitem interferência, “forçar a barra”. Ela e Ele são ciosos de sua obra. Ela é livre para estragar e até para apagar seu desenho. Ele, não; só pode dar por salvo, ou perdido (*Céu e Inferno*, sobre os quais falaremos no Capítulo sobre o “pacote católico”, ao final).

A fé – adesão concreta ao projeto de Deus em relação a nós: o Reino de Deus, na expressão de Jesus de Nazaré – tem uma dimensão complexa, porque ela é essencialmente coletiva, humana – autônoma e livre – e histórica. Depende de como o VCT desenha seu projeto de sociedade e o constrói. Pode construir sociedades democráticas, igualitárias ou profundamente injustas.

Como disse o doutor em Filosofia, Ciências e Teologia, Raimon Panikkar, “*Todo homem forja seu próprio destino – sua salvação – no campo do político, quando descobre o sentido metapolítico de sua atividade humana*”. (PANIKKAR, 2005, p. 14)

Há que estar claro os seguintes pressupostos:

1. O projeto está em nossas mãos (autonomia) para fazer e desfazer, acertar e errar, corrigir e refazer;
2. Deus é a origem e a Vida. Sua “decisão” de criar é uma “decisão” de autolimitação, de respeito e compromisso com o criado. Tudo vai dar certo, esperamos, porque Ele sabe o que está criando, do modo que está criando, e conhece o resultado final (eternidade = ausência de tempo);
3. Como Deus não abandona sua obra e age de dentro dela - no cosmo e na sociedade humana – seu modo de agir é sutil e, provavelmente, nunca saberemos como.

Já construímos muitas fantasias a esse respeito: já Lhe atribuímos catástrofes, calamidades, doenças e milagres e outros feitos espetaculares como parar o sol, conforme narrativa bíblica (Js 10,12-13).

Coisas como essas, boas e más, Ele não faz: Ele respeita as regras de funcionamento do que Ele cria/mantém.

A dimensão coletiva da salvação é a libertação de tudo o que limita o ser humano, tudo o que é injusto, tudo o que oprime, tudo o que impede o homem de realizar todas as suas potencialidades. Este é um modo cristão de ver a história humana. Como tudo que é humano, é histórico, provisório.

A teologia – reflexão religiosa inclusive sobre o tema de salvação do homem – tem abandonado as categorias de análise do mundo greco-romano, como a metafísica, sobre a qual repousa o *Credo Niceno* e se voltado para as suas origens: a cultura judaica e proto-cristã.

Tentaram inventar uma filosofia cristã para tomar lugar da pagã, e o cristianismo pouco a pouco passou da Fé às ideias... A composição de Credos rapidamente tornou-se um

hábito – uns diriam um vício – desde então, estabelecendo as bases de todos os fundamentalismos cristãos posteriores”. (PANIKKAR, 2005, p. 14)

A Bíblia tem um papel muito relevante. Relendo o sentido da revelação e da libertação relatado nos textos bíblicos e compelida pelas pressões sociais, nos diferentes contextos sociais, a teologia tem direcionado o sentido da libertação para temas regionais – Teologia da Libertação, na América Latina; Teologia Negra, nos USA e na África; Teologias feministas de libertação e sexualidade – LGBTQIA+. (SUSIN, 2006, p. 464), Teologia Planetária, Teologia Laica, etc.

“Nossa cristologia se concentrou no revolucionário Cristo Negro que “pregou boas novas aos pobres”, “proclamou a liberdade aos cativos” e “libertou os oprimidos” - (Lc 4:18) (CONE, 2020, p. 30)

“A salvação da pessoa humana, na teologia africana, é a salvação do universo; é no mistério da Encarnação que Cristo assume a totalidade do humano e a totalidade do cosmo.

As lutas pela transformação do sistema socioeconômico, as lutas contra o racismo, o sexismo e outras formas de opressão econômica, política, social e cultural devem ser sempre tidas em conta com seriedade como fontes de Teologia” – Declaração de Acra, Gana, 1977. (JOÃO, 2020, p. 116)

“A teologia da libertação sul-americana caracteriza-se por sua ênfase nos pobres e nas precárias condições econômicas do povo. A teologia negra se caracteriza pela predominância da questão racial e da desigualdade social, ao passo que a teologia feminista se preocupa primariamente com o sexismo e a desigualdade entre homens e mulheres.” (JOÃO, 2019, p. 58)

A teologia laica, simplesmente humana, centrada na própria religiosidade, na espiritualidade, libertada do serviço a uma “religião” enquanto instituição hierarquicamente sagrada com seu sistema de crenças e ritos e cânones”. (VIGIL, 2011, p. 37)

Exemplo instigante de teologia, que busca ler a revelação estampada no “escandaloso cenário de violência no qual está imersa a sociedade brasileira” é o livro *Biopolíticas do sacrifício*, do pastor Felipe dos Santos. O livro, publicado em 2020, teve como base sua tese de mestrado, defendida no ano anterior. Uma abordagem desafiadora, uma vez que a realidade se encontra *institucionalizada e legalizada*, como disse Slavoj Zizek:

A violência ilegítima, através da qual a lei que se sustenta deve ser escondida a qualquer preço, pois essa ocultação é a condição positiva de funcionamento da lei: ela funciona na medida em que seus sujeitos são enganados, na medida em que vivenciam a

autoridade da lei como “autêntica e eterna”, passando-lhes despercebida a “verdade sobre a usurpação”.

Sobre o livro, comenta o Pastor Ronilso Pacheco: “Este contexto marcado pela violência operada pelo Estado, este olhar criminalizante. Os jogos do poder. Os discursos por detrás da lógica da guerra às drogas e da imposição da lei e da ordem. Junto aos surtos de divindade do governador não são discussões alheias, sequer opcionais à teologia. Elas são sobretudo teológicas e operam teologicamente enquanto força, enquanto linguagem e enquanto símbolo”.

O Pastor Ed René Kivitz destaca, na apresentação: “... o livro responde corajosamente ao desafio de desmascarar as lógicas ‘mítico-teológicas que sustentam, legitimam e purificam’ tais violências, analisando o ‘governo das mortes acionados no âmbito da militarização da vida’, e desvela a crueldade dos raciocínios que elaboram ‘estereótipos/alteridades monstruosas para a invenção de um bode expiatório marcado pelo dispositivo racial’, que passam a ser categorizados como ‘vidas mutáveis’ em nome da ordem”. (DOS ANJOS, 2019, p. 15)

Vejamos alguns comentários de teólogos renomados:

“Cinco princípios básicos de uma escatologia que liberta:

- 1. salvação é conceito escatológico, implica a totalidade do mundo em Deus;*
- 2. o processo de salvação implica necessariamente libertação de todas as situações de morte; (grifo nosso);*
- 3. a libertação de todas as situações de morte deve começar já. Ela, porém, terminará somente por ocasião da plenificação do Reino;*
- 4. o processo de salvação-libertação é processo dialético-conflitivo;*
- 5. crescimento autêntico do mundo é também crescimento do Reino de Deus.”*

(BLANK, 2001, p. 141)

“Quatro pontos poderiam servir como fundamento para compreender a salvação, ou proporcionar uma base para interpretar mais plenamente como Jesus Cristo salva:

- 1. A fé em Deus, mediada por Jesus, é ao mesmo tempo uma abertura da imaginação de uma maneira que permite que Jesus seja uma parábola de Deus;*
- 2. Em termos existenciais, isso significa que os cristãos se encontram com Deus em Jesus;*
- 3. Jesus revela Deus, isto é, medeia Deus e torna Deus presente de uma forma mais consciente, intensa e pessoal.*

4. *a salvação cristã consiste no encontro com o Deus salvador, em Jesus e através dele, de modo que Jesus salva ao revelar e tornar Deus presente.*” (HAIGHT, 2008, p. 45)

O renomado teólogo Hans Küng, em seu livro *Credo: a Profissão de Fé Apostólica explicada ao homem moderno*, diz que o teólogo e especialista em Theilhard de Chardin, Karl Schimitz-Moormn, está certo quando afirma o seguinte:

“A teoria clássica da salvação está presa numa mundivivência estática. No princípio tudo era bom e o mau só veio ao mundo através do Homem. A ideia desta visão tradicional da salvação, enquanto reconciliação e resgate das consequências do pecado original de Adão, não passa de um disparate para aquele que conhece o contexto evolutivo da existência humana no mundo atual.” (KUNG, 1992, p. 232)

“Estou convencido de que a história da salvação anunciada pela Bíblia se realize nos eventos da história mundana.

É verdade que o anúncio da salvação é dado de forma definitiva – nos contornos, em Jesus – mas também é verdade que esse seu dar-se precisa das interpretações que o recebam, o atualizem e o enriqueçam. A história da salvação procede como história da interpretação, no sentido forte no qual o próprio Jesus foi interpretação viva e encarnada da Escritura”. (VATTIMO, 2004, p. 55)

*“Mesmo aquele que possui informação científica sempre pode, de maneira metafórica, falar de ‘alma’: negativamente (uma casa ‘sem alma’), arcaicamente (uma paróquia de 500 ‘almas’), poeticamente (a ‘alma da Europa’), liturgicamente (‘exulta minha alma no Senhor’), ou abreviadamente no **SOS (Save Our Souls** – ‘Salvem nossas almas’). Enquanto isso for pensado metaforicamente, e não de maneira objetiva, os mal entendidos poderão ser evitados.”* (KÜNG, 2011, p. 232)

*“... se as religiões se definem como ‘doutrinas de salvação’ **por um Outro**, pela graça de Deus, as grandes filosofias poderiam se definidas como doutrinas da salvação **por si mesmo**, sem a ajuda de Deus.”* (FERRY, 2010, p. 19)

“Eis que estou à porta e bato”, diz o de livro do Apocalipse (3,20): Deus está na soleira e bate à porta, mas, se não a abrimos livremente, ele não entrará. Por respeito à nossa liberdade, recusa-se a forçar a entrada em nosso coração e na nossa vontade livre. Permanece, porém, presente, perdoadando e salvando, não se vai e continua a bater. Diga-se uma vez mais: “Este limite não é limite de Deus, mas nosso limite: limite de nossa finitude e sobretudo o limite de nossa pecaminosidade livre. Mas Deus está presente salvificamente também neste limite e,

em casos de necessidade, como juiz definitivo. Mas, entretantes, ele está de fato desarmado.” (SCHILLEBEECKY, 1994, p. 123)

A história que nós modernos vivemos é uma história de progresso e de liberdade progressiva. A história nos chamou às armas contra os nossos opressores, até contra o superego opressivo que habita em nós. É um chamado para libertar a consciência individual e a mente inquisidora do indivíduo da autoridade opressora das instituições, dogmas e preconceitos herdados – para ver o mundo como ele é, fresco e limpo e cheio de oportunidades para o florescimento humano.

Cresci numa pequena cidade do sul, fundamentalista e racista, e alegro-me em dizer que eu vivi um pouco daquela história de libertação. Sou profundamente agradecido pelo que a Reforma, o Iluminismo e a Ciência fizeram por mim, e não estou disposto a jogar tudo isto fora.” (MEEKS, 2007, p. 33)

“Reconhecer que não é somente o homem que busca a Deus, mas que a iniciativa primeira é de Deus mesmo, marca a passagem das considerações puramente filosóficas para a teologia cristã.” (FERREIRA, 2007, p. 98)

“Creio que a história de Deus com nossa vida continuará após a nossa morte, até que seja alcançada aquela plenitude na qual a alma encontra o repouso, a justiça e a felicidade”. (MOLTMANN, 2003, p. 145)

“Ao chamar Deus de CRIADOR, os cristãos expressam a sua confiança de que todas as coisas e todos os fatos devem ser significativos porque fluem da fonte mais profunda do significado que chamamos de Deus. A noção de criatividade divina evoca associações de sábio planejamento, de concepção completa e detalhada, de zelo cuidadoso. A força propulsora de toda a criatividade é o amor. Seja o que for, é um presente dado gratuitamente, e isso torna o todo cheio de sentido. Temos que tomar muito cuidado, contudo, para evitar a ideia errada de que a criação implica algum ímpeto externo, um pontapé do CRIADOR. A criatividade divina funciona a partir de dentro. É uma coisa só proveniente do impulso de cada criatura para se tornar si mesma. A própria energia do CRIADOR flui através de nós.” (STEINDL-RAST, 2014, p. 45-47)

*“Paulo não se limita a dizer que o Cristo nos libertou: ele afirma igualmente que o fez para que fossemos livres. Segundo uma distinção clássica, cumpre considerar uma liberdade **de** e uma liberdade **para**. A primeira aponta para o pecado, o egoísmo, a opressão, a injustiça, a necessidade, todas elas condições que requerem uma libertação. A segunda indica o **para que** dessa liberdade: o amor, a comunhão; é a etapa final da libertação. A liberdade **para** dá seu*

sentido profundo à liberdade de. A liberdade é um elemento central da mensagem cristã.” (GUTIERREZ, 2003, p. 45)

*“As duas experiências de escravidão do povo no Egito e posteriormente do exílio na Babilônia fortificaram a noção de libertação e confiança em Javé, como o Deus salvador e libertador. A história de Israel é contada como uma história de fé e esperança em Deus. Em sua consciência histórica, compreende-se a ação de Javé que se revela como um Deus sempre atuante, presente na vida do povo. É no acontecer da História como processo que Deus faz aliança, **elegendo e salvando o povo**. Nas maravilhas realizadas por Javé, o povo pode conhecê-lo e, conhecendo-o, conhece juntamente sua salvação. O salmista chega a dizer: ‘Proclamai sua salvação dia por dia: anunciai sua glória entre as nações, suas maravilhas entre todos os povos!’”* (Sl. 96, 2) (PINAS, 2018, p. 136)

François-Xavier Nguyen Van Thuam, vietnamita, bispo de Nhatrang, no centro do Vietnam, que esteve preso por 13 anos (1975-1988), escreveu:

“Passei metade da minha vida a esperar. É bem verdade: todos os presos, eu também, esperam a cada minuto sua libertação. Mas depois decidi: não esperarei. Vivo o momento presente, enchendo-o com amor. Ouvi Dom Hélder Câmara dizer: a vida é para aprender a amar. Uma vez, Madre Teresa de Calcutá me escreveu: ‘O importante não é o número de ações que fazemos, mas a intensidade do amor que colocamos em toda ação’”. (THUAN, 2000, p. 15)

“Quando a ênfase é colocada na divindade de Jesus como alguém diferente de nós, deixamos escapar toda a mensagem de sua vida.... Ele tentou nos “salvar”, libertando-nos de pensamentos e imagens de Deus que nos aprisionavam. Tentou ser uma luz na escuridão. Tentou convencer que o sagrado se encontra na vida cotidiana – principalmente em nosso amor.” (MORWOOD, 2013, p. 89)

*“Compreensão da criação enquanto mera explosão de uma vastidão material, lançada ao acaso, seria totalmente absurda se não houvesse esperança de que tudo tenha sido feito para que surgisse um interlocutor, livre, responsável, parceiro do próprio Deus. É plausível a concepção de uma criação do mundo como meio ambiente do homem e de uma possível **história da salvação**. Nesse sentido, por um lado, é bom perguntar-se pela criação no mundo como lugar de preparação para a criação do homem como autorrevelação do amor de Deus, até a plenitude do homem, que é Cristo. O ser humano é estruturado historicamente com vistas a um salvador, que, em Jesus, revela o que é e quem é o homem.”* (FERREIRA, 2017, p. 95)

“Tornou-se impossível oferecer a um mundo desprovido de salvação uma salvação desprovida de mundo, e a uma realidade sem Deus, um Deus desprovido de realidade.”
(MORANDINI, 2011, p. 35)

“A vida humana é, na realidade, mais do que a dura experiência que tem sempre sido um fardo de tantos; e ela oferece uma esperança de salvação ou libertação ou realização que pode mesmo agora inundar nossa vida com o sentido e um valor positivos” (HICK, 2018, p. 105)

À guisa de conclusão:

Pelo que sabemos, somos a única espécie que se ocupa, pre-ocupa, com a salvação.

Salvação, libertação, realização, só tem sentido para o homem, consciente e livre, que se pergunta o que fazer da vida, por que e como, e assim poder atribuir-lhe sentido.

A salvação, para outros animais, é simplesmente adiar a morte. Se morre, cumpriu sua missão, o que lhe escapa à compreensão.

Durante a revisão deste livro, deparei-me com o texto abaixo – cedido pelo autor – que dá ao tema **salvação** uma oportuna e adequada leveza.

Sobre pique-esconde e salvação

(Fabiano Veliq, protestante, doutor em Psicologia,
em Filosofia e especialista em Teologia)

Conversando ontem com duas amigas, contávamos sobre as brincadeiras que fazíamos quando criança. As diversas brincadeiras várias vezes sem sentido, mas permeadas de alegrias que só aqueles tempos tinham.

Várias brincadeiras eram comuns e algumas outras variavam de região para região. Uma que todos nós brincávamos era a de pique-esconde. Todos nós brincávamos disso quando pequenos e todos nós gostávamos.

A brincadeira era muito simples: um contava de olhos fechados até 50 ou 100 enquanto os outros se escondiam. No final da contagem, o que contava saía procurando os escondidos e caso visse algum deles, tinha que correr até o pique (lugar onde se contava) bater e falar o nome da pessoa encontrada.

Surgiu uma divergência sobre o “salve todos”. Alguns achavam muito estranho brincar com a regra do “salve todos” (para quem não sabe, a regra do “salve todos” dizia que quando faltasse apenas um escondido, esse poderia salvar a todos que tinham sido encontrados antes dele para que quem estivesse contando continuasse contando). O primeiro a ser encontrado torcia para que o último não o fosse para que pudesse “salvar todos” no final.

A esperança da redenção se manifestava em todos os que foram pegos. A apreensão, a torcida por aquele último estava muito presente no final, quando apenas um faltava. Todos depositavam a confiança naquele único homem que poderia salvar a todos e fazer com que ele ninguém fosse punido e tivesse que ser aquele a contar e procurar.

A brincadeira muito lustra a esperança da salvação proposta pelos evangelhos. Todos aguardando a redenção que vem através de um homem. Do ponto de vista de uma cristologia, Cristo é a redenção de Deus vinda aos homens e efetivada na cruz. Do ponto de vista escatológico, a questão da redenção final adquire várias posições.

A regra do “salve todos” tem até o nome teológico e é fruto de inúmeros debates nessa área de conhecimento. Será que Deus salvará todos no final? Será que há salvação para sempre? Será que “uma vez salvo, salvo para sempre?” Aquele que foi pego primeiro está condenado a ser o próximo a contar e procurar os outros? Ou há esperança de redenção, do “salve todos”? O último poderia apenas “escolher” quem ele salvaria ou na ação dele de salvar a todos não há lugar para “escolhidos” ou “predestinados”? Será que a salvação é por mérito? Eu mesmo posso me salvar, ou dependo sempre em última instância daquele que “salvará a todos no final”? O “salve todos” serve apenas para quem não tem o mérito de se salvar sozinho, ou é válido para todos enquanto “possíveis- pessoas – encontradas”?

Questões teológicas fulcrais são presenciadas na brincadeira do pique- esconde, mas quando crianças não pensávamos muito nisso, e talvez por isso pudéssemos aproveitar a brincadeira de forma mais light, sem preocupações desnecessárias. A brincadeira não precisa ter explicação, ela simplesmente está ali para ser brincada.

Algo a se aprender com o pique esconde: tanto ponderar sobre esses assuntos teológicos- existenciais, quanto também pensar na leveza com a qual a vida deve ser vivida. Se no final Deus resolver “salvar todos” (ou não) isso não fará diferença para a nossa vivência. Só fará diferença se pautarmos nossa vida nisso, um eterno “imperativo hipotético”, um “fazer para ser salvo no final” que, deveríamos saber, está longe da proposta do reino.

Talvez o prazer da brincadeira estivesse no fato de que não tenhamos que pautar a brincadeira pelo seu final, mas simplesmente brincar, sabendo que podemos mudar de brincadeira a qualquer momento. E por que não mudar a regra do “salve todos”?

E a esperança não se manifestaria apenas na salvação do último, mas se manifestaria na mera brincadeira, tentando fazer dela momentos de eterna alegria enquanto o dia brilha e a noite não vem...” (VELIQ, 2019, p. 193-194)

CAPÍTULO 18

ESPERANÇA: DIALOGANDO COM ANDRÉS TORRES QUEIRUGA

*“A esperança tem duas belas e queridas filhas:
a indignação e a coragem; a indignação para recusar
as coisas como estão aí; e a coragem, para mudá-las.”*

(Agostinho de Hipona - 364 – 430)

*“A religião, assim como os mitos, além de constituir uma primeira tentativa
de explicar o inexplicável, destaca a capacidade e o desejo dos seres
humanos de transcender o imediato, olhando para além de si mesmos, ou se
aprofundando em seu interior na busca por um significado que permita apaziguar ou
aceitar a angústia da existência finita.”*

(Victoria Camps in PANOTTO, 2020, p.11)

*“Expectativa, esperança e intenção voltadas para a possibilidade
que ainda não veio a ser; este não é apenas um traço básico
da consciência humana, mas, retificado e compreendido corretamente,
uma determinação fundamental em meio a realidade objetiva como um todo.”*

(Ernest Bloch in QUEIRUGA, 2007, p.17)

*“Uma esperança desligada das contradições da História,
da carnalidade de seus indivíduos e da dureza realista
das instituições pelas quais os seres humanos se exprimem
e medeiam seus interesses é, para Metz, sem sentido algum.”*

(COCCOLINI, 2011, p. 85)

*“A História: lugar da memória, da esperança,
do sentido autêntico, do viver humano.”*

(J. Moltmann in VALLE, 2020, p.310)

“...Porque minhas três virtudes, disse Deus, minhas criaturas, minhas filhas, minhas meninhas, são como minhas outras criaturas da raça dos homens: a fé é uma esposa fiel, a caridade é uma mãe... E a esperança uma menininha de nada... Mas, sem dúvida, esta menininha esperança é a que atravessará os mundos, a menininha de nada, ela sozinha, e levando consigo as outras virtudes, ela é que atravessará os mundos cheios de obstáculos... Mas, na realidade, é ela a que faz andar as outras duas e a que as arrasta, e a que faz andar o mundo inteiro e a que o arrasta.”

(Charles Péguy in Diez, 2019, p. 155)

“A esperança é vivida na História... é uma obra de Deus, que começa na História e se efetiva na eternidade, na projeção do que se espera; tudo ganha mais significado.”

(RIBEIRO, 2023, p.71,72)

A epopeia de Deus na história humana

Tomo como ponto de partida o cérebro humano, que Nicolelis chamou o Verdadeiro Criador de Tudo - VCT: (NICOLELIS, 2020)

“Existe há milhares de anos certa universalidade cultural das imagens, interpretações dos conceitos e também das orientações religiosas que caracterizam a religiosidade humana.

Estudos de cunho arqueológico-cognitivo mostram que o surgimento do homo religiosus resulta da lenta adequação do cérebro humano as concepções, crenças, rituais, símbolos e linguagem que o homo sapiens foi intuitivamente construindo – ao longo de dez mil anos ou mais – e que acabou por dar origem a uma crescente “fluidez cognitiva” e “virada de direção”. É ela – “a consciência estendida” – que se infiltra por todos os aspectos de nosso pensamento e forma o cerne da arte, da Religião e da Ciência. Sem ela, os humanos arcaicos não tinham acesso a metáfora. (VALLE, 2020, p. 59-118)

Para Frederico Lenoir, essa mudança se dá no Oriente Médio há aproximadamente 15 mil anos, quando a agricultura e a criação substituem a caça e a colheita. Os novos meios de subsistência levam os homens a se agruparem em aldeias, que vão se tornar cidades.

O caçador nômade do paleolítico venerava os espíritos dos animais que eram necessários à sua sobrevivência. O agricultor, criador sedentário do neolítico, venera o símbolo da fecundidade e da fertilidade: a mulher. Mas isso não vai durar muito, porque os deuses masculinos, em breve, vão suplantar o culto da mãe, da Deusa- Mãe.

Os seres humanos começaram a venerar as almas dos que os precederam – pelos indícios encontrados em Anatólia e perto de Jericó – aproximadamente 7 mil anos antes de nossa era.

Alguns autores afirmam que o culto da Deusa Mãe, que dominou todo o mundo Mediterrâneo, europeu e indiano, durante os vários milênios antes do desenvolvimento das grandes civilizações antigas, é a expressão de uma crença monoteísta.

No estado atual de nosso conhecimento, é melhor situarmos o monoteísmo na breve experiência de Akhenaton – uma revolução brutal – que durou apenas o espaço do reino deste monarca”. (LENOIR, 2013, p. 17-19)

O monoteísmo se consolidou entre os judeus por volta de 1060 a.C., como vimos no Capítulo 3.

Esse breve passeio pela evolução do cérebro humano e das criações do cérebro na convivência social, pretendem apenas situar melhor, no tempo, Algo/Alguém que transcende tudo o que conhecemos e viermos a conhecer.

Antes de falar de Deus seria bom ler **Um animal insignificante**, capítulo inicial do livro “**Sapiens**”, do historiador Harari (HARARI, 2017). É importante que nos situemos no tempo, já que somos seres históricos: **bilhões de anos**: cosmo:13,7; terra: 4,5; **mil anos**: *homo sapiens*: 150; revolução cognitiva/começo da história: 70-30; extinção dos neandertais: 30; *homo religiosus*: 15(?); revolução agrícola: 12; escrita e dinheiro: 5; evento Jesus de Nazaré: 2; **cem anos**: revolução científica: 5; revolução industrial: 2; revolução cibernética: 0,78.

“Por mais de 13 bilhões de anos o universo existiu sem qualquer mente humana ou parecida com esta para observá-lo ou ponderar sobre ele. O intervalo coletivo da vida mental pode se mostrar ser um mero instante dentro da história total do universo.” (HICK, 2018, p. 154)

Do grupo de *homo sapiens*, da África Oriental, do qual descendemos, até o *homo religiosus*, passaram-se mais de 130 mil anos. Como *homo religiosus*, temos algo como 20 mil anos.

O monoteísmo, com toda sua diversidade de representação, tem cerca de 5 mil anos, o que corresponde a menos de 1% da existência do *homo sapiens*.

Deus, de diversas formas, ao longo de nossa curta história, foi sempre imaginado como o **Criador**, Aquele, Aquilo, que nos deu vida. Ao longo do tempo, compreendemos que o conceito de **criação** implica em alguns predicados essenciais, que nem sempre têm estado presentes:

- criar não é onipotência, mas compartilhamento: dar vida a algo fora de si;

- criar não é ato; é processo: o que existe vincula-se, enquanto durar, ao Criador. A criatura não tem vida em si, embora autônoma e independente;
- o criado é sempre finito, limitado, imperfeito - senão seria o próprio Deus;
- toda a criação é evolutiva - tempo é relativo e espaço encontra-se em expansão;
- a evolução se dá numa combinação de rigidez e flexibilidade na matéria e na condição humana, histórica, de condicionamentos, liberdade e escolhas;
- a consciência – *sem a qual não teríamos sido capazes de criar a arte, a religião, a ciência, o pensamento, nem o mundo fascinante da fantasia* - parece ser a culminância da evolução da criação. Pode ser uma pretensão do ser humano pensar que ele seja a finalidade da criação, a “cereja do bolo”.

A narrativa histórica é uma construção do VTC, que seleciona fatos, acontecimentos, processos e lhes atribui sentido. Este sentido parece se vincular a sua necessidade de sobreviver e se superar. Ele aprende com o passado, mas não se conforma apenas com presente, ele precisa imaginar o futuro. A **esperança lhe é vital**. E, como disse o filósofo marxista Ernst Bloch: “*onde há esperança de fato há religião.*”

A construção do sentido é sempre histórica, como o próprio homem e, portanto, relativa, sempre possível de atualização e revisão.

Uma das releituras mais necessárias é das narrativas cristãs, presentes no imaginário popular há séculos. A leitura religiosa da **história da salvação** tem obedecido a seguinte sequência:

Paraíso – queda – castigo – redenção – tempo da igreja – glória (QUEIRUGA, 2007, p. 74)

O conhecido teólogo, professor da Universidade de Santiago de Compostela, **Andrés Torres Queiruga**, publicou o pequeno e precioso livro *Esperança apesar do mal: a ressurreição como horizonte*. Nele, o autor reúne o conteúdo de suas três exposições no Congresso organizado pela Conferência Episcopal da Colômbia, em 2004.

No primeiro capítulo, ele discorre sobre a esperança, que habita as entranhas íntimas de todos os homens e mulheres. Trata também do enraizamento da esperança nas entranhas mesmas de toda a realidade, mencionado na citação de Ernest Bloch, que introduziu o texto deste capítulo.

No segundo capítulo ele trata da estrutura fundamental da esperança bíblica e do que vai proporcionar nosso diálogo com o autor:

- a. o descuidado da teologia com o tema, representado principalmente pelo esquema milenar de catequese incrustado no imaginário coletivo. O autor critica este esquema e se propõe;
- b. recuperar, em toda a sua força e consequência, o valor religioso da criação por amor – com o que concordamos plenamente.

O terceiro e último capítulo versa sobre a realização da esperança: o mal a partir da cruz e da ressurreição. Pretendemos dialogar com Queiruga sobre o mal, a partir também, da criação, ou seja, da limitação intrínseca do criado.

De acordo com **André Torres Queiruga**, a sequência acima tem que ser substituída por outra, a saber: (QUEIRUGA, 2007, p. 78)

criação – crescimento histórico – culminação em Cristo – tempo da Igreja – glória

Esta proposta se aproxima muito da linha de raciocínio que viemos desenvolvendo. Parece-nos mais convincente substituir **criação** por **cosmo** e intercalar, nesta sequência, a pessoa de **Jesus de Nazaré** como exemplar da espécie humana, uma vez que suas opções de vida, anúncio da Boa Nova – o Reino de Deus – sua morte e ressurreição, têm caráter de **revelação universal**. Pela mesma razão preferimos “**construção do Reino de Deus**” a “**tempo da Igreja**”, uma vez que a construção do Reino se dá no mundo e não se restringe a uma religião.

*“A universalidade de Jesus de Nazaré, a única universalidade que é possível **dentro da história**: a do sofrimento, a de não ter nada, a de dar absolutamente tudo o que se possui. Jesus, de fato, é certamente o total, o universal, o absoluto “proletário”, e por isso pôde identificar-se com todos os homens e salvar a todos nós.”* (HINKELAMERT, 2012, p. 34)

Teríamos a seguinte sequência do **processo de revelação**:

cosmo – vida – consciência histórica – Jesus de Nazaré – construção do Reino de Deus – (glória) transição do “modus vivendi”:

(“A vida não será tirada, mas transformada.” - texto da Missa de 7º dia).

O evento Jesus de Nazaré, sua vivência e proposta do Reino de Deus e, conseqüente morte e ressurreição, levou seus discípulos à convicção firme (**fé**) de que **Deus revelou, em Jesus de Nazaré**, algumas verdades simples, práticas e universais, radicalmente importantes à **superação/libertação** das limitações superáveis do ser humano:

1. Deus é amor – essa não é uma afirmação piedosa; é um enunciado, o melhor enunciado possível, simbólico, da natureza de Deus: **Deus é Amor**;

2. a mais clara expressão/ representação humana de Deus é Jesus de Nazaré – o *protótipo universal* do homem, como Deus o quer, Aquele que passamos a chamar Jesus Cristo;
3. somos – todos os seres humanos, sem precondições – irmãos, filhos do mesmo Pai (outro símbolo). A expressão concreta do amor a Deus que não se vê, é o amor ao próximo, que está sempre próximo;
4. a misericórdia de Deus e o perdão precedem o reconhecimento do pecado e o pedido de perdão. A fraqueza, Deus sabe bem disso, é inerente ao criado;
5. Deus deixou claro, na práxis de Jesus de Nazaré, que:
 - a. a força está na fraqueza;
 - b. os eleitos de Deus são os plebeus, os desprezíveis;

“Precisamos olhar para o pobre e vê-lo como lugar teológico, ou seja, lugar da manifestação de Deus. Requer um exercício de conversão, mudança e transformação.” (LANCELLOTTI, 2021, p. 51)

“Apreender, compreender e aprender o que tem a nos dizer “esses corpos sociais de classe...essa miséria operária que se lê na fisionomia das casas, no segundo plano, nos interiores, nos próprios corpos”, na expressão do filósofo e escritor Didier Eribon (ERIBON, 2020, p. 22)

- c. o que não é, revela o que é. Esta é a sabedoria de Deus, presente na Boa Nova (Evangelho), norma de conduta na construção do Reino de Deus:

“O que é loucura no mundo, Deus o escolheu para confundir os sábios; que é fraco no mundo, Deus o escolheu para confundir o que é forte; aquilo que no mundo é vil e desprezado, aquilo que não é, Deus o escolheu para reduzir a nada o que é, a fim de que nenhuma criatura possa orgulhar-se diante de Deus.” (1Cor.1-27-28)

6. Deus transformou a morte injusta e ignominiosa de Jesus em ressurreição, ou seja, afirmação (**revelação**) de que Ele/ o Amor, “feito homem”, estará com e em cada homem – independente de sua fé – sempre, como Amor impulsionador de **superação/salvação/ libertação**, a ser construída pelo próprio homem, consciente e livre.

“A esperança cristã, nascida na cruz e na ressurreição, nega a inexorabilidade da pobreza e da morte e confia em poder conseguir que as pessoas famintas sejam saciadas; as pessoas postergadas dignificadas; a injustiça, dobrada; a morte, vencida.” (Jon Sobrino, 2009, in TAMAYO, p. 176)

7. o Reino de Deus, cerne da mensagem de Jesus de Nazaré, é seu legado como ser humano, para a construção de uma sociedade em que os filhos de Deus vivam como irmãos. Uma utopia, sem previsão de tempo, nem prescrição “de como”, cabendo ao homem, consciente e livre, transformar o sonho em realidade, construir o possível.

Preocupado em destacar a profundidade e universalidade da esperança, Queiruga propõe uma “*Elpidologia*” (*elpís*: esperança), a esperança como existencial humano, para iniciar e refazer a sequência acima, por ele proposta.

“A primeira coisa que se deve afirmar a respeito da esperança é a profundidade e universalidade de sua implantação no coração do homem.” (Láin Entralgo). *“Somos esperança”*. (P. Landsberg). *“Em sua essência mesma, a vida orgânica é futuração determinada e determinante”*. (Karl Rahner).

Proponho, novamente, um passo anterior: o Amor.

Se Amor é a melhor definição disponível da natureza de Deus, se seu Ser é Amor, se o Vivente é Amor, toda sua criação está “impregnada” de sua substância. A obra de arte reflete, retrata autor: Ele está nela.

A sequência, então, das *três virtudes teológicas seria*:

Amor (*libido/eros – filia*) – Esperança (*evolução*) – fé – Amor (*ágape*)

Uma representação mais adequada da sequência não seria linear, mas circular para visualizar o processo retroalimentando-se: ágape inspirando e vivificando o eros.

Há futuro para Deus?

Apesar da inegável competência teológica de Queiruga e de sua ênfase na esperança, que não olha o passado, mas o futuro, senti falta, em seu livro, de um olhar para o futuro.

Frederic Lenoir termina seu livro **“Deus: sua história na epopeia humana”** perguntado: **há futuro para Deus?**

Antes de propor qualquer resposta, o autor apresenta uma projeção da fé no mundo, em 2050, cuja população, projetada pela ONU, seria de 9,7 bilhões de pessoas:

Cristãos: 3 bilhões

Muçulmanos: 2,2 bilhões

Hindus :1,2 bilhões

Budistas: 430 milhões

Judeus: 17 milhões

A tendência – ignorando profundas mudanças que podem ocorrer – é a crescente secularização, sem perda de fé em Deus e cada vez mais indivíduos se declarando sem religião.

Queiruga, ousou opinar, teria que contemplar algumas tendências históricas – provocadas pelos três grandes vetores da modernidade: individualização, espírito crítico e globalização – a saber:

a perda relativa de adeptos e de relevância social das religiões

Segundo pesquisa realizada na França, em 2007, três em cada quatro católicos franceses, que se declararam crentes não acreditam mais no Deus revelado da Bíblia... não aderem mais as imagens redutoras que foram feitas dele na Bíblia e na pregação cristã ao longo dos séculos.

No Brasil, inesperada e paradoxalmente, o cristianismo vem se revitalizando sob a forma de protestantismo evangélico e “funciona como estado de bem-estar social informal ocupando espaços abandonados pelo Poder Público”. “Trata-se, segundo Juliano Spyer, doutor em Antropologia, do fenômeno de massas mais importante das últimas décadas”; para o historiador norte-americano Mike Davis, “a resposta cultural mais importante para a urbanização explosiva e traumática”, na América Latina. (SPYER, 2020, p. 21, 73)

“Um dos fenômenos mais importantes na cultura popular Brasileira das últimas décadas: a revolução do campo religioso, em especial, a adesão em massa às igrejas evangélicas.... arrisco uma hipótese interpretativa sintética: o trabalhador, sobretudo a trabalhadora, que assume a liderança familiar, onerada pela multiplicidade de obrigações, domésticas e profissionais, precisa contar com uma narrativa que atribua sentido positivo, afirmativo, ao mundo real e à vida como ela é, de tal modo que as eventuais conquistas sejam percebidas como acessíveis em seu tempo de vida útil. Precisa contar a si mesmo uma história em que não figure como vítima, na qual os objetos de seu desejo não sejam depreciados, em que atue como protagonista e mereça reconhecimento. Precisa de uma crença que a impulsione para dentro do mundo e a reassure. Precisa que a vida como ela lhe aparece não seja reduzida a uma torpe indignidade dos poderosos ou uma arbitrária e malévola maldição divina.

... a salvação nesse mundo, a possibilidade de realização pessoal ainda em seu tempo de vida útil, a chance de trocar a felicidade, tudo lhe é facultado pela teologia da prosperidade difundida no mundo evangélico pentecostal.” (SOARES, 2019, p. 139-140)

“Nos anos 1970, evangélicos representavam apenas 5% dos brasileiros; hoje, são um terço da população adulta do país, e na próxima década, segundo estatísticas, o número de protestantes superará o de católicos até 2032. A cada ano são abertas 14 mil novas igrejas evangélicas no Brasil.” (SPYER, 2020, p. 21, 73)

a excessiva masculinização de Deus e a necessária superação da misoginia nas religiões.

“A face atual do Deus, ao qual a maioria dos crentes adere, é a de um ser totalmente amoroso, envolvente, bom, protetor, em suma, maternal. A figura tradicional do “Deus pai”, que dita a lei e pune os pecadores, progressivamente transferiu-se a figura de um Deus mãe, que dá amor e reconforta... O culto da Virgem Maria, há muito tempo, veio compensar, no catolicismo, o excesso masculino.”

a “bricolagem religiosa”, onde cada um constrói sua própria religião, ou espiritualidade, tirando um pouquinho de cada religião, tipo DIY (do it yourself).

“Trata-se de uma revolução coperniana da consciência religiosa”, como observou Marcelo Gauchet. Não é mais o grupo que transmite e impõe ao indivíduo a religião; é este que exerce sua livre escolha em função de seu desejo de desabrochamento que daí advém.” (LENOIR, 2013, p. 201)

“Em outras palavras, se as religiões se definem como ‘doutrinas de salvação’ por um Outro, pela graça de Deus as grandes filosofias poderiam ser definidas como doutrinas de salvação por si mesmo, sem ajuda de Deus” (FERRY, 2014, p. 19)

a luta contra todas as formas de discriminação, opressão e escravidão

Temos muito o que aprender com teólogos, como Fellipe dos Anjos, que, em sua tese de mestrado em teologia *“Fazer Teologia é ler a Revelação”*: *“mergulhar na profundidade das lógicas religiosas e espirituais que promovem, sustentam e perpetuam o pecado em sua face mais odiosa, a saber, a negação do direito a vida, inclusive e principalmente dos pobres.”* (DOS ANJOS, 2019, p. 201)

“Uma esperança que não é a esperança dos oprimidos de hoje não é uma esperança para a qual eu pudesse dar um relato teológico. Um símbolo de ressurreição que não é o símbolo da ressurreição de crucificado não me toca. Se os teólogos e filósofos do futuro não colocarem os pés no chão e se voltarem para uma teologia da cruz e a dialética do negativo, eles desaparecerão numa nuvem de otimismo liberal e parecerão uma zombaria da desgraça atual do sofrimento.” (MOLTMANN, in CONE, 2020, p. 188)

Não existe revelação de Deus sem uma condição de opressão que evolui para uma situação de libertação. Revelação é apenas para os oprimidos da terra. Deus vai até aqueles que foram escravizados e abusados e declara total identificação com a situação, revelando-lhes a legitimidade da emancipação nos termos deles. Deus não apenas revela aos oprimidos o direito divino de acabar com as correntes por quaisquer meios que se façam necessários, como também lhes assegura que a ação deles pela própria libertação é a própria ação de Deus.” (CONE, TN, 2020, p. 109)

“Mbembe, Agambem e Butler exploram teoricamente esses processos de transformação da biopolítica em necropolítica: associam capitalismo, governo, militarização, racismo, precarização da vida, matabilidade de certos sujeitos, emergência da exceção como paradigma de governo e destruição da estrutura de direitos, o que muda radicalmente o quadro de sobrevivência de certas populações, que passarão a ser governadas pela morte.” (DOS ANJOS, 2019, p. 43)

Como disse o Papa Francisco, na Encíclica *Fraternidade e Amizade* (Fratelli Tutti):

“Enquanto uma parte da humanidade vive na opulência, outra parte vê a própria dignidade não reconhecida, desprezada ou espezinhada e os seus direitos fundamentais ignorados ou violados... Duplamente pobres são as mulheres que padecem situações de exclusão, maus-tratos e violência, porque frequentemente tem menores possibilidades de defender seus direitos,” (22-23)

“Neste mundo (que acreditamos ter-se transformado numa “aldeia global”), cerca de 25.000 seres humanos morrem de fome todos os dias, 9.000 deles, crianças. Não é incrível que nós possamos não só comer, mas banquetear tranquilamente, sem ser mordidos, se não pela fome, pelo menos pelo desespero dessas mães que não conseguem acalmar a fome de seus filhos?” (GUIMARÃES, 2022, p. 383)

Pela primeira vez na sua História, a espécie humana tem todas as condições necessárias para garantir o mínimo necessário para todos seus membros – e é o que Deus espera de sua criação e a nossa primeira e principal devoção. Que o instinto de preservação da espécie, ou a fé religiosa, nos ajude a realizar o sonho de Jesus de Nazaré: o Reino de Deus.

“O trabalho precário e a redução da renda já são realidade para os 60% da população mundial que vivem com menos de 5 dólares por dia.” (CEPAL, OIT, 2020)

“Os desequilíbrios de poder entre raças, países, ricos e pobres e outros grupos são extensões dos desequilíbrios de poder entre colonizadores e colonizados. A característica mais preocupante são os laços ente discriminação algorítmica e racismo estrutural.” (Yarden KATZ in GUIMARÃES, 2022, p. 289)

“Como não ver que uma sociedade não pode ser e permanecer humana sem encontrar os meios para se comportar com benevolência e ir em socorro de todos esses marginais e “excluídos” e que a comunidade das pessoas deve realmente sair das preocupações de rentabilidade econômica, se ela quiser evitar um desastre total para diversas populações e, no final, a derrota total para o planeta inteiro?” (DORÉ, 2019, p. 99)

O mal: “pedra de toque do ateísmo” (Georg Büchner)

A realidade e a extensão do mal parecem demandar uma conclusão ateísta para muitos. Esse é de fato o desafio mais sério que há para a fé teísta. Quando lembramos as aflições que invadem milhões de seres humanos todos os dias - sofrimentos corpóreos devidos a dor física, doença, fome e sede, cegueira, surdez, mudez, senilidade, danos cerebrais e outros tipos de incapacidade; juntamente com agonias distintivamente humanas como medo e ansiedade, tanto por si mesmo quanto pelos outros; e luto, solidão, inveja, remorso, ciúme, ressentimento, ódio, humilhação, desprezo, amor não correspondido; isso tudo além da dor que ocorre a todo momento no reino animal - realmente temos de nos perguntar se é possível pensar que este mundo é obra de um criador onipotente, que foi motivado por amor ilimitado.” (HICK, 2018, p. 151)

Como encarar nossa ignorância a respeito do mal? Para usar a distinção proposta por Noam Chomsky, estamos diante de um **problema** ou de um **mistério**?

Como observa S. Pinker:

“Quando estamos diante de um problema podemos não saber a solução, mas temos insights, acumulamos um conhecimento crescente sobre ele e temos uma vaga ideia do que buscamos. Porém, quando nos deparamos com o mistério ficamos entre maravilhados e perplexos, sem ao menos uma ideia de como seria a explicação.” (VALLE, 2020, p. 134)

Sabemos o quanto já se falou e se tentou responder ao famoso dilema de Epicuro:

“Ou Deus pode e não quer evitar o mal, e então não é bom; ou quer, e não pode, e então não é onipotente.”

Caindo na armadilha do dilema de Epicuro, muitos teólogos, ao longo da história do cristianismo, diante do mal preferiram apelar para a afirmação que a realidade e a extensão do mal constituem **um mistério**, o que nos deixa, de fato, perplexos, sem qualquer explicação.

Já vimos que o dilema de Epicuro repousa sobre um atributo equivocadamente de Deus: onipotente – um conceito grego, que nada tem de bíblico (conf. Capítulo 3) –, bem como sobre um mal entendimento da relação: Criador/criatura; Amor/consciência humana e liberdade.

“O sofrimento não é um problema teórico que deva ser entendido. O sofrimento nunca poderá ser entendido. Também não adianta nada entender o sofrimento” (Erich Zenger). Uma resposta teórica de valor universal a uma pergunta profundamente existencial seria apenas, como diz Hanz Küng, “uma astuciosa argumentação cerebral que oferece ao sofredor o mesmo que uma palestra sobre higiene e química de alimento oferece a um faminto e sedento”. (GRESHAKE, 2010, p. 21)

Depois do Holocausto, “processo de desumanização e massacre sistemático de seis milhões de judeus, um terço do povo judeu na época” (RIBEIRO, 2020, p. 69), muitos teólogos se perguntavam se seria pertinente falar de Deus. Foi então que surgiu “*uma corrente teológica judaica e cristã, nascida de vozes como as de Simone Weil, Etty Hillesum ou Dietrich Bonhoeffer, que tenta voltar a concepção de um Deus apagado, não poderoso, escondido e inefável, que, ao longo dos séculos, os desvios da igreja levaram a esquecer*”.

“*Temos que voltar a visão que Jesus de Nazaré oferece de Deus: um Deus que fala na profundidade do coração do homem, mas permanece silencioso no burburinho do mundo, um Deus que se apaga e se recusa a exercer seu poder para não obrigar os homens a acreditar nele.*” (LENOIR, 2013, p. 6).

No mundo físico - são inevitáveis as catástrofes, como a erupção vulcânica, que enterrou Pompeia, em 19 a.C., o terremoto de Lisboa, em 1755, e tantas outras catástrofes; **no nível da vida** – as plantas vivem às custas dos minerais, os animais às custas de todos; **no nível humano** – a finitude é fonte inesgotável de dor provocada e suportada, como a epidemia da corona vírus, neste ano; **no nível moral** – liberdade finita, sombras escuras das faltas, muito humanas, e do egoísmo.

O mal é uma factibilidade dolorosa, mas inevitável: a “*tristeza do finito*”, na expressão de Paul Ricoeu. É uma manifestação necessária da limitação interna do finito.

Parece haver um quê de “mistério” no ser finito, observa Queiruga.

Todo ser criado está forjado pela tensão dramática entre o que é e o que tende a ser. O ser finito consiste em privação. Somente Deus é: “Eu sou Aquele que é”. (QUEIRUGA, 1999, p. 74)

“*Em elementar rigor teológico, não tem sentido que ‘peçamos’, ou tentemos ‘convencer’ a Deus para que nos livre de nossos males. Que outra coisa significa o mandamento do amor – a nós mesmos e ao próximo – senão um apelo a unir-nos a sua ação salvadora, ao seu estar sempre trabalhando (Jo 5,17) para vencer o mal e estabelecer o Reino.*” (QUEIRUGA, 1999, p. 74)

O posicionamento do historiador inglês John Hick frente a questão do mal, complementa e enriquece nosso diálogo com o galego Andrés Torres Queiruga:

“*A única linha de resposta ao que me parece de todo modo adequada a profundidade do desafio vê a nossa existência humana neste planeta como parte de um processo muito mais longo pelo qual a vida espiritual pessoal está sendo gradualmente levada a uma perfeição que vai justificar retrospectivamente os males que têm sido parte de sua lenta criação.*” (HICK, 2018, p. 151)

Ele tomou sobre si nossas dores... (Isaías, 53, 4 ss)

“Um dia a Gestapo enforcou uma criança. Mesmo os SS ficaram perturbados pela perspectiva de enforcar um garoto diante de milhares de espectadores. A criança que, lembrava Wiesel, tinha o rosto de ‘um anjo de olhos tristes’, estava calada, lividamente pálida e quase calma ao subir ao patíbulo. Atrás de Wiesel, um dos prisioneiros perguntou: Onde está Deus? Onde está Ele? A criança levou uma hora para morrer, e os prisioneiros eram obrigados a olhar o seu rosto. O mesmo homem tornou a perguntar: Onde está Deus agora? E Wiesel ouviu uma voz dentro de si dar a resposta: Onde está Ele? Aí está Ele – ali dependurado naquele patíbulo”. (ARMSTRONG, 1994, p. 376), (WIESEL, 2021, p.97)

Pondera Ramon Panikkar em seu desprezioso e extraordinário livro “Ícones do mistério: a experiência de Deus”, comenta:

“O problema do mal rompe os esquemas apriorísticos que fazemos sobre Deus, rompe nossas categorias, faz-nos compreender que não temos resposta para tudo. Faz-nos humildes, faz-nos humanos e mais realistas; faz-nos compreender que não há somente a comunidade dos santos, como também a comunidade dos pecadores; faz-nos compreender que a Paixão de Cristo é também paixão de Deus...” (PANIKKAR, 2007, p. 21, 22)

Ao concluir este capítulo - completando 286 dias de reclusão pela pandemia, as vésperas do Natal – bendizendo a Vida e seu Autor, uma reflexão de González de Caderdal sobre Aquele que está para vir e que sempre aqui esteve:

“Que Deus deixe Jesus ir à morte e que este, aparentemente, morra na desolação de um abandono total, significa a afirmação suprema que Deus faz de como o mundo e a morte são terra de verdade para o ser humano; não teatro de farsa, e sim morada que há de edificar em verdade, e mundo que há de humanizar, até o limite de torná-lo digno de Deus. Deus não tolera a terra, o tempo e a história como situações degradantes para o ser humano, ou como simples espera no deserto até o retorno.

A ressurreição de Jesus e a ressurreição do ser humano somente se dão quando se atravessou o mar do viver e se cruzou a torrente da morte. Porém, a primeira é o sinal vivo de que o ser humano não se esgota numa nua espera, mas pode, em vez, viver na esperança, porque alguém já atravessou essas águas, e esse alguém não apenas é o primeiro, mas antes a causa, e que ele, sendo pioneiros de nossa caminhada, avança rumo a consumação não somente deixando pegadas na areia do deserto, pegadas que o vento apaga, mas, em vez, enquanto caminho perenemente aberto”. (QUEIRUGA, 1999, p. 131)

Deixando a última palavra para nosso interlocutor neste diálogo – Andrés Torres Queiruga:

“Salvação, Redenção, libertação, reconciliação, justificação, perdão...: são todas expressões que tentam sugerir, com certas variações de perspectiva, o aspecto primário e fundamental de todo encontro autêntico com Deus.

Ser cristão é saber-se redimido, sentir-se salvo; é reconhecer a Deus do único modo legítimo e verdadeiro :como aquele que salva, como “Emanuel” (Deus conosco), como Abbá (Pai). (QUEIRUGA, 1999, p. 167)

Com autorização de Andrés Torres Queiruga, reproduzo, nesta segunda edição, trecho de seu gentil e-mail, em galego, sua língua natal, comentando o livro e este capítulo:

Caro amigo;

Puiden ler com muito gosto os pdf que me mandou. Admiro a cantidade de leituras que você fez e a capacidade de encontrar citas e referencias, sempre axeitadas. É um tesouro panorámico. E nótase a experiencia e a sensibilidade do sociólogo, que tanto pode axudar ao realismo da teoloxia.

O que di da esperanza paréceme muito acertado e penso que estamos na mesma orientación.”

(Andrés TQ, Santiago de Compostela, 25/11/2021)

PARTE III

CAPÍTULO 19

CREIO

*“Nossas ideias sobre Deus
geralmente nos dizem mais
sobre nós mesmos do que sobre Deus.”*

(Thomas Merton)

*“A nossa imagem favorita de Deus não revela muito
sobre Ele; denuncia muito a respeito de nós, de como
nos vemos e de como vemos Deus e o mundo.”*

(AMALADOSS, 2001, p. 15)

*“Crer é um processo racional sem profundidade existencial.
Crer em alguém é um processo dinâmico que emerge
de nossas profundezas, supõe envolvimento e inclui
compromisso, entrega e adesão. Quando a seguir falamos de fé em Deus,
ou em Jesus Cristo, o vivente, sempre teremos em mente essa atitude.
A fé que salva e liberta é apenas aquela fé dinâmica que irradia e muda a vida.”*

(Roger Lenars in NUNES, 2019, p. 197)

*“Crer vem do Latim credere, constituído
de cor + dare – dar o coração a alguém.
E o coração, nas antropologias tradicionais traduz
a totalidade da pessoa no gesto afetivo de entrega.
Aí estaria o cerne da fé.”*

(LIBÂNIO, 2004, p. 10)

*“A condição de relacionamento do homem com Deus é,
antes de mais nada, não ter e não entender.
Não é fácil esse não ter Deus, esse esperar por Deus.”*

(Paul Tillich in HAUGHT, 1998, p. 240)

“Os motivos de credibilidade se legitimam por si mesmos, como se legitima a obra de arte, uma bela paisagem e um rosto amoroso.”

(Pilar Sanches ALVAREZ)

“Todo ser humano tem fé, cultivada ou sem cultivar, seja reflexivamente consciente ou não. A divisão entre crentes e não-crentes não resiste à lógica mais elementar. É uma tradução amenizada da distinção insultante entre fiéis e infiéis. E isto explica o deslize lógico. Com efeito, os que creem em “A” (ao que chamamos Deus) se chamam a si mesmos de crentes, enquanto aqueles que não creem em “A” se os chama de não-crentes. É uma divisão unilateral que chama não-crentes os que creem em “B”. É só uma distinção de poder. Por que A há de ser critério de divisão, e não B?”

(PANIKKAR, 2007, p. 62)

Primero dia de 2021, 295 dias de confinamento, há 2 meses de completar 84 anos. Chego ao último item da releitura do *Credo Niceno*. Convencido de que *“quando se chega muito rapidamente a Deus, é provável que estejamos vendo-O muito pequeno”*, procurei refletir sobre o *Credo Niceno* de trás para diante, do “céu e terra” ao “creio”.

Nos capítulos anteriores procurei apresentar opiniões de especialistas em cada tema. Foi um trabalho de “garimpagem”, evidentemente, não totalmente isento, porque ninguém “garimpa” sem alguma noção do que procura. Chego ao ponto final: ao início do *Credo*.

Penso que este tem que ser um capítulo essencialmente pessoal. Não posso me furtar a um posicionamento pessoal e explicitar o que eu quero dizer com **“eu creio!”**. A primeira coisa que me ocorre é: crer é uma graça! Dom gratuito de Deus. Foi Ele que chegou a mim; só depois eu fui atrás dEle. Chegando ao fim desta jornada, posso repetir com Agostinho de Hipona: *nada sei a Seu respeito!* Aprendi muito sobre o que Ele “não é”. E tenho imagens, alegorias, sobre Ele; elas, hoje, são claras e bem fundamentadas no Novo Testamento – serão explicitadas a seguir.

Ao dizer que *“a fé é uma graça”*, lembro-me, imediatamente, do professor Darcy Ribeiro. Tive a sorte/grança (*tudo é graça*) de conviver com ele por mais de um ano. Conheci, ao longo da vida, várias pessoas muito inteligentes, algumas de memória prodigiosa, como Joao Edênio Reis Valle, padre e brilhante cientista, amigo/irmão há 72 anos. Darcy era um gênio. Impressionou-me principalmente pela ética; seu compromisso com o povo, com a luta por um

País, do qual a gente pudesse se orgulhar, com a educação para todos, era incondicional. Ele se dizia ateu, mas que gostaria de ter a fé que a mãe dele tinha: *“não tive essa graça”*, dizia ele. A expressão era essa; ele via a fé como uma graça – tipo ouvido musical – uns têm, outros não.

Muitos anos depois dessa convivência, tive a oportunidade de conferir com o professor Leonardo Boff a versão corrente sobre o diálogo dele com o professor Darcy, quando este, ciente que a morte se aproximava, pediu a Boff: *“me convence de que algo de mim, algo que me identifique, sobrevive à minha morte”*. Boff disse-lhe algo assim: *Deus é como uma mãe; Ele lhe aguarda de braços abertos. Deus lhe aguarda e tem muita coisa a conversar com você; vocês vão se dar bem”*.

Boff me confirmou que Darcy se queixou de que nunca haviam lhe dito que Deus é Mãe. Os dois se abraçaram e, comovidos, choraram...

“A fé é uma obra, porém uma obra de Deus em nós. Precisamente por isso, a fé é um dom’ (Ef. 2,8) e não merecimento.” (Antonio González, in TAMAYO, 2009, p. 220)

Penso que, neste diálogo amigo, Darcy recebeu a graça da fé, que ele tanto admirava e prezava na mãe.

Gosto de descrição de Juvenal Savian Filho sobre a fé, enquanto fenômeno psicossocial:

“Deus” é o atributo de uma experiência: o nome com o qual designamos a percepção de uma Presença Transcendente, por uma experiência pessoal, num alargamento dos limites da razão e, geralmente, em continuidade com uma tradição religiosa. Seus frutos dão-se a conhecer: paz interior, alegria, amor, unidade interna. Essa experiência, na qual Deus age e a pessoa humana se realiza, não deixará nunca de ser um desafio para a filosofia e as ciências.” (CRUZ, 2011, p. 121)

Herdei esse tipo de fé, onde os dogmas e a liturgia tinham um papel muito importante. Em pouco tempo, participando da JUC (Juventude Universitária Católica) e da ULAJE (União Latino-americana de Juventude Evangélica), e de encontros regionais, pude acompanhar as lutas por justiça social em vários países da América Latina. O acompanhar esses jovens, em suas lutas por justiça social, provocou em mim uma verdadeira conversão. Essa conversão à dimensão social da fé cristã – política, cultural, religiosa, anti-ideologia dominante – levou-me, nos últimos dez anos, ao estudo e à adesão mais profunda: Jesus de Nazaré. (NUNES, JN, 2019)

Hoje, minha espiritualidade está centrada nEle. Procuo moldar meu comportamento à Sua vida e mensagem e estou convencido de que o Cristianismo, na prática, se afastou muito dEle e precisa voltar firmemente a Ele. O mundo e as igrejas cristãs precisam dEle. Tem que deixar, em boa parte, o *“Cristo, objeto de adoração”* e voltar a *“Jesus de Nazaré, objeto de imitação”*.

Concordo com o filósofo Luc Ferry, ex-ministro da Educação da França (2002-2004): “vivemos hoje um momento em que dois processos – a humanização do divino e a divinização do humano – se cruzam”. Uma grande oportunidade.

Certamente esse texto é anterior a Brexit e a tudo o que se seguiu a isso, em regressão a regimes autoritários, num clima de divisão e ódio. Penso que Leonardo Boff, em recente e extraordinário texto, tem razão:

“Temos um Brasil profundamente cindido entre poucos ricos e as grandes maiorias pobres; um dos países mais desiguais do mundo; o que significa um país violento e cheio de injustiças sociais... Faz-se mister o amor, a solidariedade, a compaixão e uma compaixão universal da ‘Fratelli tutti’. O amor será o motor mais eficaz porque ele, no fundo, ‘é a última realidade’...

*Por detrás do caos destrutivo que se implantou aqui e em vários outros países se escondem dimensões construtivas de uma nova ordem”.*⁹

Voltando ao *Credo Niceno* e a “Eu Creio!”:

O *Credo Niceno* é uma formulação sobre a *natureza de Deus* e conclusões normativas sobre o comportamento humano. Segundo Juan José Tamayo, “o Concílio de Niceia não diz que Jesus é Deus, mas que é da mesma natureza que o Pai”. Como vimos anteriormente, ele tem muito de filosofia grega e pouco de tradição bíblica: história e escrita. Diz mais sobre o espírito da época, jogos de poder, vida da Igreja Católica, do que sobre Deus e o Reino de Deus, proposto por Jesus de Nazaré. Revela muito dos homens e pouco sobre Deus.

“A metáfora é uma tentativa de dizer algo sobre o que não é familiar em termos do que é familiar. A trindade é uma metáfora de diálogo, de abertura, de comunidade, de inter-relações: portanto, é uma metáfora da pluralidade na unidade, de multiplicidade na singularidade, de diferentes e iguais.” (GONÇALVES, 2020, p. 174)

Algumas afirmações bíblicas são revelações – as mais claras e inequívocas – sobre a natureza de Deus e suas expectativas em relação ao homem.

São alegorias, imagens, representações do imaginário humano; representações de como imagino Deus - a Quem, ou a Que, me refiro quando digo: creio! Esquemmatizando:

Deus é Amor! Ele é o Amor! – Todo amor é um compartilhamento da natureza de Deus. “*Quem ama permanece em mim e eu nele*”. O capítulo 13 da Carta de São Paulo aos Coríntios é um hino ao amor, ali chamado de caridade: “*onde há amor, Deus aí está*”.

⁹ BOFF. *Por que chegamos a Jair Bolsonaro* - www.brasil247.com/authors/leoboff;

“O amor, tríplice nas relações humana – éros - filia e ágape – é o próprio ser de Deus ...o que torna a Trindade uma metáfora.

Xavier Zubiri afirma que *” os gregos viram no amor o êxtase mesmo do ser... o que leva a perder-se na imensidão do outro.”* (COSTA, 2019, p 26)

Corolário 1. Todo o Cosmo é expressão permanente, contínua, do Amor; é doação
É transferir parcela de Si, de sua natureza amorosa ao ente criado, limitado, e imperfeito – por vontade do Criador, escrito na natureza do criado – progressivo, evolutivo, com regras universais, que aos poucos o VCT (verdadeiro criador de tudo/intelecto humano) vai descobrindo.

Corolário 2 - Deus fez o homem “à sua imagem e semelhança”

Outra vez não se trata de uma afirmação piedosa, autoedificante. Trata se de uma afirmação sobre a natureza necessária do homem. Necessária: proveniente de Deus, criatura consciente, capaz de se entender e atribuir sentido a si e às coisas, só poderia ser imagem e semelhança do Amor. O criado reflete o Criador! É a culminância, que conhecemos do Cosmo em evolução. É a culminância do “Amor compartilhado” de Deus, em tudo o que existe. No caso, o compartilhamento se faz especial, porque o criado se fez especial, consciente e livremente criador. Ele gera outros e, normalmente, instintivamente, também compartilha amor.

Amor na geração - com todas as limitações e distorções do homo *sapiens et demens*;
Amor na **gestação** - quanta fé, quanta esperança, quanto amor; na **criação/manutenção/ajudar a desenvolver-se** - amor no **amamentar** - dar de si, esvaziar-se, transmitir vida/amor; **converter-se/salvar-se** - o nascido faz do homem e da mulher, para ele anônimos, pai e mãe. Estes têm a oportunidade de descobrir /redescobrir a relação, recíproca, limitada, às vezes terrivelmente limitante, com o filho, indivíduo único; como nós, diante de Deus (**salvação /redenção**).

Como tudo o que é humano, é limitado e está sujeito a liberdade humana: o maravilhoso e terrível direito de escolher: salvar o que de melhor há em si (o amor/raiz), ou perder-se. Como disse Edgard Morin: *“sejam os irmãos, não porque seremos salvos, mas porque estamos perdidos.”*

Corolário 3 - Jesus de Nazaré é a mais clara revelação de Deus

Ele é a mais perfeita apresentação/representação de Deus: nele, na carne humana, da espécie humana, Deus se fez carne! É o protótipo do “ser humano”, ou seja, **o que é (ser) e como agir**, quando o Amor/Deus se faz homem, ou *homo sapiens*, em sua dimensão plena.

Corolário 4. A “ressurreição de Jesus”

É a afirmação/revelação de Deus de que:

- a. Jesus de Nazaré é o protótipo, único, permanente – o Deus conosco (*Emanuel*) sempre presente;
- b. **ele não morreu; sua vida mudou. Assim é, assim será conosco também** - como disse Paulo: “*Se Cristo não ressuscitou, também nós não, e vã é a nossa fé!* O que esperar, se tudo acaba com nossa morte, sejamos nós bons ou maus, amemos ou não?”

A ressurreição é a confirmação, por parte de Deus – uma mensagem simples: o amor nunca morre! Aquele que de fato amou viverá para sempre! Se pouco, ou nada, sabemos do nosso passado – óvulo, esperma, embrião, etc. – que pretensão querer saber como seremos pós-morte! Penso que cada um, amor individualizado, consciente, continuará a evoluir... Cogitação, sonho, fantasia? Nossa experiência, fonte de conhecimento, é carnal; como dizia Aristóteles, “*nada chega ao intelecto, que não passe pelos sentidos*”.

Xavier Zubiri , vai além: “*Sentimento e inteligência não são dissociados, pois, sendo o sentir um processo senciente, trata-se a rigor de dois momentos de um único ato de apreensão ...é a inteligência senciente.* (ZUBIRI, 2020, p. 76)

Panikkar comenta: “*É mérito de Xavier Zubiri ter enfatizado o caráter unitário da inteligência humana que é ao mesmo tempo sensível e inteligente.*”

Corolário 5. O Cristianismo é a instituição que viabilizou a chegada da mensagem de Jesus de Nazaré até nós. Dediquei-me a estudar como a seita judaica dos *seguidores do Caminho*, dos *nazareus*, dos cristãos, irmãos, reunidos em *igrejas*, ao longo de cem anos após a morte de Jesus, transformou-se em uma nova religião: o Cristianismo (NUNES, CR, 2019). Como a mensagem de Jesus é universal e qualquer religião é particular – por mais católica/universal que ela seja, – ela vive sempre um paradoxo. Cabe-lhe construir o Reino de Deus, mas ela não é o Reino de Deus. Como observa Joao Décio Passos:

“O jogo tenso entre preservadores e renovadores é inerente ao cristianismo. A natureza religiosa do cristianismo, organizado em instituições que levam adiante um carisma original, carrega essa tensão que termina sendo constitutiva de sua própria história. As institucionalizações – dos textos fundantes, das verdades da fé, dos rituais, das normas e das funções – são formas de garantir a continuidade do carisma da salvação, força vigorosa que

vasa para além das institucionalizações e pede formas novas de expressão, sobretudo quando essas institucionalizações se cristalizam, ou por alguma razão entre em crise. O profeta é o portador do carisma que quer voltar às fontes primeiras em nome da fidelidade perdida, esquecida, deturpada ou desgastada; é o renovador a partir do fundamento.”¹⁰

Filho de pai cristão, não religioso, e de mãe de muita fé e religiosidade, fui muito religioso e hoje sou um homem de fé, pouco religioso, profundamente grato pela vida e pela companheira, Wanda Rohlf, que Deus me deu. Sentindo, pela idade, a morte se aproximar, sou grato pela graça da fé e sei que voltarei à Fonte última de minha vida, ao Amor que, aqui e agora, me sustenta. Espero que minha filha, meu genro e minhas netas sejam sempre pessoas de fé, comprometidas com a construção do Reino de Deus, e que este seja o nosso maior legado.

Tenho grande admiração pela instituição religiosa em que fui criado, a Igreja Católica, patrimônio religioso e cultural excepcional; mas penso que ela precisa de uma renovação profunda e esta revisão do Credo objetiva contribuir neste sentido.

Temos que **voltar a Jesus de Nazaré**, ao seu exemplo de vida e à construção do Reino de Deus. As razões culturais e “teológicas” foram propostas nas citações de Lenaers e Halik, que se encontram no Capítulo “Desafios”.

Temos no Papa Francisco um exemplo extraordinário do “retorno necessário a Jesus de Nazaré”. Muitos outros podem ser encontrados tanto nas igrejas católicas quanto nas evangélicas. Por outro lado, temos, na contramão, uma expansão extraordinária de igrejas funcionando como “franquias”, ou exemplos de “empreendedorismo neoliberal”, sedentas de poder e riqueza.

De acordo com Marco Grillo, *“de janeiro de 2010 a fevereiro de 2017, 67.951 entidades se registraram na Receita Federal, sob a rubrica de organizações religiosas ou filosóficas; uma média de 20 por dia, se considerarmos apenas os grupos novos, que não são filiais daquelas existentes”*. (NUNES, CR, 2019, p. 11)

Corolários comportamentais:

1. Amar ao próximo como a si mesmo.

O sentido da vida humana é realizar-se; portanto, amar. Em outras palavras, traduzir sentimentos, emoções positivas em atos – de acordo com o que temos, naturalmente, de melhor.

¹⁰ PASSOS. *Ciberteologia: um grande profeta surgiu entre nós* – saudação de homenagem a Pedro Casaldáliga

Estar atento ao **apelo à hospitalidade** de Louis Massignon (1883-1962; “um muçulmano católico”, na expressão de Pio XI):

“acolher o outro em sua especificidade, enquanto “*proprium*”, enquanto “*alter*” (e não “*aliud*”), enquanto alguém que é mistério impenetrável e irrepetível, mediante o gesto de aproximação desarmada de preconceito. Exige-se para tanto mais do que simples boa vontade, mas o gesto ousado de “penetrar através do “logos” no “*mithos*” do outro, hospedando-se no seu interior.” (TEIXEIRA, 2012, p. 99)

2. Quem não ama ao próximo que vê, como pode amar a Deus, que ele não vê?

Tratar o outro como outro – diferente, único – e como irmão. Somos irmãos, por origem próxima – como *homo sapiens* –, e por origem última e primeira: Deus. Por reforço de revelação, também irmãos em Jesus Cristo.

3. Crer em Deus e em Jesus de Nazaré, é conformar-se a Ele, agir como Ele.

Não é aderir a dogmas, normas, rituais, que são criações sociais, históricas, mutáveis, provisórias, que se não se adaptarem aos tempos caducam e perdem a riqueza de sua formulação original.

Entendo que conformar-se a Jesus de Nazaré é conformar-se à sua vida, valores e atitudes, resumidas nas bem-aventuranças e no Reino de Deus. Opção pelos mais necessitados, abandonados, rejeitados, descriminalizados... pelos mais pobres entre os pobres, misericórdia, disposição para servir, justiça, sentimentos e atitudes – é programa para uma vida inteira. Uma meta a ser perseguida a vida inteira. Três virtudes *teológicas*: fé, esperança e amor.

“As opções fundamentais a partir das quais Jesus vive a sua vida e nas quais encontramos as opções fundamentais do próprio Deus são as seguintes:

- a opção preferencial pelos pobres como concretização da opção pelos injustiçados;

Concordo com o teólogo Aloysius Pieris, de Sri Lanka, que “há algo na mensagem de Jesus que é único: a aliança irrevogável entre Deus e o pobre, sem importar-lhe a que religião possa ele pertencer; fora da aliança de Deus com o pobre não há salvação”.

Em outras palavras: voltar-se, com-paixão, para os pobres é humanizar-se/divinizar-se, individual e coletivamente.

- a opção pela misericórdia e contra todo o legalismo;
- a opção pelo serviço e contra o poder;
- a opção pela justiça e contra toda opressão;
- a opção pela vida” (BLANK, 2001, p.84).

“Relata o pastor Presbiteriano Antônio Carlos Costa: ‘Lembro-me de uma conversa que tive com o líder máximo de uma denominação evangélica. Eu lhe falava sobre o que estava vendo no Rio de Janeiro underground, sobre a minha perplexidade face a miséria, ao abuso de poder e à indiferença do poder público para com a causa dos socialmente excluídos. Foi quando ele me disse: ‘Nada do que você falou me tocou. Nada disso me comove’. Ficou claro para mim que ele via a desgraça do pobre como responsabilidade do pobre, e como romântica, ingênua e antibíblica a minha preocupação com a justiça social.’” (COSTA, 2018, p. 67-68)

4. Comprometer-se com a construção do Reino de Deus.

Não se trata de Igreja, nem religião; trata-se de criar um mundo mais humano, utopia de Jesus de Nazaré, orgulho, um dia, dos homens e de Deus. Para o cristão situado na base social, sua adesão às opções de Jesus de Nazaré é facilitada e naturalizada pela sua própria inserção social: a solidariedade entre os pobres é uma questão de sobrevivência, ainda que o conformar-se a Jesus ultrapasse as identificações e aspirações de classe.

O conformar-se a Jesus encontra uma barreira difícil de transpor para todos aqueles que têm dinheiro e poder - a ideologia. Uso aqui o termo num sentido muito simples. Todo grupo social elabora, ou incorpora, inconscientemente, explicações sociais que cumprem funções de explicar e justificar sua inserção social, sua situação socialmente privilegiada. Aqueles que têm dinheiro e poder (valores quase sempre associados), quanto mais possuem mais precisam explicar e justificar sua acumulação, em contraste com a redução proporcional dos mesmos valores em poder dos outros. Todos sabemos que essa relação, em sua totalidade, é proporcional: quando poucos têm muito, muitos tem pouco. (Em 2019, 6 brasileiros se apropriaram de valor equivalente ao ganho de 100 milhões de outros brasileiros). Do ponto de vista cristão, não é fácil explicar e justificar este fato e o arcabouço social que o sustenta.

“Uma leitura plenamente textualizada do Novo Testamento deve abordar ‘a realidade do Império’ como ‘uma realidade sociopolítica onipresente, inevitável e esmagadora...’ ‘... um sistema compacto de exploração da grande maioria pelas classes dirigentes’”. (ELLIOTT, 2010, p. 29)

“O Império cruza todas as fronteiras, distorce identidades, subverte culturas, subordina nações-Estados, e marginaliza ou coopta comunidades religiosas” (Aliança Reformada Mundial- ARM-Accra, Ghana, 2004)

O Judaísmo e o Cristianismo, por origem e sensibilidade histórica ao “povo de Deus”, marginalizado e explorado – raiz de suas Escrituras – deveria ter radical ojeriza a qualquer

império; um viés anti-imperialismo!

Como cristão, a situação social injusta, opressora, que deixa muitos de meus irmãos, filhos do mesmo Pai, com fome, me incomoda profundamente. Estou sempre devendo a eles (Nada disso tem a ver com depressão e infelicidade – são sombras na minha felicidade, ou *espinho na carne*, à semelhança de Paulo de Tarso).

Não tenho a coragem de seguir o conselho de Jesus de Nazaré: “*Vai, vende tudo que tens, dá aos pobres; vem e me siga.*”. Sei, perfeitamente, que Ele não estava aconselhando isso a todos, mas sua “provocação” me incomoda.

A construção do Reino de Deus – uma sociedade em que todos sejam efetivamente irmãos, filhos do mesmo Deus/Pai/Mãe/Amor – é um desafio, e eu tenho de dar a minha parcela de contribuição. E não se pode esquecer o que disse Paulo, em sua Primeira Carta aos Coríntios (13, 30): “*mesmo que eu distribua todos os meus bens aos famintos... se me faltar o amor nada lucro com isso*”.

Apenas para esclarecer: meus “pecados” só me incomodam enquanto falhas com meus parentes, amigos, telefonistas de “call center”... Com relação a Deus, sei que meus pecados já estão perdoados, antes que os veja como tais, pois Ele sabe de que natureza Ele me fez: precária, limitada, em crescimento, onde o erro, o pecado, é parte do aprendizado.

Um pecado me incomoda, quando o pratico: julgar os outros, o que não é fácil; quando se diverge, ideologicamente, a divergência é radical. Procuro evitar o julgamento, mas sinto a convivência espinhosa.

Sendo o primeiro capítulo do *Credo Niceno*, em que tenho que “confessar” no que creio, não pude me furtar de falar de alguém, com quem me identifico e que reconhece que não tem a vida em si, mas na fonte da Vida, do ser, do Amor.

5. Temos que resgatar nossa carne, elevada, na pessoa de Jesus de Nazaré, a sacralidade do Absoluto, do Transcendente, do Amor.

Valorizar o *eros*, o impulso vital, cuja radicalidade e profundidade foi revelada por intermédio da psicanálise, ou pela psicoautoanálise do verdadeiro criador de tudo (VCT), na expressão de Miguel Nicolelis. Redescobrir a alegria, o bom humor, a necessidade de prazer. (Recomendo o livro do Matthew Fox: “Pecados do espírito, bênçãos da carne”).

“**Julius Wilson** nos mostra o que está em jogo quando se negligencia a carne. Negar a uma pessoa trabalho e remuneração decentes, água potável e assistência médica, abrigo e segurança, é amaldiçoar sua existência. ‘Maldições sobre a carne’, poderia muito bem ser o nome do novo sistema, que usa novas tecnologias, mas mantém a velha relação imperial escravo/feitor para destruir a carne – humana e mais-que-humana – em nome da lucratividade

global. É na nossa carne que carregamos as maldições dos pecados espirituais – os pobres sofrem de mais doenças e vivem menos tempo que os abastados.” (FOX, 2004 p. 21)

6. Quem não conhece a Deus, ou “não O reconhece”, pode perfeitamente se salvar.

Vivi alguns anos de minha vida com “espírito missionário”, preocupado com a salvação dos ateus. Hoje vejo o fato como um “problema” deles e de Deus. Conformer-se à própria natureza é atender a vontade de Deus; é salvar-se. Tenho grande admiração por agnósticos, como o cientista Marcelo Gleiser. O sentido que se dá à própria vida, independentemente da motivação, prevalece sobre conhecer/reconhecer a Deus. Penso que Schillebeeckx e Lenaers, citados na introdução deste capítulo, têm toda razão; afinal, milhares de gerações viveram antes de Jesus de Nazaré e mesmo antes do monoteísmo. A pluralidade religiosa é uma riqueza. A Cristandade foi uma construção social, religiosa e cultural importante, mas “perdeu validade”. Acabou.

O cristianismo e a Igreja Católica, onde me situo, têm que se reinventar. Toda a sua linguagem, como mostramos anteriormente, tem que ser revista. Creemos que aqui se encontra uma contribuição, ao rever o *Credo Niceno*.

Como disse o teólogo Jürgen Moltmann: *“a história é o lugar da memória, da esperança, do sentido autêntico do viver humano”*.

Como Luc Ferry, sinto a solidão de ser humano, *homo sapiens et demens*:

“Não só estou mergulhado, desde a origem de minha vida, em um mundo que eu não quis e nem criei, mas, além disso, escapa-me o sentido de meu nascimento e de minha morte. Sem dúvida posso aprender as condições científicas, analisar o processo de reprodução ou de envelhecimento das células. Mas nada, na abordagem biológica, por mais pertinente e interessante que seja, vai me permitir controlar o milagre da vida e nem a significação de minha finitude”.

Também compartilho com o filósofo francês a convicção de que estamos participando de um *“lento processo de humanização do divino e, paralelamente, de uma lenta e inexorável divinização do humano que assistimos, aquele nascimento do amor moderno, cujas especificidades os historiadores das mentalidades recentemente nos ensinaram a decifrar”*. (FERRY, 2010, p. 49 ss)

CAPÍTULO 20

CREIO: COMPROMETO-ME !

*“Deus, o nome com o qual vos invocamos está como morto,
vazio e caduco, como qualquer palavra humana.
Pedimos que volte a ter força como um
nome cheio de promessas, como uma palavra viva.”*

(Huub Oosterhuis - poeta e escritor - 1933)

*“Os escolhidos de Deus são os plebeus e os desprezíveis.
Podem ser cristãos, judeus, budistas, ateus, ou seja lá o que for.
Se são plebeus e desprezíveis, são escolhidos de Deus.
Isso agora é a fé.”*

(HINKELAMMERT, 2012, p. 101)

*“Consumiram-se minhas velas ao pé do crucifixo.
Na rua havia um pobre com suas botas destroçadas.
E voltei-me para rezar ao Cristo de madeira.
Não soube rezar, Senhor, A vosso Amor, em carne e osso!”*

(Caryll Houselander, escritora inglesa - 1901-1954)

*“Percebe-se claramente, na Teologia e na Igreja,
o domínio do ser sobre o agir. Que não é outra
coisa senão defender a importância determinante do
pensamento especulativo sobre o pensamento histórico.
Dito diferentemente significa convencer-nos de que o
importante na vida é a teoria, não a práxis,
o que ‘se pensa’, e não o que ‘se faz’.”*

(CASTILLO, 2017, p. 122)

*“Cristo não tem mãos. Tem só nossas mãos
para construir um mundo novo onde habite a justiça...
Cristo não tem lábios para proclamar aos pobres
a boa-nova da liberdade.”*

(Anônimo)

Umbutu: “uma pessoa é uma pessoa por intermédio de outras pessoas” e é, nessa relação de dependência, que nos tornamos verdadeiramente seres humanos, ou seja, não existo porque penso; contudo, existo porque pertencço; e porque pertencço, amo.”

(GULONDA, 2018)

“A fé, que se dilata até a esperança, inquieta mais que aquieta, impaciente mais do que acalma, causa tensões mais do que oferece sedativo, gera conflitos mais do que armistícios. A paz com Deus conduz a viver em discórdia com o mundo, pois, como afirma Moltmann, ‘o agulhão do futuro punge implacavelmente na carne de todo presente não cumprido’”.

(TAMAYO, 2009, p. 176)

Há 139 anos o filósofo Friedrich Nietzsche (1844-1900), analisando a cultura de sua época, denuncia o niilismo vigente, colocando na boca de um louco sua talvez mais célebre frase: **Deus está morto!**

“O homem louco se lançou para o meio deles e trespassou-os com seu olhar. “Para onde foi Deus?”, gritou ele. “Já lhes direi! Nós o matamos – vocês e eu. Somos todos seus assassinos! Mas como fizemos isso? Como conseguimos beber inteiramente o mar? Quem nos deu a esponja para apagar o horizonte? O que fizemos nós, ao desatar a terra do seu sol? Para onde se move agora? Para onde nos movemos nós?”. (Nietzsche: A Gaia Ciência, p. 125 - 1882)

Sabemos que o filósofo tinha em mente a crença em um Deus que aliena o homem de sua realidade, projetando o real para outra vida. Para Frédéric Lenoir, *“tomando de empréstimo a chocante expressão “morte de Deus” ao poeta alemão Johan Paul Friedrich Richter, Nietzsche quer mostrar a amplitude da “catástrofe” que significa o fim de todo um sistema de valores herdados da fé cristã e, mais longe ainda, do judaísmo e do platonismo”.* (LENOIR, 2013, p. 151)

Nossas reflexões, até aqui, sobre o **Credo Niceno**, deixam bem claro que a fé não é, de forma alguma, incompatível com todas as conquistas da modernidade. Deixam, igualmente, claro que as formulações religiosas demandam uma atualização uma vez que foram, muitas delas, formuladas em contexto do conhecimento pré-científico.

Este “Deus”, assim expresso, para Nietzsche estava morto, como de fato está para o mundo intelectual, em geral, de muitas denominações religiosas.

“A chuva dos deuses cai dos céus sobre o túmulo de Deus que sobreviveu a sua própria morte. Ateus têm os seus santos e blasfemos constroem templos” (L. Kolakowski). Diversos autores vêm caracterizando e estudando esse ressurgir do fenômeno religioso. “Rumor dos anjos” (P. Berger); “a festa dos foliões” (H. Cox);, “A revanche do Sagrado” (L. Kolakowski); “O enigma da religião” (R. Alves) e tantas outras expressões traduzem esse acordar ruidoso do religioso, a ponto de ocupar as telas de TV diante de milhões ou mesmo bilhões de telespectadores (Igreja eletrônica).” (LIBÂNIO, 1990, p. 33)

Para a historiadora Karen Armstrong: *“Não podemos ser religiosos como nossos ancestrais do mundo conservador pré-moderno, quando os mitos e os rituais da fé ajudavam os devotos a aceitar limitações inerentes a civilização agrária. Estamos voltados para o futuro, e o racionalismo do mundo moderno dificulta-nos o entendimento das velhas formas de espiritualidade”*. (ARMSTRONG, 2009, p. 485)

Que essas reflexões possam, como pretendeu Vito Mancuso, quando escreveu o livro “Deus e Eu: um guia para os perplexos”, *“...contribuir para fazer com que a mente contemporânea possa tornar a pensar **juntamente** Deus e o mundo, Deus e Eu, como um único sumo mistério, o da geração da vida, da inteligência, da liberdade, do bem, do amor. É para mim a única modalidade autêntica de sermos fiéis a ambos, a Deus e ao mundo, e alcançarmos aquela serenidade interior que é um verdadeiro tesouro no céu, ‘onde nem a traça nem a ferrugem corroem, onde os ladrões não arrombam nem roubam’”*. Porque, *prosseguia o mestre, ‘onde estiver o teu tesouro, aí estará também o teu coração’*”. (MANCUSO, 2014, p. 17)

Para delinear a experiência de Deus da qual tentamos nos aproximar, Raimon Panikkar, doutor em Filosofia, Ciências e Teologia, sugeriu a seguinte fórmula:

$$\mathbf{E = e.m.i.r}$$

“O que chamamos experiência (E) é uma combinação de experiência pessoal, inefável, cada vez única. portanto irrepitível (e) veiculada por nossa memória (m), modelada por nossa interpretação (i) e condicionada por nossa recepção (r) no conjunto cultural de nosso tempo”. (PANIKKAR, 2007, p. 58)

O ecoteólogo Michael Dowd acredita que *“... hoje, o movimento cristão ainda está nos estágios elementares da tentativa de resolver para si mesmo e para o mundo as consequências*

do Evangelho. Não há a menor dúvida de que as maiores e mais ousadas confissões de fé estão no futuro, não no passado". (MORWOOD, 2013, p. 130)

Nos anos recentes, teólogos, filósofos sociólogos e historiadores se surpreenderam com o surgimento de um fenômeno inesperado: **Deus voltou!**

Que Deus voltou? E quais são seus devotos?

Vimos, no capítulo anterior, como têm surgido inúmeros "experimentos religiosos", de certa forma previsíveis, na pós-modernidade, em que, como tituló Marshall Berman, *"tudo que é sólido desmancha no espaço"*, ou, como descreveu Gianni Vattimo, parafraseando Karl Marx:

"Findada a ideia de uma racionalidade central da história, o mundo da comunicação generalizada explode como uma multiplicidade de racionalidades locais - minorias étnicas, sexuais, religiosas, culturais e estéticas - que tomam a palavra, finalmente não mais caladas e reprimidas pela ideia que existia uma só forma de humanidade verdadeira a ser realizada." (FERREIRA, 2017, p. 19)

"Na pós-modernidade, com a cultura da escolha, da pluralidade de ofertas, as crenças participam do mesmo jogo e, com isso, o Cristianismo perdeu aquela situação de privilégio cultural. Hoje há disputa de fiéis pela via da persuasão ou mesmo da sedução". Neste "supermercado da fé" "os indivíduos desenvolvem verdadeira estratégia de escolha a partir de critérios subjetivos de economia, status, prazer e autorreconhecimento." (FERREIRA, 2017, p. 19 ss)

"O **fundamentalismo**", comenta Armstrong, *"é apenas um desses experimentos religiosos modernos que teve certo sucesso em recolocar a fé na agenda internacional"*, mas converteu *"sua complexa mitologia numa compacta ideologia"*. *"Todos deixaram de lado ensinamentos de tolerância e compaixão e cultivaram teologias de fúria, ressentimento e vingança..."*. *"Essas teologias e ideologias se baseiam no medo..."*. *"Essa campanha pela ressacralização da sociedade se tornou agressiva e distorcida"*. (ARMSTRONG, 2009, p. 485 ss)

"Se o neoevangélico é funcional para o capital, o capital é igualmente funcional para a religião neoevangélica." (MILBANK, 2023, p.48)

Para o historiador e teólogo John Eagleton, *"O fundamentalismo cristão busca restaurar a ordem, a castidade, a frugalidade, o trabalho duro, autodisciplina e a responsabilidade, todos eles valores que um consumismo sem Deus ameaça banir. Sob certos aspectos, sua crítica do status quo está bastante correta, o que muitos liberais se recusarão aceitar. O fundamentalismo oferece cura ainda pior que a doença. Os fundamentalistas, em*

sua maior parte, são aqueles que o capitalismo deixou para trás, aquele cuja confiança o capitalismo traiu, como trairá a de qualquer um e qualquer coisa que não mais gere lucro”. (EAGLETON, 2011, p. 47)

Para o filósofo e psicanalista esloveno Slavoj Žižek, não se deve permitir que o inimigo defina o terreno da luta:

“... o que devemos fazer é inverter a estratégia, defendendo plenamente aquilo de que somos acusados: sim, existe a linhagem direta entre o cristianismo e o marxismo: sim, o cristianismo e o marxismo deveriam lutar do mesmo lado da barricada contra o furioso ataque dos novos espiritualismos – o legado cristão autêntico é precioso demais para ser deixado aos fanáticos fundamentalistas”. (ŽIZEK, 2015, p. 26)

Comenta o teólogo Paulo Sues:

“Um mundo sem fronteiras gera crises de identidade, insegurança e solução [...]. O fundamentalismo propõe a reconstrução de identidades abaladas e a devolução de seguranças perdidas. A volta a ‘grande disciplina’, o desejo de ter ‘manuais de doutrina’ e pedido de um ‘catecismo normativo’, tudo aponta na mesma direção da segurança e identidade do ‘lar religioso’. A violência que grupos fundamentalistas são capazes de gerar é proporcional à angústia, insegurança e o medo de que são vítimas”.

“De uma certa maneira todos os projetos pastorais fechados que funcionam como ilhas de salvação no mar do mundo perdido, como ‘reduções’ ou laboratório de evangelização, desligados do contexto macro estrutural e micro estruturalmente desarticulados, podem ser considerados projetos fundamentalistas.” (CATELLO, 2005, p. 43)

A historiadora inglesa, Karen Armstrong, termina seu alentado livro “Uma história de Deus: quatro milênios de busca do Judaísmo, Cristianismo e Islamismo” com a seguinte constatação e ponderação:

“Nos Estados Unidos vimos que 99% da população diz crer em Deus, mas a predominância do fundamentalismo, apocalipsismo e formas carismáticas de religiosidade ‘instantânea’ no país não é nada tranquilizante. A escalada na taxa de criminalidade, vício de drogas e a ressurreição da pena de morte, não são sinais de uma sociedade espiritualmente saudável. Na Europa, há um crescente vazio onde antes existia Deus na consciência humana.

Os seres humanos não podem suportar vazio e desolação; enchem o vácuo criando novos focos de sentido. Os ídolos do fundamentalismo não são bons substitutos para Deus; se queremos criar uma nova fé vibrante para o século XXI, devemos talvez estudar a história de Deus em busca de algumas lições de advertências”. (ARMSTRONG, 1994, p. 398)

Esses novos devotos, paradoxalmente “negacionistas”, estão presentes e militando nas principais religiões. “Fora da Igreja, nenhuma salvação”; “só Jesus salva”; “o Islã é a única religião verdadeira” (61,9); o “partido de Deus” que, no final, será vitorioso (5,56); “o jihad é nosso caminho, o martírio é nosso desejo”.

Seguramente, neste caminho, o *homo sapiens* não será mais feliz, o que, certamente, é a vontade de quem nos trouxe a Vida.

O fundamentalismo, como fenômeno social, levanta uma questão radical: **o que é fé e para que ela serve?**

Compartilho o pensamento do teólogo José M. Castillo:

“A resposta de Jesus é muito clara: encontrareis a Deus na medida (e somente na medida) em que vos dedicardes a tornar essa vida mais suportável para todos os que sofrem, seja qual for o motivo. Por isso, Jesus afirma solenemente que o Reino de Deus é para os pobres (Lc 6,20) e para os que são perseguidos, maltratados e ofendidos (Mt 5, 10-11). Pois sobejamente sabemos que os pobres, os perseguidos, os difamados e privados dos seus direitos, são os que, de modo geral, mais sofrem neste mundo.

Sonho com a religião dos que fazem sorrir, mesmo se quem faz isso estiver chorando por dentro. Sonho com um mundo mais suportável e uma vida mais tolerável. O mundo e a vida que constroem aqueles que, em qualquer situação, conseguem fazer com que os outros se sintam melhor a cada dia.

A Felicidade não se impõe por decreto nem se ensina como doutrina. A felicidade se contagia, isso é, aquele que é feliz torna felizes aqueles que o cercam e com ele convivem. A capacidade de contagiar felicidade é determinante para que quer falar de Deus.” (CASTILLO, 2011, p. 124)

[*Amém!* – disse minha mulher, desenhando ao lado, quando acabei de ditar esta citação para o computador.]

Sou um homem de fé: creio. Penso que a citação de Roger Lenaers, a seguir, aproxima-se muito do que penso e sinto:

“Somos uma faísca da forma como Deus se expressa a si mesmo, ou seja, Deus pertence a definição de nossos ser e que devemos olhar-nos mutuamente a partir de Deus. Só existimos segundo a medida de sua presença em nossa profundidade, portanto, segundo a medida de nosso amor.

Crer, como disse Roger Lenaers, é um processo racional sem profundidade existencial. Crer em alguém é um processo dinâmico que emerge de nossas profundezas, supõe

envolvimento e inclui compromisso, entrega e adesão.” (NUNES, 2019, Jesus de Nazaré, p. 201)

“Crer” vem do latim “*credere*”, constituído de cor+dare = dar o coração a alguém. Este alguém, para mim, é **Jesus de Nazaré**. Ele é minha referência maior: vejo-o como “O melhor de nós”, ou seja, o que de melhor a espécie humana gerou; o protótipo do homem, onde podemos aspirar um dia chegar, orgulhosos da espécie. “*Tão humano que divino*”. Não sou dado a especulações sobre sua natureza divina, a não ser pensá-lo, imaginá-lo, simbolizá-lo como Amor e Mae/Pai (mantenho as imagens de Pai e Mae, em rodízio). O Capítulo 09 sintetiza algumas de minhas certezas e incertezas. Jesus de Nazaré torna Deus mais próximo de nós. Seu legado é universal, incomensurável.

O teólogo jesuíta indiano, Michael Amaladoss, selecionou nove imagens de Jesus, em conformidade com a cultura cristã, hindu e budista: Jesus, o Sábio, o Caminho, o Guru, o Satyagrahi, o Avatar, o Servidor, o Compassivo, o Dançarino, o Peregrino. (AMALADOSS, 2009, p. 42)

John F. Haught, em seu livro *O que é Deus: como pensar o divino*, propõe cinco formas de contemplar a ideia de Deus: a Profundidade; o Futuro; a Liberdade; a Beleza e a Verdade. Cada um dos temas é tratado pela presença/ausência de Deus e a religião como busca do atributo. (HAUGHT, 2004, p. 26)

Leonardo Boff, em seu livro, escrito para cristãos e não-cristãos – *Cristianismo: o mínimo do mínimo* – que muito me inspirou – sintetiza de forma muito didática e clara seis legados de Jesus: 1) um sonho – o Reino de Deus; 2) uma prática – a libertação/opção pelos mais oprimidos; 3) uma mensagem – o Pai nosso e o pão nosso; 4) uma ética – amor e misericórdia ilimitados; 5) um destino (eu diria uma advertência) – a execução do libertador; 6) uma antecipação – a ressurreição apenas começada. (BOFF, 2011, p. 88)

A parábola de servo inútil (Lc 17,5-10), para Schillebeeckx, talvez seja a mais chocante, no contexto da espiritualidade judaica nos tempos de Jesus. Graig Keener conclui seu comentário sobre esta passagem de Lucas: “a fé cresce à medida que nós a utilizamos como servos: o propósito da fé é servir – ela jamais é um fim em si”. (KEENER, 2017, p. 265)

Para o teólogo José Comblin, “*A novidade do cristianismo não é um desejo do infinito, é o amor das coisas finitas, o amor das coisas que passam... O homem foi feito para viver o eterno na sucessão e no instante que passa. Não é se afastando das coisas que passam que ele se reúne a Deus. Pelo contrário, é mergulhando nelas, captando-as, abraçando-as inteiramente. A salvação não vem transformar nossa vocação, vem salvá-la. A novidade consiste em continuar a lutar em favor dos pobres e dos marginalizados, apesar de saber que*

não há “solução final”, pois nessa luta se revela a presença de Deus na história. Isso consiste em afirmar que o crucificado, derrotado pelo império que se proclamava absoluto, é o Messias.” (HOORNAERT, 2012, p. 153)

Os desafios que o mundo atual coloca para os cristãos e demais humanistas são enormes. A jornalista Naomi Klein (*1970) afirma que a situação atual dos Estados Unidos “é produto de sistemas poderosos de pensamento que classificam a vida humana com base em raça, religião, gênero, orientação sexual, aparência e capacidades físicas, e que usam sistematicamente a raça como uma arma para fazer avançar políticas econômicas desumanas desde os primeiros dias da colonização na América do Norte e do tráfico transatlântico de escravos”. (KLEIN, 2017, p. 20)

A situação do Brasil, neste particular, não seria nada melhor, considerando que “a mais terrível de nossas heranças é esta de levar sempre conosco a cicatriz de torturador, impressa na alma pronta a explodir na brutalidade racista e classista”.

“...no final do século XX, o Brasil continua a ser, nas palavras de E. Hobsbawm, “um monumento à negligência social”. (RUBIO, 2021, p. 18)

Ou, como disse nosso sociólogo Jessé de Souza:

“...a história brasileira pode ser analisada não apenas como um processo incompleto de reconhecimento universal, mas também como um projeto político deliberado para impedir o reconhecimento social da classe/raça dos excluídos e marginalizados.

Cada vez que um governo pretende incluir social e politicamente a classe /raça de negros e pobres marginalizados, temos invariavelmente, um golpe de Estado para evitar que isso aconteça. Esse é o verdadeiro atraso social, moral, e político brasileiro. Todo resto é secundário...” (SOUZA, 2021, p. 111-112)

Para o nosso cientista Miguel Nicolelis, encontramos-nos a beira de um abismo: “uma visão de mundo amplamente aceita e dominadora, que só pode ser descrita como um novo culto religioso, que visa controlar todo e qualquer aspecto da vida”.

Ela acopla:

- uma **visão financeira do universo humano** – a “Igreja do Mercado”, com seu deus dinheiro, e “o grande cassino das finanças mundiais”, que propõe monetizar todos os aspectos da vida. “Os valores éticos da nova divindade santificada pelo homem podem ser sumarizados como ganância ilimitada traduzida pela busca incessante e sem trégua por lucros infinitos”;
- o **Culto das Máquinas** – “A lógica escondida por trás da adoção de tecnologias “inteligentes” pode ser descrita da seguinte forma: se uma companhia demonstra

que um pedaço de software, ou um robô” esperto”, é capaz de realizar o trabalho de um trabalhador experiente, a vantagem que a empresa adquire em negociar salários e benefícios com sua força de trabalho passa a ser enorme e quase impossível de contrabalancear os trabalhadores. Rebaixar o ser humano e suas capacidades mentais e físicas ao pronunciar- e supostamente demonstrar -que um pedaço de metal ou algumas linhas de programação são capazes de realizar tarefas de forma mais eficiente que os responsáveis por elas no passado é uma estratégia muito bem pensada da elite do capital mundial e de grandes corporações para elevar seus lucros ao infinito.” (NICOLELIS, 2020, p. 352)

É reconfortante ver o Papa Francisco voltado para o **cuidado da casa comum** (Laudato Si), para a **convivência fraterna** (Fratelli Tutti) e a convocação, principalmente de jovens economistas, para formular uma economia socialmente justa e economicamente viável.

Falando no III Encontro com os Movimentos Sociais Populares, em Santa Cruz de la Sierra, Bolívia, em 2015), o Papa Francisco disse:

“...quero chamá-los de poetas sociais e, elenco algumas tarefas imprescindíveis para caminharem em direção a uma alternativa humana diante da globalização da indiferença:

- a) colocar a economia a serviço dos povos;*
- b) construir a justiça social, base da paz;*
- c) cuidar da Casa Comum, a terra.” (BOFF, 2018, p. 150)*

“Segundo o economista Ladislau Dowbor, no atual estágio do capitalismo ‘não há nenhuma razão para haver miséria no planeta. Se dividirmos os 85 trilhões de dólares que temos de PIB mundial pela população, isso equivale a 15 mil reais por mês, por família de quatro pessoas. Isso é amplamente suficiente para todos viverem de maneira digna e ‘confortável’. Hoje, segundo a FAO (Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura), 851 milhões de pessoas passam fome. A população mundial é de 7,6 bilhões de pessoas, e o planeta produz alimentos suficientes para 11 bilhões de bocas. Portanto, não há falta de recursos, há falta de justiça. Como não há falta de dinheiro, e sim de partilha.”¹¹

Hugo Assmann e Jung Mo Sung comentam:

¹¹ Frei BETTO. *Papa propõe nova economia* - 20/02/2020 - Brasil de Fato

“Todos os recursos financeiros disponíveis giram hoje sobre si mesmos, numa espécie de autocentrismo no puro mundo das finanças, sem qualquer vínculo direto com o plano de produção e distribuição de utilidades requeridas pelas necessidades humanas.” (ASSMANN 2010, p. 29)

“...o neoliberalismo não é só um esquema econômico, é uma epistemologia, ou seja, uma forma de organizar o pensamento.” (LANCELLOTTI, 2021, p. 148)

Para a Dra. Maria Lúcia Santaella, *“não estamos vivendo, no antopoceno, propriamente dito, mas no capitaloceno .”* (USIMINOS, Newsletter IHU, 20/07/22)

Qual o critério de minha avaliação?

“Cada vez que o fizestes a um desses meus irmãos mais pequeninos – os famintos, os sedentos, os encarcerados e os nus, – a mim o fizestes”. (Mt 25,40).

Como disse Terry Eagleton, professor de teoria cultural:

“Não somos salvos por um aparato especial conhecido como religião, mas pelas qualidades de nossas relações cotidianas uns com os outros. Foi o cristianismo, e não a intelligentsia francesa, que inventou o conceito da vida cotidiana”. (EAGLETON, 2011, p. 28)

Uma sociedade que acumula riqueza na mão de poucos, reduzindo empregos, é uma sociedade humana? Podemos compactuar com isto? Como dizia o Prof. Darcy Ribeiro: ‘Só há duas opções na vida: se resignar ou se indignar. E eu não vou me resignar nunca.’

“Lógicas da dominação tendem a considerar suas vítimas como culpadas e os dominadores sacrificadores como inocentes. é o que podemos chamar” – diz Jung Mo Sung – “de inversão sacrificial”

Para o teólogo Hugo Assmann, “a novidade essencial da mensagem cristã, precisamente porque ele (o cristianismo) procura introduzir na história o amor fraternal para com todos, consiste na fraternal afirmação: as vítimas são inocentes e nenhuma desculpa ou pretexto justifica a vitimização delas”. (SUN, 2002, p. 16)

“O amor mútuo não será possível sem a tríplice renúncia à ambição de poder, de dinheiro, e de honra, três realidades que constituem os fundamentos das ordem mundana injusta.” (Jesús Peldez, in TAMAYO, 2008, 210)

Como disse o Pastor Ronilso Pacheco, *“precisamos dos profetas insurgentes, que não vislumbram nenhuma possibilidade de bem-estar do palácio... Sigamos alvoroçando o mundo, como Silas e Paulo no livro dos Atos... Enfrentando os demônios reais que operam a partir do Estado, do mercado, da lei e da religião, dos quais o racismo e a violência parecem ser os principais”.* (PACHECO, 2019, p. 31)

*O legado “ressureição apenas começada”, ou uma vida tentando seguir Jesus de Nazaré, sabendo que, como Ele, podemos, inclusive, sentir-nos abandonados por Deus, nos leva a pergunta: **E então? O que virá? O que me espera?***

Uma das coisas que mais aprendi neste roteiro de estudo do Credo foi o acréscimo de uma pergunta promissora: Se tudo que é criado, é criado de forma evolutiva, por que cada *homo sapiens* – com tantas “digitais”, únicas, pelo corpo e pela alma – não continuará a evoluir depois da morte física? Não sei como, mas estou convencido que minha evolução continuará depois de minha morte, que se avizinha...

“Se a mente não é considerada idêntica a seu substrato físico, há também razoável possibilidade de que esse processo de crescimento moral e mental possa ser continuado após a morte do corpo.” (HÖSLE, 2022, p. 14)

Pondera Eduardo Moreira em seu instigante livro “A Intenção Primeira”: *“Me parece claro que a vida siga existindo como Fonte para além da forma como a vemos manifestada. E também que essa Fonte não seja subtraída pelo evento da morte nem acrescida pelo nascimento de um organismo. O que se coloca como mistério é como se (e como) ela se percebe e se manifesta além (antes e depois) da provisoriedade do organismo.*

Isso me remete à antiga alegoria do oceano que, ao perceber-se como onda, confunde manifestação e fonte manifestada, e teme desaparecer após estourar.

Após estourar, porém, a onda funde-se de volta ao oceano, que contém em si todas as ondas. A finitude da manifestação é o que permite desfazer a ilusão da separação e compreender-se maior. Não há perda, somente libertação”. (MOREIRA, 2023, p. 167)

A seguir uma reflexão do Prof. Leonardo Boff, em seu livro “A casa comum, a espiritualidade, o amor”:

Morrer é como nascer (BOFF, 2017, p. 56 ss)

“Morte é semelhante ao nascimento. Ao nascer, a criança abandona a matriz nutridora que ao cabo de nove meses fora se tornando sufocante e esgotava as possibilidades da vida intrauterina.

A criança passa por uma violenta crise: é apertada por todos os lados, empurrada e ejetada para o mundo. Ela mal sabe o que a espera: uma realidade mais vasta que o ventre materno, cheia de largos horizontes e de ilimitadas possibilidades de comunicação.

Ao morrer, o ser humano passa por semelhante crise: enfraquece, vai perdendo o ar, agoniza e é como que arrancado deste mundo. Mal sabe ele que vai irromper num mundo muito mais amplo que aquele que acaba de deixar.

Como sua natureza é feita de relações, sua capacidade de comunicação se estenderá infinitamente. A placenta do recém-nascido, na morte, não é mais constituída pelos estreitos limites do homem-corpo, nem pelo espaço-tempo, mas pela globalidade do universo inteiro. Ao morrer penetramos no coração do universo onde todos os laços e nexos se encontram. Seremos um com o Todo, onde Deus tem sua presença permanente.

Morrendo, acabamos de nascer plenamente. E como diria o poeta cubano: “Morrer é fechar os olhos para ver melhor”, captar toda a realidade e contemplar o próprio Deus.”

CAPÍTULO 21

O “PACOTE CATÓLICO”

*“Não fiqueis a lembrar coisas passadas,
não vos fixeis em acontecimentos antigos.
Eis que eu estou a fazer uma coisa nova,
agora mesmo está brotando, não o notais?”*

(Profeta Isaías 43,18-19)

“As religiões são necessariamente construções culturais e, por isso, históricas, relativas e provisórias. O que nos paralisa frequentemente é que, com intensão de exaltar o Evangelho, o degradamos. É bastante comum, nos ambientes religiosos, identificar a Boa Nova de Jesus com a construção cultural que é a religião cristã. O homem foi feito para viver o eterno na sucessão e no instante que passa. Não é se afastando das coisas que passam que ele se reúne a Deus.”

(Sebastião Gameleira Soares, in HOONAERT, 2012, p. 99)

“Espantosamente, não somos salvos por um aparato especial conhecido como religião, mas pela qualidade de nossas relações cotidianas uns com os outros. Deus, que Jesus chama de Pai, ‘não é juiz, nem patriarca, nem acusador, nem superego, mas amante, amigo, companheiro do acusado e advogado de defesa.’”

(Eagleton, 2011, p. 31)

“Metz distingue duas formas de religião: a messiânica e a burguesa. No cristianismo, hoje, a primeira foi sufocada pela segunda, e esta se transformou em legitimadora do sistema burguês.”

(TAMAYO, 2009, p. 532)

“O ‘paraíso’ deve ser entendido como a meta da felicidade da criação, pois Deus não quis colocar a perfeição no início, mas no fim.”

(GRESHAKE, 2010, p. 31)

“Para que o mundo exista, e exista para si mesmo, Deus renegou seu próprio ser; ele se despojou de sua divindade para recebê-la de volta da odisséia do tempo. Deus não pode chamar de volta sua renúncia e seu despojamento, nem sistemática, nem eventualmente.”

(GRESHAKE, 2010, p. 43).

“... a tradição cristã não tomou devidamente consciência de que Jesus foi aquele que trouxe a maior felicidade para os seres humanos. Jesus falou de modo que a felicidade escatológica (Is 35 e 61) se realiza ‘agora’ e ‘já’, ‘hoje mesmo’. (Mt 11,5; Lc 7,22). As bem-aventuranças, como catálogo de virtudes, ‘um dos textos mais geniais e libertadores do cristianismo, se transformou numa das cargas mais pesadas e mais inexplicáveis que nós, cristãos, temos de suportar.’”

(CASTILLO, 2011, p. 75)

“A presença do cristianismo no mundo é constitutiva da espiritualidade, já que sua maneira de viver na sociedade é lugar privilegiado de santificação, visto que o cristianismo não é desprezo do mundo, mas assunção, consagração e aperfeiçoamento dele.”

(FLORISTAN, in TAMAYO, 2009, p. 188)

“O cristianismo agora tem uma segunda chance. Uma combinação de circunstâncias possibilita uma nova perspectiva, que pode ser mais parecida com os três primeiros séculos e menos com a dos últimos quinze.”

(FOX, 2004, p. 79)

*“Oh, se a gente preta tiradas brumas de sua Etiópia,
e passadas ao Brasil, conhecera bem quanto deve a Deus,
e sua santíssima Mãe por este que pode parecer desterro,
cativo e desgraça, e não é senão milagre, e grande milagre.”*

(Padre Antônio Vieira (1608 -1697))

*“Quanto mais uma Igreja é capaz de integrar
o elemento de reflexão crítica e inteligente
em seu próprio quadro institucional, maior
sua chance de sobreviver às condições da modernidade.”*

(HÖSLE, 2022, p. 22)

*“A verdadeira Igreja de Jesus tem origem em Adão
e só terminará com a ressurreição do último mortal.
Ela ultrapassa todos os grupos históricos.”*

(RIBEIRO, 2023, p. 63)

Andrés Torres Queiruga, “um dos principais teólogos europeus, professor de Filosofia da Religião na Universidade de Santiago de Compostela” comenta:

“Toda a estrutura atual da teologia cristã está pensada para orientar nossa atenção, nossos interesses em nossas preocupações para cima, para o divino e o celestial; enquanto que o humano, aquilo que vive e se gesta é em nosso entorno, nesta terra, fica sempre condicionado a um projeto que acaba no céu. Por isso, a eclesiologia, a doutrina dos sacramentos, a antropologia teológica e a escatologia são, em definitivo, peças de uma construção ideológica pensada para fazer frente e resolver problemas que, em última instância, não são problemas deste mundo, mais do além designo; desígnios e vontades de uma realidade de uma vida superior que nunca sabemos com certeza o que seja. É a humanização sempre em função da divinização, de forma que o humano é tanto melhor quanto mais divino se faz, quanto mais se orienta para o divino; o que equivale a dizer que o natural se encontra sempre em tensão rumo ao Sobrenatural.”

O educador Michael Morwood, em seu livro *O católico de amanhã*, apresenta um interessante gráfico do “pacote católico”, que apresentamos no Capítulo 1. Como o gráfico fala por si só, voltamos apresentá-lo aqui:



Vimos no Capítulo 17 como a narrativa católica, predominante durante séculos, repousa sobre um esquema muito simples e fácil de ser traduzido na catequese popular:

criação – paraíso (felicidade) – pecado (mal/sofrimento) – promessa de salvação – Messias (salvação) – morte do Messias (Filho de Deus) – resgate do pecado (Redenção) – igreja (salvação na terra) – paraíso (salvação eterna)

Trata-se de um conjunto de valores, crenças, doutrinas e rituais que configuram o fenômeno social conhecido como religião.

Segundo o teólogo John Bowker, “... as religiões são, no mínimo, sistemas de processamento de informações. São estruturas vivas com limites construídos, às vezes no decorrer de muitos séculos, com a finalidade de codificar, armazenar, recuperar e transmitir a geração seguinte uma espécie de informação muito importante.

Tal informação usualmente está explicitamente ligada com alguma noção de revelação. Responde a perguntas sobre o sentido último da vida e, ao fazê-lo, molda a identidade dos indivíduos. Responde de forma decisiva a necessidade de ser amado ou perdoado e ao anseio de descobrir a finalidade do universo. As religiões cuidam dos limites mais irremovíveis da vida: destino, culpa, falta de sentido e morte.” (HAUGHT, 1998, p. 83)

A informação, no caso:

- a. tem que ser ordenada e processada, se quiser ter algum sentido;
- b. exige certo grau de estabilidade;
- c. precisa ter fronteiras claras; se não tivessem limitações doutrinárias não teriam identidade distintas... São necessários limites doutrinários, ritualísticos e escriturísticos para proteger a informação sobre questões supremas, que cada uma delas considera suficientemente importantes para serem passadas a próxima geração de fiéis... Algumas religiões tratam seus limites mais categoricamente do que outras;
- d. contém alguns elementos de imprevisibilidade, como prevê a teoria da informação;
- e. apresentam tendência para a repetitividade/redundância.

Novidade excessiva levaria ao caos, mas sem uma abertura para a surpresa, um sistema religioso acaba sufocando a informação tradicional que procura transmitir.

O “pacote católico”, como os demais “pacotes”, de outras igrejas cristãs, repousam, grosso modo, sobre **alguns pressupostos**:

- **uma visão de mundo heterônoma** - que supõe a existência de outro mundo (o “céu”), que produz *prescrições* para o nosso e do qual somos dependentes – não reconhecendo a autonomia do universo, com suas leis próprias (ver Capítulo 1);
- **uma leitura literal da Bíblia** (ver Capítulos 14 e 15):
- *“Os textos da Sagrada Escritura não são literalmente palavras de Deus, nem são infalíveis. Representam a mais antiga coleção de textos pelos quais a Igreja primitiva realizou a cristalização de sua própria fé.”* (LENAERS, 2010, p. 53)
- **o tratamento que o catecismo dá a Jesus e seu papel na História.**

Nele encontramos: Jesus de Nazaré toma sobre si o pecado de todos os homens e oferece-se em sacrifício por todos.

“Por sua santíssima paixão no madeiro da Cruz mereceu-nos a justificação”, ensinamos o Concílio de Trento, sublinhando o caráter único do sacrifício de Cristo como princípio de salvação eterna.

- **a pretensão equivocada de exclusividade da revelação** (ver capítulo 11 e seguintes);
- **a desconsideração do caráter histórico do ser humano e de sua leitura dos acontecimentos.**

Antes de falar dos **componentes** do “pacote católico”, vejamos como o **teólogo católico José Castillo**, em seu livro *A humanidade de Deus*, citado a seguir, analisa esse **modo de pensar**, sua **origem**, **consequências** e **como superá-lo**. (CASTILLO, 2011, p. 36)

“A convicção fundamental que perpassa estas práticas e ideias se resume num critério de fundo que é a chave de todo o resto; trata-se da ideia segundo a qual **Deus não é encontrado na relação com o humano, mas na ‘submissão ao divino’ mediante a dominação e até a mortificação de tudo que expressa nossa desastrada humanidade**. Ideia que, em última análise, expressa e contagia um critério organizativo da vida, da convivência e da sociedade. Tal critério se sustenta no convencimento de **que o humano está viciado pelo pecado, causa maior de nosso enfrentamento com Deus**. Dessa forma, à medida que submetermos o humano, que o limitarmos e a ele renunciarmos, só assim, e somente assim, é que podemos encontrar Deus, nos relacionar com Ele e receber seus benefícios, que finalmente nos levarão a salvação”. (p. 36)

De onde provém esse modo de pensar?

De Jesus Nazaré e dos Evangelhos certamente não é! Então, de onde provém?

Para Castillo, são dois personagens que marcaram o movimento original do cristianismo: Jesus e Paulo. Quem ocupa realmente o centro da Igreja? Jesus e seu Evangelho, ou Paulo e sua teologia? (p. 125). O autor não tem dúvidas:

“... o movimento original do cristianismo, no qual o centro foi Jesus e sua mensagem, passou para um cristianismo no qual o centro acabou sendo o Cristo ressuscitado, Redentor, Messias e Senhor, do qual fala continuamente o Apóstolo Paulo”. (p. 40)

“... iniciou-se o deslocamento mais determinante, que marcou o cristianismo. Porque, enquanto para Jesus o centro da mensagem é a vida e a felicidade dos seres humanos, para Paulo o centro é o pecado e a vitória sobre os vícios, com marcado acento na rejeição da matéria, do corpo, do amor humano e da sexualidade. Assim se produziu o deslocamento da centralidade do reino (tema dos sinóticos) para a centralidade da virtude (tema da filosofia helenista). (JOSE M. CASTILLO, in TAMAYO, 2009, p. 469)

É bem conhecida a **influência decisiva que teve o Apóstolo Paulo** em questões fundamentais:

1. a inculturação do cristianismo no mundo da cultura helenística;
2. a universalização do cristianismo que, pela fecunda atividade Paulo, deixou de ser uma pequena seita do judaísmo da Palestina e chegou a ser uma religião universal.

Convém lembrar outros fatos:

- a. as primeiras cartas de Paulo começaram a ser difundidas pelo império vinte ou trinta anos antes dos Evangelhos;
- b. Convém lembrar que Paulo não conheceu o Jesus terreno, o Jesus da História;
- c. O cristianismo se espalhou pelo Império Romano sem ter, na grande maioria de suas comunidades, nem ideia da vida e da história de Jesus. No máximo se conhecia “ditos” soltos e “fragmentos “dos relatos que mais tarde foram ordenados e redigidos nos Evangelhos. Isso significa que a maioria dos primeiros cristãos se formaram e se organizaram como cristãos sem poder conhecer a humanidade de Jesus.

Fica assim evidente que o cristianismo pode sobreviver e se difundir como mais uma religião, uma religião de redenção, centrada na “outra vida”. **Não como uma forma de viver** (a forma de vida, vivida e explicada por Jesus), centrada “nesta vida”, com a esperança na plenitude da ressurreição futura obviamente, mas sempre começando pela humanização deste mundo “. (p. 42)

“O Deus de Paulo odeia o pecado, ao passo que o Deus de Jesus ama o pecador. Por isso é possível afirmar que o centro das preocupações do Deus de Paulo é o pecado, que rompe nossa relação com o ‘divino’, enquanto que o centro das preocupações do Deus de Jesus é o ‘sofrimento’, que rompe nossa relação (gratificante e positiva) com o ‘humano’”. (p. 71)

Paulo não mostrou interesse particular por informar-se sobre o que foi, ou como foi a vida terrena de Jesus. Não consta de suas cartas quem crucificou Jesus e por que o crucificaram.

“O Apóstolo Paulo é o exemplo mais claro e mais sólido de um homem que começou a fazer teologia cristã, sem conhecer a vida e a história de Jesus.” (p. 81)

O impacto da visão celestial que Paulo recebeu o fez tomar consciência que ali mesmo havia recebido o encargo celestial e a nomeação de ser apóstolo e, aliás, “apóstolo dos gentios”. Logicamente, Paulo não viu esta eleição como uma decisão do Jesus terreno, mas do Cristo ressuscitado, glorioso, celestial”. (p. 43)

Destes fatos, entre outros, **decorre** que no cristianismo nascente, em seus primeiros anos, surgiram **duas formas de compreensão de Jesus** e de tudo aquilo que Jesus representa para os cristãos e para a Igreja.

- De um lado se encontram os evangelhos que, como sabemos, se centraram na vida e nos ensinamentos de Jesus: terreno, histórico, humano e, portanto, um ser imanente, por isso mesmo vinculado (e de forma inseparável) ao que é próprio a nossa condição terrena, mortal, humana.

- Do outro lado, também se conheciam as cartas de Paulo, que centraram no Cristo ressuscitado e, por isso mesmo, não situaram o centro do cristianismo neste mundo, em nossa terra e em nossa imanência, mas na transcendência da “*outra vida*”, isto é, na vida depois desta vida, onde está Jesus, o Senhor, o Messias, o Filho de Deus. (p. 45)

Outro motivo: Paulo, durante algum tempo, como também a primeira geração de cristãos, acreditavam que a segunda vinda de Jesus era iminente.

Conclusão: a igreja “vive fraturada, desorientada, por nela coexistirem *imagens de Deus* que não se enquadram nem se encaixam, que não podem ser coincidentes, disso resulta inevitavelmente que, se nas crenças cristãs temos “**duas representações de Deus**”, inevitavelmente coexistem também “**dois projetos de vida**”.

- **Um projeto dedutível da teologia de Paulo** é o que brota de um Deus que quer nos salvar das misérias e pecados desta vida para levar-nos para o céu. É um projeto alcançável mediante a aceitação e a observância do acontecimento salvador por excelência: a morte de Cristo na cruz, atualizada no *ritual do sacrifício*, com aquilo que tudo isso supõe e exige de obediência, submissão e morte.
- **Outro projeto** brota da vida e da história de um humilde camponês da Galileia do primeiro século. É o projeto **dedutível da forma de vida, do projeto de vida, que levou Jesus de Nazaré**, “*ungido por Deus com a força do Espírito Santo, que passou fazendo o bem e curando todos os oprimidos pelo diabo*” (At 10,38).

Neste caso, o acontecimento salvador por excelência não se concentra num *ritual religioso e sagrado*, mas num **projeto de vida centrada na integridade ética**”. (p. 72)

Comenta o sociólogo e pensador Frédéric Lenoir:

“*O grande paradoxo, a ironia suprema da história, é que o surgimento moderno da laicidade, dos direitos humanos, da liberdade de consciência, e tudo que surgiu nos séculos XVI, XVII e XVIII contra a vontade dos clérigos, se produziu através do recurso implícito e explícito a mensagem original dos evangelhos. Dito de outra modo, o que denomino aqui “a filosofia de Cristo”, seus ensinamentos éticos mais fundamentais, não chegaram aos homens pela porta da igreja, mas pela janela do humanismo do Renascimento e da Ilustração. Durante estes três séculos, enquanto a instituição eclesiástica crucificava o ensinamento de Cristo sobre a dignidade humana e a liberdade de consciência através da prática inquisitorial, Jesus ressuscitava através dos humanismos*”. (CASTILLO, 2017, p. 63)

Como se vê, **a revelação** pode vir de onde menos se espera! (Cf. capítulos anteriores)

José M. Castillo conclui seu livro *A humanidade de Jesus* com a seguinte afirmação: “*Só poderemos encontrar a plenitude do divino na plenitude do humano. Essa, de acordo com minhas convicções, foi a direção apontada e o caminho percorrido por Jesus*”. (p. 130)

No **Novo Dicionário de Teologia** (TAMAYO, 2009, p. 470), Castillo sintetiza o que “o reino de Deus nos quer dizer... da Igreja”:

“Em resposta à expectativa dos judeus de seu tempo, o ‘reino de Deus’ é a expressão que Jesus utilizou para expressar o ponto central e mais determinante de sua mensagem. Ora, de acordo com essa proposta, o reino de Deus nos quer dizer: 1) A primeira coisa e mais fundamental para Jesus não é Deus em si, mas onde e como nós, seres humanos, podemos encontrar a Deus. 2) Só podemos encontrar a Deus no respeito incondicional à vida dos seres humanos, na defesa dos direitos à vida e na tarefa incansável de conseguir a felicidade da vida e, portanto, na luta contra o sofrimento que oprime a maior parte da humanidade. 3) Isso nos quer dizer, em última análise, que Jesus modificou o conceito sobre Deus. Porque o Deus que se revela na pessoa, na vida e no ensinamento de Jesus é Transcendente que se funde e se confunde com o ser humano que se vê oprimido pelo sofrimento e pela injustiça da ordem presente. 4) Jesus modificou também a ‘mediação fundamental’ para encontrar a Deus. Porque tal mediação já não é simplesmente a religião. Para Jesus, acima do ‘sagrado’ está o ‘humano’, de maneira que a religião (com suas verdades, suas leis e seus ritos) só é válida na medida em que o humaniza as pessoas e as torna, por isso mesmo, mais sensíveis a tudo o que é verdadeiramente humano. 5) O reino de Deus questiona nossas ideias convencionais sobre a moral estabelecida. O comportamento humano não se pode julgar a partir da submissão às leis, mas a partir da fidelidade ou infidelidade ao bem e à felicidade das pessoas. Portanto, aqueles que nesta vida são de fato os mais infelizes (os pobres, os excluídos sociais, os últimos deste mundo), esses é que configuram o critério e a medida a partir dos quais se tem de julgar a moralidade das ações humanas. 6) A Igreja, que recebeu a ‘missão de anunciar o reino de Cristo e de Deus e de estabelecê-lo em meio a todos os povos’ (LG 5,2), é fiel a essa missão na medida em que centraliza sua atividade, não na defesa de seus interesses institucionais, mas na defesa de todos os oprimidos e explorados desta terra. A partir desse critério, compreende-se a necessidade urgente de uma profunda reforma do atual sistema organizativo da Igreja.”

A superação destes condicionantes é complexa e demanda empenho, uma vez que o enraizamento é secular:

- as “verdades básicas” estão firmemente enraizadas;

- as mudanças exigem um processo de reeducação para a qual faltam instrumentos adequados – tipo catecumenato na Igreja Primitiva. As homilias dominicais são insuficientes e os textos das leituras inadequados;
- a resistência dos conservadores, dos ultraconservadores e fundamentalistas, por razões religiosas, econômicas e políticas (defesa de privilégios);
- o ensinamento oficial da Igreja tem ignorado - como no Catecismo - a erudição da Igreja e reflete uma abordagem fundamentalista e literalista na maneira como cita as Escrituras.

Para os cristãos, que se acham afastados do Cristianismo, ou ex-cristãos, por razões doutrinárias, é bom lembrar que Maria, a mãe de Jesus, os Apóstolos e certamente as duas primeiras gerações de cristãos, não acreditavam, basicamente, em nada do que consta do Credo Niceno.

Teólogos cristãos têm revisto cada um dos conceitos do “pacote”. Um dos historiadores (?), citados na bibliografia, chega a dizer: *“quando a Igreja ainda falava em ‘novíssimos’”*, referindo-se ao silêncio geral sobre céu, inferno e purgatório.

Vejamos como teólogos, principalmente Roger Lenaers (LENAERS, 2010), falam sobre alguns dos conceitos do “pacote”:

1. Pecado

“O conceito de pecado ocupa um lugar central na doutrina cristã da fé. Dele derivam conceitos importantes como os de redenção, perdão, justificação, pecado hereditário e tudo mais que está vinculado ao pecado, bem como outros conceitos menos importantes, como castigo do pecado, penitência, mortificação, indulgência, purgatório e inferno. A confissão se insere neste contexto. O caráter fundamentalmente heterônomo destes conceitos torna-os caducos. (p. 219)

Devido a seu passado antiquíssimo, o conceito de pecado configurou-se num ambiente completamente heterônomo, como expressão da consciência de um transtorno angustiante da relação mais importante para o ser humano: a relação com a origem e fundamento de sua existência, Deus.

Como tudo que dizemos sobre Deus, também esta expressão foi moldada numa linguagem figurada, e implica a contravenção, pelo ser humano, das prescrições de um onisciente. Ao fazê-lo, o ser humano desperta a justa ira do potentado, carrega uma culpa e pode contar com um castigo. Essa imagem provém da experiência com potentados terrenos. A

experiência ensina que, como se diz o refrão, ‘não é bom sentar-se à mesa com grandes senhores’ (pois eles dão as regras do jogo; desobedecer-lhes provoca sua ira, e eles não podem ser recepcionados impunemente). Acredita-se que o mesmo vale para Deus. Enquanto não é perdoado por Deus, o pecador sente como que uma ameaça pendente sobre sua vida. Assim, o conceito de pecado está imerso numa atmosfera pouco amigável, caracterizada pela ameaça e pelo perigo, devido ao contexto da ira despertado e do castigo por vir. O ser humano deseja se libertar dessa ameaça, e, por isso, procura fazer as pazes com Deus. Sabe como aplacar a ira dos potentados terrenos: deve se humilhar, confessar sua culpa, mostrar arrependimento ou contrição, implorar o perdão, oferecer presentes, tudo com o fim de eliminar o mau humor e recuperar, parcial ou completamente, a boa vontade perdida, de modo a se livrar da pena pendente. Ora, o que alcança êxito entre os humanos deve alcançá-lo também com este Deus antropomórfico. Na religião, corresponde à oferta de presentes o sacrifício de expiação. (p. 220)

Esta análise revela não apenas o caráter heterônimo do conceito de pecado como também dos outros conceitos no campo semântico do pecado, tais como culpa, castigo, expiação, arrependimento, contrição, perdão, remissão de culpa ou dívida, boa intenção. O arsenal inteiro encontra sustentação somente dentro da imagem heterônoma de Deus como o senhor mundano”. (p. 221)

“...constata A. Gerché, no Ocidente cristão parece predominar uma tendência para a culpabilidade excessiva. Culpamos os outros e as instituições e buscamos também o culpado dentro de nós mesmos. Prisioneiros que somos de um moralismo de culpabilização. Será que é necessário, sempre, sentir-se culpado para poder combater o mal e a violência?” (RUBIO 2021, p. 149-150)

2. Contrição/perdão

*Uma análise atenta do processo humano a que chamamos **perdão** demonstra que não podemos ampliar simplesmente o conceito, de modo a corresponder ao que ocorre entre Deus, com o nome do amor criador, e o ser humano.*

Perdoar é não consentir nessa inclinação, não se vingar, não pagar ao outro com a mesma moeda, agir como se nada tivesse acontecido. Isso é magnanimidade, mas supõe uma mesquinha anterior, o sentimento de ofensa, a impressão de que meu ser tão precário corre algum tipo de perigo. Ora, como é possível atribuir a Deus tal reação? Ele não se sente ofendido pelos que fazemos, muitas vezes em situação de falta de liberdade. Ele é pura

irradiação, sempre inclinado ao nosso bem, não a si mesmo. Falando teonomicamente, com relação a Deus não se pode falar de perdão. Acrescente-se o fato de que Deus não tem como fingir que nada aconteceu. Ele é a realidade absoluta. O que aconteceu, aconteceu e não pode ser desmentido. Passar uma borracha no passado é um gesto humano, que não pode ser atribuído a Deus. (p. 224)

*A palavra “**contrição**” vem do verbo latino contero, que significa rasgar, triturar, palavra que pode evocar a dor da alma. É algo bem diferente do reconhecimento de uma culpa com o pedido de perdão e de remissão da pena.*

Contrição significa dor, não tanto naquela camada superficial de nosso ser onde vivemos a ganância material, o prestígio ou a saúde, e sim nas camadas mais profundas, onde sofremos pelo fim de uma relação humana, ou porque perdemos um ser amado que, com ou sem razão, tínhamos como absolutamente necessário para nossa própria felicidade. A contrição é vivida ali onde nos lamentamos, onde fazemos luto por alguém.

Originariamente, não tem nada a ver com o medo de sanções, castigos ou outras coisas desagradáveis, ainda que este significado venha pouco a pouco substituindo o originário. O significado primordial é a consciência dolorida de estarmos separados de nossa origem fundamental indispensável e, portanto, de nossa plenitude, ao nos entregarmos à inversa de nossa própria afirmação. Assim, constrição vem a ser um chamado do desejo de conversão. Lamentamos e sentimos o desejo de voltar atrás”. (p. 225)

“O pecado do cristão entende-se hoje como ruptura com o Deus do reino r com o reino de Deus (traição à aliança e ao amor); ruptura com o próximo, sobretudo com o necessitado (infidelidade à comunidade e à solidariedade); ruptura consigo mesmo, imagem e semelhança de Deus (autodestruição pessoal). (FLORISTAN in TAMAYO, 2009, p. 448)

3. Confissão

“O próprio nome do sacramento, confissão, delata sua origem heterônoma. Trata-se de confessar a própria culpa e, por isso, pertence ao domínio jurídico. Acrescente-se que a palavra está concatenada com uma esfera negativa de sentimentos e submersa numa aura de medo, aversão, vergonha, e não na aura benfeitora e luminosa da cura, da renovação, da plenitude por parte de Deus, que nos atrai e da qual precisamos como o campo seco precisa da chuva. Por isso, o sacramento precisa tanto de outro nome como de outra forma.” (p. 226)

4. Ascese / penitência

Para o teólogo José Maria Castillo, *“a espiritualidade cristã se caracterizou pelo desprendimento e pela renúncia dos bens deste mundo e por um sistema de vida austera; todavia; não costumava questionar as causas de opressão e exploração sofridas pelos pobres, pelos imigrantes, pelos marginalizados e pelo socialmente excluídos. Assim, durante séculos, tivemos uma espiritualidade mais preocupada com a virtude da pobreza do que com os sofrimentos dos pobres, ou seja, uma espiritualidade mais interessada com a santidade do “espiritual” do que com a fome do “necessitado”, um autêntico descabro.*

Não se trata de substituir a ascética pela luta social. Trata-se de ser realmente livre e de estar disposto a aliviar e, se for possível, suprimir a dor e a humilhação das vítimas deste mundo.” (CASTILLO, 2011, p. 27)

Para José Comblin, *“a novidade no cristianismo não é o desejo do infinito, é o amor das coisas finitas, o amor das coisas que passam. O homem foi criado, precisamente, para viver o eterno, para amar a Deus, na dimensão do tempo, passando e deixando-se passar, e forçando a passagem. O homem foi feito para viver o eterno na sucessão e no instante que passa. Não é se afastando das coisas que passam que ele se reúne a Deus”.* (HOONAERT, 2010, p. 153)

5. Oração /petição

Voltando as considerações do teólogo Roger Lenaers em seu livro *Outro cristianismo é possível:*

“Devemos conservar, numa perspectiva teonômica, as ricas experiências feitas pela humanidade por meio da oração de petição, bem como o fenômeno de oração ouvida.

A perspectiva ou representação teonômica recortará primeiros os excessos infantis da oração de petição (e que não são poucos), tais como invocar Santo Antônio ao perder a chave, ou a ideia mágica de que há orações de eficácia garantida, seja por sua forma -as rezas fortes - ou por serem repetidas conforme determinado padrão - caso das novenas e trezenas. (p. 241-242)

Não existe Outro que viva em algum lugar lá em cima, a quem possamos motivar a fazer algo por nós. Faz mais sentido dizer que esse Outro nos está atraindo e movendo para si desde sempre. Essa atração é a contraparte de nosso desejo, e ambos se encaixam perfeitamente.

Isso significa que somos ouvidos sempre que pedimos esse encontro, pois tal petição já é o início da realização desse encontro. Tal ideia coincide com a palavra de Jesus em Lucas 11,13, de que sem dúvida Deus dará seu espírito a quem o peça. Por outro lado, a

união com Deus é a única realidade que pode ser realmente objeto de nosso desejo e que, portanto, merece ser objeto de nossa petição, pois somos destinados a este encontro.

Alcançamo-lo até agora de modo muito insuficiente, o que explica nossa insatisfação. E a experiência de tornar-se consciente pela via da petição nos abre a plenitude.” (242-243)

Luc Ferry comenta:

“Para responder a angústia inerente a solidão do ser humano deve-se admitir o ‘postulado’ de um Deus pessoal, que nos ama, cuida de nós e nos dá a imortalidade... Ela confirma de maneira preocupante para os cristãos ‘tradicionais’ a sentença de Voltaire: ‘por querer demais tornar Deus uma resposta as expectativas do homem, corre-se o risco de se reduzi-lo à simples projeção subjetiva de nossas necessidades.’”

Nós produzimos a ideia de que precisávamos e, esquecendo o processo de produção, cedemos a ilusão da existência objetiva do produto.” (FERRY, 1998, p. 83)

Três metas traçadas pelo Papa Francisco:

- Olhar com gratidão o passado;
- Viver com paixão o presente;
- Abraçar com esperança o futuro (ALTEMEIER, 2021, p.106).

6. Milagres

“ ‘O milagre do nascimento’ é uma frase sábia, apontando-nos uma teologia dos milagres saudável.

Os milagres tornam-se problemas quando pensamos neles como demonstrando poder divino ao intervir no mundo do jeito que Deus desejar. Os problemas não são meramente científicos, mas também teológicos e morais. Nada desafia a bondade de Deus ou a justiça do universo mais do que a completa aleatoriedade desses chamados milagres.

Nada faz Deus parecer mais cruel e injusto do que a ideia de que Ele miraculosamente salvou um passageiro da queda de um avião que matou centenas. Uma teologia dos milagres negligente pode ser cruelmente rude.”

Exemplo de teologia equivocada é do jornalista científico – assim ele se apresenta na “orelha” do livro – Fred Heeren, que escreveu:

“Uma vez que aceitamos a ideia de que o universo teve uma primeira causa também devemos aceitar o fato de que todos os milagres da bíblia (desde a abertura do Mar Vermelho até a ressurreição de Jesus Cristo) são perfeitamente plausíveis e facilmente explicáveis. O que pode ser tão difícil para o Deus que criou todo o universo?” (HEEREN, 2008, p. 123)

Pondera Robert Mesle, professor de filosofia e religião:

*“Moralmente podemos retratar um amor divino tão grande que, em todos os eventos e a cada momento, Deus está fazendo tudo dentro de seu poder para trazer algo de bom, avidamente nos chamando para a cooperação de todos os que irão responder. Mas Deus trabalha com um mundo no qual a capacidade de agir é tanto fundamental quanto irrevogável, pois Deus não pode forçar as decisões do mundo. Cientificamente, podemos ver aqui um Deus agindo em tudo, de modo que não existem eventos **isolados** que sejam ‘atos de Deus’, que fiquem fora do curso da natureza. A visão crucial aqui é a do poder divino como sempre presente e ativo, mas como sempre, inevitavelmente Inter-relacionado com as forças causais do mundo”.* (MESLE, 2013, p. 194)

7. Imortalidade

A esperança na **imortalidade** não é condição para crer em Deus alegremente e viver de acordo com uma ética elevada graças a esta reunião com Deus. Israel o fez durante quase mil anos, enquanto todas as culturas ao seu redor cultivavam alguma forma de fé na imortalidade.

“Deveríamos estar dispostos a construir aqui uma experiência plena de sentido e significado, mesmo sem vida eterna, e a deixar de lado todas as expectativas e pretensões relativas a um tal futuro. Feito isso, nada nos impede de receber em nós essa vida eterna como presente surpreendente e imerecido, sob qualquer forma que nos seja oferecida”. (p. 159)

É possível apoiar-se nas reflexões de filósofos como Lévinas e Whitehead. Em sua formulação moderna, essa certeza, cheia de confiança, ensina que o amor de Deus – outro nome para a essência de Deus - não passa despercebido por nós, mas sim toma em nós forma e figura específica. Nosso amor é, ao mesmo tempo, marca de seu ser na profundidade do nosso. E esta marca participa em sua eternidade.

Nada do que nos acontece, por isso mesmo temporal e condicionado, é capaz de nos separar dele, ou seja, de amortecer ou de afogar o crescimento do amor em nós. Nem mesmo a morte. Nem ela muda nada na realidade de nossa pequena ou grande união com o mistério divino. (p. 163)

“Dios esta patente en el ser mismo del hombre - como fundamentante. El hombre consiste en estar vivendo de Dios, y, portanto, siendo em El”. (Xavier ZUBIRI)

“Viemos de Deus e somos destinados para Ele... É uma destinação genética, mas inédita a cada dia.” (ALTEMEYER, 2021, p.75)

A modernidade tem razão, por certo, quando afirma que a consciência determinada bioquimicamente termina com a morte bioquímica. No entanto não se depreende daí que não tenha sentido falar de paz, luz, consolo, bem-aventurança, para ir além dessa fronteira. (p. 164)

“Ludwig Feuerbach, no seu capítulo sobre a crença na imortalidade, apresentou uma interpretação correta, quando considera Deus o céu não revelado e o verdadeiro céu o Deus revelado. Com efeito, Deus e o céu são idênticos: ‘No presente Deus é o reino dos céus, no futuro o céu é Deus’”. (KÜNG, 1992, p. 186)

Se a união com o amor que é Deus não é exatamente o mesmo que chamamos **de céu ou gozo eterno**, então simplesmente não há céu algum.

8. Céu/purgatório/inferno (“novíssimos”)

Voltando a Roger Lenaers:

Nenhuma parte da doutrina cristã foi sacudida e jogada para todo lado como a doutrina sobre os “novíssimos”. Se lamentavelmente, não resta outra alternativa senão renunciar a viagem ao outro mundo pelo fato desse outro mundo ter desaparecido, o que restará então da confiabilidade da Sagrada Escritura e do restante da tradição nesse campo?

Tudo acontece por causa da modernidade. Deixando de lado o epicurismo, toda antiguidade e mais ainda a Idade Média consideravam óbvia a continuação da vida após a morte, não importa como. A morte era tida, sim, como uma fronteira, mas nunca a estação final. (p. 157)

A cultura ocidental moderna representa uma verdadeira mutação na evolução humana, e não só no nível da técnica. É a única cultura que rompeu a casca de uma visão pré-científica, e, portanto, mitológica, do mundo. Tornou-se consciente da autonomia do universo e do ser humano, e compreendeu as consequências de tudo isso. Despediu-se de um mundo exterior ao nosso e do Deus que nele vivia.

Sem bioquímica não há vida e sem cérebro não há consciência. E a morte é o término irrevogável de todos os processos bioquímicos. Falar de uma vida eterna com bem-aventurança ou tormentos, com prêmio ou castigo, não faz o menor sentido quando já não há consciência.

O cristão de antes não fazia ideia de quão devedor era, em suas próprias representações crentes, das ideias filosóficas dos gregos pagãos. Os pensadores gregos convenceram os cristãos de que alma e corpo pertenciam a dois mundos distintos, e que na morte cada um seguia para o seu próprio caminho: o corpo volta a terra, da qual fora tomado, enquanto a alma imortal vai ao outro mundo, no qual teve sua origem e onde tudo é eterno. (p. 158)

**Como pode-se, então, crer em Jesus Cristo como um ser vivente e consciente?
Estamos diante de um beco sem saída?**

É possível conciliar ambas as coisas e permanecer ainda na linha da tradição, apesar da desapareição do outro mundo e da finalização do substrato químico da consciência. Contudo será preciso reformular o tema. (p. 159)

“O céu - recompensa eterna - também este conceito é uma expressão diluída de outra coisa, isto é, do amor, da quintessência do bem, a única coisa proveitosa e digna de ser cobiçada. Porém torna-se mitologia pura quando tomamos os vocábulos ‘céu’ ou ‘paraíso’ como linguagem descritiva, e sem crítica o transplantamos aquilo que nos sobrevirá se nos deixarmos agarrar pelo amor. Céu não é um lugar, é um modo de ser”.

*Assim se dissolve aquele polo oposto ao céu chamado **inferno**. Seu estatuto se tornou difícil há muito tempo na consciência de fé moderna. Há meio século tem sido marginalizado.*

*O que é válido para o inferno de certa forma vale também para o **purgatório**, que não tem base nas Escrituras.*

Numa maneira teonôma de pensar, não apenas o inferno deve desaparecer, como também o purgatório, com suas espúrias derivações. Pois, quando nessa mentalidade se fala de Deus, a palavra castigo carece absolutamente de sentido. O castigo é uma obra humana, nascida por sua vez da necessidade de dirigir as coisas neste mundo, de algum modo para os trilhos corretos, e da impossibilidade de alcançá-lo de outra maneira senão pelo meio de sanções. Por ser o castigo algo tão primitivo, é também completamente inapropriado para descrever a relação de Deus com o ser humano

Por isso, não há lugar no pensamento teonômico, nem para o inferno, como castigo, nem para o céu como recompensa.” (p. 168)

O teólogo Hans Küng (KÜNG, 1992, p. 198) pergunta:

“É possível superar essa história do inferno?”

*“A resposta só pode ser dada, se voltarmos a origem e se tomarmos como referência aquele em nome de quem tudo isso foi encenado, Jesus de Nazaré. Se observarmos Jesus, verificamos que **não pregava inferno**, embora falasse do inferno e partilhasse as ideias apocalípticas dos seus contemporâneos. Em parte alguma, Jesus mostra interesse direto pelo inferno. Sua mensagem não é uma mensagem ameaçadora, mas sim uma mensagem de alegria. O Homem deve confiar nessa mensagem, no próprio Deus, que não engana.” (p. 188)*

“Independentemente da interpretação das Sagradas Escrituras, a ‘eternidade’ do castigo do inferno não pode, de modo algum, ser entendido como absoluta. É uma contradição crer no amor e na misericórdia divinas e simultaneamente aceitar a existência de um local de

sofrimento eterno. Não, o ‘castigo do inferno’ tal como tudo em Deus, está subordinado à vontade e a magnanimidade de Deus.

Todos os Homens - mesmo os grandes criminosos da história universal, tais como Hitler e Estaline - serão salvos? Torna-se necessário uma dupla delimitação, a saber:

- *não podemos partir do princípio de que todos os homens estão destinados a bem-aventurança, o que não faz justiça a seriedade da vida, ao significado das decisões éticas, nem ao peso da responsabilidade de cada um;*
- *também não podemos partir de pressuposto contrário, de uma predestinação positiva de uma parte da humanidade à condenação. Uns estariam predestinados à salvação divina, outros à condenação.*

*Para sermos sinceros esta questão tem que ficar em aberto, porquanto não existem declarações uniformes no Novo Testamento. Deveríamos levar a sério duas tendências - a **responsabilidade pessoal** de cada Homem e a **graça divina**, que recai sobre todos os Homens.”*
(205)

O Credo não termina com a menção a morte, ao demônio, nem ao inferno, mas sim com a menção à ressurreição dos mortos e a vida eterna.

“Acredito com uma confiança sensata, com uma fé esclarecida, ou uma esperança provada que o reino da perfeição não é um reino humano, mas sim o reino de Deus, o reino da salvação definitiva, da justiça cumprida, da liberdade total, da verdade única, da paz universal, do amor infinito e da alegria transbordante, sim, da vida eterna”. (p. 210)

Para o professor Fernando Altemeyer Junior, Mestre em Filosofia e Teologia e Doutor em Ciências Sociais, “... quando passarmos pela hora da morte, seremos virados pelo avesso e veremos a beleza daquilo que Deus bordou em nós, no corpo e na alma: essa beleza do amor que fecunda nossa vida, que é o segredo da verdadeira beleza pessoal. Nada da beleza se perderá, tudo da feiúra provisória se desvanecerá.” (ALTEMEYER, 2021, p. 111)

9. Vida eterna

“...a morte não é para ser temida, ela é apenas uma passagem, pois somos um fragmento eterno do cosmo.” (FERRY, 2010, p. 42)

“A vida como tal não conhece a morte; ela é mais original do que a morte, e sobrevive a cada morte; de fato, como Leibniz argumentou, a vida como processo conhece apenas metamorfoses e não extinções. De uma criatura morta só podemos realmente dizer

que ela deixou de aparecer como viva, não que sua vida, sua parte na vida, cessou de “ser”.
(MILBANK, 2023, p. 62)

Com a palavra duas teólogas feministas (LA DUC, 2007, p. 214 ss):

Rosemary Radford Ruether (*1936) afirma que as mulheres estão menos preocupadas com a imortalidade pessoal, mas pondera: “*Nosso chamado não é que nos interessemos pelo significado eterno de nossa vida? E a religião não deveria tornar isso o foco de sua mensagem? Nossa responsabilidade é usar o nosso tempo de vida para criar uma comunidade justa e boa para nossa geração e para nossos filhos. Está nas mãos da Sabedoria Santa criar, da nossa luta finita, verdade e ser para a vida eterna*”.

Elizabeth A. Johnson (*1941), embora considere “*extremamente difícil dizer algo concreto sobre nosso destino após a morte ...simplesmente não sabemos o que nos está reservado*” argumenta: “*O que ocorre durante a história de uma pessoa não desaparece no nada como se a pessoa tivesse se extinguido, mas tampouco ela continua a existir em outro estado temporal. Em vez disso, como um momento intrínseco na morte em si, as pessoas se recapitulam a si mesmas numa livre autoafirmação, num endosso radical à opção fundamental de sua vida, e assim se completam em Deus[...]. Talvez nossa purificação final se realiza no momento após nossa morte por um tipo de encontro cauterizante com a Divindade.*”

O Irmão David Steindl-Rast, monge beneditino, escreveu o livro *Além das Palavras: vivendo o Credo Apostólico, prefácio de Sua Santidade Dalai Lama*. Um livro culto e poético, escrito com o coração. É do monge a citação a seguir:

“*A fé na VIDA ETERNA ainda pertence àquela parte do Credo que começa com CREIO NO ESPÍRITO SANTO. Espírito é VIDA, e fé na vida é a culminação da fé no Espírito.*

ETERNA é uma construção equivocada desta frase no texto original do Credo. Ela sugere um tempo interminável, enquanto o ‘vitam aeternam’ do latim poderia ser traduzido com mais precisão como ‘além do tempo’, ou seja, a vida livre das limitações do tempo.

Este artigo da fé não nos prende a nenhuma imagem em particular, ou teoria de ‘vida após a morte’. Não se atém ao ‘depois’, mas expressa um compromisso com a vida [...] em abundância (João 10,10). A vida com a qual nos comprometemos com alegria nessa fase final do Credo não está presa a nenhum ‘antes’ ou ‘depois’, mas é a vida que está livre da escravidão ao passado e ao futuro. Celebremos essa VIDA aqui – onde quer que estejamos – e no grande AGORA que dissolve o tempo”. (STEINDL-RAST, 2014, p. 191)

“*Em todas as nossas expressões referentes a vida eterna, não devemos perder de vista que estamos apontando desajeitadamente ao bem – completamente incognoscível, mas*

indispensável e ilimitado – de tornar-se uno com Deus e, portanto, a plenitude que pode atingir em nós o amor.

A vida eterna começa desde já. Às vezes, o bem estar e a riqueza da vida eterna se ascendem em nossa psique na forma de paz interior, sentido, libertação, alegria, e tudo isso não tem outra fonte senão o desprendimento.” (p. 165)

Crer na **vida eterna** é o mesmo que crer em Deus, em outras palavras. Crer em Deus é o mesmo que fazer uno com o mistério original, pois crer é uma atitude de louvor e amor, um processo dinâmico de entrega, perda de si mesmo e unificação. Quem confessa, junto com a tradição cristã, que a melhor maneira de apontar para a essência do mistério original é o conceito de amor, deveria confessar também que, quanto mais cresce o amor, maior é a união com Deus, e maior a participação em sua realidade, apesar da morte biológica. Aqui cessa nossa capacidade de descrever mais exatamente a realidade. (p. 163)

“O que acabamos de dizer partiu do fato de sermos, não uma alma espiritual habitando um corpo, e sim uma faísca da forma como Deus expressa a si mesmo... Deus pertence a definição de nosso ser e nós devemos olhar-nos mutuamente a partir de Deus. Somos esta expressão de Deus não como eu (ego) e sim como humanidade.

Assim como uma árvore produz constantemente novas folhas para alcançar sua forma completa, assim o universo pleno de Deus produz sempre mais seres humanos para ser cada vez mais divino, cada vez mais amor. Pertencemos para sempre e eternamente ao todo, e cada um de nós participa a seu próprio modo da riqueza do todo”. (p. 166)

Para o filósofo Luc Ferry:

“Não se deve mais procurar o divino em algum termo grandioso, situado radicalmente fora da humanidade, mas no amor que se encontra no coração de cada um de nós. ‘Somente o amor’, escreveu Drewermann, ‘crê na imortalidade. Só podemos descobrir isso ao lado de uma pessoa que nos ama, da mesma forma que amamos. Só se pode chegar aos céus a dois...’” (FERRY, 2010, p.76)

Para o físico e Prêmio Nobel da Paz Alternativo, Hans-Peter Dürr:

“O que o teólogo chama de ‘sopro de Deus’ é uma estrutura fundamental que ocorre também na descrição das ciências naturais. Não há o imaterial em contraposição ao material. Todo é, por assim dizer, ‘sopro de Deus’. O essencial que está por trás de tudo é, portanto, o espírito, que vai concretizando sempre de novo no processo de evolução”. (LIMBECK, 2016, p. 109)

“Deveríamos estar felizes por nem todo mundo ser cristão, ou judeu ou budista, porque estas diferentes religiões nos possibilitaram explorar e preservar uma vasta gama de valores e de tradições do que qualquer religião sozinha poderia”. (MESLE, 2013, p. 206)

“A globalização significa: as culturas civilizam-se reciprocamente”. (SLOTTERDIJK, 2019, p. 200)

“Estou convencido” – escreve o filósofo Gianni Vattimo – “de que a história da salvação anunciada pela Bíblia se realiza nos eventos da história humana... passa por nós por meio dos acontecimentos da modernidade e eventualmente de sua crise. Uma história da salvação que ocorre hoje como espiritualização do cristianismo”. (VATTIMO, 2004, p. 55)

“Como no caso de outras religiões do mundo, cristianismo dividiu-se numa variedade de subsistemas sectários, cujas fronteiras doutrinárias em muitos casos se enrijeceram de tal modo que tornaram extremamente difícil o diálogo”. (HAUGHT, 1998, p. 181)

“... um número muito grande de cristãos caiu na armadilha de versões flagrantemente ideológicas do Evangelho, ou seja, versões que de uma forma ou de outra são manipuladas pelo que São João, sombriamente, chama de “poderes do mundo”. (EAGLETON, 2011, p. 60)

A igreja católica nos últimos anos, principalmente a partir de João XXIII, com altos e baixos, vem tentando se modernizar e rever sua teologia. O processo é lento, pouco ousado, e seus reflexos na prática - na revisão dos textos doutrinários e na liturgia – são, praticamente, imperceptíveis. É raro ouvir uma pregação, em uma missa, minimamente compatível com os conhecimentos que já se dispõe sobre Jesus de Nazaré e o Novo Testamento.

Há um acordo, entre os cristãos mais lúcidos, de que a salvação é **voltar a Jesus de Nazaré**.

Como não há caminho para a paz - a paz é o caminho –, assim também não há caminho para o Reino de Deus – o Reino de Deus é o caminho. “E nosso fim”, como disse Santo Agostinho, “não é mais do que do que chegar ao reino que não tem fim”.

O Papa Francisco, estrategicamente, na minha avaliação, evita o debate teórico e volta-se para o agir, conclamando o cristianismo e a humanidade, em geral, a voltar-se para a **casa comum** e a **fraternidade universal**.

Seu projeto de uma economia voltada para o homem e auto sustentável, que recebeu o apoio de economistas de renome internacional, encontra-se apenas começando. Um projeto extremamente necessário, oportuno e urgente.

“A acumulação de poder e riqueza na mão de poucos, deixando 820 milhões de pessoas famintas, 1,2 bilhões com formas moderadas de insegurança alimentar, ao lado de 830 milhões de pessoas obesas”. (Relatório da FAO, de 18/08/2019)

“A face atual do Deus ao qual a maioria dos crentes adere é a de um ser totalmente amoroso, envolvente, bom, protetor, em suma, maternal! A figura tradicional do ‘Deus pai’, que dita a lei pune os pecadores, progressivamente transferiu-se a figura de um ‘Deus-mãe’ que dá amor e reconforta... O culto da Virgem Maria há muito tempo veio compensar no catolicismo o excesso masculino”. (LENOIR, 2013, p. 210)

“Fé, esperança, amor – esta é a expressão do sentido da vida para os cristãos, ‘mas mais importante é o amor’ (1 Cor 13,13). Ser cristão pode significar um alargamento, um aprofundamento, um enraizamento, sim, uma radicalização da qualidade da existência humana, justificando a existência humana na fé em Deus e seguindo o modelo de vida de Jesus de Nazaré”. (KÜNG, 1992, p. 216)

Comenta José Antonio Pagola:

“Importantes especialistas em ciências humanas asseguram que, de maneira geral, a maioria das pessoas só vive dez por cento ou até menos do que poderiam viver e desfrutar.

Só vemos uma pequena parte da beleza que nos rodeia. Escutamos unicamente alguns fragmentos da música, da poesia e da vida que ressoam ao nosso redor.

Só estamos abertos a um campo muito limitado de emoções, sentimentos e pensamentos. Nosso coração só conhece uma parte das experiências possíveis de ternura e amor.

Estou convencido de que é assim. Muitas pessoas morreram sem ter vivido realmente com certa intensidade. Algo semelhante acontece com muitos crentes. Morreram sem ter conhecido, por experiência pessoal, o que poderia ter sido para elas uma vida animada pela fé.” (PAGOLA, 2010, p. 124)

E por que não pensar que a vida, na morte, como no parto, assume outro modo de ser para, exatamente, realizar todo o potencial que cada um tinha e não realizou?

A primeira palavra do Credo é “Eu”; a última, “Amém” reverbera com o “nós” da comunidade. Judeus e muçulmanos também resumem a sua fé na mesma palavra: AMÉM. Dessa maneira, as três tradições de Amém do Ocidente, juntas, formam um círculo mais amplo da fé compartilhada. Além disso, AMÉM está ligado a *Aum* ou *Om*, a sílaba sagrada de uma comunidade ainda mais ampla. Entre os hindus, os jainistas e os budistas, *Om* também expressa aprovação e bênção e nos une aquele que a pronuncia com fé no horizonte derradeiro da experiência humana, como AMÉM faz.

“Na Nona Sinfonia de Beethoven, ouvimos a famosa melodia da “Ode à Alegria” de Schiller, de início suave, quase de forma inaudível, na parte de baixo, mas gradativamente cada instrumento vai entrando e até mesmo o coro de vozes humanas vai se juntando e a repete

triunfalmente. De uma maneira semelhante, cada tradição espiritual pega o tema da fé e lhe dá expressão na sua própria voz, através de suas próprias crenças específicas.

Somente toda a orquestra das tradições espirituais do mundo podem produzir adequadamente o som do AMÉM da fé humana em resposta à fidelidade de Deus”. (STEINDL-RAST, 2014, p. 195)

O teólogo católico Stephen C. Rowan, em seu livro sobre o Credo Nicênico¹², afirma que os credos só podem ter algum propósito útil hoje se forem apreciados como metáfora e poesia. A poesia, diz ele, não é uma forma de linguagem menos exata, mas mais, e precisamos aprender a ‘ler simplesmente a linguagem simbólica’. É chegada a hora de recuperar o termo ‘Caminho’ para o cristianismo e ‘seguidores do caminho’ para os cristãos. (COX, 2015, p. 106)

“...A tradição como tal não é um argumento, mas há uma riqueza de argumentos pertencentes à tradição que merece ser levada tão a sério quanto os que circulam hoje.” (ÖSLE, 2022, p. 162).

“Novos dogmas, formulações renovadas, evoluções reais e progressos são características constantes do Cristianismo, como de todas as religiões. Ninguém sabe como o Cristianismo aparecerá quando as águas da fé unirem-se às de outras religiões para formar um rio mais caudaloso, onde os povos do futuro saciarão sua sede de verdade, bondade e salvação.” (PANIKKAR in TEIXEIRA, 2012, p. 83)

Pondera John Spong, bispo episcopal anglicano:

“Deus, para mim, é a fonte da vida que chama a todos, em toda parte, para a plenitude da vida. Esse é o Deus que vejo através da lente de minha época e meu local na história, o Deus que creio ter encontrado em Jesus de Nazaré.” (SPONG, 2006, p. 195)

“Jamais voltarei a afirmar que meu Cristo é o único caminho para Deus, pois esse é um ato extremo de tolice humana.” (Idem, p. 246)

Sob o título **Fim do do Mundo**, Leonardo Boff, em breve texto escrito para o Serviço Koinonia, em 24/10/2003, apresenta uma outra leitura possível sobre o tema, à luz dos avanços da Ciência contemporânea. Para esta nos proporcionou tais mudanças que modificaram nossa visão da realidade e do futuro.

– **A primeira** foi a Teoria da Relatividade, de Einstein, conjugada com a mecânica quântica de Heisenberg e Bohr. Estas teorias nos obrigam a entender o universo como energia,

¹² *Nicene Creed: poetic words for a prosaic world*

estruturada sempre em campos, sendo a própria matéria uma forma condensada de energia. O universo é um jogo incessante de energias, que irrompe do vazio quântico e está em permanente interação, dando origem a todos os seres.

– **A segunda**, derivada da primeira, foi o descobrimento do caráter probabilístico de todos os fenômenos. Cada ser representa a concretização de uma probabilidade. Mas, inclusive sendo isto, segue contendo dentro de si outras infinitas probabilidades que podem surgir. E, quando surgem, o fazem dentro da seguinte dinâmica: ordem-desordem-nova ordem. Assim a vida surgiu em um momento de alta complexidade da matéria em desordem, que se autoordenou inaugurando uma nova ordem que conseguiu sustentabilidade e capacidade de autoproduzir-se.

– **A terceira**, a ecologia integral, apreende e articula os mais distintos níveis de realidade vendo-as como movimentos do único e imenso processo evolutivo do universo, que possui caráter sistêmico, pan relacional e aberto para formas cada vez mais completas, ordenadas e aptas a realizar sentidos cada vez mais altos e conscientes. Esta seria a flecha do tempo e o propósito do universo: não dar simplesmente a vitória ao mais forte (Darwin), mas realizar também virtualidades dos mais débeis (Swimme). (SWIMME).

Estas três dimensões nos oferecem outra visão do futuro da vida e do universo. Este está, porém, em Gênese, pois não terminou de nascer. É aberto, autoorganizativo, criativo, tem futuro e, por isso, está carregado de propósito.

– **A vida** busca, por todos os meios, autoinventar-se e perpetuar-se. Nossos mais permanentes desejos são viver sempre, mais e melhor. **A morte**, ela mesma, seria uma invenção inteligente da própria vida para libertar-se dos limites espaço-temporais e poder continuar o jogo de relações do Todo e com o Futuro absoluto. Por isso ela faz a travessia do tempo para a eternidade, para continuar ali sua trajetória de futuro e de expansão. Cairemos nos braços de Deus – Pai e Mãe – e viveremos uma vida que não conhece mais entropia, só futuro sem fim.

Para Teilhard de Cardin, arqueólogo, teólogo e místico, *“os seres humanos evoluirão de tal forma que explodirão e implodirão para dentro do Criador. Então se realizará o verdadeiro gênese. Ele não estaria no começo, mas no fim do processo cosmogênico.”* (Leonardo Boff, in MOREIRA, 2023, p. 22)

POST SCRIPTUM

A caminhada continua...

“A morte, ela mesma, seria uma invenção inteligente da própria vida para libertar-se dos limites espaço-temporais e poder continuar o jogo de relações do todo com o Todo e com o Futuro absoluto...”

(Leonardo Boff)

Este livro – “O resto é detalhe” – foi basicamente escrito durante a pandemia de Covid 19, quando Wanda e eu permanecemos reclusos durante cerca de 2 anos. Começávamos a pôr em prática rápidas saídas de casa, quando em março de 2023 Wanda foi acometida de uma crise, aguda e dolorosa, de fibromialgia. Debelada a crise, as dores foram substituídas por uma fraqueza permanente, que foi se manifestando como insuficiência cardio-respiratória. Muitas noites seguidas, entre 3h e 3:15h, ela se sentava na cama e aspirava profundamente, buscando ar...

No dia 27 de novembro de 2023, Wanda faleceu suavemente, pelo quê, ainda uma vez, sou grato ao Criador.

Cinquenta anos de vida juntos, “bem vividos”, de corpo e alma, como se diz. Nunca pensei que a separação fosse tão doída! Preparei, com minha filha, a Missa de 7º dia, na qual foi inserido o Poema de santo Agostinho, transcrito a seguir. Pus-me a rever o final deste livro e a repensar, em profundidade, vida e morte.

A **vida**, fenômeno descrito, em breves pinceladas, no Capítulo 2, agora inteligente e amorosa, presente, tão intena e profunda, em Wanda, com quem partilhei, durante 50 anos, tudo ou quase tudo que um ser humano pode partilhar, já não cabia no corpo dela, enfraquecido pela idade (92 anos) e suas consequências. “A vida não é tirada, é transformada”, afirma a experiência cristã, ou, simplesmente, a espiritualidade humana.

Compartilho com você, leitor, este final de um livro, em grande parte inspirado/escrito com *Wanda Mary Rohlfs Nunes*, hoje com-vivendo com seus ancestrais, cerca de 50 bilhões de ex/supra-humanos.

Até breve!

18/01/2024

A Morte

Poema de Santo Agostinho¹³ (345-430)

*“A morte não é nada.
Eu somente passei
para o outro lado do Caminho.
Eu sou eu, vocês são vocês.
O que eu era para vocês
continuarei sendo
Me deem o nome
que vocês sempre me deram.
Falem comigo
como vocês sempre fizeram.
Vocês continuam vivendo
no mundo das criaturas,
eu estou vivendo
no mundo do Criador.
Rezem, sorriam, pensem em mim.
Rezem por mim.
Que meu nome seja pronunciado*

*como sempre foi,
sem ênfase de nenhum tipo.
Sem nenhum traço de sombra
ou tristeza.
A vida significa tudo
o que ela sempre significou.
O fio não foi cortado.
Porque eu estava fora
de seus pensamentos,
agora que estou apenas fora
de suas vistas?
Eu não estou longe;
apenas estou
do outro lado do Caminho.
Você que aí ficou, siga em frente.
A vida continua, linda e bela
como sempre foi.*

¹³ Filósofo e teólogo - (DOS SANTOS, Gomes, p. 112-113, 204)

POST-POSTSCRIPTUM

Profissão de Fé Divina

*“Teologia é, na verdade, poesia, poesia relativa a Deus,
eficaz não porque prova alguma coisa,
mas porque penetra o coração”.*

(Francisco Petraca - poeta, humanista (1304-1374))

“Deus criou o homem, porque gostava de ouvir histórias.”

(Elie Wiesel (1928-2016) – sobrevivente do Holocausto – Prêmio Nobel da Paz (1986))

*“O último significado do cristianismo, para mim, é muito preciso... A mensagem não
é: confiamos em Deus. A mensagem é: Sim, Deus confia em nós. O significado da
morte de Cristo, para mim, é o exato oposto: Deus fez a aposta em nós.”*

(ZIZEK, in MILBANK, 2023, p. 213)

*Creio em meu Filho,
Verdadeiro Criador de Tudo¹⁴,
concebido pelo meu Espírito Amoroso
Gerado no seio do Cosmo,
pacientemente cuidado
ao longo de séculos e séculos
Encarnado pelo meu Espírito,
consustancial a nós,
nascido no seio da fecunda Gaia.
Creio nele, único, livre,
senhor do próprio destino.
Espero que se cuide,
cuidando uns dos outros,
para conviverem comigo
por toda a eternidade!
Que não caia na tentação
de se perder em seus caminhos
não usufruindo o Bom, o Belo e a Verdade.
Torturado pela fome, frio e violência,*

*padeceu, ignorado, desprezado e odiado.
Foi crucificado sob a mentira,
sepultado pela indiferença e desamor.
Ressuscita esperançoso a cada geração.
Subiu aos céus do amor compartilhado,
e está à minha direita e à esquerda.
Que em mim confie, como nele confio.
Quando eu voltar, sem nunca ter ido,
para nos revermos, os vivos e os mortos,
iremos gozar da plenitude do Amor!
Creio no Espírito Santo,
na comunhão com os homens,
na remissão dos pecados,
na ressurreição da carne,
na vida eterna.*

Amém!

¹⁴ Miguel Nicolelis - cf. Cap. 16

BIBLIOGRAFIA

- ALONSO, Juan José Hernández. **Jesus de Nazaré, suas palavras e as nossas:** o que se pode afirmar sobre sua vida e sua mensagem. Petrópolis/RJ: Vozes, 2022.
- ALTEMEYER Junior, Fernando. **O Mistério do Tempo:** a fé como memória, vivência e horizonte. Petrópolis/RJ: Vozes, 2021.
- AMALADOSS, Michael. **O conflito criador:** meditações teológicas. São Paulo: Loyola, 2001.
- _____. **Jesus, o profeta do oriente:** imagem e representação do Messias na tradição cristã, hindu e budista. São Paulo: Pensamento, 2009.
- ARMSTRONG, Karen. **Em nome de Deus:** o fundamentalismo no judaísmo, no cristianismo e no islamismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- _____. **Uma história de Deus:** quatro milênios de busca do Judaísmo, Cristianismo e Islamismo. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- ASLAN, Reza. **Deus:** uma história humana. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.
- ASSIS, José Carlos. **A razão de Deus:** ciência e fé, criacionismo e evolução, determinismo e liberdade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.
- ASSMANN, Hugo; JUNG, M. Sung. **Deus em nós:** o reinado que acontece no amor solidário aos pobres. São Paulo: Paulus, 2010.
- BASLEZ, Marie-François. **Jesus:** dicionário histórico dos Evangelhos. Petrópolis/ RJ: Vozes, 2018.
- BETTO, Frei. **A Obra do Artista:** uma visão holística do Universo. São Paulo: Ática, 2002.
- BLANK, Renold J. **Escatologia do mundo:** o projeto cósmico de Deus. São Paulo: Paulus, 2001.
- BLANK, Renold J. **A face mais íntima de Deus:** elementos-chave na Revelação. São Paulo: Paulus, 2011
- BOFF, Leonardo. **A Casa comum, a Espiritualidade, o Amor.** São Paulo: Paulinas, 2017.
- _____. **Brasil:** concluir a refundação ou prolongar a dependência. Petrópolis/RJ; Vozes, 2018.
- _____. **Cristianismo:** o mínimo do mínimo. Petrópolis/RJ. Vozes, 2011.
- BONHOEFFER, Dietrich. **Reflexões sobre a Bíblia.** São Paulo: Loyola, 2008.
- CAMPOS, Breno Martins (org.) **Fundamentalismo:** terminologia, hermenêutica e apontamentos. São Paulo: Recriar, 2020.
- CAPELLO, Irene Martins. **O desafio do diálogo interreligioso no pensamento de Jacques Dupuis.** Bauru, SP: EDUSC, 2005.

CASTILLO, José M. **A humanidade de Jesus**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2017

_____. **Espiritualidade para insatisfeitos**. São Paulo: Paulus, 2011.

_____. **Jesus: a humanização de Deus**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2015.

CIPOLLA, Caria M. **As leis fundamentais da estupidez humana**. São Pulo — Planeta, 2020.

COCOLINI, Giacomo. **Johann Baptist Metz**. São Paulo: Loyola, 2011.

COLLINS, Francis S. **A linguagem de Deus: um cientista apresenta evidências de que Ele existe**. São Paulo: Gente, 2007.

_____. **A linguagem da vida: o DNA e a revolução na sua saúde**. São Paulo. Gente, 2010.

CONE, James H. **Deus dos oprimidos**. São Paulo: Recriar, 2020.

_____. **Teologia Negra**. São Paulo: Recriar, 2020.

CORBI, Maria. **Por uma espiritualidade leiga**. São Paulo: Paulus, 2010.

COSTA, Antônio Carlos. **Azorrague: os conflitos de Cristo com instituições religiosas**. São Paulo: Mundo cristão, 2018.

COSTA, Valeriano Santos da. **O amor de Deus: teologia da redenção**. São Paulo: Paulus, 2019).

COX, Harvey. **O futuro da Fé**. São Paulo: Paulus, 2015.

CHRISTIAN, David. **Origens: uma grande história do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

CRUZ, Eduardo R. da. **Teologia e Ciências Naturais: Teologia da Criação, Ciências e Tecnologia em diálogo**. São Paulo: Paulinas, 2011.

DIEZ, Felicissimo Martinez. **La Salvación**. Madri: San Pablo, 2019.

DOS ANJOS, Fellipe. **Biopolíticas do sacrifício**. São Paulo: Recriar, 2019.

DOS SANTOS, Gomes. **Filosofia e a condição humana no mundo**. Belo Horizonte: Ramallete, 2014.

DAWKINS, Richard. **A Grande História da Evolução**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

DOLORES, Aleixandre; VELASCO, Juan M.; PAGOLA, José A. **Olhos fixos em Jesus: nos umbrais da fé**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2014.

DRAWIN, Carlos Roberto et al. **Destinos da religião na contemporaneidade: um diálogo com a psicanálise, a filosofia e as ciências da religião**. Curitiba/ Pr:CRV, 2015).

DUQUOC, Christian. **O único Cristo: a sinfonia adiada**. São Paulo: Paulinas, 2008.

EAGLETON, Terry. **O debate sobre Deus: razão, fé e revolução**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.

ECO, Umberto; MARTINI, Carlo Maria. **Em que creem os que não creem?** Rio de Janeiro: Record, 2009.

ELIADE, Mircea. **História das crenças e das ideias religiosas II:** de Guatama Buda ao triunfo do cristianismo. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

ELLIOTT, Neil. **A arrogâncias das nações:** a Carta aos Romanos à sombra do Império. São Paulo: Paulus, 2010.

ERIBON, Didier. **Retorno a Riens.** Belo Horizonte: Editora Ayiné, 2020.

ESTRADA, Juan Antonio. **Da salvação a um projeto de sentido:** como entender a vida de Jesus. Petrópolis/RJ: Vozes, 2015.

FERREIRA, Vicente de Paula. **Cristianismo não religioso no pensamento de Gianni Vattimo.** Aparecida. SP; Editora Santuário, 2015.

_____. **Vulnerabilidade pós-moderna e cristianismo.** Aparecida/SP: Santuário, 2017.

FERRY, Luz. **Aprender a viver:** filosofia para os novos tempos. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

FOX, Matthew. **Pecados do espírito, bênçãos da carne:** lições para transformar o mal na alma e na sociedade. Campinas/SP: Verus, 2004.

FREITAS, Maria Carmelita. **Teologia e Sociedade:** relevância e funções. São Paulo: Paulinas, 2006.

GIBERT, Pierre. **Como a Bíblia foi escrita:** introdução ao Antigo e ao Novo Testamento. São Paulo. Paulinas, 1999.

GLEISER, Marcelo. **Cartas a um jovem cientista:** o universo, a vida e outras paixões. Rio de Janeiro: Alfa Books, 2017.

_____. **Criação imperfeita:** cosmo, vida e código oculto da natureza. Rio de Janeiro: Record, 2010.

_____. **O fim da terra e do céu:** o apocalipse na Ciência e na Religião. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

GONÇALVES, Alonso. **Teologia Protestante das religiões:** uma proposta teológica em perspectiva latino-americana. São Paulo: Recriar, 2020.

GOULART, Eugênio Marcos Andrade. **De Lucy a Luzia:** a longa jornada da África ao Brasil. Belo Horizonte: Coopmed, 2006

GRESHAKE, Gisbert. **Por que o Amor de Deus nos deixa sofrer?** Aparecida/SP: Santuário, 2010.

GUIMARÃES, Joaquim Giovanni Mol et al. **O novo humanismo:** paradigmas civilizatórios para o século XXI, a partir do Papa Francisco. São Paulo: Paulus, 2022).

- GULONDA, Orlando e ANDRÉ, Elias (org.). **Manifesto Eclesiástico**: reflexões sobre missa, espiritualidade e política no contexto angolano. São Paulo: Recriar, 2018.
- GUTIERREZ, Gustavo. **Onde dormirão os pobres?** São Paulo: Paulus, 2003.
- HAIGHT, Roger. **Jesus, símbolo de Deus**. São Paulo: Paulinas, 2003.
- _____. **O futuro da cristologia**. São Paulo: Paulinas, 2008.
- HALIK, Tomás. **Paciência com Deus**. São Paulo: Paulinas, 2012.
- HAMMES, Érico João. **Teologia e evolução**: uma hermenêutica de aliança *in* Teologia e Ciências Naturais. São Paulo: Paulinas, 2011.
- HARARI, Yuval Noah. **Sapiens**: uma breve história da humanidade. Porto Alegre/RS: L&PM, 2017.
- HAUGHT, John F. **Cristianismo e Ciência**. São Paulo: Paulinas, 2009.
- _____. **Mistério e Promessa**: teologia da revelação. São Paulo: Paulinas, 1998.
- _____. **O que é Deus**: como pensar o divino. São Paulo: Paulinas, 2004.
- HEEREN, Fred. **Mostre-me Deus**: o que a mensagem do espaço nos diz a respeito de Deus. São Paulo: Clio Editora, 2008.
- HICK, John. **Uma interpretação da religião**: respostas humanas ao transcendente. Petrópolis: Vozes, 2018.
- HINKELAMMERT, Franz. **A maldição que pesa sobre a lei**: as raízes do pensamento crítico em Paulo de Tarso. São Paulo: Paulus, 2012.
- HOLT, Jim. **Por que o mundo existe?** Um mistério existencial. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2013.
- HOORNAERT, Eduardo (org.) **Novos desafios para o cristianismo**: a contribuição de José Comblin. São Paulo: Paulus, 2012.
- HOORNAERT, Eduardo. **Origens do Cristianismo**. São Paulo: Paulus, 2016.
- _____. **Em busca de Jesus de Nazaré**: uma análise literária. São Paulo: Paulus, 2016.
- _____. **A leitura bíblica na iminência de tsunamis**. São Paulo: Paulus, 2016.
- HÖSLE, Vittorio. **Deus enquanto razão**: ensaios sobre teologia filosófica. São Paulo: Editora Loyola, 2022).
- JOÃO, Emiliano Jamba António. **Teologia & Negritude**. São Paulo: Recriar, 2019.
- _____. **Teologia Africana em perspectiva**: Religiosidade, Cultura e Política. São Paulo: Recriar, 2020.
- JULIATTO, Clemente Ivo. **Ciência e Transcendência**: duas lições a aprender. Curitiba: Ed. Champanhat, 2012.
- KEEFER, José Ademar. **Arqueologia das terras da Bíblia II**. São Paulo: Paulus, 2016.

- KEENER, Graig S. **Comentário histórico-cultural da Bíblia - Novo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 2017.
- KLEIN, Naomi. **Não basta dizer não**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2017.
- KONINGS, Johan. **A Bíblia, sua origem e sua leitura**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2011.
- _____. **Ser cristão: fé e prática**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2009.
- KÜNG, Hans. **Credo: A Profissão de Fé Apostólica explicada ao homem moderno**. Lisboa: Instituto Plaget, 1992.
- _____. **O princípio de todas as coisas: ciências naturais e religião**. Petrópolis/RJ: Ed Vozes, 2011.
- LA DUE, William J. **O Guia Trinitário para a escatologia**. São Paulo: Edições Loyola, 2007.
- LANCELLOTTI, Júlio. **Amor à maneira de Deus**. São Paulo: Planeta, 2021.
- LENAERS, Roger. **Jesus de Nazaré: um ser humano como nós?** São Paulo: Scortecci, 2017.
- _____. **Outro cristianismo é possível: a fé em linguagem moderna**. São Paulo: Paulus, 2010.
- _____. **Viver em Deus, sem Deus?** São Paulo: Paulus, 2014.
- LENOIR, Frédéric. **Deus: sua história na epopeia humana**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2013.
- _____. **O milagre Espinoza: uma filosofia para iluminar nossa vida**. Petrópolis/RJ; Vozes, 2019.
- LIBÂNIO, João Batista. **Introdução à Teologia Fundamental**. São Paulo: Paulus, 2014.
- _____. **Deus e os homens: os seus caminhos**. Petrópolis/RJ: Vozes, 1990.
- _____. **Qual o futuro do Cristianismo?** São Paulo: Paulus, 2008.
- _____. **Fé: filosofia passo a passo**. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.
- _____. **Linguagens sobre Jesus: de Cristo carpinteiro a Cristo cósmico**. São Paulo: Paulus, 2013.
- LIMBECK, Munrad. **Adeus à morte sacrificial: repensando o cristianismo**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2016.
- LUCIANI, Rafael. **Retorno, o Jesus de Nazaré: conhecer Deus e o ser humano através de vida de Jesus**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.
- MANCUSO, Vito. **Eu e Deus: um guia para os perplexos**. São Paulo: Paulinas, 2014.
- MAUDUIT, J.A. **Quarenta mil anos de arte moderna**. Belo horizonte: Ed. Itatiaia, 1959).
- MEEKS, Wayne A. **Cristo é a questão**. São Paulo: Paulus, 2007.
- MESLE, C. Robert, **Teologia do Processo: uma introdução básica**. São Paulo: Paulus, 2013.
- MILBANK, John; ZIZEK, Slavoj; DAVIS, Criston, PICKSTOCK, Catherine. **O novo momento de Paulo: a filosofia continental e o futuro da teologia cristã**. São Paulo. Editora Recriar, 2023.

- MOLTMANN, Jürgen. **No fim, o início:** breve tratado sobre a esperança. São Paulo: Loyola, 2003.
- MORANDINI, Simone. **Teologia e Física.** São Paulo: Loyola, 2011.
- MOREIRA, Eduardo. **A intenção Primeira: um ensaio sobre a natureza do real.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2023.
- MORWOOD, Michael. **O católico de amanhã.** São Paulo: Paulus, 2013.
- NICOLELIS, Miguel. **O verdadeiro criador de tudo:** como o cérebro humano esculpiu o universo como nós o conhecemos. São Paulo: Planeta, 2020.
- NUNES, José Afonso M. **Jesus de Nazaré.** Belo Horizonte: Ramallete, 2016.
- NUNES, José Afonso M. **Cristianismo:** de seita judaica a religião oficial do Império. 3ª ed. Belo Horizonte: Ramallete, 2019.
- PACHECO, Ronildo. **Profetismo:** utopia e insurgência. São Paulo: Recriar, 2019.
- PAGOLA, José Antônio. **Crer para quê? É possível acreditar de novo!** São Paulo: Ave Maria, 2010.
- PANASIEWICZ, *Roberlet*. **Diálogo e revelação:** rumo ao encontro interreligioso. Belo Horizonte: Arte, 1999.
- PANIKKAR, Raimon. **Ícones do mistério:** a experiência de Deus. São Paulo: Paulinas, 2007.
- _____. **O Espírito da Política:** Homo Politicus. São Paulo: TRIOM, 2005.
- PANOTO, Nicolás. **Religiões, Política & Estado laico:** novas abordagens para o contexto latino-americano. São Paulo: Recriar, 2020.
- PEREGO, Giacomo. **Atlas bíblico interdisciplinar.** Aparecida/SP: Editora Santuário: São Paulo: Paulus, 2001.
- PEREIRA, Nancy Cardoso. **Profecia cotidiana e a religião sem nome:** religiosidade popular na Bíblia. São Paulo: Fonte Editorial, 2014.
- PINAS, Romildo Henriques. **A salvação para todos:** a teologia de W. Pannenberg. São Paulo: Edições Loyola, 2018.
- PINSKY, Jaime. **As primeiras civilizações.** São Paulo: Contexto, 2021.
- PLANTINGA, Alvin. **Deus, a liberdade e o mal.** São Paulo: Vida Nova, 2012.
- QUEIRUGA, Andrés Torres. **Creio em Deus Pai:** o Deus de Jesus como afirmação plena do humano. São Paulo: Paulus, 1993.
- _____. **Fim do cristianismo pré-moderno.** São Paulo: Paulus, 2003.
- _____. **Recuperar a salvação:** por uma interpretação libertadora da experiência cristã. São Paulo: Paulus, 1999.

- _____. **Um Deus para hoje.** São Paulo: Paulus, 1998.
- _____. **Esperança apesar do mal:** a ressurreição como horizonte. São Paulo: Paulinas, 2007.
- _____. **Repensar a revelação:** a revelação divina na realização humana. São Paulo: Paulus, 2010.
- RAMALHO, Jefferson. **Jesus é Deus?** Uma reflexão sobre a divindade de Cristo na História. São Paulo: Reflexão, 2008.
- RIBEIRO, Cláudio de Oliveira. **Religiões e intervenção política:** múltiplos olhares. São Paulo: Recriar, 2020.
- RIBEIRO, Helcion. **Eu pecador:** a fé narrada para adultos. São Paulo: Paulus, 2023.
- RIGER, Joerg. **Cristo e Império:** de Paulo aos tempos pós-coloniais. São Paulo: Paulus, 2009.
- RÖMER, Thomas. **A origem de Javé:** o Deus de Israel e seu nome. São Paulo: Paulus, 2016.
- _____. **A origem de Javé:** o Deus de Israel e seu nome. São Paulo: Paulus, 2019.
- _____. **A origem de Javé:** o Deus de Israel e seu nome - 3 ed., São Paulo: Paulus, 2021).
- ROVELLI, Carlo. **O abismo vertiginoso:** um mergulho nas ideias e nos efeitos da física quântica. Rio de Janeiro: Objetiva, 2021
- RUBIO, Afonso Garcia. **A caminho da maturidade na experiência de Deus.** São Paulo: Paulinas, 2008.
- _____. **A caminho da maturidade na experiência de Deus.** Petrópolis/RJ: Vozes, 2021.
- SAGAN, Carl. **Bilhões e bilhões:** reflexões sobre vida e morte na virada do milênio. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- SALOMON, Robert C. **Espiritualidade para os céticos:** paixão, verdade cósmica e racionalidade no século XXI. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- SCARDELAI, Donizete. **Da religião bíblica ao judaísmo rabínico.** São Paulo: Paulus, 2008.
- SCHILLEBEECKX, Edward. **História humana:** revelação de Deus. São Paulo: Paulus, 1994.
- _____. **Jesus:** a história de um vivente. São Paulo: Paulus, 2008.
- SLOTERDIJK, Peter. **Pós-Deus.** Petrópolis/RJ: Vozes, 2019.
- _____. **O zelo de Deus:** sobre a luta dos três monoteísmos. São Paulo: UNESP, 2016.
- SOARES, Afonso M. Ligório. **Dialogando com Jacques Dupuis.** São Paulo: Paulinas, 2008.
- SOARES, Luiz Eduardo. **O Brasil e seu duplo.** São Paulo: Todavia, 2019.
- SOTER. **Religião, Ciência e Tecnologia.** São Paulo: Paulinas, 2009.
- SOUZA, Jessé. **Como o racismo criou o Brasil.** Rio de Janeiro: Estação Brasil, 2021.
- SPONG, John Shelby. **Um novo cristianismo para um mundo novo:** a fé além dos dogmas. Campinas/ SP: Verus, 2006.

SPYER, Juliano. **O povo de Deus: quem são os evangélicos e por que eles importam.** São Paulo: Geração Editorial, 2020.

STEINDL-RAST, David. **Além das palavras: vivendo o Credo Apostólico.** São Paulo: É Realizações, 2014.

SUNG, Jung Mo. **Sujeito e sociedades complexas: para repensar os horizontes utópicos.** Petrópolis/RJ: Vozes, 2002.

SUSIN, Luís Carlos (org.). **Teologia para outro mundo possível.** São Paulo: Paulinas, 2006.

SWIMME, Brian. **O coração oculto do cosmo: a humanidade e a Nova História.** São Paulo: Cultrix, 2004.

TAMAYO, Juan José (Org.). **Novo Dicionário de Teologia.** Trad. Celso Márcio Teixeira; Antônio Efro Feltrin, Mário Gonçalves. São Paulo: Paulus, 2009.

TAMAYO-ACOSTA, Juan Jesús y Dias. **Jesus y Dios.** Madri Editorial-Trotta, 2002.

TEIXEIRA, Faustino. **Teologia das Religiões: uma visão panorâmica.** São Paulo: Paulinas, 1995.

_____. **Buscadores do diálogo: itinerários inter-religiosos.** São Paulo:Paulinas, 2012.

THUAN, François Xavier Nguyen Van. **Cinco pães e dois peixes: do sofrimento do cárcere um alegre testemunho da fé.** Aparecida/SP: Santuário, 2000.

TIBURI, Márcia. **Teses sobre Deus para serem lidas inclusive por fanáticos.** Disponível em: <https://www.brasil247.com/blog/teses-sobre-deus-para-serem-lidas-inclusive-por-fanaticos>. Acesso em: 27.10.23.

TILLICH, Paul. **A coragem de ser.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

VALLE, Edénico. **Ateísmos e religiosidades: tendências e comportamentos.** São Paulo: Paulinas, 2018.

_____. **O Espectro Temático da Psicologia Científica da Religião à luz da Neurociência.** São Paulo: Paulinas, 2020.

VALLS, Álvaro. **Kierkegaard, cá entre nós.** São Paulo: Editora Liber Ars, 2012;

VASCONCELOS, Aparecida. **Cristo e o universo: a visão mística de Theilhard de Chardin.** São Paulo: Paulinas, 2018.

VATTIMO, Gianni. **Depois da Cristandade: por um cristianismo não religioso.** Rio de Janeiro: Record, 2004.

VELIQ, Fabiano. **Escritos sobre religião: entre a teologia e filosofia.** Curitiba/PR: Brazil Publishing, 2019.

VIGII, José Maria. **Por uma Teologia Planetária.** São Paulo: Paulinas, 2011.

_____. **Teologia do pluralismo religioso:** para uma releitura pluralista do cristianismo. São Paulo: Paulus, 2006.

WEINBERG, Steven. **Para explicar o mundo: a descoberta da ciência moderna.** São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

WIESEL, Elie. **A noite.** Rio de Janeiro: Sextante, 2021).

ZIZEK, Slavoj. **O Absoluto Frágil** ou *Porque vale a pena lutar pelo legado cristão.* São Paulo: Boitempo, 2015.

ZUBIRI, Xavier. **Interfacies.** São Paulo: Ideias e Letras, 2020.